

MIRELLA DE OLIVEIRA FREITAS

**A COERÊNCIA LOCAL EM TEXTOS EXPOSITIVOS
OU ARGUMENTATIVOS, PRODUZIDOS EM LÍNGUA
PORTUGUESA POR VESTIBULANDOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA

UBERLÂNDIA – 2006

MIRELLA DE OLIVEIRA FREITAS

**A COERÊNCIA LOCAL EM TEXTOS EXPOSITIVOS
OU ARGUMENTATIVOS, PRODUZIDOS EM LÍNGUA
PORTUGUESA POR VESTIBULANDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha (UFU).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

UBERLÂNDIA – 2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F866c Freitas, Mirella de Oliveira, 1978-

A coerência local em textos expositivos ou argumentativos, produzidos em Língua Portuguesa por vestibulandos / Mirella de Oliveira Freitas. - 2006.

225 f. : il.

Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui bibliografia.

1. Redação - Teses. 2. Linguística - Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 82.081

MIRELLA DE OLIVEIRA FREITAS

**A COERÊNCIA LOCAL EM TEXTOS EXPOSITIVOS
OU ARGUMENTATIVOS, PRODUZIDOS EM LÍNGUA
PORTUGUESA POR VESTIBULANDOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de Estudos sobre texto e discurso.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Dissertação apresentada em 30 de novembro de 2006 à Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha (UFU) – Orientadora

Profa. Dra. Irma Beatriz Araújo Kappel (UFTM)

Profa. Dra. Carmen Lúcia Hernandes Agustini (UFU)

Aos meus pais, essa vitória! Pelo estímulo, amor e carinho. Sem eles, não haveria conquistas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir o privilégio de aprofundar meus conhecimentos e de conquistar o título de Mestre, dando-me capacidade para tal empreitada.

À professora Dra. Maura Alves de Freitas Rocha, pela dedicação e pelo profissionalismo na orientação dessa pesquisa.

Às professoras Dra. Luísa Helena Borges Finotti e Dra. Carmen Lúcia Hernandes Augustini, pelas sugestões valiosas no exame de qualificação.

À COPEV, na pessoa de seu presidente, Prof. Ms. Sidiney Ruocco Júnior, que disponibilizou as redações que compuseram o corpus da pesquisa.

Aos meus alunos e à direção das escolas em que trabalho pela compreensão nos momentos em que precisei estar ausente.

Ao amigo Nélio Martins Araújo, pelo apoio recebido, sobretudo na ocasião do ingresso no Curso de Mestrado.

Ao meu namorado, Adaugilson de Souza Santos, pela disposição em me ajudar nos momentos de insegurança e angústia, durante o desenvolvimento deste trabalho.

Em especial, à minha família, pela compreensão nos momentos de ausência, pela paciência, pelo suporte emocional e por me apoiar, incondicionalmente, nessa grande conquista.

Há pessoas que têm coisas importantes a dizer, porém não sabem dizê-las. Outros dominam a arte da expressão a serviço do nada. Juntar coisas inteligentes e modos adequados de exprimi-las, eis a raridade (...) (...) o que é ter coisa a comunicar e saber comunicá-las: uma graça, na dupla acepção.

Carlos Drummond de Andrade.

A COERÊNCIA LOCAL EM TEXTOS EXPOSITIVOS OU ARGUMENTATIVOS EM LÍNGUA PORTUGUESA PRODUZIDOS POR VESTIBULANDOS¹

Mirella de Oliveira Freitas

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi traçar o perfil dos vestibulandos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, discriminando e classificando os problemas de coerência local, encontrados nas redações de vestibular, segundo proposta de Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983). A pesquisa se deu a partir de uma amostra de 300 textos, escolhidos aleatoriamente, com notas variando entre 0 e 10, os quais foram corrigidos e tiveram as falhas quantificadas e classificadas dentro de um total de 19 critérios, distribuídos entre quatro classes, a saber: incoerências pragmáticas (ambigüidades; contradições; falhas referentes à “situacionalidade” (apelo ao sentimentalismo, ao diálogo etc.); falha quanto à informatividade; falta de clareza na exposição de idéias; falta de continuidade das idéias; fuga à verossimilhança; argumentação inconsistente; fuga ao tema proposto; trechos que favorecem inferência não-autorizada; falhas na argumentação / idéias não desenvolvidas), incoerências sintáticas, incoerências estilísticas e incoerências semânticas. A análise quantitativa e qualitativa dos resultados evidenciou que os produtores de textos apresentam maior dificuldade quanto ao aspecto pragmático (50,2% das falhas), ou seja, dificuldades em se fazerem compreender por meio de construções claras e objetivas, ligadas ao tema proposto, as quais levariam o leitor a uma dada conclusão, a favor ou contra uma dada idéia. A investigação ainda mostrou que uma grande parte dos estudantes tem dificuldades em aplicar a gramática nos textos que produzem, o que acarretou 29,1% de falhas quanto aos aspectos sintáticos. Após a análise e a discussão dos dados obtidos, compreendemos que os vestibulandos não têm domínio lingüístico-textual satisfatório na produção de textos, quanto à aplicação de procedimentos textuais e de conhecimentos gramaticais. Dessa forma, não associam aspectos semânticos, pragmáticos, estilísticos e sintáticos.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Lingüística Textual 2. (In)coerência local 3. Gêneros textuais
4. Produção textual 5. Processo Seletivo

¹ Orientadora: Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha (UFU).

A COERÊNCIA LOCAL EM TEXTOS EXPOSITIVOS E/OU ARGUMENTATIVOS, ESCRITOS EM LÍNGUA PORTUGUESA POR VESTIBULANDOS²

Mirella de Oliveira Freitas

ABSTRACT

The objective of the present research was to draw the profile of the students that try the university entrance exam at Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, discriminating and classifying the problems of local coherence, found in their compositions, according proposal of Van Dijk (1981) and Van Dijk and Kintsch (1983). The research examined a sample of 300 texts, chosen at random, with notes varying between 0 and 10, which had been corrected and had their flaws were quantified and classified, inside of a total of 19 criteria, distributed inside between four groups, to know: pragmatic incoherences (ambiguities; contradictions; flaws regarding the "situation" (appeal to the sentimentality, to the dialogue, for example); fails as for the degree of information; clarity lack in the exhibition of ideas; lack of continuity of the ideas; escape to the verisimilitude; inconsistent argument; escape to the proposed theme; passages that favor no-authorized inference; flaws in the argument / idea no developed), syntactic incoherences, stylistic incoherences and semantic incoherences. The quantitative and qualitative analysis of the results pointed that the producing of texts present larger difficulty as for the pragmatic aspect (50,2% of the flaws), in other words, they have difficulties to make themselves to be understood by clear and objective constructions, linked to the proposed theme, which would take the reader to a conclusion, in defense or against a given idea. The investigation still showed that a great part of the students has difficulties in applying the grammar in the texts that they produce, what carted 29,1% of flaws as for the syntactic aspects. After the analysis and the discussion of the obtained data, we understood that the students that try the university entrance exam do not have satisfactory domain in the production of texts, as for the application of textual procedures and grammatical knowledge. Therefore, they do not associate semantic, pragmatic, stylistic and syntactic aspects.

KEYWORDS: 1. Textual linguistics 2. Local (in)coherence 3. Textual genders 4. Composition 5. University entrance exam

² Orientadora: Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha (UFU).

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO II - FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
2.1. Texto: conceituação	14
2.2. O texto e a continuidade de sentidos	19
2.3. A produção textual: a complexidade do processo	24
2.4. A produção textual e o estabelecimento da coerência a partir do reconhecimento dos gêneros textuais	28
2.4.1. A redação de vestibular: um gênero	29
2.5. Níveis de coerência: local e global	35
2.5.1. Coerência global e local: duas partes que se complementam no todo	36
2.5.2. Tipos de coerência local	40
2.5.2.1. Coerência semântica	41
2.5.2.2. Coerência sintática	42
2.5.2.3. Coerência estilística	43
2.5.2.4. Coerência pragmática	45
CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1. Hipóteses, objetivos e questões a serem respondidas	48
3.1.1. Questões a serem respondidas	48
3.1.2. Hipóteses	49
3.1.3. Objetivos específicos	49
3.2. Definição e apresentação do <i>corpus</i> analisado	50
3.3. Metodologia de análise dos dados	50
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS	63
4.1. Quantificação das incoerências	63
4.1.1. Incoerências pragmáticas	69
4.1.1.1. Ambigüidades	70
4.1.1.2. Contradições	74
4.1.1.3. Falhas referentes à situacionalidade	76
4.1.1.4. Falhas quanto à informatividade	83
4.1.1.5. Falta de clareza na exposição das idéias	87
4.1.1.6. Falta de seqüenciação das idéias	90
4.1.1.7. Fuga à verossimilhança	96
4.1.1.8. Argumentação inconsistente	100
4.1.1.9. Fuga ao tema proposto	102
4.1.1.10. Inferências não-autorizadas	106

4.1.1.11. Falhas quanto à argumentação / idéias não desenvolvidas ..	108
4.1.2. Incoerências sintáticas	115
4.1.2.1. Falhas quanto ao uso de conjunções e de elementos seqüenciadores	116
4.1.2.2. Falhas quanto ao processo de referenciação	122
4.1.2.3. Ausência de elementos coesivos necessários	132
4.1.3. Incoerências estilísticas	140
4.1.4. Incoerências semânticas	147
4.1.4.1. Inadequadas relações entre as idéias	147
4.1.4.2. Incompatibilidades semânticas	152
4.1.4.3. Uso de palavras imprecisas	160
4.1.4.4. Emprego de vocábulo inexistente	162
4.2. Outras singularidades	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190
ANEXO 1 – Proposta de redação do vestibular de dezembro / 2004 – UFU	192
ANEXO 2 – Textos do <i>corpus</i> de análise, citados ao longo do trabalho	194

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na análise das falhas que ocorreram na construção da coerência local, em textos escritos por vestibulandos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Ele é resultado da análise de trezentas redações de vestibular, de tipologia dissertativa ou expositiva¹.

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo geral traçar o perfil de vestibulandos no que se refere ao conhecimento textual e lingüístico que apresentam em suas redações. Partimos do pressuposto de que os produtores não apresentam domínio lingüístico-textual satisfatório na produção de textos argumentativos ou expositivos, mostrando não operacionalizarem os conhecimentos que possuem de texto, vocabulário e gramática.

Logo, o presente trabalho compreende um estudo, quantitativo e qualitativo de trezentas produções de textos, desenvolvidas durante o processo seletivo Vestibular. O resultado da pesquisa se deu a partir do método indutivo, uma vez que trabalhamos com um número limitado de textos, amostragens, porém procurando estender os resultados como um perfil dos vestibulandos dessa região.

¹ Ao longo deste trabalho de pesquisa, utilizaremos as nomenclaturas “texto expositivo ou argumentativo”, “tipologia argumentativa ou expositiva” e ainda “texto argumentativo *stricto sensu* ou argumentativo não *stricto sensu*”. Poderíamos ainda ter empregado a nomenclatura “dissertação ou texto dissertativo”. Há tantas possibilidades conforme se alteram os pontos de vista do produtor em relação ao texto ou ao interlocutor, segundo esclarecimentos feitos por Travaglia (2003). Segundo o autor, na perspectiva do produtor em relação ao objeto do dizer, os textos podem ser nomeados de descrição, narração, dissertação e injunção. Já segundo a imagem que o produtor do texto faz do receptor como alguém que concorda ou não com o que ele diz, os textos podem ser argumentativos *stricto sensu* (em que se mobilizam explicitamente argumentos e recursos lingüísticos apropriados ao convencimento/persuasão do interlocutor) ou argumentativos não *stricto sensu* (em que se emprega o discurso da cumplicidade, no qual o produtor vê o receptor como alguém que concorda com ele). De igual maneira, há também a possível distinção feita entre texto expositivo, equivalente a uma dissertação argumentativa não *stricto sensu*, e argumentativo, uma dissertação argumentativa *stricto sensu*. Na proposta do vestibular UFU, a nomenclatura empregada é texto expositivo e texto argumentativo. O candidato pode produzir um texto ou outro.

Para tanto, adotamos arcabouço teórico cujas concepções abordam o texto como essencialmente portador de sentido e veículo de comunicação, podendo-se organizar em diversos gêneros e tipologias, conforme as circunstâncias e objetivos de produção. E, dentro dessa linha teórica, foram fundamentais os estudos de Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) — que tratam da coerência local.

Esses autores consideram que a coerência pode ser global ou local. Logo, diferenciam-se de outros que acreditam haver apenas a coerência em nível global — como Koch e Travaglia (2002, p. 21 e p. 41). Em nossa pesquisa, focamos unicamente a coerência local, analisando problemas que ocorrem no nível microestrutural da produção, ou seja, em nível de orações, frases ou parágrafos.

Para análise dos problemas locais, pautamo-nos também no conceito de gênero textual proposto por Bakhtin (2000), pois acreditamos que determinadas construções podem ou não ser aceitas, apenas se considerado o contexto de produção e todos os fatores por ele envolvidos. Portanto, ao tomarmos a redação de vestibular como *corpus* do trabalho, embasamo-nos na proposta de Pilar (2002), que considera a redação de vestibular um gênero específico, dado o contexto comunicativo, os interlocutores e o propósito ímpar de sua elaboração: avaliação da capacidade lingüístico-textual para ingresso num curso superior.

A partir desse embasamento teórico, desenvolvemos o estudo proposto, traçando o perfil dos vestibulandos a partir de critérios formulados dentro dos tipos de coerência local propostos por Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) — coerência pragmática, coerência sintática, coerência estilística e coerência semântica.

Por fim, esta dissertação compõe-se de três capítulos, além desta introdução (Capítulo I) e das considerações finais. No capítulo II, apresentamos uma visão teórica a respeito de texto, coerência e gêneros discursivos. No capítulo III, são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, bem como o

corpus de investigação, as hipóteses, os objetivos da pesquisa e as questões a serem respondidas. Por sua vez, a quarta parte enfoca os dados coletados e a análise deles feita, seguida das considerações finais, que retomam os resultados obtidos.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS TEÓRICO

Este capítulo apresenta as abordagens e as reflexões de cunho teórico que deram sustentação a essa pesquisa, desenvolvida sob o ponto de vista da lingüística textual.

Para isso, discutiremos os conceitos de texto, produção textual, gênero e coerência, elementos estes cuja compreensão se fez fundamental para estudo e definição do *corpus*.

Discorreremos sobre tais conceitos embasando-nos em pontos de vista de vários autores e, a partir de explicações de ordem conceitual, traçamos paralelos entre o gênero textual em estudo e os demais textos que circulam no âmbito social, assegurando as exigências específicas para a redação de vestibular.

2.1. Texto: conceituação

Para Dubois (1978), texto é todo conjunto de enunciados lingüísticos passíveis de análise, sejam eles escritos ou falados, conforme excerto abaixo.

Chama-se texto o conjunto dos enunciados lingüísticos submetidos à análise: o texto é então uma amostra do comportamento lingüístico que pode ser escrito ou falado (Sin. CORPUS).

L. Hjelmslev toma a palavra texto no sentido mais amplo e com ela designa *um enunciado qualquer, falado ou escrito, longo ou curto, velho ou novo*. “Stop” é um texto tanto quanto “O Romance da Rosa”. *Todo material lingüístico estudado forma também um texto*, retirado de uma ou mais línguas. Constitui uma classe analisável em gêneros divisíveis, por sua vez, em classes, e assim por diante, até esgotar as possibilidades de divisão. (DUBOIS, 1978, p.586)

Com base nesse conceito, podemos associar a esse conjunto de enunciados quaisquer fragmentos verbais. No entanto, sabemos que a própria língua como código pode ser analisada e ela, em si, não é texto. Trata-se, ao contrário, de um sistema, cujo uso, por sua vez, concretiza-se na elaboração textual oral ou escrita. Além disso, a língua pode ter seus elementos constituintes subdivididos em classes de palavras, o que também não faz dela um texto.

Da mesma forma, reconhecemos que há frases que são textos (constituem uma unidade comunicativa) e outras que não o são (equivalendo a unidades do sistema da língua, conforme proposto por Bernárdez (1982)). Em quaisquer desses casos, indistintamente, as construções verbais são amostra do comportamento lingüístico, tal como posto por Dubois (1978), o que não deixa clara a definição proposta por esse autor.

Também há situações outras em que uma só frase, constituída de uma só palavra, pode ou não ser considerada texto, ainda que não seja formada por um conjunto de enunciados. Nesse sentido, não é sempre que um enunciado como “Stop” pode ser tomado como texto, ao contrário do que foi proposto por Dubois (1978). Trata-se de situações comunicativas específicas, em que a construção pode ou não assumir determinada função, atendendo a um anseio do locutor. Por exemplo, caso essa mensagem estivesse escrita em um quadro negro de uma sala de aula, poderia não ter nenhum significado para os alunos e professores que nela adentrassem. Já numa placa de trânsito, na esquina de uma avenida, a informação “Stop” é dotada de um sentido universal, compreendida por todos que por ela passarem.

Assim, vemos que o conceito proposto por Dubois (1978) é falho, pois não deixa claras as distinções entre palavra, frase, língua e texto, além de considerar texto apenas os conjuntos de enunciados, ignorando as frases individuais, compostas até mesmo de um só vocábulo.

Também Lázaro Carreter (1974, p. 391, apud BERNÁRDEZ, 1982, p. 77) concebe o texto como conjunto de signos passível de análise. Para ele, enquadra-se nesse grupo uma conversa, um verso, uma novela, enfim, a língua em sua totalidade. No entanto, consideramos que esta definição também apresenta problemas por não clarear determinados conceitos, abrindo margem para questionamentos: qual é a diferença entre língua e texto? O que difere o conjunto de signos lingüísticos de sua realização por meio da fala e da escrita? Trata-se de distinções fundamentais para o esclarecimento do conceito de texto e que não são esclarecidas.

Há ainda estudiosos, dentre eles, Dressler² (1973, p. 12, apud BERNÁRDEZ, 1982, p. 79) que apontam conceitos outros, porém, todos eles marcados por ausências de distinções entre texto ou demais unidades lingüísticas (como palavra, frase, parágrafo, por exemplo). O próprio Bernárdez (1982, p. 83) afirma ser inaceitável considerarmos como uma definição precisa a que se segue abaixo:

<<O texto é a unidade comunicativa da língua, que se manifesta em forma de sucessão coerente de orações.>> (BERNÁRDEZ, 1982, p. 83. Tradução nossa.)³

Segundo o autor, trata-se de um conceito marcado por imprecisões, visto que não se especifica o significado dos termos “unidade”, “sucessão de orações”, “coerência”. São termos cujo significado permanece em aberto no enunciado de quem os emprega.

Além disso, em muitas conceituações — tais como naquelas propostas por Rozental e Telenkova (1972, p. 483, apud BERNÁRDEZ, 1982, p. 78)⁴ e por Gal’perin (1974, p. 7, apud

² Para Dressler (1973, apud BERNÁRDEZ, 1982, p. 79), texto é “o maior signo lingüístico”. A imprecisão desse conceito reside no fato de não se especificar, efetivamente, o que vem a ser signo lingüístico e nem mesmo qual a sua diferenciação ou aproximação com o significado que se adota para língua. Da mesma forma, não conseguimos definir o valor semântico assumido pelo termo “maior”. Caso seja em termos de extensão, novamente nos deparamos com uma falha, dado que acreditamos que um texto possa ser identificado por aspectos semânticos, não pela sua extensão.

³ <<el texto es la unidad comunicativa del lenguaje, que se manifiesta en forma de sucesión coherente de oraciones.>>

BERNÁRDEZ, 1982, p. 79)⁵ —, desconsidera-se o fato de se ter um meio de comunicação oral e outro escrito, cada um deles dotado de características específicas e constituído de elementos diversos. Enfim, há uma série de definições para as quais caberiam questionamentos e discordâncias, o que faz delas enunciações falhas, que não serviriam de sustentação para a pesquisa desenvolvida.

Por outro lado, os conceitos de texto propostos por Halliday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1981) e Bernárdez (1982) parecem-nos mais claros, completos e, por isso, mais apropriados. São assim considerados por focarem, em primazia, o teor comunicativo, a função sociointeracional desempenhada e a unidade de sentido.

Halliday e Hasan (1976), uns dos primeiros estudiosos a definirem texto, concebem este como uma unidade em uso, não meramente gramatical e introduzem um afastamento teórico entre frase e texto. Assim, embasados nesse conceito, visualizamos que o texto não pode ser analisado como se faz com uma oração ou frase. Além disso, o texto não é definido sequer por sua extensão, o que permite afirmar a existência de textos constituídos de uma só frase ou de uma só palavra. Trata-se de uma unidade semântica, ou seja, de uma unidade de sentido.

Um texto é uma unidade em uso. Não é uma unidade gramatical, tal como uma frase ou uma sentença; e não é definido por sua extensão. [...] Um texto é, melhor dizendo, uma unidade SEMÂNTICA: não uma unidade de forma e sim de sentido. Assim não está relacionado a uma frase ou sentença pela extensão, mas pela REALIZAÇÃO, a codificação de um sistema simbólico em outro. Um texto não CONSISTE em sentenças; é REALIZADO POR, ou codificado em sentenças. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 1-2)⁶

⁴ Para esses autores, o texto está associado a produto da fala reproduzido por escrito, ignorando-se o fato de que fala e escrita são dois canais com características e exigências distintas.

⁵ <<Texto>> é uma mensagem objetiva em forma de documento escrito [...].” (Tradução nossa.)

⁶ A text is a unit of language in use. It is not a grammatical unit, like a clause or a sentence; and it is not defined by its size. [...] A text is best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not of form, but of meaning. Thus it is related to a clause or sentence not by size but by REALIZATION, the coding of one symbolic system in another. A text does not CONSIST of sentences; it is REALIZED BY, or encoded in sentences.

Por sua vez, para Bernárdez (1982), ao se definir texto, três fatores fundamentais devem ser considerados: o caráter comunicativo (o texto enquanto atividade); o caráter pragmático (a intenção do falante e a situação em que se insere); e o caráter estruturado (há regras próprias para o nível textual).

Assim, para o autor, o texto, em essência, é uma “unidade lingüística comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana” (BERNÁRDEZ, 1982, p. 85) e, portanto, possui características sociais, semânticas e comunicativas, contendo coerência profunda e superficial devido à intenção do falante — de comunicar, informar, divertir, persuadir etc. —, o qual estrutura seu texto conforme um conjunto de regras lingüísticas.

<<Texto>> é a unidade lingüística comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana, que possui sempre caráter social; está caracterizado por seu fechamento semântico e comunicativo, assim como por sua coerência profunda e superficial, devido à intenção (comunicativa) do falante de criar um texto íntegro, e sua estruturação mediante os conjuntos de regras: as próprias de nível textual e as do sistema da língua. (BERNÁRDEZ, 1982, p. 85. Tradução nossa.)⁷

Na mesma perspectiva, Beaugrande e Dressler (1981) conceituam texto como unidade lingüística concreta, tomada pelos usuários da língua em uma situação comunicativa interacional. Logo, segundo os autores, para que alcance seus objetivos e concretize suas caracterizações, o texto deve ser, fundamentalmente, portador de uma unidade de sentido, viabilizada pelo estabelecimento de relações entre os elementos que o compõem. Somente a partir desses vínculos significativos, um substrato pode ser considerado texto e não mero aglomerado aleatório de palavras; o sentido é que, efetivamente, designa o que ocorre em um texto.

⁷ <<Texto>> es la unidad lingüística comunicativa fundamental, producto de la actividad verbal humana, que posee siempre carácter social; está caracterizado por su cierre semántico y comunicativo, así como por su coherencia profunda y superficial, debida a la intención (comunicativa) del hablante de crear un texto íntegro, y a su estructuración mediante dos conjuntos de reglas: las propias del nivel textual y las del sistema de la lengua.

Assim, com base em Halliday e Hasan (1976), Beaugrande e Dressler (1981) e Bernárdez (1982), consideramos texto qualquer ocorrência lingüística concreta, oral ou escrita, de qualquer extensão (até mesmo sendo curto, como uma frase de uma só palavra), mas que seja, essencialmente, uma unidade comunicativa em termos pragmáticos, semânticos e sintáticos. Logo, os componentes dessa ocorrência lingüística estão intrinsecamente relacionados e organizam-se para além da mera sucessão de orações. A soma do todo é que constitui o sentido global que se pretende transmitir, considerando-se, fundamentalmente, o contexto de produção.

2.2. O texto e a continuidade de sentidos

Como já apresentamos no tópico anterior, o que faz com que se considere um texto como tal é o fato de ele possuir uma unidade semântica, de “fazer sentido” – “makes sense”, nas palavras de Beaugrande e Dressler (1981, p. 84). Segundo esses autores, o estabelecimento dessa unidade semântica equivale à coerência. É ela que faz com que o texto faça sentido para os usuários, numa situação comunicativa. Ou seja, o texto só é considerado como tal porque há uma relação de continuidade entre o conhecimento prévio ativado e as expressões que compõem a superfície textual. Trata-se, portanto, de um princípio de interpretabilidade.

[...] nós podemos usar SENTIDO para designar o conhecimento que de fato é transmitido pelas expressões que ocorrem em um texto. [...]
"Um texto faz sentido" porque há uma CONTINUIDADE DE SENTIDOS entre o conhecimento ativado pelas expressões do texto (cf. Hörmann, 1976). Um texto "sem sentido" é aquele em que os receptores não podem descobrir nenhuma continuidade, normalmente porque há um sério problema entre a configuração de conceitos e as relações expressas e o conhecimento prévio de mundo dos receptores. Nós poderíamos definir esta continuidade de sentidos como a fundação da COERÊNCIA, enquanto sendo o acesso e a relevância mútuos dentro de uma configuração de CONCEITOS e

RELAÇÕES. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981, p. 84. Tradução nossa. Destaques do autor.).⁸

Assim, a coerência não está no texto, mas se constrói a partir dele, em uma situação concreta de atividade verbal, durante um processo de interação entre locutor e interlocutor. Portanto, os parceiros identificam uma construção lingüística como texto ou não no processo de comunicação, considerando a situação específica de produção e recepção.

Além disso, Beaugrande e Dressler (1981) utilizam-se do conceito de textualidade, que corresponde às relações que garantem a unicidade de sentido, envolvendo sete princípios constitutivos: coesão, coerência — ambos os fatores centrados no texto —, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade. Para os autores, esses cinco últimos princípios são centrados nos usuários do texto, na atividade de comunicação, que requer a participação ativa de produtor e receptor. A soma de todos esses elementos leva à construção do sentido de um texto e, segundo os autores, caso algum desses princípios não seja satisfeito, o texto não será comunicativo — exceção para a coesão textual, uma vez que há textos coerentes, mas que não são coesos. Nessas circunstâncias em que não se atende a um dos princípios de textualidade, temos o não-texto.

Dessa forma, tomando o texto como produto da atividade verbal num processo de interação comunicativa, devemos também considerar a capacidade que o leitor/ouvinte tem para calcular o sentido do texto que recebe. Ou seja, ao se afirmar que um texto é incoerente, a afirmação não depende apenas da combinação entre os elementos lingüísticos, mas igualmente dos conhecimentos prévios e compartilhados entre produtor e receptor textuais e

⁸ [...] we can use SENSE to designate the knowledge that actually is conveyed by expressions occurring in a text. [...] A text “makes sense” because there is a CONTINUITY OF SENSES among the knowledge activated by the expressions of the text (cf. Hörmann, 1976). A “senseless” or “non-sensical” text is one in which text receivers can discover no such continuity, usually because there is a serious mismatch between the configuration of concepts and relations expressed and the receivers’ prior knowledge of the world. We could define this continuity of senses as the foundation of COHERENCE, being the mutual access and relevance within a configuration of CONCEPTS and RELATIONS.

que permitirão o estabelecimento de relações implícitas, via inferências e pistas lingüísticas. Isso quer dizer que o simples fato de um conjunto de enunciados ser coeso não faz dele um texto. Também, a coerência não pode ser estabelecida unicamente via substrato escrito/falado. Há de se considerar, ainda e principalmente, a participação dos receptores.

A partir dessa linha teórica, percebemos que parece haver um imbricamento entre a coerência e o que Beaugrande e Dressler (1981) denominaram fatores de textualidade. Pelos conceitos propostos por eles, a coerência constituiria, nesse sentido, a própria textualidade.

Isso porque os autores, ao tratarem da coerência, afirmam que esta corresponde à continuidade de sentidos de um texto. Trata-se de um princípio de interpretabilidade que confere textualidade a um produto da fala ou da escrita. Ou seja, a textualidade seria o fato de o texto apresentar relações semânticas entre os elementos lingüísticos que o compõem, o que permite a ela permutar com a coerência no plano conceitual.

No entanto, para que o sentido seja construído, há de se considerar outros elementos, tais como coesão, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, intertextualidade e situacionalidade. Ou seja, os demais fatores que compõem o que Beaugrande e Dressler (1981) denominam de textualidade. Assim, pode-se constatar que esses elementos contribuem, única e conjuntamente, com a coerência; não se emparelham a ela no estabelecimento de relações entre os elementos que compõem o texto.

Então, podemos inferir que a coerência seja a própria textualidade: o conjunto de fatores que fazem com que um texto possa ser assim considerado. Nesse sentido, a coerência envolve todos os outros fatores de textualidade já apresentados e propostos por Beaugrande e Dressler (1981), e acaba por se construir pela soma e interação entre todos eles.

Entretanto, por não ser objetivo desse trabalho fazer a diferenciação clara ou a aproximação entre coerência e textualidade, optamos por adotar a visão de Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983), segundo os quais a coerência envolve fatores pragmáticos (aos

quais somamos a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade, conforme proposto por Marcuschi (1983, p. 16)), sintáticos (que equivalem à coesão), semânticos (que se referem às relações entre significados dos elementos e envolvem também os elementos repetidores e substituidores da coesão textual) e estilísticos (ligados ao estilo ou registro lingüístico, conforme Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983), bem como Koch e Travaglia (2002, p. 44-45)). Da mesma forma, embasamo-nos na teoria proposta por Koch e Travaglia (2002), para quem os fatores pragmáticos, semânticos, sintáticos e estilísticos são fatores de coerência, não de textualidade.

No que tange à coesão, ela tem papel fundamental para a construção da coerência porque os componentes da superfície textual servem como pistas que estimulam as relações com os conhecimentos prévios dos usuários do texto. Um elemento coesivo utilizado fora do contexto adequado pode provocar ruptura na seqüência de idéias, fazendo com que se crie um antagonismo entre o conhecimento que se tem a respeito dos fatos e da realidade e o que se transmite no substrato recebido.

Já no que se refere à intencionalidade, Beaugrande e Dressler (1981) consideram que ela corresponde à atitude e expectativa do produtor de que as ocorrências por ele elaboradas constituirão um texto coesivo e coerente. Assim, o resultado do texto dependerá da postura deste produtor em satisfazer suas intenções no processo comunicativo, observando todas as exigências para o gênero com que trabalha.

A esse respeito, Finotti (1994) afirma que “a textualidade só será alcançada se o falante tiver a intenção de produzir um texto coerente, de forma que esse texto possa ser interpretado como tal”. (p. 50).

Segundo a autora, essa afirmação é consequência do acordo preexistente entre emissor e receptor. O primeiro deve produzir um texto inteligível. Já o segundo deve interpretar a mensagem, levantar hipóteses a respeito e poderá ainda refutá-la ou concordar com ela,

aceitando-a. E, considerando-se a figura do produtor do texto, é a partir do interesse dele e da sua intenção de ser coerente ao se expressar que ele melhorará seu escrito, analisando-o sob a perspectiva da estrutura textual e do conhecimento lingüístico que possui. Portanto, ainda segundo Finotti (1994), os princípios de textualidade se fixam a partir da intencionalidade e da aceitabilidade.

Quanto à aceitabilidade, esta, por sua vez, corresponde à postura do receptor do texto ao ver as ocorrências como constituindo texto coeso e coerente, sendo, por isso, relevantes. Este fator está intrinsecamente relacionado à intencionalidade do produtor, bem como à informatividade que constitui o texto: se as informações veiculadas são altamente esperadas, não parecerão atraentes e relevantes. E, no caso de a informatividade ser alta, a comunicação será prejudicada por desconhecimento por parte do receptor e o texto tenderá a ser rejeitado. Visualizando possíveis problemas na interação, Beaugrande e Dressler (1981) propõem cautela, a fim de que o processamento textual não seja sobrecarregado; da mesma forma, que não se subestime o conhecimento do receptor.

Já a obediência à situacionalidade também faz com que um texto seja relevante ou não para o receptor. Além disso, a situação em que o texto é apresentado influencia a própria produção — na definição de gênero e estilo lingüístico — e a interpretação das informações veiculadas.

Quanto à intertextualidade, esta diz respeito à relação de um texto com outros textos: toda produção depende do conhecimento prévio que se tem a respeito do tema abordado e da estrutura empregada, conhecimento este adquirido pelas vivências cotidianas ou por outras leituras. O produtor do texto consultará seu conhecimento textual anterior; já o receptor, a familiaridade que tem com o assunto tratado e com o tipo e o gênero utilizados. Além disso, o tipo e o grau de intertextualidade interferirão na aceitação ou rejeição do texto recebido, assim como na compreensão (construção do sentido) ou não da mensagem que se transmitiu.

Portanto, com base nas discussões e explanações teóricas desenvolvidas até então, consideramos que um texto escrito deve comunicar, constituindo-se numa conversa à distância entre um autor e um suposto leitor ao qual se destina. E, tendo-se o interlocutor em vista, as informações necessárias para que se estabeleça a comunicação devem estar dispostas concreta e linearmente, de forma a servirem como pistas que remontem a outros contextos extratextuais, convergindo para a construção do sentido.

O aparato teórico apresentado até agora teve por motivação o fato de considerarmos essencial, em um trabalho que aborda a produção de textos, a compreensão do que seja esse objeto que constituiu o *corpus* de análise. A partir das diversas concepções delineadas, caracterizamos o texto pela unidade de sentido, organizada por meio de relações formais, semânticas e pragmáticas e que desempenha função sócio-comunicativa e interacional. Para tanto, o texto deve ser um todo completo quanto a aspectos formais (construções verbais em geral e elementos de coesão), cujas pistas lingüísticas levem à produção do significado, propiciando a comunicação efetiva. Com base nessa conceituação, assumimos que quaisquer construções truncadas e ausências de informações básicas prejudicam a coerência do texto, em um nível global ou local — este último, referindo-se a partes do escrito, como parágrafos e frases.

2.3. A produção textual: a complexidade do processo

Temos como certo que uma das possíveis causas para os alunos vestibulandos apresentarem problemas em seus textos seja o fato de que a produção de textos escritos e de nível formal rompe com a relação automatizada e involuntária do interlocutor com o texto, comum nas relações cotidianas informais, principalmente no que se refere à oralidade. Na produção escrita formal, não há mais o imediatismo da situação. Introduz-se agora um novo

sistema, uma nova perspectiva que inclui um processo de reestruturação lingüística para o qual muitos produtores não estão preparados.

Geraldi (1997) aponta uma visão diferenciada acerca da elaboração de textos, uma vez que ela se afasta da concepção tradicional de que o texto é algo fechado em si mesmo, portador de um sentido único que está nele próprio. Além disso, afasta a idéia de que a produção é algo mecânico, que não exige análise de receptor, situação e elementos outros de caráter fundamental.

O autor concebe, pois, a elaboração textual como algo que está para além da mera “redação”. Ele visualiza o sujeito enquanto verdadeiro produtor; logo, participante ativo do diálogo com outros textos e com leitores. Este sujeito faz uso de uma série de instrumentos de produção, que correspondem aos recursos expressivos utilizados no momento da escrita.

Da mesma forma, Koch (2003b) pontua a existência de um sujeito produtor ativo. A atividade de produção textual passa a ser visualizada como uma atividade verbal consciente, intencional, criativa e interacional (entre produtor e receptor), que se dá numa situação peculiar. Além disso, a produção age sobre o ambiente natural e social, com vistas a certos resultados que atendem, especificamente, a fins sociais. Assim, o produtor escolhe, no momento da produção, os meios adequados que lhe permitirão a realização dos objetivos na recepção do texto, via manifestação verbal.

Conseqüentemente, a produção de textos sempre se articulará em três aspectos: motivação, finalidade e realização, conforme Koch (2003b, p. 11). Para a autora, toda atividade humana, inclusive esta de ordem verbal — a produção de textos escritos —, teria alguns fatores fundamentais:

- a. existência de uma necessidade / interesse;
- b. estabelecimento de uma finalidade;
- c. estabelecimento de um plano de atividade, formado por ações individuais;

- d. realização de operações específicas para cada ação, de conformidade com o plano prefixado;
- e. dependência constante da situação em que se leva a cabo a atividade [...] (KOCH, 2003b, p. 12)

Considerando o foco de análise dessa pesquisa, supomos haver um interesse motivador para a produção do texto de vestibular: o produtor pretende ser aprovado no concurso e ingressar no terceiro grau. O problema que talvez possa residir nessa questão é o fato de se tratar de um objetivo exterior ao texto. Ou seja, o objetivo não é se fazer entender, convencer efetivamente alguém a respeito de uma dada idéia. Essa realidade pode interferir muito no produto final — a redação. No mínimo, definirá a escolha de argumentos e a organização destes no texto.

Quanto à existência de um (adequado) plano de atividade constituído por ações individuais, ele dependerá tanto da fixação de objetivos, como da própria habilidade e disposição do produtor em lidar com a língua escrita e com a estrutura textual. Porém, reconhecemos que o planejamento é essencial para a produção coerente, visto que dá ao produtor melhores condições de determinar e de delimitar as informações a serem distribuídas no texto, todas elas vinculadas à tese desenvolvida. Dessa forma, o indivíduo tende a organizar melhor os dados e a apresentar argumentos fortes em escala argumentativa.

Além disso, buscando seguir seu planejamento e as metas traçadas, o produtor procurará elaborar a mensagem de forma que esta possa ser recebida com menor índice de perturbações. Poderá, pois, ser proficiente ao informar o que julgar de maior importância e interesse para o interlocutor. Dizemos que o produtor “poderá” informar com proficiência, porque o desempenho dele dependerá da habilidade lingüística e textual que possui, ou seja, do conhecimento que adquiriu ao longo de sua vivência. O resultado dos esforços dispensados está ligado à bagagem de conhecimentos que cada produtor tem.

No caso desse trabalho, porém, não buscamos reconhecer e analisar o planejamento e as operações realizadas pelos alunos. Assim, os resultados que obtivemos por meio da pesquisa se pautaram no substrato já elaborado, pronto, tido como retrato da habilidade lingüística e textual do vestibulando.

Quanto à dependência da situação, esse foi um dos fatores analisados, uma vez que pautamo-nos no conceito de gênero. Nesse caso, a situação de produção é que define todas as exigências a respeito de um texto como, por exemplo, a suficiência ou não de dados na superfície lingüística, bem como a variante lingüística que deve ser empregada.

Logo, frente a esses fatores propostos por Koch (2003b) e conforme concebido por Finotti (1994) a respeito da intencionalidade do emissor da mensagem, consideramos que o texto somente será compreendido pelo receptor se, primeiramente, o produtor tiver o interesse de elaborá-lo com a devida clareza, ou se reconhecer essa necessidade. Em caso contrário, não haverá um planejamento, uma releitura e nem mesmo se considerará a situação específica de comunicação, fatores estes que determinam, em grande medida, a qualidade final do texto produzido.

Porém, paralelamente a essa “intenção” por parte do produtor, está a habilidade lingüístico-textual que este possui. Partindo dessa concepção, vemos que a realização lingüística é, da mesma forma, direcionada pelo conhecimento do sistema lingüístico utilizado e o grau de domínio que o indivíduo possui deste sistema. Nesse conjunto, englobamos o projeto gramatical e textual.

Problemas quanto aos conhecimentos prévios do produtor e ausência ou má elaboração de um planejamento de ação verbal culminam em um produto que não atende às expectativas de uma banca examinadora, cujo papel é avaliar a competência lingüística do produtor.

2.4. A produção textual e o estabelecimento da coerência a partir do reconhecimento dos gêneros textuais

Como já posto anteriormente, a análise da coerência somente pode ser desenvolvida considerando-se a situação de comunicação, o produtor, o interlocutor e, principalmente, o texto de que se trata. Esses fatores, portanto, encaminham a análise desenvolvida nessa dissertação para um trabalho paralelo e conjunto com os gêneros textuais.

Nessa perspectiva, partimos da noção de gênero proposta por Bakhtin (2000). Segundo o autor, gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 279), elaborados e empregados nas diversas esferas sociais. Esses enunciados, por sua vez, apresentam características bem próximas no que se refere a sua composição, seu objetivo e seu estilo. Apresentam-se de forma peculiar, considerando-se a própria temática e até o estilo verbal; e se organizam para atender condições e finalidades específicas, conforme a esfera da atividade humana em que se inserem. Assim,

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus ‘tipos relativamente estáveis’ de enunciados, sendo isso que denominamos ‘gêneros do discurso’⁹. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Dessa forma, segundo o posicionamento teórico que se configurou, é necessário observar o atendimento às características do gênero com que trabalhamos para determinarmos se algo é coerente ou não para um determinado texto. É a partir do gênero que definimos ou reconhecemos as lacunas permitidas, o vocabulário e as construções gramaticais a serem empregados, o tipo de interlocutor esperado e, também, a própria intenção do produtor (se é

⁹ Neste trabalho, empregaremos a nomenclatura “gêneros textuais”, uma vez que, para Marcuschi (2003), gêneros textuais e discursivos são expressões intercambiais. Além disso, embasamo-nos na Linguística Textual, por meio dos fatores de coerência, a qual dá conta de sua abordagem

apenas divertir e levar à crítica, em uma crônica, por exemplo; se é informar, em um texto de linguagem referencial; ou persuadir, em um texto estritamente argumentativo etc.).

Assim, é também a partir dessa concepção que dizemos haver texto que apresenta ou não incoerência, levando em consideração as exigências do gênero a que pertence e a situação de comunicação em que o texto se insere. Nessa perspectiva, definimos, a partir de teorias que nos serviram de base (BAKHTIN (2000), PILAR (2002), MARCUSCHI (2003)), o que uma redação de vestibular pode ou não apresentar em sua composição escrita, o que corresponde ou não a uma incoerência.

2.4.1. A redação de vestibular: um gênero

Segundo Bakhtin (2000), os gêneros constituem uma listagem extremamente aberta, uma vez que a própria atividade humana caracteriza-se por uma infinidade de contextos sociais. O autor apresenta, de modo especial, a réplica do diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta e suas variedades, os documentos oficiais, as declarações, as exposições científicas e os modos literários.

Somamos a esta listagem mais um outro extenso conjunto de textos enumerados por Marcuschi (2003), a saber: o dicionário, o bilhete, o recado, o telegrama, a declaração de amor, os convites, os editais, o sermão, o horóscopo, a charge, a entrevista, as biografias, os exercícios escolares, a aula, as instruções para produção textual etc. Como vemos, é impossível enumerar a diversidade dos gêneros que figuram na língua. E dentro desse conjunto “quase” infinito, temos também a redação de vestibular, conforme proposto por Pilar (2002).

A partir de uma observação e análise do contexto social em que vivemos, certificamos que todos os textos produzidos para fins avaliativos são denominados “redação”. Esta se

insere em vários concursos e processos seletivos que pretendem avaliar a capacidade de elaboração verbal de um candidato ou aluno. Da mesma forma, na escola regular, cumpre à produção de textos escritos essa mesma função de avaliar. E, em uma grande parte dessas situações de avaliação e classificação de candidatos — com exceção da escola, que varia sua proposta conforme a seriação —, exige-se habilidade quanto ao texto de tipologia dissertativa, argumentativo *stricto sensu* ou não *stricto sensu*¹⁰.

Em sala de aula do ensino fundamental e médio, a redação funciona de maneira diferenciada. Constitui-se prática de aprendizado para que se tenha sucesso em futuros processos avaliativos – além, é claro, de se aprender a redigir para aplicação em diversas outras situações da vida cotidiana. O que se aprende e se pratica nesse contexto liga-se à organização e à exposição de idéias, fazendo-se uso de uma estrutura textual específica e própria, empregando-se também vocabulário e registro adequados.

Já no caso do vestibular, trata-se de um contexto de produção ímpar: produz-se para avaliação e possível ingresso no curso superior. Logo, considerando a função social em questão, Pilar (2002) afirma que

Ao analisarmos a estreita relação entre texto e contexto, podemos entender a redação de vestibular como um texto produzido para atender a *propósitos específicos*¹¹ de, pelo menos, duas das partes envolvidas no processo do concurso: vestibulandos e banca. Os vestibulandos escrevem o texto porque a redação é um pré-requisito para o ingresso ao Ensino Superior e os avaliadores que compõem a banca o lêem para classificar alunos que aspiram a uma vaga na universidade. (PILAR, 2002, p. 161)

¹⁰ Essa nomenclatura foi proposta por Travaglia (2003), segundo a perspectiva do produtor do texto, a imagem que o locutor faz do receptor: como alguém que concordará ou não com o que lerá. Quando o produtor vê o receptor como alguém que não concorda com ele, cria um texto argumentativo *stricto sensu*, em que argumentos são claramente mobilizados, na busca da persuasão ou do convencimento do leitor. Já quando se trata do discurso da cumplicidade, ou seja, aquele discurso em que o receptor do texto é tido como alguém que concorda com o produtor, cria-se um texto argumentativo não *stricto sensu*.

¹¹ Grifo nosso.

Assim, ao tomarmos a redação de vestibular como gênero, abandonamos a visão restrita de tipologias textuais, considerando, agora, o contexto de produção, elemento fundamental e definidor de um gênero. A partir dessa perspectiva, esse texto assume uma função específica que reside em comprovar a competência do vestibulando no uso da linguagem verbal, via processo escrito.

Porém, na possibilidade ainda de haver quem questione a distinção estabelecida entre a redação produzida em sala de aula e a de vestibular, consideramos que, em salas de aula do ensino fundamental e médio, temos um interlocutor que supostamente deveria colaborar a fim de que o texto produzido atinja um nível satisfatório de qualidade, no que se refere a determinadas normas lingüísticas e textuais – é o que se espera de um professor que trabalha para a formação de seu aluno no que se refere às habilidades de escrita. Ou seja, nesse contexto, o professor é um orientador, um leitor que pode e deve fazer contribuições ao ler o texto do aluno, inferindo, preenchendo lacunas e sugerindo melhorias.

Já no vestibular, os interlocutores se constituem como meros avaliadores. Suas contribuições, por isso, são bastante restritas. A banca corretora possui a única função de classificar a competência do autor das redações, não podendo interferir, em momento algum, na elaboração do texto. Quer-se avaliar o conhecimento lingüístico do aluno e sua capacidade de organização lógica das idéias. Assim, o texto, por si, deve possuir um fechamento interno pela utilização de instrumentos lingüísticos que criem um substrato escrito adequado e suficiente para que se estabeleça a compreensão.

Já no que se refere à organização retórica da redação de vestibular, tomamos, como ponto de discussão e embasamento teórico, o conceito de gênero firmado por Meurer (1997, apud Pillar, 2002, p. 160). Segundo ele, gênero é

“um tipo¹² específico de texto, caracterizado e reconhecido pela função específica, pela organização retórica mais ou menos típica e pelo contexto onde é utilizado.” (MEURER, 1997, apud Pillar, 2002, p. 160)

Tanto o contexto quanto a função específica da redação de vestibular são fatores já discutidos até então. E, considerando a organização retórica, reconhecemos que o texto — nesse caso, a redação de vestibular — deve apresentar-se como um todo semântico, cujas partes estejam estreitamente relacionadas e em que não haja marcas de oralidade (repetições, pausas, inserções, expressões comunicativas etc), dadas as exigências do contexto.

Em princípio, portanto, o bom texto é portador de unidade temática e unidade estrutural, ou seja, um escrito em que as frases estejam dispostas em boa seqüência e bem estruturadas, o que constitui reflexo da competência lingüístico-discursiva dos candidatos. Já quanto à linguagem, ela deve estar adequada ao contexto de comunicação. O exigido é a língua padrão, culta. E essa afirmação está para além da gramaticalidade. Trata-se, como apontam Koch e Travaglia (2002), da boa formação quanto à interlocução comunicativa, que leva ao estabelecimento do sentido e que orienta a argumentatividade do discurso. Corresponde ao uso dos recursos lingüísticos adequados ao contexto de comunicação, à intenção comunicativa, aos objetivos e ao destinatário.

Ao fazermos tais afirmações a respeito do estilo lingüístico empregado, baseamo-nos em Bakhtin (2000), que afirma que o estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e, conseqüentemente, aos gêneros textuais. Segundo ele, o enunciado é realmente individual e pode refletir essa individualidade. Porém, o autor ressalta que a individualidade não é permitida a todos os gêneros. Os mais propícios a refleti-la são, para o autor, os gêneros literários. E as condições menos favoráveis são as oferecidas pelos gêneros que requerem uma

¹² Chamamos a atenção para o emprego do termo “tipo”. Esse emprego pode causar confusão, ao possibilitar ser possível que se interprete o gênero como correspondendo a um sinônimo de tipo, com base no quadro das tipologias textuais.

forma mais padronizada de elaboração. Nesse último caso, encontra-se a redação de vestibular.

Frente a essas questões teóricas, assumimos que a redação é um gênero textual que não admite a individualidade do produtor em todos os aspectos. Esta individualidade se reflete apenas na opinião defendida, na forma de se organizar as idéias, mas jamais na variante lingüística. Trata-se de um aspecto que permite diferenciar a redação de uma carta pessoal ou de um texto direcionado a uma área específica, em que se pode, respectivamente, fazer uso de gírias e jargões.

Ressalvamos ainda que, nos textos de vestibular, prima-se pelo ideal de língua que se insere no real, não o artificioso, já no nível oratório. Não se cobra do vestibulando o uso de expressões próprias de serem utilizadas em situações de grande formalidade e distantes da maioria dos falantes. O mínimo exigido é que não se faça uso de termos e construções coloquiais, os quais ferem a expectativa do leitor quanto à qualidade do texto que lhe é apresentado.

A análise da função específica da redação de vestibular, de sua organização retórica típica e do contexto em que é empregada, ratifica o conceito de gênero textual proposto por Meurer (1997, apud Pillar, 2002, p. 160) — transcrito anteriormente — e, assim, permite que esse texto em estudo seja considerado também um gênero. As exigências para esse típico enunciado e a delimitação e descrição das características que o definem permitem que estabeleçamos o que é coerente ou não no contexto do vestibular, ao se elaborar uma redação.

Além disso, Pilar (2002) enriquece a argumentação em defesa da redação de vestibular como gênero específico, abordando o que ela denomina “campo”, “teor” e “modo”. “Campo” refere-se à interpretação e à realização da tarefa proposta; “Teor” corresponde ao reconhecimento de quem são os participantes envolvidos no Concurso Vestibular; por sua

vez, o “modo” diz respeito à já mencionada organização retórica do texto, segundo a função que este desempenha no contexto específico de produção.

Quanto à interpretação e realização de uma tarefa proposta, reconhecemos tratar-se de uma necessidade também primordial dentro do contexto da sala de aula do ensino fundamental e médio. Porém, com um diferencial: há o professor que orienta, que discute, que faz esclarecimentos. As dificuldades, então, são discutidas e, possivelmente, anuladas.

Já no vestibular, a produção imediata — a partir de um trabalho solitário de análise e elaboração por parte do aluno — deverá ser um texto em que o pensamento esteja organizado logicamente, provando-se um dado ponto de vista sobre o tema proposto, sendo uma redação que se enquadra nas tipologias de texto argumentativo *stricto sensu* ou argumentativo não *stricto sensu*.

Os argumentos, os dados e os fatos são os elementos-chave que estabelecem a interlocução entre candidato e banca. E a variante lingüística empregada deverá satisfazer às expectativas de uma banca examinadora. Ou seja, os candidatos provam sua competência discursiva, produzindo um texto coerente e coeso, adequado quanto à gramática, ao vocabulário e ao tema, sem que haja um interlocutor-colaborador quanto à qualidade do material produzido. Há meros avaliadores da capacidade lingüístico-textual dos vestibulandos.

Em decorrência disso, no que se refere ao “teor”, segundo Pilar (2002), os professores que compõem a banca examinadora do Concurso Vestibular — longe de serem estimuladores do aprendizado e veiculadores de saberes — selecionam os aptos, classificando os candidatos conforme a competência na escrita. Os alunos, por sua vez, submetem-se a essa seleção e à classificação.

Para a autora, essa variável exige, pois, do produtor uma postura ímpar: o vestibulando deve engajar-se no assunto que propõe discutir, organizando seu texto de maneira a convencer o leitor da validade das opiniões defendidas, ainda que este receptor não compartilhe delas.

Além disso, o produtor deve convencer a banca de que pode produzir um texto de forma a atender, satisfatoriamente, as exigências do gênero. Da mesma forma, o vestibulando estará mostrando que, em momentos futuros, será capaz de empregar essa sua capacidade de elaboração como ferramenta para construção de outros discursos diferenciados e específicos.

Por sua vez, a variável “modo”, para Pilar (2002), corresponde ao fator que exige que se considere o caráter público do concurso, o meio escrito e a necessidade de o candidato ser mais assertivo para que seja considerado apto a ocupar uma vaga num curso superior. Nesse contexto, o vestibulando deve associar sua produção ao objetivo que pretende alcançar, o que definirá a organização dos fatos e dados por ele apresentados, bem como as escolhas sintáticas e semânticas. A partir disso, o produtor do texto apresentará argumentos que deverão ser bem fundamentados, acompanhados de garantias que os validem e os façam resistir a críticas.

Frente ao que se discutiu até então a partir da obra de Pilar (2002), principalmente, reconhecemos que as especificidades que circunscrevem o contexto do vestibular favoreceram a delimitação da redação enquanto gênero, permitindo-nos a análise das incoerências locais no *corpus* em questão.

2.5. Níveis de coerência: local e global

Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) estabelecem dois níveis básicos de coerência: local e global. Diferenciam-se, então, de outros estudiosos para os quais a coerência é propriedade inteiramente global, como afirmam Koch e Travaglia (2002, p. 21 e p. 41). Para esses autores, a coerência está ligada à composição do texto como um todo, à construção de um sentido unitário, temático e geral, ao macroato da enunciação, conforme excerto abaixo.

[...] a coerência está ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Esse sentido, evidentemente, deve ser do todo, *pois a coerência é global*. (KOCH, TRAVAGLIA, 2002, p. 21. Grifo nosso.)

Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) diferem também de autores outros para os quais a coerência é apenas um dos fatores de textualidade, posicionamento este defendido por Beaugrande e Dressler (1981), conforme já mencionado e discutido.

Da igual forma, Koch (2003b) também chama a atenção para os diversos níveis de coerência, dentre os quais, a coerência local, objeto dessa pesquisa:

A coerência se estabelece em diversos níveis: sintático, semântico, temático, estilístico, ilocucional, concorrendo todos eles para a construção da coerência global. Assim, há autores que distinguem entre a coerência local (isto é, aquela que ocorre em um desses níveis, sobretudo no sintático) e a coerência global do texto (cf. Charolles, 1978; Van Dijk, 1981 e 1990, entre outros). (KOCH, 2003b, p. 53)

2.5.1. Coerência global e local: duas partes que se complementam no todo

Conforme já mencionado, para Koch e Travaglia (1999 e 2002), para que um texto seja considerado como tal, é preciso que tenha coerência, que haja a possibilidade de lhe calcular o sentido. Assim, o conceito de coerência liga-se à construção de sentido para um dado texto; corresponde ao princípio de interpretabilidade elementar que faz com que um discurso faça sentido para os usuários. A coerência está, pois, relacionada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação, considerando-se, fundamentalmente, locutor e interlocutor.

De igual maneira, segundo defendem Beaugrande e Dressler (1981), para que um enunciado constitua texto, é preciso haver unicidade temática ou relação entre os elementos

que o constituem, e continuidade de sentido ativada pelas seqüências de orações que o formam. E, além disso, a textualidade pode ser construída não meramente a partir de conteúdos explícitos, mas também a partir de elementos pragmáticos, o que implica entender quando se trata de uma ordem, de um pedido, de uma ameaça e de uma jura, por exemplo.

Frente ao conceito de texto e considerando os elementos constituintes textuais que colaboram para o estabelecimento da coerência, Van Dijk e Kintsch (1983) e Van Dijk (1981) afirmam que o discurso pode ser caracterizado em dois níveis: o das sentenças e suas conexões lineares, e o do discurso, ou fragmentos de textos, mas tomados como um todo significativo. Essa distinção (não estanque, uma vez que há interdependência entre os níveis) implica a diferenciação entre nível local ou microestrutural e nível global ou macroestrutural de análise:

Distinguimos entre dois tipos de coerência, coerência local e global. Coerência local é definida por relações (pares) entre orações de uma sucessão textual. Coerência global é definida em termos de (operações em) conjuntos de orações, por exemplo, pelo discurso como um todo. Coerência global também é conhecida, em condições mais intuitivas, como o ‘tema’, ‘idéia’, ‘fim’ ou ‘essência’ de um discurso ou de uma passagem do discurso. É feita explícita em termos de macroestruturas semânticas. Estas são derivadas de sucessões do texto denominadas macro-regras que apagam ou selecionam informação (proposições), generalizam ou constroem proposições interligadas. Macroestruturas, respondendo pela coerência global de um texto, também são necessárias como ‘base’ para relações de coerência locais [...]. (VAN DIJK, 1981, p. 268, tradução nossa)¹³

A partir do excerto acima, percebemos que a coerência local é definida por meio de relações estabelecidas entre enunciados, numa seqüenciação de sentenças. Trata-se do bom uso dos elementos da língua, unidades menores que contribuirão para a construção do sentido

¹³ We distinguish between two kinds of coherence, viz. Local and global coherence. Local coherence is defined for (pairwise) relations between sentences of a textual sequence. Global coherence is defined in terms of (operations on) whole sets of sentences, e.g. for the discourse as a whole. Global coherence is also known, in more intuitive terms, as the ‘theme’, ‘idea’, ‘upshot’ or ‘gist’ of a discourse or a passage of the discourse. It is made explicit in terms of semantic macrostructures. These are derived from sequences of the text by so-called macro-rules, which delete or select information (propositions), generalize, or construct more embracing propositions. Macrostructures, accounting for the global coherence of a text, are also necessary as the ‘basis’ for local coherence relations [...].

do texto em sua totalidade. Já a coerência global caracteriza o discurso como um todo, e ainda pode estar relacionada a fragmentos maiores de um discurso, sendo de natureza mais geral.

Em se tratando de coerência local, além de outras classificações que posteriormente serão discutidas, Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) mencionam que se pode ainda distinguir dois tipos de relações: aquelas fixadas entre orações (relações de conexão) e aquelas estabelecidas entre proposições expressas pelas sentenças. Assim, necessariamente, além de os fatos¹⁴ denotados pelas orações terem de estar relacionados a um mundo possível, devem ainda constituir um curso de eventos. Veja-se o exemplo dado por Van Dijk e Kintsch (1983, p. 269): a assertiva “Peter foi ao cinema. Ele tem olhos azuis.” não é coerente. Embora faça duas referências ao mesmo indivíduo, as orações não têm seus conteúdos relacionados, seja em termos condicionais ou temporais, por exemplo.

Van Dijk (1981) postula que há uma série de razões para a distinção teórica entre relações de conexão (entre as orações) e relações entre proposições (em que se representa um curso de eventos). Uma delas trata-se do fato de que a macroestrutura semântica torna explícita a noção intuitiva importante de “tópico do discurso”: mostra a respeito de que um dado discurso trata, seu foco temático, porém não partindo da análise de sentenças individuais. Além disso, a noção de “tópico do discurso” é necessária para a explicação da coerência linear (nesse caso, parece que Van Dijk aproxima coerência e coesão¹⁵) entre as sentenças de um discurso: dois enunciados apenas podem ser ditos conectados, caso se considere o tópico discursivo da conversação. É em relação a este que se afirma ser algo pertinente ou não em um dado texto.

¹⁴ Segundo os autores – Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983), fatos são, simplesmente, fragmentos de um mundo possível, o que não se relaciona ao valor de verdade.

¹⁵ Vale a ressalva de que coesão e coerência, em algumas circunstâncias, tendem a se separarem por linhas tênues. Segundo Koch (2003b, p. 53-58), a distinção entre ambas apaga-se: 1) quando se tem anáfora profunda, mediada ou semântica; 2) dependendo da forma como é feita a remissão (constituindo-se índices de atitudes, crenças, valores etc.); 3) quando se tem referência por expressões definidas (que atendem aos propósitos do locutor, segundo os interesses desse); 4) conforme a seleção lexical (que tende a influenciar no cálculo do sentido, inclusive possibilitando a produção de outros sentidos); 5) quando ocorre ambigüidade referencial; 6) quando o encadeamento de sentenças se dá por justaposição.

Além disso, segundo Van Dijk e Kintsch (1977 e 1978, apud VAN DIJK, 1981), no nível cognitivo, são introduzidas macroestruturas como um componente necessário no processamento de informações complexas. Para planejar, executar, controlar o discurso no processo de produção, e para entender, armazenar, recuperar e reproduzir o discurso, é fundamental um macronível de processamento, porque

Um usuário comum da língua é incapaz de armazenar e recuperar todas as orações individuais (proposições) de um discurso, e ainda assim entende o discurso como um todo coerente, sendo capaz de recordá-lo e resumi-lo sem necessariamente ter acesso às proposições individuais. (VAN DIJK, 1981, p. 197, tradução nossa)¹⁶

Isso significa que, durante o fornecimento e captação de informações do discurso, o leitor constrói uma série de macroestruturas com base na interpretação das respectivas orações. Tais macroestruturas permitem organizar e reduzir a informação altamente complexa a um tamanho manejável. Assim, fragmentos de um discurso são significativos, localmente coerentes, apenas se se considerar as macroestruturas (os temas). O próprio Van Dijk (1981, p. 268) apresenta os seguintes exemplos para melhor ilustrar esse posicionamento teórico:

- (1) Comprei um bilhete e fui para meu assento.¹⁷
- (2) Comprei um bilhete e caminhei para a plataforma.
- (3) Comprei um bilhete e pulei na piscina.

Segundo os autores, as orações acima transcritas só têm sentido se levarmos em consideração seus respectivos temas: “Fui ao cinema”, “Peguei um trem”, “Fui nadar”, por exemplo.

¹⁶ A normal language user is unable to store and retrieve all individual sentences (propositions) of a discourse, and yet understands the discourse as a coherent whole, being able to recall and summarize it without necessarily having access to the individual propositions.

¹⁷ Os exemplos de 1-3 foram extraídos de Van Dijk (1981, p. 268)

Dessa forma, consideramos que, apesar de haver dois níveis de coerência, não podemos desvinculá-los totalmente, cada um constituindo uma seção à parte. É preciso entender que há uma interdependência entre a coerência local e a global. Enfim, trata-se de um par de conceitos que devem ser definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido se se considerar a sua outra parte.

2.5.2. Tipos de coerência local

Como já dito, embora haja quem se refira à coerência como sendo global em sua natureza, ocorre de serem percebidas partes ou passagens de textos em que se verificam problemas caracterizados como incoerências. Esses casos, por se tratarem de fragmentos de enunciados, de seqüências de frases, caracterizam-se como incoerências locais. Essas, de maneira geral, não atrapalham a compreensão do texto como um todo; apenas dificultam o entendimento das passagens em que ocorrem. Porém, caso se verifique um grande número de ocorrências dessa ordem, a coerência global poderá ser gravemente comprometida.

No que se refere especificamente à coerência local, ela é subdividida por Van Dijk e Kintsch (1983) em quatro grupos ou níveis: coerência semântica, coerência sintática, coerência estilística e coerência pragmática. Dificuldades no estabelecimento de coerências locais, por sua vez, podem não ocorrer em separado, individualmente. Há casos em que problemas estilísticos, por exemplo, podem equivaler também a falhas lexicais. O mesmo pode se dar em diversas outras situações de análise, envolvendo outros tipos de coerência.

2.5.2.1. Coerência semântica

Segundo Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983), a coerência semântica¹⁸ é uma propriedade do discurso que se refere à relação entre os significados dos elementos que constituem as frases, significados estes que devem ser interligados ou complementares. Assim, a incoerência aparece quando esses sentidos não combinam, ou quando são opostos, englobando incompatibilidades semânticas entre os termos.

Esse tipo de coerência também pode ser definido em termos de relações estabelecidas entre sentenças sucessivas do discurso, que deveriam ter seus conteúdos interligados tematicamente. Assim, podem-se verificar problemas causados por relações inadequadas entre idéias.

Koch e Travaglia (2002) apresentam o seguinte exemplo para coerência semântica:

(4) Felicidade é um viver como aprendiz. É retirar de cada fase da vida uma experiência significativa para o alcance de nossos ideais.

É basear-se na simplicidade do caráter **ao executar problemas complexos; ser catarse permanente de doação sincera e espontânea.**

A felicidade, onde não existem técnicas científicas para sua obtenção, faz-se de pequenos fragmentos captados de sensíveis expressões vivenciais. Cada dia traz inserido na sua forma, um momento cujo silêncio sussura no interior de cada vivente chamando-o para a reflexão de um episódio feliz. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 41.)

No exemplo (4), percebemos que os sentidos de “executar” e “problemas” não podem ser combinados. Verificamos, pois, haver um problema de ordem semântica, uma vez que “problemas” são “resolvidos”, não “executados”. Há uma contradição quanto aos sentidos.

¹⁸ A coerência semântica pode ser local ou global. Nesse trabalho, restringir-se-á à primeira.

2.5.2.2. Coerência Sintática

Segundo Van Dijk e Kintsch (1983), esse tipo de coerência refere-se aos meios sintáticos utilizados para se expressar a coerência semântica, conforme fragmento a seguir:

Coerência sintática, nesse caso, referir-se-ia aos meios sintáticos para expressar coerência semântica (por exemplo, usos de pronomes, frases nominais definidas, etc. — como ilustrado por Halliday e Hasan para coesão).¹⁹ (VAN DIJK; KINTSCH, 1983, p. 149, tradução nossa)

Portanto, esse tipo de coerência liga-se ao emprego de conectivos, pronomes, artigos, advérbios, dentre outros. Equivale, nesse sentido, aos recursos coesivos da língua que auxiliam na construção da coerência, sejam eles bipartidos, conforme Koch (2003a) — referência e seqüenciação — ou distribuídos em uma categoria textual — fatores de conexão seqüencial —, segundo a contribuição de Marcuschi (1983).

O texto apresentado em (4), apresenta também problema de coerência sintática, por causa do emprego inadequado de **onde** em “**A felicidade, onde não existem técnicas científicas para sua obtenção [...]**”. Nesse trecho, o intuito do produtor do texto não é referir-se a “lugar”, por isso o emprego de “onde” não é compatível com o contexto.

Assim, considerando o sentido a ser construído, Koch e Travaglia (2002) propõem a seguinte construção, de forma que a coerência possa ser recuperada:

- (5) A felicidade, *para cuja* obtenção não existem técnicas científicas, faz-se de pequenos fragmentos... (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 44. Destaque dos autores.)

¹⁹ Syntactic coherence would in that case refer to the syntactic means to express semantic coherence (for example, uses of pronouns, definite noun phrases, etc. — as illustrated by Halliday and Hasan for cohesion).

2.5.2.3. Coerência estilística

Van Dijk e Kintsch (1983) relacionam esse tipo de coerência principalmente aos registros lingüísticos utilizados adequadamente, conforme o gênero textual de que se trata e segundo o contexto de produção. A coerência estilística envolve o léxico e as estruturas frasais, adequados ao texto produzido. Segundo os autores,

Coerência estilística significaria que um orador ou um discurso faz uso do mesmo registro de estilo, em escolha léxica, complexidade e comprimento de oração etc. Esta noção parece necessária para responder pelo fenômeno de alterações estilísticas.²⁰ (VAN DIJK; KINTSCH, 1983, p. 149, tradução nossa)

Também Koch e Travaglia (2002) remetem a esse mesmo conceito de coerência estilística, ao mencionarem a coerência local. Segundo esses autores,

[...] um usuário deveria usar em seu texto elementos lingüísticos (léxico, tipos de estruturas, frases etc.) pertencentes ou mesmo constitutivos do mesmo estilo ou registro lingüístico. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 44-45)

Para estes últimos estudiosos, problemas quanto à adequação lingüística equivalem a quebra estilística. E, caso se faça necessário empregar gírias ou outras construções informais em determinados textos aos quais seriam inadequadas, devem ser empregadas expressões explicativas, de ressalvas, que antecedam as coloquialidades como, por exemplo: “se me permitem o termo”, “para usar uma expressão popular que bem expressa isso”, ou ainda “com o perdão da palavra” (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 45). Assim, segundo os autores, o

²⁰ Stylistic coherence would mean that a speaker or a discourse makes use of the same style register, in lexical choice, sentence complexity and length, etc. This notion seems necessary to account for the phenomenon of stylistic breaks.

trecho abaixo, compondo um cartão de condolências, caracteriza-se pela inadequação, uma vez que não demonstra o devido respeito que a situação exige.

- (6) Prezado Antônio,
Neste momento quero expressar meus profundos sentimentos por sua mãe ter batido as botas. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 45)

Especificamente, tomando aqui a redação de vestibular como objeto de análise, podemos perceber que ela também não admite determinadas construções que, vez ou outra, poderiam ser encontradas em outros textos, como em uma crônica ou em um editorial próprio para *teens*, por exemplo. O produtor, nesse caso em análise, não pode empregar o registro mais coloquial, apelando para gírias descontextualizadas, ou seja, não deve empregá-las em trechos nos quais não há uma causa objetiva para o uso. Tal fato se justifica porque o leitor da redação é um interlocutor especial, que exerce o papel de um professor-juiz. A própria situação de prova coloca-o nesse patamar. O objetivo do texto, nessa configuração, é realmente mostrar a proficiência lingüística do produtor, devendo prevalecer a formalidade.

E, uma vez já mencionada, a figura do interlocutor determina em grande medida o registro lingüístico a ser empregado; da mesma forma, a função do texto no contexto específico em que funciona (forma *oficial* de avaliação da capacidade lingüística de candidato a ocupar um cargo no ensino superior). Segundo Bakhtin (2000, p. 284):

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissolavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. (BAKHTIN, 2000, p. 284. Grifos do autor.)

Por outro lado, no gênero em análise, a individualidade reside na definição das idéias defendidas, na opinião que se desenha a respeito da realidade, não no emprego da variante lingüística. Também as construções frasais podem ter algo de individual, por exemplo, na ordem em que são colocados os elementos morfossintáticos, desde que acordados com os padrões gramaticais da Língua Portuguesa. Residiria, no caso, onde se costuma locar um adjunto adverbial, à ordem dos sujeitos nas orações (pospostos ou não) etc.

Então, a interferência de elementos informais na redação de vestibular deve ser considerada, pois, ainda que não interfiram na coerência em si — entendida como princípio de interpretabilidade —, prejudicam-na pela quebra estilística quando não se verifica a adequação lingüística ao contexto de produção. O esperado é que quem escreva se mantenha em um estilo relativamente uniforme, conforme atestado pelo conceito de gêneros discursivos (tipos relativamente estáveis também quanto ao estilo).

2.5.2.4. Coerência pragmática

Segundo Van Dijk e Kintsch (1983), esse tipo de coerência liga-se ao fato de um texto funcionar como atuação informacional e comunicativa, apresentando trechos bem redigidos, com informações claras e seqüenciais. Assim, o discurso corresponde, da mesma forma, a uma seqüência de atos de fala, realizados de forma apropriada, em que cada um deles está conjugado ao discurso do ouvinte/leitor. Conforme os autores,

Coerência pragmática caracterizaria o discurso quando estudado como uma sucessão de atos de fala, desde que atos de fala em sucessões estejam condicionalmente relacionados e satisfaçam as mesmas condições apropriadas para um determinado contexto pragmático (uma seqüência de

um pedido cortês seguida por ordem seria pragmaticamente incoerente).²¹
(VAN DIJK; KINTSCH, 1983, p. 149, tradução nossa)

Assim, quando se faz uma pergunta a alguém, por exemplo, há diferentes formas de resposta que promoveriam e manteriam a coerência textual: uma afirmação, uma outra pergunta, uma promessa, uma negação. Por outro lado, se o interlocutor começa a cantar ou diz algo não relacionado à temática em questão, os enunciados seriam considerados incoerentes.

Nesse sentido, a obediência aos fatores pragmáticos equivale ao fato de produtor e interlocutor (re)conhecerem o esquema textual empregado na situação comunicativa. Refere-se à captação de significados a partir das construções frásticas da seqüência textual, considerando-se o contexto extralingüístico e o significado pretendido pelo enunciador. Dessa forma, insere-se nesse campo de análise tudo o que esteja ligado ao texto como seqüência comunicativa, levando-se em conta a situação em que é produzido e os fins a que atende.

Então, no que se refere à redação de vestibular, tomaremos como objetos de análise das incoerências pragmáticas as ambigüidades, as contradições, as desobediências à situacionalidade, à informatividade, à clareza, enfim, tudo o que prejudica, de algum modo, a informação clara e em seqüência, segundo esquema canônico estabelecido no âmbito social.

Vale a ressalva de que essa forma canônica varia conforme o gênero em questão e é avaliável a partir do conhecimento dos interlocutores sobre o esquema textual em uma dada cultura. Esse conhecimento determinará hipóteses, subentendidos e, da mesma forma, permitirá que se verifiquem incoerências em determinados aspectos ou no âmbito global.

²¹ Pragmatic coherence would characterize discourse when studied as a sequence of speech acts, since speech acts in sequences are conditionally related and satisfy the same appropriatedness conditions holding for a given pragmatic context (a sequence of a polite request followed by an order would be pragmatically incoherent).

Nesse capítulo, foram apresentados os aspectos teóricos que embasaram a pesquisa, segundo proposta da Linguística Textual. A seguir, passaremos à apresentação dos objetivos e dos procedimentos metodológicos que nortearam as análises.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo destina-se à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para a análise de incoerências de nível local nas redações de vestibulares. Assim, apresentamos as hipóteses norteadoras desse estudo, os objetivos traçados para a pesquisa e as questões que deveriam ser respondidas.

3.1. Hipóteses, objetivos e questões a serem respondidas

3.1.1. Questões a serem respondidas

- Nas redações de vestibular, os problemas de maior incidência são aqueles relacionados às construções truncadas e sem suficiência de dados, isto é, relacionados a incoerências de ordem pragmática?
- As produções dos vestibulandos apresentam problemas quanto ao estabelecimento de coerência sintática?
- Os estudantes apresentam dificuldades quanto à adequação lingüística e à obediência à situação de produção (incoerências estilísticas e pragmáticas)?
- Os vestibulandos conseguem combinar os vocábulos e as sentenças adequadamente, considerando os sentidos que assumem ao constituírem texto, ou há problemas de ordem semântica?

3.1.2. Hipóteses

- Os problemas de maior incidência, nas redações em estudo, são aqueles relacionados às construções truncadas e sem suficiência de dados, isto é, relacionados a incoerências de ordem pragmática.
- As produções dos vestibulandos apresentam problemas quanto ao estabelecimento de coerência sintática.
- Os estudantes apresentam dificuldades quanto à adequação lingüística e à obediência à situação de produção (incoerências estilísticas e pragmáticas).
- Os vestibulandos não conseguem combinar os vocábulos e as sentenças adequadamente, considerando os sentidos que assumem ao constituírem texto, isto é, apresentam problemas de ordem semântica.

3.1.3. Objetivos Específicos

- Investigar se os problemas de maior incidência são aqueles relacionados às construções truncadas e sem suficiência de dados, isto é, relacionados a incoerências de ordem pragmática.
- Investigar se as produções dos vestibulandos apresentam problemas quanto ao estabelecimento de coerência sintática.
- Verificar se os candidatos apresentam dificuldades quanto à adequação lingüística e à obediência à situação de produção (incoerências estilísticas e pragmáticas).
- Investigar se os vestibulandos conseguem combinar os vocábulos e as sentenças adequadamente, considerando os sentidos que assumem ao constituírem texto, isto é, se há problemas de ordem semântica.

3.2. Definição e apresentação do *corpus* analisado

A pesquisa foi desenvolvida de forma quantitativa e qualitativa. Partindo-se das distinções dos tipos de falhas, foi construído um quadro para permitir a explicitação dos tipos e a frequência das incoerências verificadas.

O trabalho foi desenvolvido a partir de um *corpus* constituído de trezentos textos dissertativos argumentativos *stricto sensu* ou argumentativos não *stricto sensu*, produzidos em situação de vestibular, em dezembro de 2004, para ingresso na Universidade Federal de Uberlândia, conforme proposta no Anexo 1.

Houve a preocupação em se selecionar textos produzidos por alunos que almejavam ocupar vagas em cada uma das áreas de estudo oferecidas nesta universidade em questão. Assim, 10% das redações de cada curso foram selecionadas aleatoriamente e analisadas. Tal procedimento garantiu uma amostragem segura e de maior âmbito quanto ao tipo de público alcançado.. Nesse sentido, privilegiou-se trabalhar com todas as áreas oferecidas para estudo, abrangendo-se perfis diversificados, que caracterizam efetivamente os alunos que ingressam nessa faculdade.

3.3. Metodologia de análise dos dados

As redações foram colhidas e organizadas segundo os cursos oferecidos pela universidade. Em seguida, passou-se à leitura e análise do *corpus*. Para enumeração das incoerências, foram estabelecidos critérios que nortearam a verificação e a classificação das falhas. Eles constituíram quatro campos de análise, fixados a partir das propostas de Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983).

No entanto, uma vez que se está trabalhando com problemas, adotou-se a nomenclatura “incoerência”, e não “coerência” local. Assim, os problemas de ordem sintática, por exemplo, foram denominados incoerências sintáticas.

Foi utilizada a planilha abaixo para a correção dos textos, definida a partir das hipóteses que nortearam a pesquisa.

Coerência pragmática	<ul style="list-style-type: none"> - Ambigüidades - Contradições - Falha referente à situacionalidade - Falha quanto à informatividade - Falta de clareza na exposição das idéias - Falta de seqüenciação das idéias - Fuga à verossimilhança - Argumento inconsistente - Fuga ao tema proposto - Inferência não-autorizada - Falha quanto à argumentação – idéia não desenvolvida
Coerência sintática	<ul style="list-style-type: none"> - Falha no uso de elementos seqüenciadores e de conjunções - Falha no uso de elementos substituidores - Ausência de elemento coesivo cujo uso se faz necessário
Coerência estilística	<ul style="list-style-type: none"> - Léxico e/ou estruturação sintática que foge à norma padrão da língua – uso de vocábulos ou expressões coloquiais
Coerência semântica	<ul style="list-style-type: none"> - Relações inadequadas relações entre idéias (sentenças) - Incompatibilidades semânticas entre vocábulos - Uso de palavras imprecisas - Emprego de vocábulo inexistente na língua portuguesa

QUADRO 1 - Tipos de coerência local e respectivos critérios definidos para análise da falta de coerência no *corpus*.

A seguir, apresentamos a conceituação e a exemplificação para cada subtipo de incoerência.

A - Incoerências pragmáticas:

- Ambigüidades:

Ocorre ambigüidade quando uma dada construção abre margem para mais de um sentido. Muitas vezes, ocorre pelo uso indevido de pontuação, conectivos, palavras ou expressões.

(08) O Brasil é assolado todos os dias por crises, é um país descontrolado pelo medo, não do terrorismo que tanto assombra os norte-americanos, mas sim pelo terror do narcotráfico que manda nas grandes capitais brasileiras. A corrupção toma níveis catastróficos, onde envolve até braço direito de ministro do governo, de onde deveria partir o exemplo vem a desilusão, o proprio **presidente** e denunciado para o mundo todo como um consumista de bebidas alcoólicas e esse consumo de grandes proporções. E ainda pior, o **jornalista** que ousou falar a verdade aos **eleitores do presidente** e expulso **do país** arranhando ainda mais a imagem de **seu** povo. (3º parágrafo, redação 75)

- Contradições:

Ocorre contradição quando há conflito entre uma informação anterior e uma atual ou seqüente. Também pode envolver palavras e ações em desacordo.

(09) As pessoas costumam considerar como atos prejudiciais à sociedade somente os casos de delitos maiores, e fazem dos menores, meras ações cotidianas, colocando-as como não danosas ao funcionamento social.

Porém, deve-se destacar que **a maioria das ações, que são claramente prejudiciais à sociedade, um dia começaram por situações consideradas como pequenos delitos** que, por serem inseridas como normais na vida das pessoas, acabam não recebendo nenhuma punição e **não tendo nenhum efeito realmente prejudicial**. (2º parágrafo, redação 130)

- Falha referente à “situacionalidade” (apelo ao sentimentalismo, ao diálogo etc.):

A situacionalidade equivale à interferência, no texto, do contexto de produção. Assim, dizemos que um texto é coerente ou não, segundo a situação para a qual foi produzido. Trata-se da adequação da produção textual à situação comunicativa.

No caso da redação de vestibular, o contexto imediato de avaliação e a tipologia textual a que se refere – argumentativo *stricto sensu* ou argumentativo não *stricto sensu* – exigem objetividade e argumentação (esta pautada em fatos concretos). Assim, apelos, sentimentalismo, diálogo e outras possíveis ocorrências de cunho subjetivo, que mostrem envolvimento emocional do produtor do texto, não cabem na redação.

(10) Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se elegermos um governante e este não atende aos interesses de seus eleitores a população jovem se manifesta, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder, mesmo nas camadas mais pobres encontramos trassos de otimismo e esperança quando há favelas, pessoas que perderam tudo ainda encontram palavras otimistas dando entrevistas aos reporteres que lá estão, nossos atletas mesmo derrotados em suas competições, são otimistas e dizem na próxima venceremos, é como disse o poeta os brasileiros são alegres e felizes, pois o “Brasil é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza” **então façamos as palavras do poeta sejamos felizes, lutadores, e objetivos buscando a cada dia novas conquistas com alegria e otimismo.** (2º parágrafo, redação 25)

- Falha quanto à informatividade:

Diz respeito ao fato de um texto ser ou não informativo, no que diz respeito à quantidade balanceada de informações já conhecidas e outras novas. Segundo Koch e Travaglia (2002):

[...] diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto. Um texto será tanto menos informativo, quanto mais previsível ou esperada for a informação por ele trazida. Assim, se contiver apenas informação previsível ou redundante, seu grau de informatividade será baixo. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 86)

Nos textos analisados, houve falhas quanto à informatividade quando o vestibulando fez uso de informações já grandemente conhecidas ou óbvias.

(11) **Uma transgressão é sempre uma transgressão**, e por sua essência e característica formal não poderia ser considerada leve ou pequena. A transgressão no que tange ao fato, ou no que tange ao direito; seja para os especialistas em leis, seja para os especialistas em burlar as leis; ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo **(e que consentiria em dizer que transgressão é) sempre transgressão e ponto**. (1º parágrafo, redação 28)

- Falta de clareza na exposição de idéias:

Os trechos em que a leitura e a construção de sentido foram dificultadas – por falhas na organização e verbalização de expressões ou idéias, por implicação de pressupostos e/ou subentendidos não recuperáveis ou por serem constituídos de idéias fragmentadas – foram considerados como sem clareza, cujas informações não estavam tão evidentes.

(12) **Ao cometer um pequeno delito as vezes sem mesmo se dar conta, uma criança por exemplo que fura a fila na sua escola para pegar o lanche, e então ela consegue completar o delito com sucesso, sem ter sido penalizado por isso, a criança sempre tentara este caminho, porque foi o mais facil. O Brasileiro é Individualista tratando-se deste caso, logo se vê uma pessoa que compra algo roubado por ser mais barato ela sabe que está cometendo um crime, por estar Insentivando Indiretamente ou até mesmo diretamente o ladrão a roubar, isto se trata de um pequeno delito que acabou acarretando um furto**. (3º parágrafo, redação 197)

- Falta de seqüenciação das idéias:

Neste critério, avaliamos o fato de as informações serem seqüenciadas, ou seja, se estavam organizadas de forma a constituírem um mesmo tópico discursivo. E, além de falarem de um mesmo tema, cada uma delas deveria ter ligação com a informação imediatamente anterior a ela e com a seqüente. Dessa forma, equivaleriam a argumentos somados para uma mesma conclusão.

Também, quando dentro de um mesmo parágrafo, todas as informações nele presentes deveriam corresponder a argumentos que somariam justificativas e explicações para o respectivo tópico frasal. Uma vez mudado o foco, caracterizamos como sendo falta de seqüenciação de idéias.

(13) O jeitinho brasileiro de viver

Muitas expressões são lembradas, quando se fala no povo brasileiro. Uma delas é o otimismo característico de um povo que muitas vezes passa por momentos difíceis mas que preserva e continua a se orgulhar do país em que vivem.

Com seu jeitinho peculiar **dribla os problemas e procura sempre meios para solucionar-los, além de sempre ajudar ao próximo** que também estiver precisando de ajuda. De forma geral **o povo brasileiro é bastante receptivo, e é dessa forma que ele é conhecido em todo mundo.**

O brasileiro sobrevive apesar do desemprego, da concentração de renda, da violência e do medo que ela causa, da impunidade, do poder aquisitivo cada vez menor, da corrupção e de tantos outros males que afeta o país.

É dessa motivação que nascem várias alternativas e que torna evidente a força e a perspicácia de um povo que busca em coisas simples uma solução, uma verdadeira forma de viver.

O Brasil tem seu sincretismo religioso e social como a base de uma cultura rica que torna o brasileiro um povo pacífico e que sabe se valorizar em todas as suas formas de expressão.

O Brasil é feito de um povo humilde, honesto, trabalhador, que sofre sob o julgo de vários fatores sociais, mas que sabe mostrar ao mundo uma força inexplicável e que nunca desiste de brilhar e existir. (redação 19)

- Fuga à verossimilhança, ao contexto do mundo real:

Quanto à verossimilhança, avaliamos a veracidade dos fatos apresentados nas redações, confrontando-os com o contexto do mundo real, a que os vestibulandos deveriam obedecer. Assim, estudamos as condições de verdade das sentenças, sendo elas verdadeiras apenas se os conteúdos coincidissem com a realidade.

Nesse sentido, informações não verídicas foram consideradas problemas de incoerência, até mesmo por contradizerem o conhecimento de mundo geral e, de igual maneira, do próprio leitor. Construções dessa ordem também mostraram falta de informação por parte do produtor, ou seja, ele estaria recorrendo a um conteúdo do qual não tem domínio e com o qual não possui familiaridade.

(14) Otimistas porque **não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos**, por exemplo, **se elegermos um governante e este não atende aos interesses de seus eleitores a população jovem se manifesta**, como as caras pintadas na década de noventa, **se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder**, mesmo nas camadas mais pobres

encontramos trassos de otimismo e esperança quando há favelas, pessoas que perderam tudo ainda encontram palavras otimistas dando entrevistas aos reporteres que lá estão, nossos atletas mesmo derrotados em suas competições, são otimistas e dizem na próxima venceremos, é como disse o poeta os brasileiros são alegres e felizes, pois o “Brasil é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza” então façamos as palavras do poeta sejamos felizes, lutadores, e objetivos buscando a cada dia novas conquistas com alegria e otimismo. (2º parágrafo, redação 25)

- Argumentação inconsistente:

Inserimos a argumentatividade nos aspectos pragmáticos embasados em Brandão (1999). Para a autora,

A argumentatividade é [...] um valor pragmático que não deve ser considerado como derivado, mas como primeiro. Nesse sentido, a argumentação é concebida como um ato lingüístico fundamental, ou seja, é um elemento básico, estruturante do discurso. E a noção de estrutura argumentativa, objeto daquilo que passa a denominar *retórica integrada*, seria uma orientação interna dos enunciados para determinado(s) tipo(s) de conclusão(ões), orientação que está inscrita na própria língua e, portanto, não dedutível dos puros valores informativos. (BRANDÃO, 1999, p. 180)

E, para avaliarmos esse critério nas redações, pautamo-nos em Abreu (2000), que discrimina algumas das técnicas argumentativas. Embasados no autor, afirmamos que, numa redação de vestibular, de tipologia argumentativa *stricto sensu* e argumentativa não *stricto sensu*, espera-se que os produtores dos textos façam uso de argumentos Fundamentados na Estrutura do Real, não de argumentos Quase Lógicos²². Estes últimos dependem de crenças, de interpretações humanas, mais que de aspectos puramente formais. Essas condições os tornam frágeis, quando se trata do gênero aqui observado.

O mesmo se dá com os argumentos baseados no senso comum: são aceitos por um consenso, mas não podem ser realmente comprovados. Assim, quando os vestibulandos

²² Para o grupo de **argumentos Quase Lógicos**: 1) Causa/conseqüência; 2) Compatibilidade/Incompatibilidade; 3) Regra da justiça; 4) Retorsão; 5) Ridículo; 6) Definição; 7) Consenso.

Para o grupo de **argumentos fundamentados na Estrutura do Real**: 8) Argumento pragmático; 9) Analogia; 10) Comparação; 11) Exemplo; 12) Ilustração; 13) Modelo/antimodelo; 14) Argumento de Autoridade – citação; 15) Desperdício; 16) Baseado em provas concretas.

mencionaram que todos os problemas do Brasil poderiam ser resolvidos com sorte, crença, consciência etc., trata-se de elementos já cristalizados no senso comum, mas que não são os únicos fatores necessários para mudanças substanciais no país.

(15) Mas brasileiro que se preze, não se deixa abater, continua lutando. E com alegria. Esperança e um ótimo astral.

Ainda que este mesmo brasileiro não tenha o café da manhã ou não tenha o que fazer para o jantar, ele não perde o bom humor, faz parte da sua cultura, é brasileiro com muito orgulho. E é capaz de dividir o seu “pão” com um irmão menos favorecido que perdeu o seu barraco com suas poucas coisas com a enchente, (que aqui no Brasil é comum), está desempregado e doente, a sua única assistência médica é a fila interminável do Sus. E no Brasil existe uma quantidade bem expressiva de pessoas nestas condições, pobreza e miséria absoluta, e elas alegres, por incrível que possa parecer.

E ainda assim estes brasileiros “guerreiros” se saúdam lhes desejam **muita sorte. até porque é com essa sorte** e um inesgotável espírito de luta **que os fazem ter forças, esperanças e sonho pra continuarem vivendo.**

Porque brasileiro não desiste nunca. (2º a 5º parágrafos, redação 89)

- Fuga ao tema proposto:

(16) **Em busca de uma vida melhor**

O crescente número de desempregados no Brasil têm aumentado a pobreza na periferia das grandes cidades o exodo rural de pessoas que vivem no campo, em busca de melhores condições de vida aumento da violência.

Com a intensificação da tecnologia nas indústrias, e substituição dos trabalhadores pelas máquinas, causando o desemprego estrutural, e cada vez mais dessas pessoas sem mão de obra especializada, quando procura emprego, só escutam palavras tipo: “a vaga já foi preenchida ou não tem vaga”, desiludidas e excluídas do mercado de trabalho, não tem muito o que comemorar.

Com a grande mecanização do campo o trabalhador rural, tem se deslocado do campo para a cidade, à procura de melhores condições de trabalho, fazendo com que a cidade não preparada em infra estrutura, saúde, absorva grande contingente, às vezes dobrando o número de habitantes da cidade e aumentando a procura de emprego. Essas pessoas iludidas com uma vida melhor só encontram desprezo e preconceito. Sem condições de retornar com a família vão morar em barraco ou debaixo da ponte.

Sem emprego digno e perspectiva de vida melhor e cabeça baixa muitas dessas pessoas, para sobreviver entram no mundo do crime agravando ainda mais a violência nos grandes centros urbanos.

Portanto com a falta de oportunidade de emprego, aumento da pobreza, auto-estima baixo. O país necessita urgente de uma política de qualificação da mão de obra, infra-estrutura, educação escolar e geração de emprego e renda. (redação 147)

- Inferência não-autorizada:

Houve inferência não-autorizada quando a elaboração textual permitiu que se encontrasse um outro sentido para um dado trecho, porém sentido este não condizente com o contexto do mundo real, por isso, não aceito consensualmente.

(17) Frequentemente contribuimos para o agravamento de problemas sociais como o tráfico de drogas, que é financiado indiretamente por usuários, aumentando assim, a expansão da rede do tráfico e os lucros dos traficantes. **A compra de uma arma de fogo, com a intenção de ser utilizada exclusivamente para a defesa pessoal** pode até mesmo matar um ente da família. (3º parágrafo, redação 96)

- Falha quanto à argumentação; idéia não desenvolvida:

Também neste item abordamos a argumentação. No entanto, neste tópico, analisamos os casos em que os vestibulandos não fizeram uso de argumentos que pudessem comprovar suas assertivas. Assim, apenas lançaram uma dada concepção, porém não a desenvolvendo, fosse por meio de exemplos, ilustrações ou outros tipos de argumentos. Não apresentaram, para suas idéias, provas concretas, como dados da situação, estatísticas ou experimentos.

(18) O jeitinho brasileiro de viver

Muitas expressões são lembradas, quando se fala no povo brasileiro. Uma delas é o otimismo característico de um povo que muitas vezes passa por momentos difíceis mas que preserva e continua a se orgulhar do país em que vivem.

Com seu jeitinho peculiar dribla os problemas e procura sempre meios para solucionar-los, além de sempre ajudar ao próximo que também estiver precisando de ajuda. De forma geral o povo brasileiro é bastante receptivo, e é dessa forma que ele é conhecido em todo mundo.

O brasileiro sobrevive apesar do desemprego, da concentração de renda, da violência e do medo que ela causa, da impunidade, do poder aquisitivo cada vez menor, da corrupção e de tantos outros males que afeta o país.

É dessa motivação que nascem várias alternativas e que torna evidente a força e a perspicácia de um povo que busca em coisas simples uma solução, uma verdadeira forma de viver.

O Brasil tem seu sincretismo religioso e social como a base de uma cultura rica que torna o brasileiro um povo pacífico e que sabe se valorizar em todas as suas formas de expressão.

O Brasil é feito de um povo humilde, honesto, trabalhador, que sofre sob o julgo de vários fatores sociais, mas que sabe mostrar ao mundo uma força inexplicável e que nunca desiste de brilhar e existir. (redação 19)

B - Incoerências sintáticas:

- Falha no uso de conjunções e de elementos seqüenciadores:

Neste tópico, analisamos os conectores empregadas nos textos do *corpus*, como elementos que, uma vez empregados adequadamente, favoreceriam encadeamentos das idéias defendidas nas redações. Corresponderiam, nesses casos, a marcas lingüísticas que estabeleceriam relações entre os enunciados do texto. Analisamos, portanto, o mau uso desses recursos nos textos estudados, produzidos na situação de vestibular.

(19) O mal maior causado pelo delito menor

Delito ou esperteza? Cada vez que uma pessoa julga-se mais esperta que outra, tem-se a balança da igualdade social pendendo a um lado. E dessa falta de equilíbrio o caos pareceria mais próximo.

Do próprio viver em sociedade é inerente a perda de algumas liberdades na busca daquilo que se precisa para a sobrevivência. **Dessa forma**, práticas ilícitas ou eticamente pobres ferem essa junção de pessoas. A começar pelas menores formas de desvio legal. Todo pequeno furto, toda lei de trânsito violada ou qualquer agressão à lei faz-se do desrespeito a determinada ordem criada justamente para assegurar a vida; **pois** é sabido o grau de dependência humana a grupo para poder se manter.

[...]

A inclinação do indivíduo pensando fazer um outro ludibriado corre o risco de, com sua falta de honestidade ainda pequena, fragmentar a unidade social. Sob o foco da ética e da lei o mosaico de delitos forma uma figura maior e mais perigosa: o caos. Sair da organização indo até ao estado do cada um por si é irracional, **pois** remete ao fato de que se é possível evitar crimes maiores, também é possível não se beneficiar de algo pequeno que irá fazer pouca diferença ou pouco duradoura para si e trará mal tão grande à sociedade. (redação 117)

- Falha no uso de elementos substituidores (referenciação, pelo emprego inadequado de pronomes, artigos, advérbios ou nomes (genéricos ou por substituição)):

(20) Concluindo, os pequenos e bons exemplos para a boa formação do caráter do indivíduo tem sua base na família e devem continuar na escola, nos meios de comunicação, enfim na sociedade em geral porque todos **esses** são influenciadores dessa formação. (5º parágrafo, redação 07)

- Ausência de elemento coesivo cujo uso se faz necessário:

(21) Preocupado com essa questão o governo brasileiro lançou uma campanha publicitária incitando os brasileiros a nunca desistirem e terem orgulho de quem são. Casos de pessoas que passaram por tremendas dificuldades e de como superaram tudo isso são mostrados.

[]²³ Um grande exemplo de como somos otimistas está no próprio presidente Lula. Enfrentando gravíssimos problemas sociais e políticos, ainda assim prevê um ótimo ano.

[] O brasileiro, diferentemente de outras culturas, é sonhador à medida que sempre mantém a esperança até o fim, mas é ao mesmo tempo um batalhador, não se dando ao luxo de tirar os dois pés do chão, pois sabe que as dificuldades estão sempre à espreita.

Concluindo o pensamento, o país pode sim estar passando por uma fase de baixo-astrol, mas usa população é otimista e sempre consegue enxergar pontos positivos nas maiores dificuldades. O brasileiro é um povo destinado ao sucesso, mesmo que isso demore séculos, pois o que importa é que não desistimos nunca. (3º a 5º parágrafos, redação 124)

C - Incoerências estilísticas:

- Léxico ou estruturação sintática que fogem à norma padrão da língua (por exemplo, gírias, emprego do verbo “ter” no sentido de existir etc.) – vocábulos ou expressões coloquiais:

(22) É uma grande população carente tentando sobreviver; uma roda viva onde seus concorrentes fazem parte do grupo de filhos do “colarinho branco”; onde a máfia do crime organizado tem força e domínio pois vivemos hoje em um mundo onde “vença o melhor” **já era...**, tem dinheiro? **tá tudo certo**; vença quem tem mais. Mais corrupção; menos emprego e mais; muito mais violência, com isso lembramos das nossa infância, tínhamos uma certa tranquilidade, ao sairmos nas ruas não víamos tanta crueldade, tanta violência, saíamos com nossos pais e hoje é muito difícil sair com nossos filhos. Se ficamos em casa; ao ligar a televisão o que **a gente** vê? A realidade sendo usada pelos jornais sensacionalistas; imagens de pais de família sendo explorada. Chegamos ao ridículo dessa situação, desemprego gera fome também. (2º parágrafo, redação 53)

D - Incoerências semânticas:

- Relações inadequadas entre idéias: equivalem às orações seqüenciadas, de mesma temática, mas cujos conteúdos não podem ser combinados por não terem estabelecida entre si

²³ Os colchetes marcam o local em que deveria haver o elemento coesivo.

a relação uma vez pretendida, fosse ela de explicação, de justificativa, de consequência ou outra.

(23) A alegria invade qualquer espaço no Brasil. Não há como negar que esperança e otimismo o brasileiros têm, e muito. Muitos especialistas dizem o contrário, que **o Brasil é um país** de desesperançosos e **de pessoas sem cultura. Sem cultura a ponto de não acreditar no que seus governantes e especialistas afirmarem.** Tudo “conversa pra boi dormir”, apenas pretexto para humilhar um povo sofrido, mas nunca desiludido. (1º parágrafo, redação 59)

- Incompatibilidades semânticas entre vocábulos: os significados dos termos empregados não combinam.

(24) Do próprio viver em sociedade é inerente a perda de algumas liberdades na busca daquilo que se precisa para a sobrevivência. Dessa forma, práticas ilícitas ou eticamente pobres ferem essa junção de pessoas. A começar pelas menores formas de **desvio legal**. Todo pequeno furto, toda lei de trânsito violada ou qualquer agressão à lei faz-se do desrespeito a determinada ordem criada justamente para assegurar a vida; pois é sabido o grau de dependência humana a grupo para poder se manter.

- Uso de palavras imprecisas (coisa, troço, negócio etc.), o que demonstra desconhecimento vocabular:

(25) O que resta ao brasileiro é desilusão e frustração e não esperar nada do futuro já que a **coisa** tende a piorar cada vez mais se continuar como está.. (3º parágrafo, redação 04)

- Emprego de vocábulo inexistente (neologismo, que parte da associação com outros termos da língua):

(26) Mesmo o país em estado **colonioso**, o Brasil é um país sonhador. Sejam pelas várias crises sociais e econômicas vividas no país, o brasileiro ainda dorme com esperança de um amanhã melhor. (1º parágrafo, redação 18)

Cabe ressaltar que as ocorrências não são estanques e uma falha em determinado campo pode interferir em outro. Por exemplo, uma falha de ordem sintática pode bloquear a compreensão e não permitir que a informação seja recebida com perfeição, esta não sendo compreendida em sua totalidade. Nesse caso, se não há comunicação (emissão e recepção, conjuntamente), a falha é também de ordem pragmática.

Nessa seção, foram apresentados os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa. Da mesma forma, os objetivos, as hipóteses e as questões a serem respondidas foram apresentados, direcionando, assim, o trabalho de análise desenvolvido.

No capítulo seguinte, procederemos à apresentação e discussão dos dados obtidos.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção destina-se a descrever e discutir as incoerências locais encontradas no *corpus* de análise. Como já mencionado anteriormente, todo o estudo pautou-se nas propostas de Van Dijk e Kintsch (1983) e Van Dijk (1981), que estabelecem quatro tipos de coerência local: pragmática, estilística, semântica e sintática.

Não coube aqui a distinção de perfis por áreas acadêmicas. Assim, o perfil delineado corresponde a uma caracterização geral, estendida a todos os estudantes que se inscrevem em um processo vestibular.

Vale reforçar a idéia de que os critérios de análise dos textos basearam-se nesse contexto específico de produção, principalmente porque trabalhamos com o conceito de gênero textual. Assim, a situação de produção foi sempre retomada quando se consideraram as incoerências discriminadas no *corpus*.

4.1. Quantificação das incoerências

Ao pontuarmos os critérios que nortearam a correção dos textos que compuseram o *corpus*, dezenove subtipos de falhas passaram a constituir os quatro tipos de incoerência local, alicerçados nas propostas de Van Dijk e Kintsch (1983) e Van Dijk (1981). Onze dessas falhas são de ordem pragmática; três, sintática; uma, estilística; e quatro, semântica.

Ao pontuarmos essas possibilidades de desvio propostas para análise e ao quantificarmos-las, pudemos perceber em que área se dá a maior incidência de falhas. Constatou-se, pois, que os alunos são carentes quanto à capacidade de fazerem de seu texto

um todo comunicativo, ou seja, claro, desprovido de ambigüidades e contradições; um texto que apresente seqüenciação de idéias, que atenda satisfatoriamente às exigências do gênero, nesse contexto de produção específico.

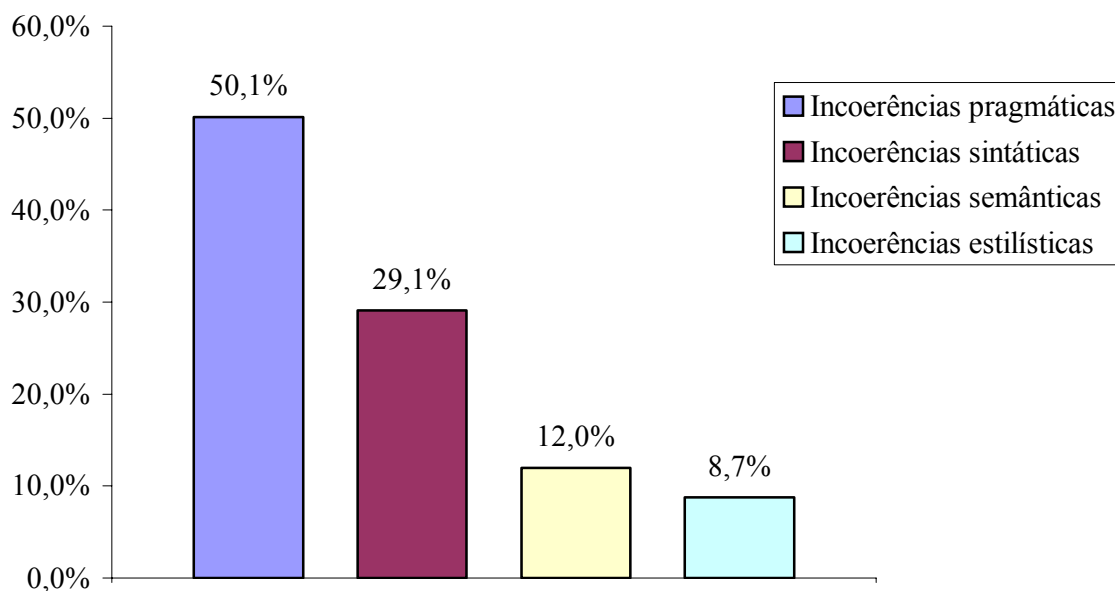


Gráfico 1: Porcentagem de inadequações por tipo de incoerência local.

Assim, conforme mostrado no Gráfico 1, 50,1% dos problemas quantificados foram de ordem pragmática. Em segundo lugar, apareceram os problemas sintáticos, envolvendo coesão textual.

As incoerências sintáticas equivalem a um problema de grande ordem, uma vez que reconhecemos a importância do emprego de elementos coesivos em um texto escrito, principalmente nesse gênero em questão, caracterizado por ser constituído de textos altamente coesos. Na pesquisa feita, constatou-se o uso inadequado de conectores, falhas no processo de referenciação e ausência de elementos coesivos necessários, principalmente. O dado estatístico que se configurou com a pesquisa mostra que os estudantes não visualizam a aplicação gramatical na interlocução, principalmente no que se refere à escrita.

Os índices de incoerências pragmáticas e sintáticas foram consideráveis e, portanto, comprovam a grande dificuldade dos alunos de veicularem idéias, conceitos, interligando-os

com clareza. Além disso, desconhecimentos nessas áreas favoreceram o aparecimento de inúmeras construções truncadas, com ausência de dados elementares inclusive. Trata-se de duas áreas cujos elementos constituintes correspondem a aspectos fundamentais da estruturação de um texto e, no entanto, foram aqueles que sofreram maiores prejuízos com as inabilidades dos alunos. Em determinados textos, por exemplo, houve o que se pode considerar “não texto”, conforme Beaugrande e Dressler (1981). Ou seja, de tão mal estruturadas que foram algumas das redações, estas nem mesmo podem ser chamadas “textos”, pois não se consegue construir sentido único e claro para os escritos.

Já 12,0% das falhas se deram quanto ao estabelecimento de relações semânticas entre termos e idéias. Esse item analisado corresponde ao uso inadequado de palavras e expressões lingüísticas, no que se refere a problemas de ordem vocabular na construção do sentido local do texto. Também se referem à impossibilidade de se estabelecer relações entre as idéias veiculadas por orações distintas, uma vez que os valores semânticos de que são portadoras não combinam.

Ainda que 12,0% não sejam considerados uma porcentagem de relevância, trata-se de um problema que, de alguma forma, pode interferir em outras áreas, inclusive nos aspectos sintáticos. Por exemplo, por não se perceber o significado de um determinado vocábulo, o produtor do texto pode fazer uma referência inadequada, no que se refere a sinonímia, hiponímia ou hiperonímia. Ou ainda, pela dificuldade de interligação de idéias conforme as significações envolvidas, determinadas relações sintáticas por meio de conectores acabam também sendo falhas. Ou seja, trata-se de uma porcentagem baixa, porém que não deve ser desconsiderada. Representa, assim, um problema a ser solucionado num contexto de sala de aula e que merece atenção nos momentos de elaboração e correção textuais.

Por fim, quanto às dificuldades relacionadas aos aspectos estilísticos, estas corresponderam a 8,7% do total de falhas, ou seja, mais uma porcentagem também baixa.

Problemas dessa ordem abrangeram as variações de registro, a construções que fugiram ao padrão culto e normativo da língua. No *corpus* de análise, o que se evidenciou quanto a esses aspectos é o desconhecimento do que vem a ser ou não variante coloquial, e/ou o ignorar das condições de produção do gênero, o que facilitou o aparecimento de construções impróprias em tal contexto.

TABELA 1

Porcentagem de ocorrência das falhas de coerência local pragmática

Tipos de problemas encontrados	Porcentagem de ocorrência
Falta de clareza na exposição de idéias	16,4%
Falha quanto à informatividade	5,9%
Fuga à verossimilhança	5,4%
Idéia fragmentada / não desenvolvida	4,5%
Falta de seqüenciação/continuidade das idéias	3,8%
Ambigüidade	3,3%
Inferência não-autorizada	3,0%
Contradições	2,4%
Desobediência ao quesito “situacionalidade”	2,2%
Fuga ao tema proposto	1,8%
Argumentação inconsistente	1,4%

A Tabela 1 permite-nos visualizar com clareza qual foi a área em que os vestibulandos apresentaram maior dificuldade na estruturação de textos escritos do gênero redação. Trata-se, como já se esperava (uma das hipóteses traçadas para a pesquisa), de problemas relacionados à construção clara do texto, situação que englobou 16,4% das ocorrências. Assim, ratificamos que uma grande parte dos alunos tem dificuldades em produzir seus textos com suficiência de dados para a compreensão das informações por parte do leitor. As construções frasais, muitas vezes, caracterizaram-se por serem truncadas e desprovidas de uma série de elementos gramaticais e semânticos, fundamentais para a compreensão do texto.

TABELA 2

Porcentagem de ocorrência das falhas de coerência local sintática

Tipos de problemas encontrados	Porcentagem de ocorrência
Ausência de elemento coesivo cujo uso se faz necessário	14,3%
Falha no uso de elementos substituidores (referenciação)	12,6%
Falha no uso de elementos seqüenciadores /conjunções	2,2%

Já a Tabela 2, mostra-nos o segundo maior índice de problemas que verificamos nessa pesquisa. Assim, em segundo lugar, com 14,3% das ocorrências, o maior número de falhas se deu quanto ao processo de referenciação e seqüenciação, no que se refere à ausência de elementos coesivos, os quais promoveriam a junção e seqüenciação de idéias e fatos.

Portanto, vemos que, em grande parte das ocorrências, os vestibulandos não conseguem identificar a necessidade do emprego de elementos coesivos. Não percebem que, sem os elos, muitas vezes não se consegue recobrar os sujeitos e/ou objetos das sentenças que produzem. Ou, em outros casos, o fato de não fazerem uso de referentes favorece o aparecimento de construções ambíguas e truncadas.

Em terceiro lugar aparecem as falhas quanto ao processo de referenciação, pelo emprego inadequado de pronomes, artigos, advérbios ou nomes (genéricos ou por substituição), atingindo índice de 12,6%. Dentro dessa porcentagem, 2,1% das ocorrências de emprego inadequado de pronomes equivaleram também a construções ambíguas, ou seja, trata-se de um exemplo de situação em que houve sobreposição de tipos de incoerências. Nesse caso, falhas de ordem sintática culminaram também em problemas pragmáticos.

Também problemas de referenciação por sinonímia, hiponímia, hiperonímia e, até mesmo, por referentes nominais outros, acabaram por constituir uma interseção com os problemas semânticos. Isso se deu uma vez que o uso de referentes envolve a significação dos termos e sua relação semântica com outros elementos que favorecem a construção do significado do texto.

TABELA 3

Porcentagem de ocorrência das falhas de coerência local estilística

Tipos de problemas encontrados	Porcentagem de ocorrência
Léxico e/ou estruturação sintática que fogem à norma padrão da língua	8,7%

Já em quarto lugar, conforme a Tabela 3, ressaltamos a inadequação da variante lingüística empregada nos textos.

TABELA 4

Porcentagem de ocorrência das falhas de coerência local semântica

Tipos de problemas encontrados	Porcentagem de ocorrência
Incompatibilidades semânticas entre vocábulos	7,6%
Inadequadas relações entre idéias veiculadas por orações distintas	3,0%
Uso de palavras imprecisas	1,1%
Emprego de vocábulo inexistente na língua portuguesa	0,3%

Bem próximas à porcentagem que se encontrou para o emprego inadequado de variante lingüística foram as ocorrências de incompatibilidades semânticas entre vocábulos, conforme Tabela 4: 7,6%. Os demais índices alcançados, se comparados com os demais, foram bastante baixos, variando entre 5,9 e 0,3%.

Uma vez configurado o perfil geral dos vestibulandos quanto à competência que apresentaram ter para a produção de textos escritos, passa-se, então, a uma análise mais detalhada e crítica dos problemas encontrados, buscando-se visualizar com clareza os traços que os delimitam. Assim, os próximos itens abordados constituirão os critérios de correção que definiram a análise dos textos. Trata-se de um processo de análise específica e necessária, que permitiu a organização dos dados obtidos e as conclusões traçadas.

4.1.1. Incoerências pragmáticas

Fizemos a análise do *corpus* com base no que Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) propõem como coerência pragmática, distribuindo esta em onze aspectos distintos, observados nos textos estudados. A análise pormenorizada permitiu-nos a construção do seguinte gráfico:

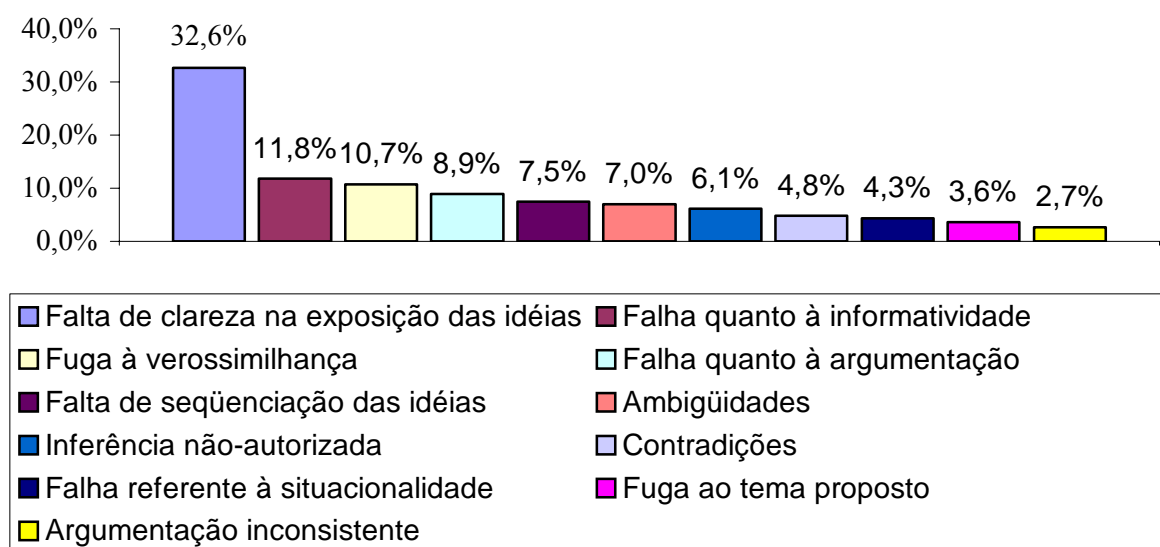


Gráfico 2: Porcentagem de falhas por critério definido para incoerências pragmáticas.

O Gráfico 2 apresenta a porcentagem de falhas quanto aos aspectos pragmáticos. E, uma vez que o foco recaiu sobre esses aspectos, consideramos um total de 100% para falhas dessa ordem, o que explica as porcentagens diferentes em relação à tabela 1.

A seguir, a partir dos dados contidos no Gráfico 2, passaremos à análise detalhada de cada um dos fatores de coerência pragmática.

1.1.1.1. Ambigüidades

Para Mandryk e Faraco (2002, p. 10), a clareza é a maior qualidade de um texto, pois permite que o conteúdo anunciado atinja, proficuamente, sua função prática de interação social. Assim, um texto deve ser construído de forma a favorecer a construção do sentido desejado; imprecisões, ambigüidades, portanto, não são admitidas.

Ao contrário disso, 50% dos textos analisados apresentaram falhas que envolveram trechos ambíguos. Ou seja, em todas essas produções, foram percebidos trechos em que, ou pela má elaboração verbal, ou pelo uso indevido de referentes ou ainda pela ausência destes, foram possíveis duas interpretações distintas para uma mesma construção.

Vejamos o exemplo a seguir:

(27) O brasileiro vê seu salário mensal durando cada vez menos, vê seu emprego e o mercado de trabalho exigindo cada vez mais experiência e formação, **vê seus filhos saindo de casa sabendo como anda a violência nas ruas**, mas batalha, trabalha, às vezes em mais de um emprego, e não perde a esperança. (3º parágrafo, redação 2)

No excerto acima, encontramos dificuldades para a distinção da pessoa que sabe como “anda a violência nas ruas”: os filhos saem de casa sabendo da existência e persistência dela? Ou são os pais (o brasileiro) que sabem da violência e observam seus filhos saindo de casa, sem nada poderem fazer?

De acordo com a seqüenciação das idéias, entende-se que quem tem o conhecimento da presença da violência nas ruas do país é o brasileiro – os pais. E também se chega a essa conclusão a partir de uma das metaestratégias²⁴ propostas por Van Dijk e Kintsch (1983), ao abordarem como se dá a compreensão pragmática e ainda quais os mecanismos para os quais se pode apelar a fim de que seja estabelecida a coerência. Mencionam que

²⁴ Metaestratégia corresponde a uma estratégia que controla uma série de outras.

[...] o estabelecimento da coerência local é estratégico. Nós não temos meramente regras que definem as condições que fazem coerentes sucessões de proposições, mas também, ou antes disso, temos estratégias que processam informação de várias fontes de tal modo que a coerência pode ser estabelecida de uma maneira efetiva e flexível.²⁵ (VAN DIJK; KINTSCH, 1983, p. 152, tradução nossa.)

Nesse sentido, poderíamos retomar a metaestratégia que preconiza a maximização de hipóteses: deve-se fazer uma melhor suposição acerca dos motivos de as proposições estarem relacionadas, verificando-se a que ponto se chegará com essa possível relação estabelecida. Por esse procedimento, entende-se com maior clareza o trecho transcrito em (27), a partir do momento em que o leitor contribuir substancialmente com a construção da coerência.

No entanto, nesse contexto de análise, o trecho figura claramente uma má construção frasal, o que permite dupla interpretação. E, dado o contexto avaliativo, essa contribuição do leitor deve ser menos abrangente e significativa.

Ratificando essa última assertiva, Bentes (2001, in MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. 2001) aponta que a contribuição do interlocutor dependerá, dentre outros fatores, de seu papel social.

[...] a atitude do leitor ou destinatário ante uma determinada produção textual pode ser mais ou menos cooperativa; isso dependerá de uma série de fatores, entre eles, o próprio papel social do leitor ou do destinatário: um crítico de arte (seja ele especificamente crítico de música, de obras literárias, de artes plásticas etc.), um professor de língua e/ou literatura, um editor chefe de uma redação de jornal, um assessor de editora etc., até porque suas atividades profissionais dizem respeito à compreensão analítica das diferentes linguagens, deverão ler e/ou ouvir os textos de maneira diferente daquela de outros leitores e/ou destinatários das mesmas produções textuais; (BENTES, 2001, in: MUSSALIM; BENTES, 2001, p. 260)

Então, quanto ao contexto de vestibular, é grande a exigência quanto à qualidade do texto produzido pelo vestibulando, uma vez que não há cooperação por parte da banca no que

²⁵ [...] the establishment of local coherence is strategic. We do not merely have rules which define the conditions that make sequences of propositions coherent, but also, or rather, we have strategies which process information from various sources in such a way that coherence can be established in an effective and flexible manner.

se refere ao aprendizado do candidato. Os professores-leitores, nesse sentido, não podem sugerir melhorias ao apontar falhas, por exemplo.

No fragmento (28), também pode ser verificada uma construção ambígua:

(28) Desde a colonização do Brasil pelos portugueses, que somos apontados como, sendo um povo alegre e feliz, pois os portugueses quando chegaram aqui fizeram seus relatos dizendo que aqui se encontravam criaturas belas, rostos bem formados pele morena, e com expressões alegres e felizes. A partir desse momento começa a luta **destes povos** em busca de conquistas e de sua sobrevivência, mas os europeus foram chegando, instalando-se e dizimando grande parte **dessa população com doenças fome** etc. hoje graças a esta “colonização” somos qualificados de otimistas e lutadores. (1º parágrafo, redação 25)

Como percebemos, em um único parágrafo, há três construções ambíguas. Primeiramente, podemos questionar de que povos se trata: foram os brasileiros ou os portugueses que começaram a luta em busca de conquistas e de sobrevivência? Nem mesmo pelo conhecimento de mundo que possui, o leitor conseguiria desfazer essa ambigüidade.

Pelo que sabemos a respeito da chegada dos portugueses ao Brasil, seria aos índios que aqui viviam que o texto remete nessa primeira referência. Porém, estes não precisaram ir à busca de conquistas. Ao contrário, quem estava disposto a conquistar algo era o português, cujo propósito se resumia a isto: conquistar territórios e colonizá-los. Porém, os portugueses também tiveram dificuldades de sobrevivência aqui, uma vez que foi necessário que se adaptassem às condições climáticas do país tropical recém-descoberto e sem infra-estrutura.

No entanto, com a chegada desses europeus, os nativos, da mesma maneira, tiveram que lutar para sobreviver e manter a posse de seus territórios. Muitos deles, inclusive, acabaram sendo dizimados e destituídos da terra que possuíam.

A possibilidade interpretarmos o trecho dando-lhe diversos sentidos permite-nos caracterizá-lo como confuso e mal construído. Além disso, ao serem admitidas determinadas combinações lingüísticas possíveis, o sentido que se configura choca com o conhecimento de mundo que temos a respeito da temática.

Já a segunda ocorrência de ambigüidade é conseqüência da primeira: se não sabemos de que povo se trata, também não podemos saber que população é essa que foi dizimada. “Dessa população” tem o mesmo referente de “destes povos”. Inclusive, por se tratar de substantivos acompanhados de pronomes demonstrativos cujos referentes estariam no texto (e seria mais adequado que se homogeneizasse o uso de pronomes demonstrativos de primeira ou segunda pessoa), essa ocorrência também foi contabilizada nas incoerências sintáticas quanto ao emprego de pronomes inadequados.

Por sua vez, na terceira ocorrência, podemos entender que: ou os europeus instalaram-se e dizimaram, por fome e por doenças, a população do local; ou que a população dizimada sofria com a fome e com doenças.

Já no excerto (29), o problema advém de uma construção sintática mal feita. Trata-se de uma falha gramatical que teve implicações de ordem pragmática por não se repetir o uso de uma preposição:

(29) Hoje em dia, **urge parar de tentar dar um jeitinho e achar que o normal é fazer porque todos fazem**, de preferência coisas erradas ou mesmo que tragam danos a alguém. (2º parágrafo, redação 28)

Como podemos registrar, há duas possíveis interpretações para o trecho: 1) “urge parar de tentar dar um jeitinho” e, além disso, **urge** “achar que o normal é fazer porque todos fazem”; e 2) “urge parar de tentar dar um jeitinho” e (parar) **de** “achar que o normal é fazer porque todos fazem”.

Pela idéia defendida ao longo do desenvolvimento do texto, vemos que a intenção primeira era transmitir a mensagem exposta em 2. No entanto, como já dito, sendo possível ou não a discriminação do sentido, o fato que não pode ser ignorado é o trecho caracterizar-se por ser mal construído, o que impede ou dificulta a compreensão da mensagem, tal qual foi o

intento do redator. Assim, considerando-se o contexto de produção, esse tipo de falta não pode ser ignorado.

1.1.1.2. Contradições

Em um texto coerente, não se admite que o produtor faça afirmações antagônicas a respeito de um mesmo fato. A não ser a partir de construções lingüísticas que permitam ressalvas ou comentários que promovam o entendimento sem prejuízos. Por exemplo, pode-se construir um texto conforme mostrado por Bernárdez (1982, p. 99):

- (30) - Que idade tem seu irmão?
 - Tem agora 56 anos. Estamos ficando velhos. Eu já tenho 49. Espere... Não pode ser. Meu irmão não pode ter 56 anos, porque é oito anos mais velho que eu!

O texto acima se diferencia substancialmente da construção “Meu irmão tem agora 56 anos e não pode ter 56 anos porque é oito anos mais velho que eu”²⁶. E dessa última exemplificação contraditória aproxima-se a transcrição abaixo:

- (31) O brasileiro é um povo muito otimista e não se deixa abater por qualquer coisa, mesmo quando está cheio de problemas a sua volta; desempregado, doente, endividado, etc, basta um jogo da seleção de futebol; o carnaval ou as olimpíadas, que o brasileiro ao ver seus irmãos compatriotas em alguma festividade, ele esquece tudo de Ruim e levanta usa auto-estima.

O povo brasileiro está sempre achando que vai melhorar em todos os aspectos, **pois nunca cansa de trabalhar e se acomoda.** [...]

Contudo, o nosso país, através de seus condutores, sejam governantes empresários ou intelectuais, entre outros, precisa é dar oportunidades a essa gente que é desbravadora, para que possam ter condições de lutar por melhores condições de vida e diminuir os constrastes erguidos na sociedade brasileira através dos séculos. (1º, 3º e 4º parágrafos, redação 154)

²⁶ Bernárdez (1982, p. 99).

O trecho (31), devido a uma má construção da frase, parece-nos contraditório. E foi o fato de não se repetir o advérbio na segunda oração que desencadeou o problema. Assim, ao ser lida, a sentença parece informar que o brasileiro está sempre trabalhando e, além disso, está também acomodado. Nesse sentido, a conjunção “e” somaria ambas as idéias distintas, porém caracterizadoras da conduta do brasileiro.

No entanto, os sentidos e respectivas abrangências semânticas dos termos “trabalhar” e “acomodar” não permitem que figurem, simultaneamente, num mesmo contexto, caracterizando um indivíduo a respeito de um único fator. Além disso, ao contrário do que se pode entender da construção mostrada em (31), a seqüência de idéias na redação 154 favorece a leitura de que o brasileiro trabalha, luta, apesar de todos os problemas que ele enfrenta. Por esse motivo, acreditando num futuro melhor por buscá-lo dia-a-dia, o brasileiro não se deixa abater e transmite um otimismo constante. Dessa forma, a construção mostrada em (32) seria mais adequada, esclarecendo a contradição via repetição do advérbio:

(32) O povo brasileiro está sempre achando que vai melhorar em todos os aspectos, pois nunca se cansa de trabalhar e **nunca** se acomoda.

De igual maneira, a redação a seguir apresenta idéias que se contradizem:

(33) Um Brasil solidário

O Brasil é um país que, ao longo dos anos vem passando por inúmeras crises. Em pleno século XXI, continuamos enfrentando-as. O que prova que os brasileiros apesar das crises não desistem nunca de viver, bastando apenas sua união solidária para viver em um país melhor.

Para viver com mais dignidade é **preciso muito otimismo** da parte do povo brasileiro. **Não adianta se conformar** com a violência, a inflação, miséria, falta de recursos tanto na área de saúde, quanto na área de educação. **Devemos observar que comparando nossa realidade com a de povos que vivem na Ásia, África e Índia, observamos que a realidade de suas vidas é pior que a nossa.** (1º e 2º parágrafos, redação 76)

No segundo parágrafo, percebe-se contradição quanto às idéias veiculadas pelos termos “otimismo” e “conformismo”. Num primeiro momento, afirmou-se que, para se viver com dignidade, é preciso ter otimismo, ou seja, julgar tudo o melhor possível. Em seguida, afirma-se que apenas se conformar com a situação que vigora no país não resolve os problemas que o assolam.

No entanto, a idéia de ação, de busca por melhorias não está intrínseca em “otimismo”. Ao contrário, esse significa simplesmente acreditar, crer que tudo vai ou que tudo irá bem. Assim, uma pessoa otimista pode ser vista também como conformada, já que seu otimismo não necessariamente reflete prática em busca de melhorias nas quais acredita.

Além disso, a própria idéia defendida de que o povo brasileiro deve agir em busca de futuras conquistas em seu benefício é negada quando se afirma que devemos comparar a nossa realidade com a de outros continentes em situações piores: ora, isso significa que devemos nos conformar com o que nos é oferecido e com o que vivenciamos, uma vez que, comparados a outros exemplos, estamos em uma situação de privilégio.

Cerca de 40% dos textos apresentaram problemas quanto a contradição. Esse alto índice mostra que uma boa parte dos alunos não analisa as informações que transcreve em suas produções; não lhes avalia o teor semântico. Assim, não busca construir um sentido autêntico e único, apresentando dados e argumentos que levem o leitor a uma dada conclusão. Conseqüentemente, não percebem a incompatibilidade entre informações que constituem os textos que produzem.

4.1.1.3. Falhas referentes à “situacionalidade”

A avaliação de incoerências locais quanto à obediência ao contexto de produção envolveu o aparecimento indevido de trechos apelativos, de sentimentalismo piegas, de

referências ao texto motivador e de diálogos (característicos de textos narrativos e/ou de linguagem apelativa).

Trata-se de um fator pragmático porque, ao se ler uma redação de vestibular, espera-se que a atuação informacional e comunicativa se dê conforme o contexto de produção, atendendo às expectativas da banca avaliadora. No entanto, desvios dessa ordem prejudicariam, de alguma maneira, o discurso apropriado para essa situação. Espera-se que se argumente, principalmente, empregando-se analogias, exemplificações e provas concretas; o que foge a isso, não atende à expectativa.

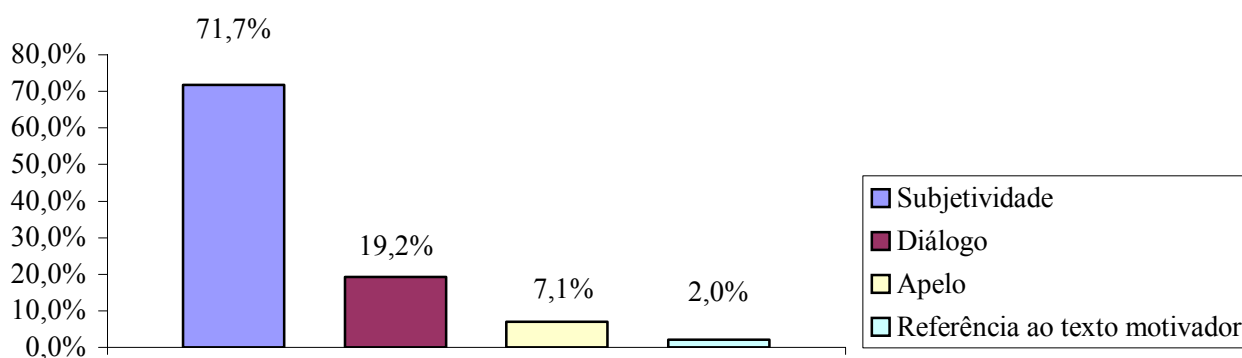


Gráfico 3: Distribuição, em porcentagem, das falhas referentes à situacionalidade.

No total das incoerências pragmáticas quantificadas a partir do *corpus*, falhas quanto à situacionalidade alcançaram uma baixa porcentagem de 4,3%. E, como mostrado no Gráfico 3, a maior parte dos alunos apresenta problemas nesse aspecto por construir trechos marcados, em maior ou menor grau, por um certo sentimentalismo, o que fere o caráter objetivo do texto. Tais trechos são, portanto, caracterizados pelo aspecto poético de que são carregados.

A partir dessas construções encontradas nas redações de vestibular, ratificamos o fato de que a reflexão e o afastamento mínimo por parte do produtor do texto é fundamental para que se atenda a uma das características básicas da redação: a reflexão racional. Esse afastamento favorece o alto teor argumentativo, que tenderá a ser pautado em provas concretas, em analogias, em exemplificações e ilustrações, em modelos, ou seja, em

argumentos fundamentados na estrutura do real, segundo Abreu (2000), que sustentariam com maior proficiência as idéias defendidas.

Ao contrário disso, os argumentos apresentados a partir do apelo ao sentimental ligam-se ao que se chama “consenso” – opiniões baseadas no senso comum. São dizeres aceitos pela tradição, por repetirem-se constante e socialmente²⁷. Sob o ponto de vista formal, são, pois, de baixo valor argumentativo, uma vez que podem ser facilmente invalidados, segundo as próprias crenças do interlocutor e conforme fatos comprováveis social, estatística e/ou cientificamente.

A fácil invalidação reside no fato de que estariam ligados à idéia de persuasão apresentada por Citelli (1991). Para o autor, persuadir significa apelar para o emocional, não necessariamente se recorrendo a verdades, mas a elementos que apresentam, pelo menos, verossimilhança com a estrutura do real.

Nos trechos transcritos abaixo, por exemplo, deparamo-nos com construções altamente sentimentais, em que se apela, inclusive, para o emprego de termos que transmitem uma certa virtuosidade, ou seja, palavras retiradas do sistema de valores da sociedade e que tendem a produzir uma imagem positiva do brasileiro. São termos que, até mesmo, despertam no leitor uma certa compaixão para com o povo dessa nacionalidade. Assim, nos excertos (34) e (35), vemos prevalecer a subjetividade do produtor, em contraposição à objetividade esperada:

(34) Realidade essa, nem sempre feliz, mas edificante. Capaz de fazer-nos olhar adiante, enxergarmos aqueles que trafegam conosco pela mesma estrada, por vezes hostil, por vezes repleta de paisagens angelicais, que incitam-nos a todo momento a buscar outras paragens e mantermos a marcha. (6º parágrafo, redação 05)

²⁷ Há autores, como Ducrot, que considerariam tais argumentos como de autoridade – o senso comum. O que não é o caso no presente trabalho, dado o gênero com que trabalhamos. Neste, avaliamos a capacidade de argumentação do próprio aluno, pautando-se em fatos; não valorizamos a sua capacidade de transpor para o papel a opinião de outros, da sociedade em geral, opinião esta carregada de sentimentalismo, de subjetividade, e pouco ou nada factual, comprovada socialmente.

(35) Esse povo sabe valorizar o pouco que lhe é oferecido. Somos generosos e ficamos confortados ao ajudarmos uma instituição, ao alimentarmos uma criança pobre que nos pede comida ou mesmo quando rezamos e exercemos nossa fé. Lutamos para viver e compensamos os problemas e dificuldades com cada alegria.

A esperança é alimentada em cada diversão, em cada sorriso, na vitória de uma etapa complicada, no carinho da família, no carnaval, na boa culinária, nas belas praias e paisagens. (4º e 5º parágrafos, redação 21)

Já na redação cujo terceiro parágrafo foi transcrito abaixo, podemos perceber a recorrência a elementos que compõem a crença geral, o que corresponde a um outro tipo de subjetividade, mas que, da mesma forma, pauta-se no senso comum, não constituindo fatos, o que inviabiliza esse tipo de argumentação.

(36) Diante de tudo isso o que fazer? **A única saída é** aumentarmos a nossa própria segurança para que não sejamos vítimas da violência e **rezar**. **Rezar** para que o governo reconheça que do jeito que está o nosso país a única saída é investir em segurança e acabar com a impunidade e corrupção começando dos próprios deputados e depois partindo para a população. Enquanto isso não chega só nos resta mesmo fazer nossa parte e **esperar que Deus atenda às nossas preces**. (3º parágrafo, redação 04)

Esperar que Deus aja pelos humanos e rezar como alternativa para a solução de problemas constituem argumentos da ordem do consenso. Representam um comportamento aceito pela tradição, por repetir-se constante e socialmente. No entanto, sob o ponto de vista formal, são de baixo valor argumentativo, uma vez que podem ser facilmente invalidados até mesmo pelas próprias crenças do interlocutor. Da mesma forma, esse tipo de ocorrência equivale, também, ao item argumentação inconsistente, que será discutido num momento posterior.

Quanto aos apelos, estes também não são característicos do gênero redação de vestibular. No entanto, em várias produções, apareceram sentenças em que o produtor dos textos se dirige ao leitor, convidando-o a contribuir com determinadas ações. Em

determinadas situações, trata-se, inclusive, de um diálogo indevido que se buscou estabelecer com o leitor do texto. Vejamos os exemplos a seguir:

(37) Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se elegermos um governante e este não atende aos interesses de seus eleitores a população jovem se manifesta, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder, mesmo nas camadas mais pobres encontramos trassos de otimismo e esperança quando há favelas, pessoas que perderam tudo ainda encontram palavras otimistas dando entrevistas aos reporteres que lá estão, nossos atletas mesmo derrotados em suas competições, são otimistas e dizem na próxima venceremos, é como disse o poeta os brasileiros são alegres e felizes, pois o “Brasil é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza” **então façamos as palavras do poeta sejamos felizes, lutadores, e objetivos buscando a cada dia novas conquistas com alegria e otimismo.** (2º parágrafo, redação 25)

(38) Se a modéstia para os cristãos é uma virtude e para Aristóteles é um vício por falta de respeito próprio; podemos simplesmente agir de maneira autônoma e sem rótulos empregados por este ou aquele teórico. **Usemos todas as instruções e meios para não fazermos o bem mal feito.** Seremos timão e timoneiros. (4º parágrafo, redação 28)

(39) O que não podemos é ignorar esses “miniabusos” como se fossem nada, porque isso é supersaturar ainda mais este planeta de comodismos **chega de fechar os olhos!** (5º parágrafo, redação 30)

Construções como as que estão em negrito em (37), (38) e (39) são inadequadas para o contexto avaliativo do vestibular. Em redações produzidas nessa circunstância, o produtor deve aparentar moderação ao expor seus pareceres, ponderação, capacidade de raciocínio lógico e ordenado. Assim, em vez de manifestos que pressupõem resoluções imediatistas e simplistas, espera-se que sejam enumeradas soluções possíveis – portanto, concretas para os problemas descritos – e críticas construtivas para as dificuldades apresentadas.

Apenas 4% das produções textuais apresentaram construções apelativas. Estas também marcam certo comprometimento sentimental por parte do redator, que deixa sobrelevado o caráter subjetivo da linguagem.

Por sua vez, uma pequena parte das falhas quanto à situacionalidade constituíram retomadas de trechos dos textos motivadores. Uma dessas ocorrências pode ser visualizada no trecho a seguir:

(40) Pequeno delito que cometemos, tem efeito negativo para a sociedade. Para muitos, é ser esperto **furar a fila, receber propina, exceder a velocidade permitida, mentir, enganar** etc... (1º parágrafo, redação 09)

Comparemos o trecho acima transcrito com o seguinte excerto, retirado da proposta A da prova de redação:

(41) Dentre os inúmeros casos de pequenos delitos, podemos citar: roubar lembrancinhas de hotéis, furar filas, comprar e/ou vender trabalhos acadêmicos, receber troco indevidamente, pagar propinas, ultrapassar pelo acostamento etc.

Como podemos perceber, o aluno que produziu a nona redação desse *corpus* restringiu-se, nesse trecho, a copiar e a parafrasear parte da proposta para o desenvolvimento escrito da temática A: os prejuízos causados à sociedade pela convivência com os pequenos delitos. Os termos “furar filas” e “propina” foram copiados. Quanto a “mentir” e “enganar”, o uso desses vocábulos fez-se pela associação à “compra e venda de trabalhos acadêmicos” e ao “recebimento de troco indevidamente”. Já a remissão ao excesso de velocidade, liga-se à presença da expressão “ultrapassar pelo acostamento”.

O fato de o produtor assim proceder fez cair o teor informacional da produção nesse excerto, uma vez que acabou por afirmar algo já dito, assinalando recorrência de conceitos e expressões. Ele não se mostrou capaz de somar informações e exemplos; sua conduta não equivaleu, pois, a uma estratégia inteligente para ratificação de idéias.

E, por último, no que se refere ao estabelecimento de diálogo entre autor e leitor, a seguir, há exemplos de ocorrências desse caráter:

(42) Me dá um trocado, por favor. É isso que ouvimos todas as vezes que passamos em um sinal na rodoviária de qualquer centro urbano. Aquele bando de moleques pedintes vem para **seu** lado e tentamos correr, a patota flecha em cima de **você** e nos asficia com o mau cheiro e a má situação do constrangimento e do medo de ser assaltado. As vezes por caridade ou por temor, para ver se livre daquela situação o mais rápido possível, num movimento até compulsivo tiramos da carteira umas moedas ou até uma nota de dez reais (o dinheiro que tiver mais acessível na hora vale, independente do valor) e tremolo damos para a pivetaia que sai aos gritos e pulos e **le** agradece num sorriso as vezes desdentado: Obrigado tio. E ficamos livres daqueles mostrinhos em forma de gente. Podemos respirar aliviado e tomamos coragem de conferir se todos os nossos pertences estão no lugar: relógio, correntinha, carteira... e agradecemos a Deus por ter saído com vida.

.....
 [...] Não tem conta que muito breve os pivetes se tornarão monstros e não será um simples trocado que ira deixa-lo aos gritos e pulos e **te** dizer: obrigado tio. (1º e 3º parágrafos, redação 14)

Ao buscar uma interlocução explícita com o leitor do texto, o vestibulando demonstra desconsiderar o papel social do interlocutor – e este deve ser sempre considerado durante o processo de elaboração do escrito. O leitor está pronto para avaliar a capacidade lingüística daquele discente; não constitui sua função – e não lhe é permitido – contribuir com a sustentação e ratificação dos argumentos apresentados. Mesmo porque, o que está em cheque não é o acordo de opiniões, mas a validade da argumentação no que tange ao mundo real e possível, argumentação esta construída pelo aluno redator, a partir de seus conhecimentos lingüístico-textuais.

Além disso, o que caracteriza o texto argumentativo *stricto sensu* ou argumentativo não *stricto sensu*²⁸ é a apresentação e/ou defesa de idéias. Uma vez que a redação de vestibular constitui forma de comunicação a distância com esse objetivo específico, não há justificativa para o apelo ao dialogismo patente.

Da somatória total de problemas relacionados à desobediência à situacionalidade, o número de construções marcadas por diálogo correspondeu a 19,2% das ocorrências. Trata-se de um índice elevado, ficando em segundo lugar, após a construção de trechos subjetivos

²⁸ Uma proposta de Travaglia (2003).

(71,7%). Tal resultado estatístico mostra o desconhecimento dos vestibulandos quanto às exigências do gênero redação de vestibular: o caráter objetivo do texto, desprovido de sentimentalismo e de envolvimento direto com o leitor, via marcas lingüísticas.

4.1.1.4. Falhas quanto à informatividade

Em quaisquer contextos de avaliação textual, a análise da informatividade envolve o balanceamento entre informações dadas (conhecidas) e novas. Quanto maior for o valor de surpresa de uma proposição, mais informativo seu conteúdo será. Ou seja, corresponde ao grau de previsibilidade das informações que constituem o texto.

Assim, informações excessivamente banais devem ser evitadas, pois não motivam o interesse do leitor. Podem ser assim caracterizados os conceitos cristalizados, as afirmações óbvias, paráfrases e remissões a ditados populares, provérbios e clichês.

Além disso, um texto de bom nível informativo tem seu conteúdo ancorado à progressão. Ou seja, durante o momento de leitura, encontrar-se-ão informações diferentes e que tenderão a somar interpretações, alicerçando a construção da coerência global. Sob essa perspectiva, a estagnação de idéias – a recorrência às mesmas informações – lesa o grau de informatividade de um texto.

Ocorrências de falhas quanto ao grau de informatividade dos textos somam uma porcentagem de 11,8% das falhas de coerência local de ordem pragmática. No montante das redações, 64% dos textos apresentaram problemas dessa ordem. Essa alta porcentagem mostra-nos que os produtores dos textos não conseguem reconhecer informações que desnecessariamente vêm a fazer parte de suas produções. Da mesma forma, não percebem, em grande parte das vezes, quando seus textos não progredem, assim não apresentando

informações adicionais, novas, que contribuam com a idéia central defendida. Os produtores, portanto, tendem a repetir dados e conceitos desnecessariamente.

Dentre as diversas ocorrências de dificuldades quanto ao grau de informatividade dos textos, podemos destacar, por exemplo, o trecho transcrito em (43), que ilustra a circularidade de informações, podendo estas ainda serem caracterizadas como óbvias e, por isso, desnecessárias:

(43) **Falar do povo brasileiro é falar de nós mesmos**, da nossa esperança que resiste às intemperies da vida, dos nossos sonhos, da nossa realidade.

.....
O fato é que somos todos brasileiros!!! (5º e 9º parágrafo da redação 05)

A mesma banalidade quanto ao caráter das informações caracteriza o exemplo a seguir:

(44) **Na família cidadãos que são criados de forma a ignorar pequenas regras e sem limites se tornam adultos**, na maioria das vezes, adultos rebeldes e insubordinados, que não respeitam pais, mulher, marido e filhos. (2º parágrafo, redação 10)

Como podemos observar, o trecho transcrito em (44) transmite a idéia de que somente os cidadãos “criados de forma a ignorar pequenas regras e sem limites” tornam-se adultos, o que não é verdade, como é de conhecimento geral. Todos se tornam adultos, independentemente de serem corrigidos pelos pais ou não. E a afirmação configura-se como óbvia e banal quando se percebe que a repetição do vocábulo “adulto” foi intencional, constituindo-se uma tentativa de estabelecimento de relação coesiva por meio da reiteração de um mesmo item lexical. Além disso, constitui uma construção contraditória: os cidadãos não podem ser caracterizados como “sem limites” se ignoram apenas pequenas regras.

Também houve trechos em que se verificou a ocorrência de apelo a ditados populares, a provérbios, a clichês, a construções frasais cristalizadas e a paráfrases de outros textos. Apenas na primeira redação foram discriminados três trechos com esse problema, conforme mostrado nos excertos a seguir:

(45) Mas, sabe-se que **uma pequena fagulha pode incendiar até mesmo uma grande floresta**. (1º parágrafo, redação 1)

(46) Furar o sinal vermelho quando se está com pressa é tão “normal”, pois afinal o **tempo hoje é dinheiro**. (3º parágrafo, redação 1)

(47) Percebe-se, portanto, que um pequeno delito é muito prejudicial à sociedade. **E o ditado popular que diz que o mal se corta pela raiz** se mostra muito pertinente em relação à questão da formação de caráter do ser humano. (5º parágrafo, redação 1)

No fragmento (45), vemos a paráfrase de uma afirmação cristalizada pelo uso e, além disso, trata-se de uma informação óbvia. Nos exemplos subsequentes, já se apela para ditados populares.

A partir dos excertos (45), (46) e (47), considerando que foram retirados de um mesmo texto, antecipamos que o teor argumentativo se dá em baixo grau. Abreu (2000) pontua que o apelo a informações já de conhecimento comum confere ao texto menor grau de argumentatividade, pois elas constituem argumentos próprios do senso comum, o que não lhes confere credibilidade nesse contexto de produção. Tais argumentos podem ser facilmente invalidados, segundo as próprias crenças do interlocutor e, em determinadas circunstâncias, conforme fatos comprováveis social, estatística e/ou cientificamente. Além disso, trata-se de informações de conhecimento altamente popularizado, o que as faz triviais e vulgares.

De igual maneira, o texto a seguir constitui exemplo de circularidade informacional:

(48) O baixo astral dos brasileiros

O brasileiro está de “baixo – astral”, ou seja, desanimado. Pois na atualidade em que vivemos, **temos vários motivos para estarmos desiludidos, quer dizer sermos pessimistas.**

Primeiramente a sociedade não esta otimista devido a **vários acontecimentos que tem ocorrido** como: O aumento do desemprego, **as violências**, as guerras, **os abortos**, as drogas, as doenças, não é só isso. E todos estes motivos tem causado o “baixo – astral” em nosso país. **Portanto, os brasileiros estão desanimados**, mas não devemos deixar que esta situação continue, e sim, sermos otimistas, pois o Brasil é um país com grande potencial, que tem a capacidade de gerar empregos, diminuir a violência, aumentar o clima de paz, entre outros.

Em segundo lugar, os brasileiros estão cada vez mais desiludidos, porque os nossos governantes não tem feito quase nada para nos ajudar. Um bom exemplo são os estudantes que estão tentando ingressar em uma universidade federal, mas existem outros, que tentam privatiza-la. **Portanto, estamos sim de “baixo – astral”**, pois ao invéz de melhora o Brasil haver melhora no Brasil, está cada vez pior, e não temos uma expectativa de melhora.

Em suma, não devemos desistir e sermos pessimistas, devemos mesmo é lutar e dedicarmos para sermos otimista, ou seja, acreditar. Portanto, mesmo estando de “baixo – astral”, devemos nos unir para conseguirmos um Brasil melhor. (redação 47)

O texto transcrito em (48) equivale a uma produção textual marcada, acentuadamente, pela falta de progressão quanto às informações fornecidas. Em todos os três parágrafos iniciais – de introdução e de desenvolvimento do tema –, o produtor do texto repete o fato de os brasileiros estarem de baixo-astral. Além disso, já no primeiro parágrafo, ele introduz explicações desnecessárias, marcadas pelo uso de “ou seja” e “quer dizer”. O emprego de tais expressões seria justificado para a necessidade de se tornar mais clara alguma construção, o que não foi o caso. Acabou por se configurar redundância de informações, uma vez que estas já são conhecidas e já são claras o bastante para quaisquer leitores.

Da mesma forma, o segundo parágrafo apresenta mais duas construções redundantes. Se se afirma que há vários acontecimentos, é óbvio que estes ocorrem, senão não seriam assim nomeados. Também, com relação à enumeração dos acontecimentos que têm causado desânimo no brasileiro, o produtor do texto apresenta dificuldade no uso de hipônimos e hiperônimos: abortos correspondem a um tipo de violência, já que se configura, legalmente, como assassinato. Assim, ainda há redundância quanto a essa construção.

4.1.1.5. Falta de clareza na exposição de idéias

Correspondendo a 32,6% dos problemas de ordem pragmática e a 16,4% das falhas quantificadas, a falta de clareza na exposição de idéias é o campo de maior dificuldade por parte dos vestibulandos. Nesse tópico, também englobamos problemas quanto à dosagem de implicitação de pressupostos e/ou subentendidos.

Frente aos dados quantificados e obtidos, ao retomarmos a idéia defendida por Mandrik e Faraco (2002) de que a clareza é propriedade substancial de um texto, temos um dado estatístico preocupante, uma vez que o alto índice de ocorrências dessa ordem pode prejudicar o texto como um todo, comprometendo a coerência global, como mostrado no exemplo seguinte:

(49) Pode um delito ser considerado leve?

Uma transgressão é sempre uma transgressão, e por sua essência e característica formal não poderia ser considerada leve ou pequena. **A transgressão no que tange ao fato, ou no que tange ao direito; seja para os especialistas em leis, seja para os especialistas em burlar as leis; ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo (e que consentiria em dizer que transgressão) é sempre transgressão e ponto.**

Urge desenvolver uma capacidade de agir por dever, com responsabilidade sobre as próprias ações e as conseqüências destas para os outros. Hoje em dia, urge parar de tentar dar um jeitinho e achar que o normal é fazer porque todos fazem, de preferência coisas erradas ou mesmo que tragam danos a alguém. Fazer o correto numa sociedade assim transforma em virtude algo que não passa de uma obrigação moral (e neste sentido até é bom esquecer que o termo moral vem do latim moris, costume...)

Um dos caminhos para sanar essa onda de desculpas é trabalhar a fundamentação da consciência, principalmente dos formadores de consciência. Não é fácil colocar a cargo de um psicanalista meus erros já que sei que **sua formação freudiana o fará empurrar meus “atos falhos” para um recôncavo das teorias do inconsciente.** Aí pronto: como agir sobre aquilo que não temos consciência? **Onde vamos parar se aqueles que têm mais formação são os que mais facilmente encontram umas “válvulas” de escape nas leis que argumente ou transforme nossos erros em acerto?**

É preciso acima de tudo usar a ética e a política em favor do fim das transgressões, e se não podemos nos espelhar em teorias ou arquétipos morais, que sejamos nós mesmos nossos próprios guias. Se a modéstia para os cristãos é uma virtude e para Aristóteles é um vício por falta de respeito próprio; podemos simplesmente agir de maneira autônoma e sem rótulos empregados por este ou aquele teórico. Usemos todas as instruções e meios para não fazermos o bem mal feito. Seremos timão e timoneiros. (redação 28)

Como percebemos, a leitura e a compreensão do texto ficam altamente prejudicadas pelas más construções frasais. As informações não são claras e, por isso, nos trechos em negrito, não é possível entender o que se pretende transmitir. Isso sem mencionar a falta de seqüenciação.

Por exemplo, que mensagem se pretende transmitir com o trecho “A transgressão no que tange ao fato, ou no que tange ao direito”? A que circunstâncias e/ou elementos os termos “fato” e “direito” estão se referindo?

E o que seria “trabalhar a fundamentação da consciência, principalmente dos formadores de consciência”? Inclusive, é paradoxal afirmar que aqueles que formam consciências precisam que as suas próprias sejam fundamentadas. Da mesma forma, que lugar representaria o “recôncavo das teorias do inconsciente”?

O mesmo percebemos na redação de número 78, marcada por informações vagas e confusas. Pode ser que o vestibulando tenha pressuposto que o leitor conseguiria fazer as retomadas necessárias, apelando para o conhecimento de mundo geral. No entanto, tais retomadas não são possíveis. Inclusive, o produtor do texto apela para relações estabelecidas entre vida real e personagens da ficção, não deixando claras as possíveis proximidades.

(50) “Sou brasileiro e não desisto nunca”: será mesmo que esse lema é real?

Má distribuição de renda, inflações, problemas sociais e agrários, baixos salários são alguns dos “simples” problemas que os brasileiros vivem atualmente, os quais deixam a “música de fundo” de Raul Seixas como “Tente outra vez” e / ou “tenha fé em Deus, tenha fé na vida” como frases esquecidas, **ou mesmo, do outro lado de uma moeda.**

Segundo especialistas, as pessoas estão cada vez mais descrentes com a realidade, **chegando às vezes a caracterizar o mundo como um local inóspito e irreal frente a tantos problemas. Infelizmente, “levantar a mão sedenta” não é mais um problema pois, o Jeca Tatu abandonou a seriedade, a perseverança de cada pessoa, ou seja, resolveu ficar no esquecimento do brasileiro. Mas, no lugar dos Jeca Tatus, não entraram também, Policarpus Quaresma, amantes da pátria mas sim Getulinos, os quais carregam um fio de esperança em meio a tanta desordem e um lado Jeca Tatu, desesperançoso. Ou seja, os últimos se tornam vulneráveis a mudanças, atitudes e deslocamentos psicológicos e sociais.**

Conseqüentemente, lemas, músicas de fundo, frases inspiradoras, caracterizarão o superficial e mutativo de cada ser, àquela esperança necessária.

Em suma, ser brasileiro e não desistir nunca é simplesmente mais uma frase contraditória em meio ao caos; **como em tudo existem os prós e os contra, basta querer ou não acreditar. Optando pela primeira, sua alto-estima nunca ficará em baixa e optando pela segunda se tornará um eterno filósofo.** (redação 78)

Ao fazer a leitura do texto acima, o leitor se depara com uma série de informações confusas, o que lhe permite uma série de questionamentos, pautando-se em alguns elementos-chave:

a) “outro lado de uma moeda”:

- Qual a relação de semelhança entre esquecimento de determinadas frases apelativas e “outro lado de uma moeda”?
- Por acaso há como desvencilhar os lados de uma moeda, a ponto de se esquecer de um deles? Não é em analogia a essa figura que se estabelece o conceito de dicotomia, exatamente por se tratar de duas partes que constituem o todo, sendo estas interdependentes?

b) “mão sedenta” e Jeca Tatu:

- Que “mão sedenta” é essa que se menciona no segundo parágrafo?
- Qual a relação dela com a figura de Jeca Tatu?
- De que seriedade se trata?
- Jeca Tatu caracterizava-se pela perseverança?
- Como pode essa personagem abandonar a seriedade e a perseverança de alguém? Não seria a própria pessoa que deixa de ser séria ou de ser perseverante?
- Qual a relação entre seriedade e esperança?

c) Policarpo Quaresma e Getúlio Vargas:

- Em que sentido a figura de Policarpo Quaresma pode ser associada às assertivas apresentadas?
- E quanto a Getúlio Vargas?

- Por que getulinos são vulneráveis?

d) O que se quis dizer com “deslocamentos psicológicos e sociais”?

Uma vez que a maior parte do texto transcrito em (50) não comunica com proficiência — seja pela insuficiência de informações e/ou pelas inadequadas relações que se buscou estabelecer —, essa redação se configura como exemplo de produção em que a grande quantidade de falhas locais acabou por prejudicar a coerência global.

A alta incidência de produções com trechos truncados — apenas 6% dos textos não apresentaram problemas dessa ordem — mostra a incapacidade dos alunos de verem o texto escrito como um todo enunciativo, composto de informações seqüenciadas e significativas, que têm um propósito a alcançar — convencer, persuadir ou informar, por exemplo. Da mesma forma, pelo que pudemos analisar, os vestibulandos não conseguem se colocar como leitores possíveis para seus textos, não antecipando, portanto, prováveis problemas que poderiam ser enumerados e vivenciados pelo leitor final de suas produções.

4.1.1.6. Falta de seqüenciação das idéias

Diferente do texto narrativo que exige seqüência de ações, o texto do gênero redação de vestibular — seja ele argumentativo *stricto sensu* ou argumentativo não *stricto sensu* — exige seqüência de idéias. A sucessão delas tende a promover — em conjunto com outros pré-requisitos —, a coerência global, permitindo a tessitura do sentido necessário, a partir da leitura de pequenos fragmentos, ramificações de uma temática central singular. Assim, a partir de problemas inscritos em segmentos mais curtos, pode-se ver prejudicada a construção geral do sentido do texto.

Em grande parte das vezes, não nos deparamos com o dito não-texto, ou seja, aquele que nada consegue informar. Então, percebemos que, primeiramente e em grande medida, a

falta de congruência semântica se dá, de maneira específica, entre as frases e as orações, envolvendo, na maioria das vezes, a relação entre parágrafos. E sua ocorrência correspondeu a 7,5% das falhas de ordem pragmática e a 3,8% do total de incoerências quantificadas, subdivididas nas quatro espécies de coerência local.

Pela pesquisa desenvolvida, percebemos que, na maioria das vezes, os vestibulandos lançam idéias de maneira desorganizada. Parecem avançar informações da forma como estas lhes vêm à mente, sem se preocuparem se estão comunicando com clareza sua opinião. A construção do sentido sofre, pois, consideráveis prejuízos durante o processamento textual.

Como ilustração de falhas nesse aspecto, vejamos os destaques no exemplo (51), que constitui a transcrição do trigésimo texto analisado:

(51) Pequenos delitos ou grandes crimes?

Cometer pequenos delitos é um fato que se inseriu no cotidiano das pessoas de tal forma que hoje não conseguimos distinguí-los. Ultrapassar o sinal vermelho, furar fila ou jogar lixo na rua são atos que passam despercebidos. Mas quando se fala em violência, poluição, corrupção, a hipócrita sociedade critica com orgulho e sempre coloca a culpa em alguém. O que ela não percebe é que a culpa está nela mesma.

No Brasil fica claro entender esta situação. Criticamos a nação, mas somos responsáveis por essa grande lama que encobre o país. Arrancam árvores para não sujar a calçada, mas jogam papel no chão. Recebem troco a mais sem falar nada, mas xingam a corrupção (e ainda votam nos candidatos corruptos!) os brasileiros estão mergulhados no comodismo e na hipocrisia. Isso é escatológico!

[]²⁹ No mundo, podemos destacar uma **grande potência que se diz “salvadora do mundo”, mas não passa de “destruidora do mundo”: os Estados Unidos**. Criticam o tráfico de drogas na Colômbia, mas são os maiores consumidores mundiais. É a potência que forma jovens ignorantes e viciados que “salvarão” o universo. [] **Pequenos delitos como usar as drogas ou mesmo contra negros americanos geram, mesmo que indiretamente, violência.**

[] **O ladrão de galinhas será o deputado corrupto de amanhã.** [] **O pequeno delito é uma peça que pode desencadear, de varias formas, um grande crime.** [] **As pessoas continuam a ignorar esses miniabusos porque diariamente os cometem e se lutarem contra eles, estarão lutando contra elas mesmas. Isso é uma tarefa difícil para o ser humano: ir contra o “eu”.**

[] **O que acontece na verdade e que não podemos definir certamente as repercussões dessas transgressões leves.** A sociedade sempre molda as questões de acordo com seus próprios interesses. Pequenos delitos podem ser vistos de diferentes ângulos e aplicados de diferentes formas. É como a teoria de Einstein tudo é relativo, depende do referencial. O que não podemos é ignorar esses “miniabusos” como se fossem nada, porque

²⁹ Cada colchete representa uma ruptura na seqüenciação das idéias propostas no texto analisado.

isso é supersaturar ainda mais este planeta de comodismos chega de fechar os olhos! (redação 30)

No exemplo acima, todos os trechos em negrito correspondem a temáticas isoladas e que, por isso, deveriam, no mínimo, ter sido desenvolvidas em parágrafos distintos, considerando-se que cada uma delas equivaleria a um tópico frasal diferente, mas ao mesmo tempo interligado ao tema central. No entanto, ainda assim, o produtor do texto deveria ter o cuidado de interligar as idéias por ele trabalhadas, por meio de recursos coesivos, sucessão e pertinência de argumentos. A interação estabelecida entre os parágrafos deveria, então, admitir caráter somatório e acumulativo, culminando no estabelecimento de um sentido geral. Porém, em (51), o que percebemos são trechos realmente distintos, não seqüenciais. O foco temático está, no texto, sendo alterado a cada novo argumento lançado.

Observemos que, no primeiro parágrafo transcrito, a temática central recai no fato de os brasileiros serem hipócritas e acomodados. Essa caracterização se justifica porque eles são os responsáveis por determinados delitos e, não reconhecendo essa culpa, apontam e criticam outras falhas por eles consideradas mais graves. Porém, estas últimas, no parecer do redator, estariam no mesmo patamar de gravidade.

No parágrafo seguinte, no entanto, há um grande salto temático, uma vez que o tema para o qual convergem as orações são os Estados Unidos. E isso se dá sem que se tenha estabelecido pelo menos a relação coesiva entre os parágrafos. Além disso, no final desse segundo parágrafo, o vestibulando introduz uma nova informação: os pequenos delitos que acabam por prejudicar os negros americanos. Essa informação não é desenvolvida, apenas lançada, o que equivale a falha de argumentação, problema este também de cunho pragmático, tratado em tópico posterior.

Já no parágrafo seguinte, temos a seqüência de três tópicos estanques. Num primeiro momento, parece que se constrói a primeira frase visando-se abordar as conseqüências

danosas dos pequenos delitos, direcionando-se o foco para escândalos políticos. Mais exemplos deveriam ter sido apresentados dentro dessa mesma temática. No entanto, citou-se que pequenos delitos podem desencadear um grande crime, o qual não foi claramente relacionado ao tópico anterior. Essa necessária interligação não verbalizada também configurou problemas quanto à falta de clareza do trecho.

Logo em seguida, integralmente desvinculada do tópico anterior, introduz-se a idéia da difícil luta das pessoas contra a prática comum dos pequenos delitos. Aliás, propõe-se que essa luta nem mesmo é estabelecida, uma vez que os indivíduos tendem a ignorar as más condutas, evitando choques consigo mesmos. Ou seja, trata-se de um novo foco, não discutido e não interligado aos demais.

Da mesma forma, no último parágrafo não se constata seqüenciação de idéias. Ele é iniciado caminhando-se para a conclusão geral do texto, com o comentário de que as repercussões das transgressões consideradas leves não podem ser definidas certamente. Há uma clara ruptura entre idéias propostas, uma vez que se contradizem todos os exemplos mencionados e “definidos” anteriormente. Antes, a certeza; agora, a dúvida.

Como pudemos observar nas diversas ocorrências, há casos típicos de trechos em que se tentou buscar, de alguma forma, relações coesivas por retomadas de um mesmo referente. No entanto, como a coesão não é suficiente para a construção de sentido de um texto, a coerência foi grandemente comprometida.

O mesmo se pode dizer com relação à redação de número 86:

(52) O otimismo romantico do brasileiro

Dizem que o brasileiro é povo docil, gente alegre por natureza. []³⁰ O Brasil é uma nação de várias etnias e mistura étnicas. [] É um país que muito pouco tem noção de sua própria história. [] Povo que pouco por direitos legitimados nas classes populares, mas foi levado a grita o apelo de quem não é do povo.

³⁰ Cada colchete representa uma ruptura na seqüenciação das idéias propostas no texto analisado.

[] O Brasil é rico! Rico em recursos naturais, biodiversidade e rico de um povo que tem no sangue a mistura de muitos povos. [] Aqui não há guerra religiosa ou racial, pelo menos não há guerra armada.

No entanto somos uma pobre nação! Pois não fazemos nossa potencial riqueza resultar em igualdade social, qualidade de vida a todos, diminuição da violência e erradicação da miséria.

Contudo o índice relativo de suicídios no Japão ou na Finlândia, países ditos sem problemas sociais graves é bem maior comparado ao povo brasileiro sofrido.

[] Será que o otimismo e alegria do brasileiro estão ligados a falta de educação? O analfabetismo da leitura da realidade que impera em um povo que historicamente foi privado de educação faz, hoje desse povo, uma gente mais conformada, mais docil, que acalenta os sofrimentos ligando a tv e deixando se levar pelas ilusões oferecidas pela mídia.

O otimismo do brasileiro tem sido ilusório, romântico, pois não se baseia em uma leitura crítica da realidade. Um otimismo real pode ser alcançado à medida que se oferece educação de qualidade, educação não tendenciosa, que dê condições para o indivíduo ser um cidadão crítico e reflexivo. Assim haveria um otimismo verdadeiro que leva à luta e à revolução. Mas a boa educação abre os olhos do povo para o quadro que se encontra a sociedade e causa também tristeza e desânimo devido ao sistema que se perpetua.

Quando o povo brasileiro tiver maior acesso a educação aliada a informação clara da situação em que se encontra o país o primeiro sentimento da nação deve ser de tristeza e de perplexidade. Então nasceria no seio da sociedade, as sementes das mudanças verdadeiras para este país que é rico e ao mesmo tempo miserável. (Redação 86)

Na redação transcrita acima, foram lançadas várias idéias que não estão interligadas e, da mesma forma, que não foram desenvolvidas e argumentadas. Talvez seja exatamente por esse não desenvolvimento das temáticas que não pudemos estabelecer a seqüenciação dos conceitos.

Percebemos o não encadeamento das sentenças e respectivos conteúdos veiculados no terceiro parágrafo, por exemplo, no trecho que se refere à pertinência da última frase à idéia de riqueza do país – “O Brasil é rico! Rico em recursos naturais, biodiversidade e rico de um povo que tem no sangue a mistura de muitos povos. Aqui não há guerra religiosa ou racial, pelo menos não há guerra armada”. O vestibulando, desenvolvendo a idéia de riqueza, poderia mencionar que o Brasil é rico também por não se tratar de um país que vivencia guerras de quaisquer espécies. No entanto, como essa relação não foi estabelecida, não podemos dizer que todo esse parágrafo possui um único foco temático: riqueza natural difere-se, em grande medida, de guerras.

Só no primeiro parágrafo há três seqüências com problemas. Primeiramente, faz-se uma afirmação sobre as características psicológicas do brasileiro: dócil e alegre. No entanto, o vestibulando não dá continuidade a essa temática, interligando-a à proposta de o brasileiro ser otimista. Ao contrário, foge ao tema, uma vez que passa à menção de que o país é composto de várias etnias e misturas étnicas.

Da mesma forma, não há ligação direta entre a constituição étnica do país e o fato de este desconhecer aspectos de sua própria história. Também não é possível interligar este fato com as idéias construídas a seguir, principalmente porque estas não estão claras. Não podemos entender o que se pretendeu transmitir com o trecho “Povo que pouco por direitos legitimados nas classes populares, mas foi levado a grita o apelo de quem não é do povo” (1º parágrafo).

Em seguida, muda-se completamente o foco temático: passa-se a tratar da riqueza natural que compõe o país. Também se retoma a idéia da mistura étnica que caracteriza o povo brasileiro. Porém, trata-se, mais uma vez, de uma idéia deslocada dentro do texto, uma vez que esse tema havia sido lançado e não desenvolvido no início do segundo parágrafo.

Ainda verificamos salto temático com a inserção do sexto parágrafo. Diferentemente do que vinha sendo trabalhado, esse parágrafo retoma a idéia de otimismo e alegria do brasileiro. Associa ainda esses dois aspectos à educação de baixa qualidade, o que, segundo o texto, faz do brasileiro uma gente conformada. Então, passa-se a discutir essa idéia até o último parágrafo, mantendo-se, a partir daí, uma seqüência de idéias focadas em um único tema.

4.1.1.7. Fuga à verossimilhança

As possibilidades de elaboração do mundo textual se configuram a partir da definição do gênero a que pertence um texto. Assim, ao contrário de determinadas produções – como as narrativas fantásticas, as fábulas, os contos de fadas – que são coerentes por figurarem no mundo da fantasia, a redação de vestibular deve se inscrever no mundo real, exigindo seqüenciação de idéias que representem conhecimento factual do assunto. Por isso, as afirmações devem ser relevantes e consistentes, dentro do mundo que se configurou. No entanto, uma vez considerada essa necessidade de a redação estar inscrita no mundo real, verificamos que os textos analisados somam um total de 10,7% de falhas nesse campo.

Segundo Citelli (1991), o persuasor pode estar trabalhando com algo que deseja ser verdadeiro, mas que não seja uma verdade de fato. Mas, para isso, é necessário que se aproxime da lógica de uma verossimilhança, causando um efeito de verdade a partir de argumentos e provas. Nesse sentido, as colocações do persuasor não parecerão incoerentes e contraditórias. Porém, o contrário disso é visto no trecho seguinte:

(53) Me dá um trocado, por favor. É isso que ouvimos todas as vezes que passamos em um sinal na rodoviária de qualquer centro urbano. **Aquele bando de moleques pedintes vem para seu lado e tentamos correr**, a patota flecha em cima de você e nos asficia com o mau cheiro e a má situação do constrangimento e do medo de ser assaltado. **As vezes por caridade ou por temor, para ver se livre daquela situação o mais rápido possível, num movimento até compulsivo tiramos da carteira umas moedas ou até uma nota de dez reais (o dinheiro que tiver mais acessível na hora vale, independente do valor)** e tremolo damos para a pivetaiada que sai aos gritos e pulos e lê agradece num sorriso as vezes desdentado: Obrigado tio. E ficamos livres daqueles mostrinhos em forma de gente. **Podemos respirar aliviado e tomamos coragem de conferir se todos os nossos pertences estão no lugar: relógio, correntinha, carteira...** e agradecemos a Deus por ter saído com vida. (1º parágrafo, redação 14)

Nesse fragmento, reconhecemos três ocorrências de enunciados que fogem ao contexto real. O primeiro deles equivale ao fato de que, pelo menos sob uma visão generalizada, as

peessoas não correm dos garotos pedintes com que se encontram nas ruas. Não agem demonstrando pânico e nem mesmo têm tanta disposição para dar dinheiro a qualquer um desses meninos, ignorando o valor das notas que retiram das carteiras e bolsos, por exemplo. Basta observarmos nos semáforos, nas ruas como um todo, se alguém se predispõe tão facilmente a doar dez reais a quem pede ajuda financeira. Além disso, poucos dão atenção a esses pobres que se aproximam, por vê-los, talvez, como nômades preguiçosos ou até perigosos.

Também, as pessoas não são neuróticas a ponto de estarem sempre verificando seus pertences após a seqüente aproximação e retirada de um pedinte. E não têm tamanho medo de serem mortas por este.

Assim, vê-se que os trechos redigidos contradizem o mundo real em que vivemos. Os fatos comprovam que o que se mencionou no texto não é verídico nem verossímil.

Igualmente, o trecho abaixo contém informações facilmente invalidadas pelo conhecimento que se tem do mundo real:

(54) Os pequenos delitos cometidos pelo povo causam uma desordem tamanha que fica insuportável viver em sociedade. Uma sociedade que não tem regras, todos andam desconfiados, ansiosos. As grandes cidades brasileiras sofrem com esta situação. **O povo entra nos ônibus urbanos como uma manada de bois.** (2º parágrafo, redação 09)

Apesar da desordem que causam, não há sentimento de repúdio quanto ao convívio social por haver pequenos delitos na sociedade. Tal afirmativa chega a ir de encontro ao tema proposto para a redação, uma vez que a temática aponta esses delitos como ações banalizadas pela trivialidade com que ocorrem. Assim, são consideradas plenamente normais por ocorrerem com grande freqüência.

Quanto à segunda frase em negrito, a generalizada comparação enfraquece o argumento e contrapõe-no ao contexto real. Há, sim, determinadas pessoas educadas; em

alguns locais, as filas para que se entre em ônibus são respeitadas. Assim, deve-se deixar claro no texto que não se trata de um comportamento geral a falta de educação. Corresponde, ao contrário, a situações específicas.

Também a redação de número 26 apresentou uma alta incidência de problemas ligados à verossimilhança:

(55) Brasileiro: esperançoso e otimista!

Os problemas estão inseridos na vida da população mundial, de maneira diferentes e com inúmeras reações. Existem aqueles que se desesperam e entregam-se às dificuldades, outros se abalam, e também tem muitos que vivem com tribulações mas não se entregam, podem até ficar abalados mas mantêm a perseverança e a esperança de que irão progredir. **Estes muitos que foram citados podem ser chamados de brasileiros, que são insistentes e felizes mesmo com tantos percalsos e desilusões na vida.**

O questionamento pode surgir em relação a felicidade do brasileiro, pois este que enfrenta o desemprego, a fome, a falta de assistência médica, a situação precária na educação e tantos outros problemas não tem motivações do país para tal alegria. A explicação vem do espírito esperançoso que o brasileiro tem, mesmo com estas dificuldades esse povo comemora o natal, ano novo, carnaval e tantas outras festas, **como se estivesse sempre muito bem, não deixando se abater pelos problemas.**

Mesmo aqueles que vivem na seca e miséria, com feições cansadas e castigadas pelo sol e fome de quem demonstra não desistir da vida, mesmo tendo condições precárias para “sobreviver”. **Estes evidenciam aquilo que eles têm como maior valor, que é a honestidade, a fé e a cultura do norte e nordeste deste país, vinda dos folclores.** As festas levam alegria para aquele povo que dança, canta, toca e festeja. Isso pode até ser surpreendente para que vê do lado de fora, pois não se sabe o que eles festejam em meio à uma vida de miséria.

Enfim, sem saudosismo, **o povo brasileiro realmente é otimista, pois estão sempre acreditando que futuramente terão uma vida melhor, e isto comprova-se nas filas gigantescas de desempregados que não desistem, e estão enfrentando inúmeras entrevistas e preenchimento de currículos, pois perseveram para conquistarem o almejado emprego. Certamente a personalidade do brasileiro contribui para esta alegria de viver e de um pensamento positivo,** com isso espera-se que todos possam contribuir para a formação de um Brasil digno para se viver, e que a felicidade não contagie somente os momentos de festejos, intitulando o país do carnaval, mas também que se manifeste para o progresso! (redação 26)

O que acentua os problemas que verificamos na elaboração desse texto são as generalizações feitas nas assertivas. Não se pode afirmar com tanta veemência, englobando todos, que o brasileiro é feliz, que não sofre o desânimo e que, por isso, participa de diversas festividades. É fato que todos se deixam abater no dia-a-dia de alguma maneira. E,

dependendo do problema que se vivencia, não se consegue festejar, comemorar vitórias ou datas festivas. Tudo depende da gravidade da situação enfrentada.

Além disso, no primeiro parágrafo, deu-se a entender que somente aqueles que não se abalam com os problemas que enfrentam que podem ser chamados brasileiros. Porém, trata-se de nacionalidade; não se chama alguém de brasileiro simplesmente pela força psicológica e pela persistência que este alguém mostra ter.

Também, afirmou-se que a honestidade, a fé e a cultura marcam o povo sofrido que vive na miséria e na seca. Não há como comprovar isso. Não se pode generalizar, afirmando-se que todo esse povo é honesto. E de que tipo de fé se trata? Todas as pessoas que vivem essas dificuldades são religiosas? Não se pode confirmar.

Além disso, ainda no terceiro parágrafo, diz-se que a cultura vem **do** folclore. Ao contrário do que se afirmou, o folclore constitui a própria cultura, assim como a fé (religiosidade) também a constitui.

Já no último parágrafo da redação, afirma-se que o fato de os brasileiros estarem em filas em busca de empregos é sinônimo de esperança de uma vida melhor. Não se trata de algo tão subjetivo. É unicamente reflexo da necessidade de se buscar meios de sobrevivência: se há estagnação, há fome e carência de outros recursos fundamentais para a vida, o que acarreta a conseqüente morte do indivíduo.

Ainda nesse mesmo parágrafo, diz-se que a personalidade do brasileiro contribui para a maneira como vive. No entanto, personalidade é o que determina a individualidade de uma pessoa; ou seja, mais uma vez, generalizou-se, não havendo como estender uma qualidade que é pessoal a todos os indivíduos de uma nação.

Assim, os dados obtidos e as análises feitas mostram-nos que falta informação e/ou análise por parte dos vestibulandos, já que informações que não condizem com o contexto do mundo real apareceram em 61% dos textos do *corpus*. Os produtores parecem, pois, não

conhecer o assunto sobre o qual escrevem; por isso, apresentam informações não verídicas, acreditando estarem argumentando com proficiência. No entanto, mostram que não estão minimamente informados a respeito do dia-a-dia do país em que vivem.

1.1.1.8. Argumentação inconsistente

São ditos argumentos inconsistentes aqueles que parecerem absurdos aos leitores dos textos em que figuram, provocando escárnio, em determinadas situações. Podem também equivaler a construções invalidadas com muita facilidade, que não somam argumentação de alto teor argumentativo, ao contrário do que se pretendia. Assim, correspondem a argumentos que apelam para simplificações dos fatos, para sentimentalismos ou que se pautam no senso comum. Ou seja, empregando-os, o produtor do texto não faz uso de provas concretas ou de definições para sustentação da idéia lançada, por exemplo.

A maioria das ocorrências de falhas quanto à apresentação de argumentos inconsistentes equivaleu ao fato de se simplificar muito as possíveis resoluções para os problemas apresentados. Vejamos os exemplos:

(56) Diante de tudo isso o que fazer? **A única saída é** aumentarmos a nossa própria segurança para que não sejamos vítimas da violência e **rezar**. **Rezar** para que o governo reconheça que do jeito que está o nosso país a única saída é investir em segurança e acabar com a impunidade e corrupção começando dos próprios deputados e depois partindo para a população. Enquanto isso não chega só nos resta mesmo fazer nossa parte e **esperar que Deus atenda às nossas preces**. (4º parágrafo, redação 04)

(57) Os problemas e dificuldades são muitos, tantos os individuais quanto os sociais, mas a vida de um brasileiro, nunca passa em branco, sem lazer, aventuras, sorrisos, divertimentos, afinal já disse um poeta que “da vida, a gente só leva a vida que a gente leva” então perder tempo em chorar, ou se lamentar, por quê? **Devemos viver, simplesmente viver**. (4º parágrafo, redação 08)

No excerto (56), a argumentação inconsistente equivaleu ao fato de se recorrer a elementos do senso comum e, também, de valor pessoal: Deus é questão de crença, não se trata de um fato. Assim, trata-se de uma argumentação facilmente invalidada pelo interlocutor.

Já no exemplo (57), além ser apresentada uma construção apelativa, a solução proposta é unicamente ignorar os problemas vividos. Ou seja, não se trata de solução, pois os empecilhos não são resolvidos, mas, meramente, desprezados. E não será o fato de ignorá-los que os afastará da população brasileira.

Também algumas falhas de mesma ordem ligaram-se, concomitantemente, à fuga à verossimilhança, como podemos ver em (58), (59) e (60). Em grande parte das vezes, inclusive, vimos que há uma diferenciação tênue entre esses fatores, pois se a argumentação não é aceita por parecer ridícula aos olhos de quem lê, muito provavelmente não está de acordo com os fatos verificados na realidade.

(58) Devolver um troco indevido é muito melhor do que poder comprar um presente extra com aquele dinheiro. (5º parágrafo, redação 01)

(59) Apesar de tantos entraves e motivos para fecharmos as portas, seja da nossa casa, seja da nossa alma, **o brasileiro continua alegre, batalhador, principalmente àqueles que constituem a maior porcentagem da população: a classe média.** (3º parágrafo, redação 15)

(60) Pequenos delitos podem ser vistos de diferentes ângulos e aplicados de diferentes formas. **É como a teoria de Einstein tudo é relativo, depende do referencial.** (5º parágrafo, redação 30)

Em que sentido é melhor devolver um troco recebido indevidamente que comprar presente extra com o dinheiro alheio? A não ser que se provasse o contrário por meio de argumentos, que se desenvolvesse a idéia aqui lançada sustentando-a, o conhecimento geral de mundo mostra que o fato de uma pessoa não gastar o próprio dinheiro por ter acesso a outro agrada a uma maioria, o que pode ser comprovado com experiências cotidianas. Seria,

então, mais adequado dizer se tratar de algo mais moral, mais ético; não melhor. Ou seja, em (58) temos um trecho que também peca quanto à verossimilhança.

Já no exemplo (59), o argumento perde vigor uma vez que, primeiro, generaliza-se quem continua alegre e batalhador: o povo brasileiro como um todo. Em seguida, direciona a informação à classe média. Primeiramente, a classe média não é a maioria da população. Segundo, é perfeitamente esperado que essa classe ainda possua viço para a luta: trata-se de pessoas com perspectivas na vida; têm chances de crescer; têm embasamento educacional e econômico para alcançar algo maior. Diferente dos miseráveis: o que dizer desses?

Quanto ao fato de se afirmar que tudo é relativo, simplificam-se por demais os problemas apresentados ao longo do texto. É como se se considerasse não haver referenciais para as ações em sociedade. Essa total ausência de critérios e regras não se efetiva.

Como se pode ver pelos exemplos apresentados, os argumentos considerados insustentáveis são aqueles que parecem ser lançados no momento em que nada se tem a dizer de forma a se manter uma opinião baseada em fatos concretos. Ou seja, não há embasamento para argumentos e a elaboração textual corresponde a uma fuga da discussão. Lança-se uma idéia banal. Além disso, há casos que correspondem claramente ao desconhecimento do assunto e de mundo.

1.1.1.9. Fuga ao tema proposto

No contexto da redação de vestibular, caso o aluno fuja totalmente ao tema proposto no que tange ao conteúdo geral do texto por ele produzido, sua produção é zerada imediatamente. Isso porque representa incapacidade para interpretar e realizar a tarefa específica proposta. Assim, o resultado final não tem relação alguma com o que foi pedido.

Esse fato ocorreu em 3,33% das produções analisadas. Observemos as redações 13, 14 e 81, por exemplo. Na primeira delas, o foco recaiu sobre o menor infrator; e sendo o tema A o escolhido, o estudante deveria discorrer sobre os prejuízos que pequenos delitos causam à sociedade, relacionando ou não questões de cidadania e ética.

(61) O menor infrator

Hoje em dia a sociedade fecha os olhos para o menor infrator. Sabendo da punição que é mais branda o menor continua a cometer delitos. Além do mais, pais sem instruções não corrigem seus filhos quando começam a pegar “brinquedos” dos coleguinhas. Não esquecendo ainda que o governo não providência projetos para minimizar infrações do menor.

O menor com 16 anos já pode votar então ele tem dissennimento do certo e do errado. Quando rouba um pacote de biscoito no super-mercado e é pego pela polícia logo está solto voltando a cometer vários delitos, com isso, ao chegar a maioridade talvez séra um dos maiores bandidos do Brasil, entretanto iso acontece por falta de punição mais severa.

Com a falta de instrução e tempo dos pais para dar atenção aos “inocentes” filhos acontece os primeiros sinais de infração. É muito comum crianças que estão brincando em casa de primos e começam a pegar brinquedos, bolas da casa que estão e levam para sua casa onde pais que não dão a meníma importância ao acontecimento egnoram e esconde o fato ocorrido.

Com várias tentativas de punições aos menores enfratores, o governo não planeja projetos novos que eduque e instrua o menor dificultando a ação da polícia e da comunidade em todo.

Portanto, o menor sabe de seus direitos e deveres mas com a falta de serenidade e severidade por parte dos pais, governo e de toda sociedade, crianças aproveitam da cuituação roubando, matando, até que abrimos os olhos para real situação do dia a dia. (Redação 13)

O mesmo se deu quanto à redação 81, cujo tema escolhido também foram os prejuízos causados à sociedade pelos pequenos delitos cometidos pela população. Em vez de discorrer sobre o assunto proposto para essa temática, o vestibulando falou sobre o papel da família na formação do caráter dos indivíduos.

(62) Família é ordem social

No mundo em que as pessoas vivem hoje há sempre aqueles que querem se dar bem as custas do outro. Essa característica social aflora no pensamento humano um bom tempo e se percebe em várias atitudes no dia a dia em uma pequena parcela da sociedade que não se submete a regras sociais, isso traz como resultado a desordem e o desrespeito que a sociedade enfrenta ultimamente.

Há um fator que merece extrema atenção pois pode ser o motivo dessa desordem social, a família, ou seja, a forma em que os pais estão criando seus filhos, sem limites e

dando-lhes tudo o que querem financeiramente e esquecendo da parte afetiva e moral que todo pai deve ensinar a seu filho, assim pessoas sem limites estão surgindo e praticando atos de vandalismo e outros delitos sem se preocuparem com punições; como esses garotos não têm afeto familiar estão dispostos a qualquer prova para se enturmarem em grupos sociais; até mesmo usarem drogas nem que seja para se mostrar e exibir para a galera.

Há também casos contrários na sociedade, uma parcela de cidadãos que tiveram uma ótima criação familiar, onde tiveram o caráter bem apurado e por isso lutam para que todos possam ter um aprendizado melhor e formar um caráter digno a desfrutar do mundo tão belo em que todos os seres humanos tiveram a honra e o privilégio de serem presenteados. (redação 81)

Também pudemos perceber fugas locais aos temas propostos para a situação de vestibular em análise nesse trabalho. Dessa forma, as ocorrências não equivaleram a casos em que o texto como um todo tenha sido prejudicado. Foram circunstâncias em que verificamos problemas como o emprego de títulos inadequados (por não condizerem com a temática proposta ou com o conteúdo desenvolvido), frases deslocadas e, até mesmo, parágrafos inteiros que nada contribuíram com a temática central.

Na redação 21, por exemplo, o título “Tudo se resolve com o jeitinho brasileiro” nada tem a ver com o assunto debatido ao longo do texto: o otimismo das pessoas que nascem no Brasil. Da mesma forma, a última frase do texto não está de acordo com o assunto trabalhado, não servindo como conclusão para o texto. O conhecido “jeitinho brasileiro” não diz respeito ao otimismo desse povo. Ao contrário, ele se refere às condutas negativas: à fama de enganador e de gente que resolve tudo na última hora, no limite do tempo, por exemplo.

(63) Tudo se resolve com o jeitinho brasileiro

Nem mesmo as dificuldades conseguem esconder o otimismo. Mesmo cansado o brasileiro dispõe a se divertir e acumular energia para enfrentar os problemas.

Apesar do medo e da insegurança gerados pelo desemprego e pela violência, nosso povo sempre tira um tempo para se dedicar ao lazer. É uma forma de descontrair e procurar forças para combater as irregularidades sociais, a vida cansativa de trabalho, a baixa renda e a falta de oportunidades.

O brasileiro consegue adaptar às piores situações e esperar por melhoras. A cada eleição procura investir em alguém que tenha capacidade de ajudar o país e não desanima se eleger um candidato incapaz. Aposta em um novo emprego com o objetivo de aumentar a renda. Perde a paciência com o futebol, mas tem a esperança de ser gratificado no fim do

quaternário, quando a seleção brasileira tem a possibilidade de ganhar mais uma copa do mundo.

Esse povo sabe valorizar o pouco que lhe é oferecido. Somos generosos e ficamos confortados ao ajudarmos uma instituição, ao alimentarmos uma criança pobre que nos pede comida ou mesmo quando rezamos e exercemos nossa fé. Lutamos para viver e compensamos os problemas e dificuldades com cada alegria.

A esperança é alimentada em cada diversão, em cada sorriso, na vitória de uma etapa complicada, no carinho da família, no carnaval, na boa culinária, nas belas praias e paisagens. Cada um sabe que tudo isso supera a corrupção de nossos políticos, a violência, o desemprego. **Para solucionar os problemas sempre existirá o velho e bom jeitinho brasileiro.** (redação 21)

Já na redação 32, três dos parágrafos desenvolvidos também não estão relacionados com a temática escolhida (A):

(64) Os furtos do ser humano

As pessoas transferem seus medos, ações e pensamentos à uma vida conturbada pelo dinheiro e política de um país, e esta transferência pode causar alguns pequenos delitos.

Delitos que podem causar a perda da sensibilidade e honestidade em um ser humano, pois na visão destas pessoas, no momento do furto nada estão fazendo de errado. Utilizam desse argumento para desmistificar à vontade se fossem flagrados.

A sociedade pode vir a influenciar estes pequenos delitos através de sentimentos como a inveja e poder, aumentando a ocorrência destes. No Brasil não há punição para nenhum delito pequeno, sendo utilizado como um erro, que poderia ser corrigido em uma outra situação, algo como “uma segunda chance”.

Muitos destes cidadãos que cometem estes delitos cupam a sociedade, o governo, o mundo por não serem corretos, com boa educação escolar e com empregos abundantes. A maioria se revela como um infrator natural, como se fosse uma brincadeira ou desejo de cometer um erro, sabendo que a punição não ocorrera nem da maneira correta, nem de forma alguma.

Alguns países criam regras e punições para estas infrações pequenas, fazendo assim os culpados trabalharem para a comunidade, em escolas, bairros, ruas etc. com esta ação, estes pequenos infratores são reeducados à manter a moral e a ética se por ventura vierem a querer cometer mais pequenos delitos.

Portanto o Brasil deveria observar e punir com mais freqüência os pequenos delitos cometidos por seus cidadãos que muitas vezes causam os maiores problemas sociais para a população, para o governo e para si próprio. (redação 32)

Sabendo que a proposta escolhida para a produção textual acima foi argumentar sobre os prejuízos causados pelos ditos pequenos delitos, falar da responsabilidade social sobre eles, da falta de punição para essas condutas inadequadas ou do fato de determinados países estabelecerem penas para quem comete uma pequena infração, não fatores relacionados à

temática. O foco deveria recair, ao contrário, nos próprios delitos e respectivas conseqüências, no que faz deles atitudes que merecem atenção e punição, por serem danosos à sociedade.

26,5% das redações apresentaram, de alguma maneira, problemas com relação à manutenção temática. Apesar de se tratar de um número a ser considerado, pela incidência com que as falhas ocorreram, não se trata de um índice preocupante: apenas 3,6% das falhas de ordem pragmática equivaleram a fugas ao tema – seja do título em relação ao texto, seja de trechos das produções em relação à temática geral proposta. Além disso, no total dos fatores de coerência pesquisados, apenas 1,8 dos problemas quantificados foram de tal ordem.

4.1.1.10. Inferências não-autorizadas

Esse tópico diz respeito às interpretações possíveis e, concomitantemente, inadmissíveis, que um texto ou parte dele pode levar o leitor a construir. São ditas não-autorizadas por não condizerem com o mundo textual criado – no caso da redação de vestibular, fogem às possibilidades de ocorrência no mundo real. Parecem, pois, estranhas, indevidas e, até mesmo, denotam graça em determinadas circunstâncias.

Ainda que tais interpretações não façam parte do contexto do mundo real a que se refere o texto, a organização lingüística mal construída favorece-as no momento da leitura. Logo, trata-se de construções que não podem ser ignoradas, já que o produtor da redação de vestibular deveria se atentar para a devida organização lingüístico-textual de seu texto, o que implicaria o fato de este constituir um todo coeso e coerente, não portador de ambigüidades, contradições, trechos confusos, dentre outras falhas.

Pela análise do *corpus*, verificamos que inferências não-autorizadas ocorrem devido à desorganização das informações lançadas nas sentenças, principalmente no que se refere a

elementos sintáticos, sejam estes verbos e respectivas conjugações, preposições, artigos, pronomes ou outros. Como exemplo disso, observemos o trecho a seguir:

(65) A desconfiança toma conta dos indivíduos e todos passam a se olhar indiferentemente. Inocentes se passam por bandidos e se tornam suspeitos, por ter em seu bolso uma quantidade de dinheiro não muito comum nesta crise, **mas que era apenas o dinheiro que havia vendido sua casa**. Tal fato exemplifica, que o direito do cidadão de ir e vir, já está perdido em meio à tanta insegurança, por ter tanto contrabando.

É difícil se encontrar à sociedade um cidadão que não se fragiliza e se torna inseguro, depois de conviver com tantos aspectos negativos. Daí o mínimo que tem que ter, é persistência e vontade para superar tais crises, **mesmo que às vezes o otimismo se perca e não mais se encontre**. Nesta acirrada competitividade, vencerá aquele que não se posicionar apenas no aspecto negativo da situação, **aquele que tiver previsão de futuro** e apesar das desilusões preservar o otimismo. (redação 90)

Como podemos perceber, houve diversos trechos mal elaborados e mal organizados, que favoreceram interpretações não-autorizadas. Na primeira ocorrência — “mas que era apenas o dinheiro que havia vendido sua casa.” —, podemos interpretar como sendo o dinheiro o elemento que praticou o ato de vender a casa. E ainda distinguimos uma irônica ambigüidade: o dinheiro “vendeu” a casa de quem? Do próprio dinheiro ou dos inocentes que o tinham no bolso? Trata-se de uma construção sintática inadequada. Empregou-se o pronome relativo “que”, o qual tem como referente o elemento anterior a ele – nessa situação, o dinheiro. Além desse uso inapropriado do pronome, faltou clareza, organização e explicitação de informações – **mas era apenas o dinheiro (recebido) pela venda de / porque haviam vendido suas casas**.

Já quanto às duas últimas ocorrências – “mesmo que às vezes o otimismo se perca e não mais se encontre” e “(vencerá) aquele que tiver previsão de futuro” –, perguntamos:

- a) O otimismo perderá a si próprio e não mais se encontrará?
- b) Quem vencerá será “aquele” que prever o futuro?

De igual maneira, nos excertos a seguir, podemos fazer inferências não-autorizadas. Em (66), o emprego inadequado de um pronome permite uma outra interpretação, não

condizente com o mundo real: os semáforos, referente imediato, alegam fome? Em (67), é favorável a interpretação de que a televisão também exerce o papel de administradora (do país). Já em (68), podemos interpretar que os setores é que têm criticidade, ou seja, eles são críticos. Além disso, diferente do que fora colocado após essa construção, “deficiência no atendimento público de saúde” não é setor.

(66) O dinheiro dado às crianças e adolescentes em semáforos, **os quais alegam fome**, o que por sua vez não é mentira, utilizam o dinheiro para se drogar. A droga os separa do mundo real da fome, por isso preferem o vício. E este garoto, por não utilizar de uma forma legal, o dinheiro acaba contribuindo para o tráfico, o que mais uma vez leva a violência. (3º parágrafo, redação 57)

(67) **O governo deve administrar melhor juntamente com a ajuda da televisão**, apresentando programas que informem melhor os jovens das consequências que estes delitos traz a sociedade, melhorando também a educação, cobrando uma boa formação destes. (4º parágrafo, redação 56)

(68) Em primeiro lugar, **observamos setores críticos** em nosso país, como a deficiência no atendimento público de saúde, no ensino público e a falta de empregos, sendo estes os maiores responsáveis pela desmotivação para a maioria dos brasileiros. (1º parágrafo, redação 85)

Falhas classificadas como inferências não-autorizadas corresponderam a 6,1% das incoerências pragmáticas apenas. No entanto, foram encontradas em 47% dos textos analisados. Assim, uma vez sendo alto o número de textos em que apareceram, em detrimento do seu baixo índice de ocorrência, os dados nos permitem caracterizá-las como constituindo marcadamente o perfil dos vestibulandos.

4.1.1.11. Falhas quanto à argumentação / idéias não desenvolvidas

Ao produzirmos um texto argumentativo *stricto sensu* ou argumentativo não *stricto sensu*, nosso objetivo primordial deve ser atingir o leitor, de forma a fazê-lo aceitar uma dada

idéia ou ação. Assim também se dá no contexto de produção do concurso vestibular: ele equivale, também, a uma situação comunicativa, em que se atende a uma proposta, mostrando-se capacidade lingüístico-textual no uso de argumentos, como se realmente se tivesse o intuito ou a necessidade de se convencer e/ou persuadir³¹ alguém acerca de uma dada idéia.

Nesse sentido, a argumentação e o desenvolvimento de idéias propostas são fatores de coerência textual, uma vez que são essenciais para que sejam atendidas as exigências do contexto de produção. Logo, é constante a busca da adesão do interlocutor, a persuasão deste acerca de uma dada idéia defendida por um escritor-autor, fazendo-se uso de marcadores lingüísticos e de argumentos expressivos e sustentáveis.

Então, os fins a serem atingidos com a produção referem-se ao resultado do jogo de linguagem que se utiliza, o reflexo deste no leitor. É necessário que efeitos sejam causados no receptor da mensagem, desencadeando-lhe comportamentos. Para tanto, o texto produzido deverá representar um conjunto de relações significativas, estabelecidas por meio da linguagem e, conseqüentemente, no gênero em análise, por meio de argumentos. Ou seja, todo parágrafo será constituído por um tópico frasal, seguido de razões para que se alcance uma ou outra conclusão.

Nesse sentido, uma vez que se lança uma idéia e essa não é desenvolvida, isto é, para ela não se apresentam razões – seja a favor, seja contra –, o texto produzido torna-se fraco quanto ao teor argumentativo. Não promover discussão, procedendo-se à apresentação de observações generalizantes tende a prejudicar a argumentatividade de um texto.

³¹ Convencer e persuadir não são palavras que têm o mesmo significado básico. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 30) apontam a diferenciação entre elas. Segundo eles, “*Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação [...]. Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir*”. Isso quer dizer que persuadir implica ação, ao contrário de convencer. Um exemplo bastante simples: pode-se convencer um fumante de que o cigarro traz males para a saúde; no entanto, esta mesma pessoa pode não ser persuadida a largar o vício, a deixar de fumar.

Ao contrário de se ignorar o debate no texto, o locutor deveria estabelecer relações – de inclusão, de causa e conseqüência, de comparação ou de analogia –, apelar para a razão e para dados fidedignos e, ainda, antecipar objeções. Todas essas estratégias tenderiam a fortalecer a idéia central defendida. No entanto, 53% dos textos analisados apresentaram idéias que não foram desenvolvidas, ferindo-se a estrutura argumentativa, característica do gênero textual redação de vestibular. Esse dado certifica-nos do fato de que os vestibulandos apresentam dificuldades quanto à argumentação, quanto ao desenvolvimento (justificação, explicação) das idéias por eles defendidas. Assim, algumas de suas construções parecem-nos fragmentadas e não interligadas às demais.

Observemos, por exemplo, a redação 75. Nela, percebemos a ocorrência de uma série de assertivas que não foram desenvolvidas. Ou seja, equivaleram a idéias lançadas, sem que, para isso, fossem apresentadas razões, argumentos que as justificassem.

(69) Otimismo do brasileiro está sendo posto a prova

O brasileiro tem um otimismo invejável estampado nas suas festas, comemorações, no seu rosto. Mas todo esse pensamento positivo nos dá uma falsa aparência de alegria. O cidadão do nosso país acorda ouvindo falar de assassinatos, almoça ouvindo falar de fome e janta assistindo notícias de corrupção no alto escalão do governo.

Como uma pessoa consegue sair na rua sabendo que há risco de assaltos, seqüestros relâmpagos e ainda consegue esbanjar alegria?

O Brasil é assolado todos os dias por crises, é um país descontrolado pelo medo, não do terrorismo que tanto assombra os norte-americanos, mas sim pelo terror do narcotráfico que manda nas grandes capitais brasileiras. A corrupção toma níveis catastróficos, **onde envolve até braço direito de ministro do governo**, de onde deveria partir o exemplo vem a desilusão, o próprio presidente e denunciado para o mundo todo como um consumista de bebidas alcoólicas e esse consumo de grandes proporções. **E ainda pior**, o jornalista que ousou falar a verdade aos eleitores do presidente e expulso do país arranhando ainda mais a imagem de seu povo.

O brasileiro no exterior é visto como alegre, malandro e festeiro **como mostra o mais famoso personagem nacional de desenho Zé carioca, isso não é motivo de alegria para esses trabalhadores assustados e desiludidos?**

Aparentemente todos nós somos felizes por natureza, nossa sociedade comemora com o que nos deveríamos preocupar. Isso mostra antes de tudo que somos otimistas sim, **o que não quer dizer que nos contemamos com o que está acontecendo ao nosso redor.** (redação 75)

Exemplificações, explicações e justificativas não foram apresentadas para os enunciados em negrito, no texto acima. O que constitui um grave problema para a construção do sentido, já que todos os trechos marcados carecem de esclarecimentos. No primeiro caso, por exemplo, quando se questiona “Como uma pessoa consegue sair na rua sabendo que há risco de assaltos, seqüestros relâmpagos e ainda consegue esbanjar alegria?”, deixa-se de explicitar por que deveria ser o contrário. Normalmente, no cotidiano, as pessoas apresentam sim certo receio com relação aos perigos que a violência tem provocado; mas essa situação de temor não implica uma tristeza constante. Há outros fatores que promovem a alegria da população e que a faz superar, psicológica e sentimentalmente, os problemas sociais enfrentados. Não há fatos que nos provem que, no Brasil, há pessoas que vivem enclausuradas, tristes, apenas porque perceberam que, no país, há violência.

No entanto, se o produtor do texto tem outra opinião a respeito, se ele imagina que a população não pode ser feliz, uma vez que convive com tanta violência, que sequer ela pode sair às ruas e demonstrar alegria, seria preciso justificar esse posicionamento. Seria necessário, portanto, ter apresentado motivos que argumentassem em favor desse comportamento por parte da população, comprovando-o, o que não se deu. Logo, o trecho constitui-se de uma idéia lançada, porém não desenvolvida, não argumentada.

Já para os dois trechos seguintes, cabem os seguintes questionamentos:

- a) De que “braço direito” de ministro se trata? A quem ou a que situação se refere o trecho?
- b) Por que o fato de se ter expulsado do país o repórter é pior do que “saber a verdade sobre o Presidente” – segundo o vestibulando?

Como podemos notar, faltaram esclarecimentos. Além disso, houve também problema quanto à clareza dos enunciados, já que informações que deveriam ser explicitadas e explicadas ficaram subentendidas e, assim, passou-se a ter a necessidade de se fazerem maiores inferências. No entanto, o trecho deveria ser mais preciso e objetivo, apresentando

nomes, dados, deixando marcas lingüísticas, pistas que seriam utilizadas pelo leitor, a fim de que este pudesse recobrar, inclusive, referentes e reconhecer as situações a que se reportou no texto.

Também se mencionou que o personagem Zé Carioca apresenta um outro perfil do brasileiro no exterior. No entanto, essa idéia não foi desenvolvida, de forma a ser interligada ao tema abordado. Assim, não podemos definir se a pergunta seqüente é uma ironia ou não, e se era ou não para o fato mencionado constituir motivo de alegria. Deixou-se de desenvolver as idéias, de se apresentar justificativas para elas e, até mesmo, de exemplificá-las, como exige o trecho que menciona o Zé Carioca – como este mostra o perfil do brasileiro no exterior? Como a alegria, a malandragem, a festa, são representadas nas produções deste personagem?

Por último, em nenhum momento ao longo do texto, afirmou-se haver contentamento por parte dos brasileiros no que se refere aos diversos problemas sócio-econômicos por eles enfrentados. Assim, trata-se de uma idéia nova, lançada exatamente na última frase do último parágrafo da redação. Ou seja, também não foi desenvolvida.

Não sendo apresentadas razões, argumentos, não discutindo idéias, não refutando conceitos ou ratificando-os, o texto acaba por ser ineficiente quanto à sua função de buscar o consentimento do leitor a respeito das idéias lançadas. Não se consegue, pois, convencer o interlocutor acerca de uma dada concepção.

O mesmo percebemos na redação a seguir:

(70) O otimismo romantico do brasileiro

Dizem que o brasileiro é povo docil, gente alegre por natureza.

O Brasil é uma nação de várias etnias e mistura étnicas. É um país que muito pouco tem noção de sua própria história. Povo que pouco por direitos legitimados nas classes populares, mas foi levado a grita o apelo de quem não é do povo.

O Brasil é rico! Rico em recursos naturais, biodiversidade e rico de um povo que tem no sangue a mistura de muitos povos. Aqui não há guerra religiosa ou racial, pelo menos não há guerra armada.

No entanto somos uma pobre nação! Pois não fazemos nossa potencial riqueza resultar em igualdade social, qualidade de vida a todos, diminuição da violência e erradicação da miséria.

Contudo o índice relativo de suicídios no Japão ou na Finlândia, países ditos sem problemas sociais graves é bem maior comparado ao povo brasileiro sofrido.

Será que o otimismo e alegria do brasileiro estão ligados a falta de educação? **O analfabetismo da leitura da realidade que impera em um povo que historicamente foi privado de educação faz, hoje desse povo, uma gente mais conformada, mais docil, que acalenta os sofrimentos ligando a tv e deixando se levar pelas ilusões oferecidas pela mídia.**

O otimismo do brasileiro tem sido ilusório, romântico, pois não se baseia em uma leitura crítica da realidade. Um otimismo real pode ser alcançado à medida que se oferece educação de qualidade, educação não tendenciosa, que dê condições para o indivíduo ser um cidadão crítico e reflexivo. Assim haveria um otimismo verdadeiro que leva à luta e à revolução. **Mas a boa educação abre os olhos do povo para o quadro que se encontra a sociedade e causa também tristeza e desânimo devido ao sistema que se perpetua.**

Quando o povo brasileiro tiver maior acesso a educação aliada a informação clara da situação em que se encontra o país o primeiro sentimento da nação deve ser de tristeza e de perplexidade. **Então nasceria no seio da sociedade, as sementes das mudanças verdadeiras para este país que é rico e ao mesmo tempo miserável.** (redação 86)

No texto acima, há também uma série de idéias que constituíram uma só sentença e às quais não foram somados argumentos – as quatro primeiras ocorrências em negrito. Elas não foram desenvolvidas, justificadas, explicadas. Além disso, parecem-nos desconexas umas das outras, ou seja, faltou-lhe seqüenciação. Talvez tenha sido exatamente o fato de não serem desenvolvidas que nos impediu de interligá-las.

Em seguida, passando-se à quinta ocorrência, quando se menciona que a incapacidade de ler (criticamente) a realidade faz do povo brasileiro uma gente conformada, não se argumentou em favor dessa assertiva; para ela não foram apresentadas causas, razões que a sustentassem, já se antecipando possíveis contra-argumentações.

Por sua vez, na ocorrência seguinte, afirma-se que a educação de qualidade permitiria que um otimismo se fixasse, otimismo este destituído de quaisquer falsas ilusões. O surgimento dele provocaria uma revolução, uma luta por melhorias. No entanto, logo a seguir, contradiz-se essa idéia, afirmando-se que provocaria tristeza e desânimo, uma vez que se poderia enxergar o verdadeiro sistema que perpetua na sociedade. Assim, como pode o otimismo equivaler a desânimo, a tristeza? São idéias que nos parecem contraditórias, talvez

por não terem sido desenvolvidas e, conseqüentemente, interligadas. Essa mesma contradição é ratificada com as informações contidas no último parágrafo.

Em seguida, apresenta-se na última frase do texto a idéia de que nasceriam “sementes das mudanças verdadeiras”. Quais seriam essas sementes (inclusive, sementes não nascem, mas brotam, germinam)? A que fatores se está referindo? Quais são as mudanças verdadeiras? Não são questões que podem ser esclarecidas pelo leitor, a partir dos dados contidos no texto.

Grande parte das ocorrências verificadas nessa última redação coincide com trechos em que não houve seqüenciação de idéias – conforme se pôde certificar no item 4.1.1.6, para o qual esse mesmo texto serviu como exemplo. Talvez essa não sucessão tenha se dado exatamente pelo fato de o vestibulando não ter desenvolvido os conceitos e opiniões, estabelecendo relações entre eles – de causa e conseqüência ou de inclusão, por exemplo.

Feita a análise dos fatores que promovem a coerência pragmática, fica patente o fato de que os vestibulandos apresentam um perfil delineado por uma série de dificuldades quanto à construção de trechos claros, constituídos de informações organizadas e completas.

Percebemos que, em sua maioria, os vestibulandos não são capazes de produzir textos cujas informações sejam suficientes para a construção de um todo significativo. Esse fato marcou 94% dos textos analisados. De igual maneira, em mais de 60% dos textos verificamos que os candidatos ao ingresso num curso superior não progridem em suas informações ou não fornecem dados que alternem, de maneira balanceada, entre o dado e o novo. E, além disso, ao noticiarem fatos que, de alguma forma, sustentam as idéias e os conceitos apresentados nos textos, os produtores não apresentam veracidade, mostrando-se mal informados e fugindo ao contexto do mundo real.

Também, cerca de 50% dos textos analisados se caracterizaram pelo baixo teor argumentativo, cujas assertivas não foram desenvolvidas por meio de justificativas, explicações ou exemplificações, por exemplo. Assim, as produções foram constituídas de

conceitos fragmentados, sem desenvolvimento algum que pudesse sustentá-los e dar a eles credibilidade.

Entre 47% e 23% figuraram os demais problemas estudados (em ordem decrescente, construções que permitiram inferências não-autorizadas, contradições, desobediências ao contexto de produção, fugas ao tema proposto e/ou desenvolvido e apresentação de argumentos inconsistentes). Trata-se ainda de uma porcentagem elevada, que também acentua desconhecimentos e incapacidades por parte dos vestibulandos.

Com base nesses fatores analisados, percebemos que os vestibulandos apresentam mais dificuldades naqueles aspectos que mais favorecem a construção coerente de um texto, ou seja, nos elementos que permitem, imediatamente à leitura, a caracterização de um texto como tal. Nesse sentido, há, por parte dos candidatos, uma visível incapacitação para a produção de textos cujo sentido não seja, de alguma forma, prejudicado pragmaticamente. A pesquisa desenvolvida comprova tal fato, uma vez que 100% dos textos analisados apresentaram algum problema quanto à construção da coerência pragmática.

4.1.2. Incoerências sintáticas

Esse tipo de incoerência liga-se a problemas quanto ao emprego de elementos coesivos, ou seja, falhas no que se refere ao uso dos meios sintáticos para estabelecimento de relações entre idéias e conceitos no plano lingüístico-textual, as quais permitem a construção do sentido geral do texto. Trata-se de elementos que favorecem a seqüenciação das idéias e a referenciação de repetidores na redação.

Os conceitos de coesão textual que embasaram a pesquisa foram aqueles propostos por Koch (2003a), Koch e Travaglia (1999 e 2002) e por Marcuschi (1983). De acordo com esses autores, de uma maneira geral, enquanto a coerência encontra-se no nível do sentido, no

aspecto semântico-pragmático, a coesão relaciona-se ao nível superficial do texto, aos elementos lingüísticos empregados.

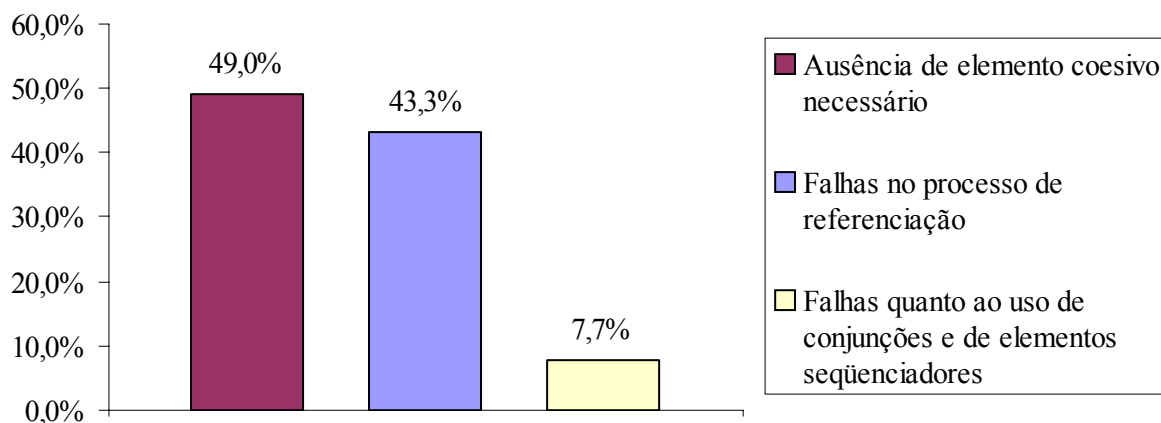


Gráfico 4 - Incoerências sintáticas

As incoerências sintáticas foram subdividas em três grupos, conforme mostrado no gráfico 4. Um deles se refere a falhas especificamente no uso de conectores, o que demonstra desconhecimento semântico desses termos, inclusive. O segundo, engloba falhas quanto ao processo de referência, no que se refere ao emprego de pronomes, artigos, advérbios ou nominalizações. Nesse conjunto também se incluem as falhas que geraram ambigüidades. Já o último grupo refere-se ao não emprego de elemento coesivo – pertencente a qualquer uma das classes gramaticais – e cujo uso se fez necessário para a construção clara e coerente de um determinado trecho.

4.1.2.1. Falhas quanto ao uso de conjunções e de elementos sequenciadores

Como podemos ver no gráfico 4, falhas quanto ao reconhecimento do valor semântico de conjunções e advérbios e conseqüente uso inadequado destes equivaleram ao menor índice dentre as três causas de incoerência sintática.

O que avaliamos nesse aspecto foi o estabelecimento de relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto. Buscamos verificar se os marcadores formais correlacionaram com sucesso o que estava para ser dito ao que já havia sido expresso. Analisamos, portanto, o emprego de partículas de ligação, de conectores, classificados gramaticalmente como conjunções ou advérbios, que podem estabelecer relações de soma, de localização, de restrição, de justificativa, de explicação, dentre outras possibilidades.

34% dos textos apresentaram problemas dessa ordem. Uma porcentagem alta, no entanto, que somou um total de apenas 7,7% das ocorrências de incoerências sintáticas.

Como exemplo desse tipo de problema, observemos como as falhas nesse campo se configuram na redação a seguir:

(71) Não há como os brasileiros serem otimistas

O Brasil passa por um momento em que somente os governantes estão de bom humor, otimistas com o crescimento das exportações, **mas** olhando para a maioria da população é claro que se percebe o enorme baixo astral, muitas famílias passam fome e não tem um lugar decente para morar, outros estão perdendo seus empregos, as doenças cada vez surgem com mais força e a ciência colabora, mas nem todos tem condições de estar aproveitando dela, a violência já toma conta de várias cidades do Brasil.

Lula e seus companheiros estão otimistas com o crescimento do mercado externo, a inflação está baixa, com que eles estariam perdendo a cabeça, se possuem enormes salários, dormem em cama de ouro e comem do que há melhor qualidade. **Mas** são poucos os otimistas como eles, no geral a população está cada vez mais decadente.

O número de famílias que passam fome é enorme, não possuem nem o básico para sua sobrevivência que é moradia, comida, saneamento básico, e claro, o emprego para que tenham condição de manter-se. Assim se tornam pessoas frustradas com enorme baixo astral, vendo essa enorme desigualdade, onde uns esbajam de tudo e eles não conseguem nada. **Mas** claro que o problema está na política, na forma de organização do sistema público, que deveriam gerar empregos e políticas sociais no combate desses problemas. (1º, 2º e 3º parágrafos, redação 72)

Ao fazermos a leitura do primeiro parágrafo do texto, percebemos que a relação de adversidade marcada pelo uso da conjunção “mas” não se efetiva. Isto é, este conector não acrescenta idéia de contraste nesse contexto. Isto se dá uma vez que já se havia afirmado que “somente os governantes estão de bom humor”. Ou seja, a sentença assevera que em nenhum

outro grupo há de se verificar o otimismo, o que inclui a sociedade como um todo. Assim, o que se constrói é uma relação de consequência, não de oposição: somente os governantes estão de bom humor; logo ou em consequência disso, a maioria da população está de baixo-astrol.

No segundo parágrafo da redação, a mesma falha é recorrente. Por um lado, não há progressão da informação que está sendo veiculada, repetindo-se, como no parágrafo anterior, o dado de que a maioria da população está de baixo-astrol. Por outro, já era conhecido que apenas uma minoria estaria com os ânimos elevados, o que não justifica o uso da conjunção adversativa. Ela, mais uma vez, não está contrapondo idéias, uma vez que se falava da minoria e não sociedade como um todo, o que poderia justificar uma contraposição entre “todos” e “poucos”. Nesse caso, são duas partes menos numerosas que estão sendo mencionadas.

Já considerando o terceiro parágrafo do texto em análise, certificamos que, em nenhum momento, tentou-se argumentar a favor da conclusão de que o povo seria o culpado pela situação problemática que enfrenta nos campos social e político; nem mesmo se buscou a adesão ao fato de que não seria o próprio governo o culpado pela conjuntura. Assim, da mesma forma que nos casos anteriores, o emprego do “mas” não se justifica. Novamente, não se está opondo a nenhum outro argumento anteriormente apresentado.

Também a redação¹⁶ apresenta três problemas quanto ao uso de conjunções e quanto ao estabelecimento de relações semânticas entre as sentenças. Dois dos casos equivalem, mais uma vez, ao uso do operador “mas”; já o último caso é ilustrado pelo emprego da conjunção “por isso”.

(72) **Tentando sempre**

As pessoas costumam associar um povo a uma determinada característica, o que é um erro. É como dizer que os turcos são todos ambiciosos, os ingleses são pontuais e os americanos se acham superiores aos demais. **Mas** e quanto ao povo brasileiro?

Sempre quiseram associar a imagem do povo brasileiro a uma gente preguiçosa que só pensa em festa. Novamente, isso é um erro, uma vez que tem tanta gente procurando emprego. Rótulos à parte, **mas** o governo se achou no direito de dizer que o povo brasileiro tem que ter a auto-estima lá em cima.

Não que a nossa estivesse baixa, até porque a grande massa não conhece essa tal auto-estima, mas diante da situação preocupante de violência, desemprego e corrupção é para a nação estar, no mínimo, descontente. Mas o governo quer empurrar garganta a baixo que o brasileiro tem que se sentir bem, ainda que todo o resto esteja fora de controle.

Dizer que o povo brasileiro está sempre esperançoso é algo utópico. Não é esperança o que move toda esta gente, mas sim a necessidade de trabalhar e a consciência de que só reclamar não vai adiantar muita coisa.

É **por isso** que esta questão de baixa ou alta auto-estima ficaria mais oportuna se todos (ou a maioria) não estivesse tão ocupada trabalhando e lutando para sobreviver em meio a todas as adversidades. (Redação 16)

Na primeira ocorrência, a falha se dá por não se ter a intenção de se contradizer o fato de que é um erro estender uma dada característica a toda uma nação. Assim, o emprego da conjunção provoca no leitor uma expectativa diferente daquela veiculada pela primeira sentença do texto: a construção permite imaginar que, com os brasileiros, ocorre o contrário; que, no Brasil, há sim uma característica que atende a todos igualmente, não equivalendo, de forma alguma, a um equívoco. No entanto, o contrário disso é ratificado já no segundo parágrafo: “Sempre quiseram associar a imagem do povo brasileiro a uma gente preguiçosa que só pensa em festa. *Novamente, isso é um erro*, uma vez que tem tanta gente procurando emprego.”

Nesse primeiro trecho, então, a relação estabelecida é de soma, de adição. O questionamento feito ao final do primeiro parágrafo constitui-se num convite para que se verifique qual a característica que se tem direcionado aos brasileiros, uma vez que características generalizadas de mesma ordem já teriam sido identificadas para turcos, ingleses e americanos, distintamente. Portanto, a característica para os brasileiros será identificada sem que, para isso, tenha que se opor à conclusão pretendida: a de que é um engano generalizar traços a todo um povo.

No segundo caso, houve problemas quanto ao uso da conjunção principalmente porque faltou clareza na construção do trecho. A primeira parte da sentença – “Rótulos à parte” –, que serviria como o argumento a ser imediatamente descartado pela introdução da adversativa, não é inteligível: por que “rótulos à parte”? A que se referem estes? Não há como esclarecer essas questões. Assim, além de a própria interpretação ser prejudicada, também o é a identificação da relação que se estabelece entre uma e outra assertiva.

Já no último parágrafo, o problema reside no emprego de “por isso”, conjunção coordenativa que deveria estabelecer relação de conclusão ou consequência. No entanto, essa relação não se efetiva.

Primeiramente, há problemas quanto aos argumentos apresentados nesse trecho. A análise da auto-estima cabe em qualquer situação, independente de total felicidade ou de problemas a serem solucionados. Além disso, trabalho e luta pela sobrevivência não atrapalham essa possível análise. Ao contrário disso, se se está trabalhando e lutando, talvez a disposição para tanto seja sinônima de alta auto-estima, já que não se verifica, nesse caso, desânimo e, nem mesmo, consentimento com a situação que se vive. Assim, o trecho equivale também a um argumento inconsistente. E ainda se foge ao debate e à criticidade ao se abordar o tema.

Então, nada do que foi tratado nos parágrafos anteriores serve como causa para a “fuga” à conclusão das idéias defendidas até então, fuga esta verificada no último parágrafo. Inclusive, ao lermos o quarto parágrafo, vemos que já foi feita uma análise da auto-estima do brasileiro: afirma-se que essa esperança a ele endereçada é utópica. Além disso, foi dito que, na situação vivida pelo povo na atualidade, é para este estar, “no mínimo, descontente”. Ou seja, houve também uma contradição: a análise dos ânimos brasileiros já foi oportuna e feita ao longo dos parágrafos anteriormente construídos e seqüenciados.

Problemas de mesma ordem são também verificados nos excertos a seguir:

(73) “Eu sou brasileiro e não desisto nunca” tema de uma nova filosofia da rede globo, acompanhada pelo “Tente outra vez” de Raul Seixas, vem mostrando e levando-nos a espelhar-nos em brasileiros que passam por diversas situações de desespero e agonia, mas continuam lutando. Exemplos como o de Hebert Viana, que sobreviveu e surpreendeu a um acidente de ultraleve. Ronaldo que teve seu joelho fraturado durante uma partida de futebol, são ligados à idéia de luta e perseverança. Eles não são os únicos, quantos anônimos, a cada minuto dão exemplos de otimismo. É característica do brasileiro a fé e a crença em um futuro melhor. **Assim** um povo que sai às ruas com a cara pintada, contra um governo corrupto, que se arrisca elegendo um governante semi-alfabetizado, não deve ser apenas chamado de otimista, e sim de corajoso. Acreditamos e lutamos por nossos ideais, raramente fechamos os olhos diante de tantas injustiças sociais, nos unimos por causas nobres visando qualidade de vida, carentes de ajuda, juntamos nosso pouco para se transformar em muito e ajudar famílias dignas como a corrente feita pelo povo Tissunamy. (redação 66)

(74) É uma grande população carente tentando sobreviver; uma roda viva onde seus concorrentes fazem parte do grupo de filhos do “colarinho branco”; onde a máfia do crime organizado tem força e domínio **pois** vivemos hoje em um mundo onde “vença o melhor” já era..., tem dinheiro? tá tudo certo; vença quem tem mais. (redação 53)

Em (73), o problema quanto ao uso de conjunções equivale ao fato de se usar uma conjunção conclusiva em lugar de uma adversativa (nesse caso, por exemplo, “no entanto”). Isso porque o primeiro argumento apresentado refere-se à idéia de que fé e crença caracterizam o brasileiro, o que nos levaria à conclusão imediata de que se trata de um povo otimista. Porém, a concepção que se formula com a leitura dos trechos seqüentes é a de que não se deve precipitar em aceitar a conclusão de “povo otimista” para o argumento apresentado. Assim, defende-se, em seguida, o fato de que não se deve chamar esse povo somente de otimista, mas também de corajoso.

Em (74), por sua vez, a falha reside no uso indevido da conjunção “pois”, buscando-se estabelecer relação de explicação. A informação que se sucede à conjunção não explica o fato de o crime organizado ter força e domínio. Isso porque pode haver crimes sem que estejam envolvidos indivíduos que tenham dinheiro em grande quantidade. Nesse caso, o “vença quem tem mais” ligar-se-ia aos mais ricos. Ou seja, o problema também recai sobre a questão da verossimilhança.

4.1.2.2. Falhas quanto ao processo de referenciação

Pelo processo de referenciação, um componente lingüístico da superfície do texto – forma referencial ou remissiva – faz referência a outro(s) elemento(s) a que se denomina referente(s). Esse processo de retomada de elementos que tendem a se repetir ao longo do texto pode se efetivar por meio de anáfora ou catáfora. No primeiro caso, diz-se que a referência se dá retomando-se elementos já mencionados anteriormente, ou seja, o referente precede o elemento coesivo. Já quando se trata de catáfora, o referente vem após o elo coesivo.

Em quaisquer textos e, especialmente, na redação de vestibular, independente de as retomadas se darem anafórica ou cataforicamente, a exigência única e essencial é a de que o referente seja recobrável na própria superfície do texto ou que seja facilmente inferível a partir do universo textual. Assim, os casos em que se verificaram falhas nesse processo de reconhecimento de referentes constituíram incoerências sintáticas no que se refere aos mecanismos de referenciação.

Falhas quanto a esse aspecto alcançaram 43,3% dos problemas de coesão quantificados. Um índice elevado, que comprova dificuldades por parte dos vestibulandos para o estabelecimento de referências. Ou seja, vemos que há um grande entrave quanto a se deixar claro no texto os elementos, as idéias e/ou os fatos de que se trata e uma vez já mencionados.

Problemas dessa ordem, por exemplo, podem ser vistos na redação a seguir:

(75) Como exemplo, ao comprar entorpecentes, a pessoa mantém um ciclo vicioso, o tráfico depende de vários fatores para fortalecer, uma pessoa compra a droga, o traficante compra arma **que** a utiliza em seus devedores. A violência **nesse** meio é brutal.

O dinheiro dado às crianças e adolescentes em semáforos, os quais alegam fome, o que por sua vez não é mentira, utilizam o dinheiro para se drogar. A droga os separa do mundo real da fome, por isso preferem o vício. E **este** garoto, por não utilizar de uma forma legal, o

dinheiro acaba contribuindo para o tráfico, o que mais uma vez leva a violência. (2º e 3º parágrafos, redação 57)

Na primeira ocorrência do segundo parágrafo, a falha se dá pelo uso inadequado do pronome relativo “que”. Gramaticalmente, este é assim chamado porque sempre se refere a um antecedente imediato. No caso em análise, o termo que está mais próximo a “que” é “arma” e, em hipótese alguma, pode corresponder ao referente, já que não há como uma arma utilizar algo ou a si própria contra os devedores. Não se trata, obviamente, de um sujeito agente. Ao que se sabe, ela é utilizada por alguém contra os devedores deste. Logo, o elemento que deve ser retomado é “o traficante”.

Assim, o problema em questão pode ser solucionado alterando-se a ordem dos elementos, como em (76), ou mudando-se a construção sintática do segundo período da sentença, como ilustrado em (77):

“[...] o traficante compra arma **que** a utiliza em seus devedores.”

(76) [...] o traficante que compra arma a utiliza em seus devedores.

(77) (...) o traficante compra arma que é utilizada em seus devedores.

Além dessas, seria admitida a construção em que trocaríamos “que” por uma conjunção aditiva, conforme mostrado em (78):

(78) (...) o traficante compra arma e a utiliza em seus devedores.

Já em “A violência nesse meio é brutal”, temos um problema quanto ao uso da forma demonstrativa “nesse”. No trecho lido até então, não há um “meio” que possamos retomar. Há, sim, uma série de ações que contribuem com a violência e que acabam por culminar

nesta. Assim, o que recobramos, pelo conhecimento prévio de mundo que temos a respeito da temática abordada, é o movimento cíclico que compõem o tráfico. E este não é um meio. Trata-se de um negócio, de um comércio. Temos, pois, um problema de referenciação também por sinonímia.

E, por último, não conseguimos localizar, no texto, referente para a expressão “este garoto”. Ou seja, o pronome “este”, cuja função seria apontar para o referente, não cumpre o seu papel nesse trecho. Não há “um garoto” específico a que se recorrer. Há, sim, crianças e adolescentes no geral, um grupo de indivíduos.

Também a redação transcrita em (79) apresenta falhas quanto ao emprego de artigos e de pronomes:

(79) Brasileiro: esperançoso e otimista!

Os problemas estão inseridos na vida da população mundial, de maneira diferentes e com inúmeras reações. Existem **aqueles** que se desesperam e entregam-se às dificuldades, **outros** se abalam, e também tem **muitos** que vivem com tribulações mas não se entregam, podem até ficar abalados mas mantêm a perseverança e a esperança de que irão progredir. **Estes muitos** que foram citados podem ser chamados de brasileiros, que são insistentes e felizes mesmo com tantos percalsos e desilusões na vida.

O questionamento pode surgir em relação a felicidade do brasileiro, pois este que enfrenta o desemprego, a fome, a falta de assistência médica, a situação precária na educação e tantos outros problemas não tem motivações do país para tal alegria. A explicação vem do espírito esperançoso que o brasileiro tem, mesmo com estas dificuldades esse povo comemora o natal, ano novo, carnaval e tantas outras festas, como se estivesse sempre muito bem, não deixando se abater pelos problemas.

Mesmo aqueles que vivem na seca e miséria, com feições cansadas e castigadas pelo sol e fome de quem demonstra não desistir da vida, mesmo tendo condições precárias para “sobreviver”. Estes evidenciam aquilo que eles têm como maior valor, que é a honestidade, a fé e a cultura do norte e nordeste deste país, vinda dos folclores. As festas levam alegria para **aquele** povo que dança, canta, toca e festeja. Isso pode até ser surpreendente para quem vê do lado de fora, pois não se sabe o que eles festejam em meio à uma vida de miséria.

Enfim, sem saudosismo, o povo brasileiro realmente é otimista, pois estão sempre acreditando que futuramente terão uma vida melhor, e isto comprova-se nas filas gigantescas de desempregados que não desistem, e estão enfrentando inúmeras entrevistas e preenchimento de currículos, pois perseveram para conquistarem o almejado emprego. Certamente a personalidade do brasileiro contribui para esta alegria de viver e de um pensamento positivo, com isso espera-se que **todos** possam contribuir para a formação de um Brasil digno para se viver, e que a felicidade não contagie somente os momentos de festejos, intitulando o país do carnaval, mas também que se manifeste para o progresso! (redação 26)

O primeiro desvio quantificado em (79) foi causado pelo emprego do artigo definido de forma inadequada. Segundo Cunha e Cintra (1985):

O artigo definido é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou objeto mencionado. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 205)

No entanto, retomando o exemplo transcrito em (79), ainda no início do texto não temos conhecimento de que problemas se tratam. Assim, não é o caso de haver um termo de conhecimento comum por parte de leitor e produtor, o que inviabiliza o uso do artigo do artigo definido, enquanto não se especifica o tipo de problemas a que se está referindo. Seria diferente caso não se empregasse o artigo definido. Nessa circunstância, seriam tomados todos e quaisquer problemas possíveis de aparecerem no âmbito social. Ou seja, não haveria a idéia de que se trata de problemas específicos e conhecidos.

Essa mesma falha se repete no segundo parágrafo do texto. Definitiviza-se o termo “questionamento”, porém este não tem um referente específico, mencionado anteriormente e a que se pode retomar. Mais uma vez, certificamo-nos de que há um problema de coesão.

Já os quatro problemas seqüentes se dão devido ao fato de não encontrarmos um sintagma nominal masculino e plural devido para os trechos, a não ser o termo “problemas”, que figura na sentença inicial da redação. Assim, ao se iniciar a segunda frase com o pronome “aqueles”, o primeiro elemento a ser recuperado é exatamente “problemas”, até mesmo porque se espera ser ele o foco do parágrafo, por iniciá-lo.

No entanto, dando-se continuidade à leitura do texto, convencemo-nos de que, ao contrário do que a construção permite recuperar, “aqueles” funciona, nesse contexto, como um pronome indefinido, não como demonstrativo. Está na 3ª pessoa gramatical, considerando-a de maneira vaga e, portanto, referindo-se aos indivíduos em geral, que compõem a sociedade. Trata-se de uma construção sintática mal feita, que acaba por

prejudicar, momentaneamente, a leitura e a construção de sentido para o trecho. Requer do leitor uma pausa no processamento textual, uma análise das informações veiculadas e uma nova retomada de referentes que atendam às pistas lingüísticas e ao conhecimento que se tem a respeito do tema abordado e dos elementos envolvidos e citados no texto.

Já no terceiro parágrafo da redação 26, a incoerência sintática equivale ao emprego de “aquele”, para o qual não se tem referente, já que o termo, acompanhado de um substantivo, é seguido de uma oração restritiva – “que dança, toca e festeja” – que não favorece a retomada possível. Caso se tratasse de uma explicação, poderíamos construir um significado coerente para o trecho: o povo que vive no norte e no nordeste, o qual dança, canta, toca e festeja. Logo, o problema também pode se tratar de um caso em que a pontuação acabou interferindo na construção do sentido. Porém, o mais adequado seria que se trocasse o pronome de terceira pessoa por um de segunda (esse). Assim, saberíamos que se trata do referente mais próximo, das pessoas que residem nas regiões norte e nordeste do Brasil.

No entanto, anteriormente, mencionava-se um povo sofrido, que vive na seca, na miséria, com feições cansadas e castigadas pelo sol e pela fome; um povo que tem vidas precárias, mas que demonstra ser honesto e religioso, além de ser muito ligado à sua própria cultura. Assim, parece-nos contraditório sobrepor a figura do povo sofrido por imagem de uma gente feliz, que dança, toca e festeja. A expectativa que se criou com a leitura é de que o povo é triste, segundo as descrições. E tal expectativa não foi abandonada, já que não houve marcador lingüístico que assim permitisse ou que, para tanto, direcionasse o leitor. Parece, portanto, não se tratar das mesmas pessoas, por haver comportamentos antitéticos, o que ratifica o problema de referenciação.

Já na última ocorrência, o problema reside no fato de não se poder localizar um referente imediato e preciso para o pronome “todos”. Dado que se está falando de pessoas brasileiras, espera-se que somente os brasileiros possam contribuir para a formação de um

Brasil melhor. Porém, há a possibilidade de outras nacionalidades trabalharem para tanto. Logo, o ideal seria que “todos” equivalesse a um pronome adjetivo, sendo acompanhado de um determinante que clareasse o processo de referência no texto.

Também na redação 23 há falha de ordem sintática, quanto ao emprego de um pronome indefinido, o que constituiu um problema bastante incomum, já que a maioria dos desvios equivaleu, no geral, a falhas quanto aos usos de pronomes demonstrativos, possessivos e de artigos definidos. Foram raros os casos que envolveram advérbios ou outros tipos de pronomes.

(80) Otimismo simples

São diversos os motivos que levam o brasileiro a desacreditar que é possível, quem sabe um dia, se ter uma vida melhor, mas mesmo assim, o povo parece ainda acreditar que a esperança é sempre a última que morre.

Índices de violência que crescem assustadoramente a cada dia, as taxas de desemprego que se mostram cada vez mais próxima da realidade de cada um de nós, precárias condições no ensino público, que parecem afastar os estudantes de baixa renda da competição igual com outro de escola privada por uma vaga numa instituição federal, insatisfação quanto aos governantes eleitos pelo o próprio povo e a corrupção impune são alguns exemplos que desestimulam o brasileiro. Porém, o que ninguém pode negar, é que não, o brasileiro não desiste nunca de lutar, e esse otimismo fica claro ao se analisar os momentos em que o povo deixa essas coisas de lado e consegue sorrir, seja durante uma partida de futebol, festas familiares, viagens, compras, de qualquer outra situação em que o tire de seu cotidiano.

Talvez o que explique esse otimismo natural do brasileiro seja a consciência de que mesmo com tantos problemas sociais hoje, nem sempre o Brasil se viu mergulhado em crises; como a há trinta anos atrás, por exemplo, em que sem dúvida alguma vivia-se melhor. Não é que esperamos que tudo volte a ser como antes, mas acreditamos que **tanta** tecnologia e desenvolvimento nos traga algum benefício. (1º, 2º e 3º parágrafos, redação 23)

Em (80), observamos que, em momento algum, mencionou-se tecnologia e desenvolvimento. O texto progride no sentido de somar elementos que representam os possíveis motivos para desestímulo do brasileiro no aspecto sócio-econômico. Fala-se de violência, de ensino público precário, de corrupção, de desemprego. No entanto, diz-se que o brasileiro está sempre lutando por uma vida melhor, ainda que tenha que se deparar com empecilhos como os já mencionados. Assim, não localizamos no texto elemento algum a que

se refira o pronome “tanta”, acompanhando tecnologia, ou seja, não há uma tecnologia específica e mencionada a que se possa recorrer. Sequer se fala em desenvolvimento – idéia motivada pela expectativa criada pelo significado do termo “tecnologia –, mas em subdesenvolvimento, em pobreza.

Já como exemplo de problemas relacionados ao uso de advérbios, observemos o emprego de “assim”, no excerto a seguir:

(81) Pode um delito ser considerado leve?

Uma transgressão é sempre uma transgressão, e por sua essência e característica formal não poderia ser considerada leve ou pequena. A transgressão no que tange ao fato, ou no que tange ao direito; seja para os especialistas em leis, seja para os especialistas em burlar as leis; ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo (e que consentiria em dizer que transgressão é) sempre transgressão e ponto.

Urge desenvolver uma capacidade de agir por dever, com responsabilidade sobre as próprias ações e as conseqüências destas para os outros. Hoje em dia, urge parar de tentar dar um jeitinho e achar que o normal é fazer porque todos fazem, de preferência coisas erradas ou mesmo que tragam danos a alguém. Fazer o correto numa sociedade **assim** transforma em virtude algo que não passa de uma obrigação moral (e neste sentido até é bom esquecer que o termo moral vem do latim *moris*, costume...) (1º e 2º parágrafos, redação 28)

No trecho transcrito, “assim” funciona como advérbio, equivalendo a “desse / deste / daquele modo”. No entanto, no fragmento lido até então, não se afirmou como a sociedade é efetivamente. Apenas se comentou a respeito do que seja transgressão e buscou-se discorrer sobre o que não deveria acontecer no ambiente social. Dessa forma, ações e características que abrangem a população em geral não foram citadas, o que inviabiliza o emprego do advérbio, por não haver um conjunto de fatores que correspondam ao referente.

Por sua vez, houve empregos outros que, especificamente, relacionaram-se à construção de períodos ambíguos. Não foi o caso, portanto, de não localizarmos elemento referente. Ao contrário, pudemos, a um mesmo fator de coesão, direcionar duas ou mais interpretações, dois ou mais grupos nominais. Isso se deu porque os vestibulandos, em diversas situações, não conseguiram tornar evidentes as relações entre os elementos que

compuseram os textos. Surgiu, então, a ambigüidade, a possibilidade de se interpretar um enunciado de mais de uma maneira, em 16,2% dos empregos inadequados de formas remissivas.

Além de, muitas vezes, não poderem ser solucionadas, as ambigüidades, segundo Mandryk e Faraco (2002), perturbam a leitura substancialmente, já que exigem do leitor uma pausa no processamento das informações, a fim de que ele proceda a uma reflexão, às vezes inesperada, intrigante ou irritante. Em outros casos, tais situações podem ser esclarecidas pela mudança na ordem dos segmentos, pela pontuação, pela troca dos pronomes ou pelo acréscimo de informações que facilitam a discriminação exata do referente.

Tomemos como exemplo as ocorrências verificadas em dois parágrafos da redação 54, mostrados em (82):

(82) Embora aparentemente pouco prejudiciais os pequenos delitos são o ponto de partida de uma cadeia ilegal, e em **seu** fim coopera com delitos gravíssimos, inaceitáveis pela população que não tem a percepção de **sua** colaboração.

Um bom exemplo a ser utilizado é o uso moderado de drogas. O cidadão trabalhador que paga todos os seus impostos em dia, ajuda a sociedade da **sua** forma. Não vê mal nenhum em utilizar eventualmente uma droga ilícita. O que ele não sabe é que como consumidor de drogas ele passa a fazer parte e a colaborar com o tráfico e com todos os problemas ocasionados por essa rede, como o aumento do poder paralelo exercido e o grande número de assassinatos e mortes relacionados direta e indiretamente à rede de venda ilegal de intorpescentes. (redação 54)

A leitura da primeira ocorrência assinalada no trecho transcrito em (85) causa problemas na interpretação exata da informação, uma vez que devemos optar entre dois referentes para o pronome “seu” e, para tanto, devemos aceitar um entre dois tipos de falhas que podem ter sido cometidas pelo vestibulando e produtor do texto:

a) Houve um problema de concordância e o referente para “seu” são “os pequenos delitos”.

Assim, a construção deveria ser “**os pequenos delitos** são o ponto de partida de uma cadeia ilegal e em **seu fim cooperam** com delitos gravíssimos”.

- b) Ou houve falha quanto ao uso de conjunção, uma vez que no lugar do “e” aditivo deveria ser empregado um pronome relativo “que”, o que permitiria a redação “são o ponto de partida de uma **cadeia ilegal, que, em seu fim, coopera** com delitos gravíssimos”.

Por sua vez, o problema de ambigüidade que se configurou no segundo caso, em parte, se deu pela indeterminação do referente na primeira ocorrência. Isso porque se espera que o foco temático tenha se mantido em todas as sentenças do parágrafo, cujo objetivo é introduzir a idéia de que se pode colaborar para o aparecimento de delitos mais graves, idéia esta que será desenvolvida nos dois parágrafos seqüentes. Nesse sentido, a expectativa é que a forma verbal “coopera” tenha mesmo referente da forma “sua colaboração”. Ou seja, caso o que coopera seja a “cadeia ilegal”, a população não teria percepção da colaboração desta cadeia. E se fossem os pequenos delitos, da mesma forma, a população não teria percepção da colaboração destes. Mas, somando-se todas as possibilidades de interpretação, há ainda a hipótese de que a população não tenha a consciência de sua própria colaboração.

Logo, as duas primeiras ocorrências discriminadas a partir da redação 54 ilustram problemas sintáticos complexos, que não podem ser solucionados no momento da leitura. O ideal seria que o produtor do texto tivesse estabelecido relações semânticas indubitáveis. Isso poderia ser feito empregando-se pronomes outros (este / aquele) que não permitissem dupla interpretação e que fossem mais específicos quanto ao referente, ou ainda organizando-se melhor as informações na sentença. Nos exemplos a seguir, são sugeridas construções que tendem a anular as ambigüidades na sentença-parágrafo do texto em análise:

(83) Embora aparentemente pouco prejudiciais, **os pequenos delitos** são o ponto de partida de uma cadeia ilegal. Por isso, **cooperam** com delitos gravíssimos, inaceitáveis pela população, que, inclusive, não tem a percepção de sua própria colaboração.

(84) Embora aparentemente pouco prejudiciais, **os pequenos delitos** são o ponto de partida de uma cadeia ilegal. Por isso, **cooperam** com delitos gravíssimos, inaceitáveis **pela população**, que não tem a percepção da **colaboração daqueles**.

(85) Embora aparentemente pouco prejudiciais, os pequenos delitos são o ponto de partida de **uma cadeia ilegal, que coopera** com delitos gravíssimos, inaceitáveis pela população, que, inclusive, não tem a percepção de sua própria colaboração.

(86) Embora aparentemente pouco prejudiciais, os pequenos delitos são o ponto de partida de **uma cadeia ilegal, que coopera** com delitos gravíssimos, inaceitáveis pela população, que, inclusive, não tem a percepção da **colaboração daqueles**.

É claro que modificações ainda poderiam ser feitas de modo a melhorar a clareza do enunciado. No entanto, o objetivo aqui é meramente mostrar como se pode elaborar trechos desprovidos de construções ambíguas. E, com relação à inteligibilidade do trecho, haveria diversas maneiras de se construí-lo, o que variaria de produtor para produtor.

Ainda na redação 54, no segundo parágrafo transcrito, verificamos mais uma ocorrência que permite duplo sentido. Trata-se, mais uma vez, do uso do pronome possessivo “sua” – “Um bom exemplo a ser utilizado é o uso moderado de drogas. O cidadão trabalhador que paga todos os seus impostos em dia, ajuda a sociedade da **sua** forma.”

Ao lermos o trecho, podemos interpretar que o cidadão ajuda a sociedade à maneira desta, como ela deseja ou espera; ou ainda, que ele ajuda a sociedade ao modo dele, segundo o que pode oferecer e conforme o seu próprio querer. Ao invés de se empregar o pronome “sua”, as duas construções seguintes tenderiam a especificar melhor o referente para “forma”, termo que, no caso, foi alterado para “maneira”, por ser adequar melhor às frases:

(87) O cidadão trabalhador que paga todos os seus impostos em dia, ajuda a sociedade à **maneira desta**.

(88) O cidadão trabalhador que paga todos os seus impostos em dia, ajuda a sociedade à **maneira dele**.

4.1.2.3. Ausência de elementos coesivos necessários

Como já mencionado em outra seção desse trabalho, a redação de vestibular deve ser um todo coeso, em que relações de sentido sejam claramente assinaladas. Isso porque se trata de um gênero textual que exige um fechamento interno do texto, viabilizado por mecanismos lingüísticos que implicam retomadas e organizadores textuais.

Assim, dada essa exigência para o gênero em questão, sempre que foram verificadas ausências de elementos coesivos que promoveriam melhor interligação entre as idéias e os fatos descritos e comentados, testificamos casos de incoerência sintática. Houve, inclusive, situações em que, em um primeiro momento, a elaboração sintática favorecia a conclusão de que não havia seqüenciação das idéias veiculadas. No entanto, por meio de análise, pudemos perceber que se tinha tal impressão por não haver elemento coesivo que deixasse clara a relação de sentido entre as sentenças e/ou parágrafos.

Logo, nesse tópico de análise voltar-nos-emos mais para a seqüenciação das idéias do texto, a progressão das informações, uma vez apontando a necessidade de se assinalar estas com recursos lingüísticos apropriados. Trata-se, nesse sentido, de promover o encadeamento de idéias e fatos, segundo Kock (2003a).

A redação 57 — transcrita em (89) — apresenta diversos problemas que exemplificam a carência de elementos coesivos. A ausência destes dificulta, de certa forma, a compreensão do texto, uma vez que não se facilita o estabelecimento de relações semânticas e/ou discursivas entre as orações, as sentenças ou seqüências maiores do texto.

(89) Pequenos grandes delitos

O homem relaciona []³² ironicamente num mundo malicioso. [] É preciso malícia para [] desviar de certos contratempos. Um mundo que prega a honestidade, onde a própria desonestidade comanda um ciclo da vida.

³² Os colchetes assinalam os locais em que deveria haver elementos coesivos de seqüenciação.

Como exemplo, ao comprar entorpecentes, a pessoa mantém um ciclo vicioso, o tráfico depende de vários fatores para [] fortalecer, [] uma pessoa compra a droga, o traficante compra arma que a utiliza em seus devedores. A violência nesse meio é brutal.

[] O dinheiro dado às crianças e adolescentes em semáforos, os quais alegam fome, o que por sua vez não é mentira, utilizam o dinheiro para se drogar. A droga os separa do mundo real da fome, por isso preferem o vício. E este garoto, por não utilizar de uma forma legal, o dinheiro acaba contribuindo para o tráfico, o que mais uma vez leva a violência.

[] A desonestidade por parte de policiais ao aceitarem o pagamento de propinas, vicia o cidadão a não seguir rigorosamente a lei, já que não há punição para pequenas infrações ou delitos.

Delitos medíocres e sem intenções maléficas levam a graves problemas no Brasil atualmente, é preciso consciência de bons cidadãos para que o tráfico, a fome e a corrupção diminuam. O Brasil tem solução, basta honestidade e consciência. (redação 57)

A primeira, a terceira e a quarta ocorrência assinalada marcam a ausência de pronomes pessoais oblíquos átonos que definiriam referentes e objetos para os verbos. No primeiro caso, por exemplo, se o homem “relaciona”, relaciona um elemento a outro ou a alguém; ou ainda relaciona-se **com o outro**, o que é o caso desse trecho. Assim, acrescentando o pronome de 3ª pessoa ao verbo pronominal, exigido para o contexto, e somando ainda complemento verbal, temos a construção exemplificada em (90), mais completa no que se concerne a referentes e, portanto, coerente:

(90) O homem se relaciona **consigo mesmo e com os outros** [...] num mundo malicioso.

Da mesma forma, esse homem deve desviar algo ou alguém dos contratemplos. E, uma vez o texto se referindo ao próprio homem, caberia, novamente, o emprego de um pronome pessoal oblíquo átono, como mostrado em (91):

(91) É preciso malícia para **se** desviar de certos contratemplos.

O mesmo problema se repete na quarta ocorrência: o tráfico é que **se** fortalece. Logo, o trecho deveria ser construído como em (92):

(92) [...] o tráfico depende de vários fatores para **se** fortalecer [...].

Nos casos analisados acima, a ausência do referente não constitui mero problema gramatical quanto ao fato de não se usar um pronome. Falta um elemento a que se possa recorrer, que possa ser recuperado, completando-se as relações semânticas necessárias para a compreensão dos trechos. Logo, trata-se de problemas de coesão.

Já os demais problemas verificados no texto 57 referem-se ao estabelecimento de relações discursivas ou argumentativas, pelo emprego de mecanismos que promovem a estruturação de enunciados, por meio de encadeamentos sucessivos. Entre a primeira e a segunda frase do primeiro parágrafo, por exemplo, percebemos a ausência de um elemento coesivo que pudesse marcar a relação de explicação ou justificativa. Ou seja, trata-se da necessidade de se mostrar que, sobre a assertiva de que “O homem relaciona ironicamente num mundo malicioso”, encadeia-se o fato que explica o motivo de esse mundo ser assim caracterizado: “é preciso malícia para desviar de certos contratempos”. Seria o caso de se empregar, portanto, operadores como “pois”, “porque” etc.

Já entre o segundo e o terceiro parágrafo, deveria haver uma conjunção que ligasse os enunciados, acentuando se tratar de argumentos para uma mesma conclusão. Logo, o terceiro parágrafo poderia ser iniciado pelo emprego de “também”, “além disso” ou outros mecanismos de mesmo valor semântico. O mesmo se pode dizer para a relação a ser marcada entre o terceiro e o quarto parágrafo, também caracterizada como sendo de soma, de adição de argumentos para uma mesma conclusão “r”.

Por fim, retomando o segundo parágrafo da redação, percebemos a necessidade de um elemento coesivo que estabeleça relação de particularização da ordem geral, proferida em “o tráfico depende de vários fatores para (se) fortalecer” – claro, além de se fazer outras

alterações para que o trecho seja claro e objetivo. O segundo enunciado tende a exemplificar um desses vários fatores que contribuem com o tráfico; inclusive, trata-se de um fator essencial para a própria existência do tráfico: que se consumam entorpecentes.

Também a redação 58 apresenta problemas quanto ao emprego de elementos seqüenciadores, como mostrado a seguir:

(93) Uma maneira de ser que pode gerar desrespeito

A sociedade brasileira apresenta uma característica particular e por que não intrigante e decepcionante: o famoso “jeitinho brasileiro”. O “jeitinho brasileiro” pretende ser capaz de dar “jeito” em tudo e é início para pequenos delitos e transgressões que observamos no dia-a-dia, em toda parte.

No trânsito ou na escola, em festas ou em cerimônias tradicionais, é possível perceber que o comportamento social recorrente tem por hábito driblar regras, quebrando protocolos, e modificar o que é já institucionalizado. Todos sabem [] que não se pode fazer, mas [] fazem.

[] É proibido jogar lixo nas calçadas e em terrenos vazios, mas nas cidades brasileiras o lixo amontoa-se por todos os lados, causando danos à natureza e agravando a poluição ambiental. Que mal faz jogar o papel da bala pelo vidro do carro? “É só um papelzinho”, resposta dada por todos aqueles que cometem esse ato, responsável pela poluição visual das cidades. Nem mesmo as leis de trânsito escapam ao raciocínio geral de que podem ser dribladas. Um sinal vermelho, para muitos, não representa um símbolo para [] parar o veículo. Porém, tais transgressões, consideradas por muitos como aventura ou esperteza, têm causado desastres graves nas cidades e rodovias do país. Desde o respeito à faixa dupla para ultrapassagem nas estradas até a vontade de levar “escondido” a revista da sala de recepção do médico, do dentista ou do hotel, o fato é que há hábitos constrangedores [] de irresponsabilidade considerados como sem importância em nossa sociedade. Considera-se que se pode dar um “jeitinho” em tudo e o desrespeito às regras simples evolui para o desrespeito às leis, quaisquer que sejam.

Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis e [] gera uma sociedade e um ambiente desorganizados. [] O desrespeito é tão presente e tão banalizado pelo “jeitinho brasileiro”, que ninguém jamais se constrange em ocupar uma vaga no estacionamento reservada a um deficiente físico. [] (redação 58)

Ao longo da redação 58, por quatro vezes foram omitidos referentes, como podemos ver nos excertos a seguir:

(94) Todos sabem [] que não se pode fazer, mas [] fazem. (2º parágrafo)

(95) Um sinal vermelho, para muitos, não representa um símbolo para [] parar o veículo. (3º parágrafo)

(96) Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis e [] gera uma sociedade e um ambiente desorganizados. (4º parágrafo)

No trecho transcrito em (94), na primeira ocorrência, falta um pronome oblíquo átono, funcionando como demonstrativo. E, na seqüência, dever-se-ia acrescentar uma pró-forma que retomasse toda a oração anterior, o que Marcuschi (1983) denomina pró-sintagma. Assim, o trecho estaria mais bem elaborado se construído como em (97):

(97) Todos sabem **o** que não se pode fazer, mas **o** fazem.

Já em (95), caso não se empregue um índice de indeterminação do sujeito, pode-se inferir, inadequadamente, que o sinal vermelho é que pára um veículo, o que não é verdade. Trata-se de um símbolo que leva **o motorista** de um dado veículo a pará-lo. Assim, a necessidade da partícula “se”, com mostrado em (98). Ou ainda se poderia determinar o sujeito, como feito em (99), empregando-se o verbo na 3ª pessoa do plural, concordando-se com “muitos”, ou seja, muitos indivíduos:

(98) Um sinal vermelho, para muitos, não representa um símbolo para **se** parar o veículo.

(99) Um sinal vermelho, para muitos, não representa um símbolo para **pararem** o veículo.³³

Também para o caso ilustrado em (96), há mais de uma possibilidade de construção do trecho de forma a se apontar o referente para a forma verbal “geral”. Ou indeterminamos o sujeito, conforme feito no início da sentença; ou ainda podemos estabelecer a relação de

³³ Foi aqui desconsiderada a possibilidade de se melhorar a construção, eliminando a sonoridade desagradável originada pela combinação de “para pararem”. O foco, nesse caso, é meramente apontar referentes com mais especificidade.

referência acrescentando um pronome demonstrativo ou, ainda, substituindo a conjunção “e” por um pronome relativo, como sugerido nos exemplos a seguir:

(100) Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis e **este** gera uma sociedade e um ambiente desorganizados.

(101) Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis, e gera-**se** uma sociedade e um ambiente desorganizados.

(102) Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis, **o que** gera uma sociedade e um ambiente desorganizados.

Em outros dois trechos, o que vimos foi a ausência de elementos que introduzissem exemplificações. Assim, seria o caso de se empregarmos, entre o segundo e o terceiro parágrafo e ao final do último, operadores como “por exemplo” ou “como”.

No início do terceiro parágrafo, o emprego do conector justifica-se uma vez que o fato de se jogar lixo ao chão é um exemplo de alto teor argumentativo, contribuindo para a conclusão de que se trata de uma das ações que se sabe serem erradas, mas as quais são praticadas no cotidiano, conforme defendido no segundo parágrafo.

Também essa necessidade do encadeador é ratificada pelo emprego de “nem”, à frente, nesse mesmo parágrafo. “Nem” é uma conjunção utilizada quando pretendemos somar argumentos a uma conclusão, equivalendo a “e não”. Sendo assim, seu emprego mostra que um outro argumento já fora apresentado em favor desta, o que seria a ação de se jogar lixo em vias públicas e em terrenos baldios.

(103) No trânsito ou na escola, em festas ou em cerimônias tradicionais, é possível perceber que o comportamento social recorrente tem por hábito driblar regras, quebrando protocolos, e modificar o que é já institucionalizado. Todos sabem que não se pode fazer, mas fazem.

Por exemplo, é proibido jogar lixo nas calçadas e em terrenos vazios, mas nas cidades brasileiras o lixo amontoa-se por todos os lados, causando danos à natureza e agravando a poluição ambiental.

Já no quarto e último parágrafo, a relação de consequência estabelecida entre as últimas orações se dá pela apresentação de um dos fatos que tendem a comprovar que o desrespeito é muito presente e banalizado na sociedade brasileira. No entanto, trata-se de apenas um exemplo, já que ocupar vaga no estacionamento reservado a deficientes físicos não é a única ação sinônima de desrespeito. Logo, com o acréscimo de um elemento de coesão, percebe-se que a seqüenciação de idéias é favorecida, uma vez que se facilita a visualização e o estabelecimento de relações semânticas entre os enunciados, como podemos ver em (104):

(104) Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis e gera uma sociedade e um ambiente desorganizados. O desrespeito é tão presente e tão banalizado pelo “jeitinho brasileiro”, que ninguém jamais se constrange em ocupar uma vaga no estacionamento reservada a um deficiente físico, **por exemplo**.³⁴

Por fim, relação de conclusão poderia ser marcada pelo uso de um operador adequado no quarto parágrafo do texto. O elemento lingüístico marcaria orientação argumentativa do trecho, acentuando que a segunda sentença tem valor conclusivo em relação à sentença anterior. Ou seja, há uma sociedade marcada pela ausência de leis, o que a deixa desorganizada. Portanto, o que ocorre é que o desrespeito a marca tanto que chega a ser banalizado, por já ser comum; e, da mesma forma, não mais se percebem constrangimentos por parte das pessoas, exatamente por haver um comportamento trivial que não mais as assusta ou lhes causa estranhamento.

(105) Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis e gera uma sociedade e um ambiente desorganizados. **Por isso / Assim**, o desrespeito é tão presente e tão banalizado pelo “jeitinho brasileiro”, que ninguém jamais se constrange em ocupar uma vaga no estacionamento reservada a um deficiente físico.

³⁴ Em (103) e (104), apenas acrescentamos os seqüenciadores. Os demais problemas que os trechos apresentam – pontuação, clareza etc. – não foram corrigidos, por não ser o foco nessa parte da análise desenvolvida no trabalho.

Problemas dessa ordem alcançaram um índice bastante elevado: 49,0% das incoerências sintáticas. E apenas 9,5% das produções de texto não apresentaram falhas desse tipo – quanto ao fato de não serem empregados elementos coesivos que fariam do texto um todo mais coeso.

Feitas as devidas quantificações dos problemas de coerência sintática que discriminamos nas trezentas redações corrigidas, pudemos perceber que uma grande maioria dos vestibulandos não sabe aplicar os conhecimentos de gramática nos textos que produz. Tais conhecimentos envolvem uso adequado de referentes, de conjunções e de elementos seqüenciadores das informações apresentadas no texto. Em boa parte das vezes, sequer são empregados elementos de coesão. Assim, deparamo-nos com um grande número de frases sem sujeito, por não haver referente para os verbos; e, até mesmo, verbos sem objeto específico a que se possa recorrer. De igual maneira, para diversos pronomes, na maioria das vezes, pronomes demonstrativos e possessivos, não há referentes.

O não uso ou o mal emprego dos recursos de coesão favorecem o aparecimento de construções truncadas e ambíguas. Também, o fato de não se interligar frases seqüenciais, em muitas situações, faz com que se tenha a impressão de que as sentenças não constituem uma mesma seqüência temática, por não estarem ancoradas umas às outras.

Assim, a alta porcentagem de problemas de ordem sintática permite-nos caracterizar os textos de vestibular analisados como não constituindo um todo coeso. Muitas vezes, são marcados por informações desconexas, não relacionadas a nenhum referente textual. Tais aspectos negativos tendem a dificultar, em grande medida, a leitura e compreensão dos textos em que figuram.

4.1.3. Incoerências estilísticas

O termo “estilística” provoca várias discussões teóricas, devido à abrangência de significações que pode carregar, uma vez que não possui em si uma determinação semântica específica e indubitável. Assim, para muitos é um termo vago; para outros, diz respeito a registro lingüístico e, ainda, pode ser considerada por alguns como estilo pessoal de um produtor.

No entanto, nessa pesquisa, tomamos o estilo como estando intimamente relacionado ao emprego de variantes lingüísticas adequadas, conforme Koch e Travaglia (2002):

Coerência estilística, pela qual um usuário deveria usar em seu texto elementos lingüísticos (léxico, tipos de estruturas, frases etc.) pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro lingüístico. [...] Seria o caso, por exemplo, do uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas como “se me permitem o termo”, “para usar uma expressão popular que bem expressa isso” etc. ou do uso de palavras de baixo calão em conversas “polidas” ser normalmente precedido de um “com o perdão da palavra”. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002, p. 45)

Como podemos ver, para os autores, o que se espera em um texto é que o produtor empregue sempre os elementos lingüísticos constitutivos de um mesmo estilo ou registro lingüístico. Ou seja, estilo e registro são próximos e equivalentes. E, a não ser que sejam feitas ressalvas ou que se introduzam expressões explicativas para tanto, o emprego de quaisquer construções que fujam à variação esperada para um gênero constitui quebra estilística, ou seja, incoerência no campo estilístico, conforme proposto por Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983).

Assim, considerando-se a redação de vestibular, seu contexto de produção e seu objetivo – avaliar a competência lingüística de um candidato ao ensino superior –, fugas à norma padrão da língua portuguesa provocam fenômenos de quebra estilística. Isso porque,

nesse gênero textual, espera-se que o produtor mostre conhecimento lingüístico, capacidade de se adequar lingüisticamente aos contextos formais. Assim, empregando uma variante coloquial, o produtor do texto não só fere uma norma ou desobedece a uma regra, mas mostra também possuir desconhecimento da língua que usa e das necessárias adequações. Na redação de vestibular, portanto, gírias ou quaisquer outras construções próprias da informalidade são consideradas incoerências.

Observemos na redação a seguir a quantidade de construções informais empregadas, conforme assinalado abaixo:

(106) Mostrinhos em forma de gente

Me dá um trocado, por favor. É isso que ouvimos todas as vezes que passamos em um sinal na rodoviária de qualquer centro urbano. Aquele **bando de moleques** pedintes vem para seu lado e tentamos correr, a **patota flecha em cima de você** e nos asficia com o mau cheiro e a má situação do constrangimento e do medo de ser assaltado. As vezes por caridade ou por temor, para ver se livre daquela situação o mais rápido possível, num movimento até compulsivo tiramos da carteira umas moedas ou até uma nota de dez reais (o dinheiro que tiver mais acessível **na hora vale**, independente do valor) e tremolo damos para a **pivetaiada** que sai aos gritos e pulos e le agradece num sorriso as vezes desdentado: Obrigado tio. E ficamos livres daqueles **mostrinhos em forma de gente**. Podemos respirar aliviado e tomamos coragem de conferir se todos os nossos pertences estão no lugar: relógio, correntinha, carteira... e agradecemos a Deus por ter saído com vida.

Dando alguns passos refletimos sobre o que passamos e deduzimos que fizemos uma boa ação e ajudamos aqueles meninos carentes e necessitados. Até um sorriso de satisfação brota de nossa boca e pensamos que somos o homem mais caridoso do mundo.

Lá na frente os mesmos **pivetes** cercam um senhor com o mesmo argumento e conseguem o que querem: o **trocado** mas para que? Para criarem mais pedintes, mais **pivetes**, pois **tem** muitos medrosos como nós que não pode ver um pedinte vai logo **enfiando a mão** na carteira e dá o **trocado**. Não tem conta que muito breve os **pivetes** se tornarão **monstros** e não será um simples **trocado** que ira deixa-lo aos gritos e pulos e te dizer: obrigado tio. (redação 14)

Na redação transcrita acima, termos próprios da oralidade – característicos de situações informais – foram recorrentes: pivetes / pivetaiada; monstros / mostrinhos; trocado; patota; moleques. São vocábulos que, em situações mais formais – como nesta de avaliação –, não deveriam ser empregados. Seria o caso de se empregar sinônimos que demonstrassem, inclusive, o valor semântico de que estes termos são carregados: ao que se pôde notar, o

vestibulando não se simpatiza com os chamados pedintes. Por isso, emprega um grupo semântico de valor pejorativo. O fato de chamá-los de monstros, pivetes, bando de moleques etc., mostra que o produtor do texto os vê de maneira diferente das demais pessoas que compõem a sociedade, inferiorizando-os perante estas. Tais pedintes são, até mesmo, equivalentes a ameaça social.

Além disso, expressões como “enfiar a mão” e “na hora vale”, bem como o uso da forma verbal “tem” (no sentido de haver), são empregadas com frequência na oralidade informal, ainda que os falantes sejam conhecedores das normas gramaticais que penalizam tal uso. Trata-se de uma opção possível de construção lingüística para situações em que não se fazem necessárias formalidades, o que se opõe a esta de vestibular, em que se deve privar pelo culto.

Assim, o produtor do texto poderia ter redigido que as pessoas retiram da carteira qualquer nota, independente do valor, ao invés de dizer que “enfiam a mão no bolso e pegam qualquer trocado, já que, na hora, qualquer dinheiro vale”. Também, no lugar do verbo “ter” – “tem muitos medrosos como nós” –, caberia, perfeitamente, o uso devido de “haver” ou “existir”: há ou existem muitos medrosos como nós – fazendo-se a concordância adequada para ambos os verbos.

Da mesma forma, a redação abaixo apresenta um grande número de construções coloquiais:

(107) Urge desenvolver uma capacidade de agir por dever, com responsabilidade sobre as próprias ações e as conseqüências destas para os outros. Hoje em dia, urge **parar de tentar dar um jeitinho** e achar que o normal é fazer porque todos fazem, de preferência **coisas** erradas ou mesmo que tragam danos a alguém. Fazer o correto numa sociedade assim transforma em virtude algo que não passa de uma obrigação moral (e neste sentido até é bom esquecer que o termo moral vem do latim *moris*, costume...)

Um dos caminhos para sanar essa onda de desculpas é trabalhar a fundamentação da consciência, principalmente dos formadores de consciência. Não é fácil colocar a carga de um psicanalista meus erros já que sei que sua formação freudiana o fará empurrar meus “atos falhos” para um recôncavo das teorias do inconscientes ? **Aí pronto**: como agir sobre aquilo que não temos consciência? **Onde vamos parar** se aqueles que têm mais formação são os que

mais facilmente encontram umas **“válvulas” de escape** nas leis que argumente ou transforme nossos erros em acerto? (2º e 3º parágrafos, redação 28)

A primeira ocorrência assinalada em (107) é a combinação, no segundo parágrafo, de três verbos: “parar de tentar dar”. Trata-se de uma formação verbal desnecessária que, também, constituiu formas rimadas, inadequadas para textos que não sejam em versos ou de cunho literário. O uso de locuções verbais se faz presente com grande frequência na oralidade, em situações mais informais. A formalidade, por sua vez, requer, preferencialmente, que se empregue um verbo apenas, conjugado em tempo e modo adequados.

Sucedendo essa forma verbal, está o termo “jeitinho”. No Brasil, significa encontrar solução para algum problema, empregando-se quaisquer meios que envolvam a esperteza que se diz ser própria do povo brasileiro. No entanto, por se tratar de um texto que exige a linguagem culta, não se poderia ter apelado para essa construção. Isso porque se trata de um vocábulo reconhecido por uma sociedade, porém, não admitido pelos dicionários; esse fator faz dele um termo próprio da linguagem mais familiar, íntima.

A terceira ocorrência que equivaleu a problema estilístico na redação 28 — em (107) — referiu-se ao emprego do termo “coisa”. Trata-se de um uso que se repetiu em uma grande parte das produções de texto. No entanto, esse vocábulo corresponde a uma palavra imprecisa, de uso popular, e significa tudo aquilo que existe ou que pode existir, ou seja, pode se referir a qualquer objeto, assunto ou acontecimento, por exemplo. Assim, não determina ao certo do que se trata; é um termo vago, de significado abrangente, utilizado para substituir toda e qualquer palavra, na ausência de um termo exato para se referir a um ser ou objeto.

Logo, há sempre um termo mais preciso que possa substituir “coisa” nas diversas construções em que esta aparece. Assim, além de constituir fator de coloquialidade, seu uso mostra que o produtor do texto não possui conhecimento vocabular satisfatório, o que caracteriza também um problema semântico.

Na redação 28, por exemplo, caso se alterasse a construção da frase em que foi empregada, poder-se-ia ter deixado mais claro que a palavra “coisas” se referia a ações ou condutas. Ou ainda, caso não se encontrasse sinônimo melhor, haveria a possibilidade de se trocar esse termo de valor popular pelo pronome indefinido “algo”, como mostrado a seguir:

(108) “... e achar que o normal é fazer porque todos fazem, de preferência **algo** errado ou mesmo que traga danos a alguém.”

Nas demais ocorrências assinaladas, o que verificamos foi o emprego de expressões próprias da coloquialidade, como “aí pronto” e “onde vamos parar”.

Também construções coloquiais foram encontradas, em grande número, na redação 23, transcrita abaixo — em (109). É o caso de “quem sabe um dia”, “deixar de lado”, “passando por cima”, como mostrado a seguir:

(109) Otimismo simples

São diversos os motivos que levam o brasileiro a desacreditar que é possível, **quem sabe um dia**, se ter uma vida melhor, mas mesmo assim, o povo parece ainda acreditar que a esperança é sempre a última que morre.

Índices de violência que crescem assustadoramente a cada dia, as taxas de desemprego que se mostram cada vez mais próxima da realidade de cada um de nós, precárias condições no ensino público, que parecem afastar os estudantes de baixa renda da competição igual com outro de escola privada por uma vaga numa instituição federal, insatisfação quanto aos governantes eleitos pelo o próprio povo e a corrupção impune são alguns exemplos que desestimulam o brasileiro. Porém, o que ninguém pode negar, **é que não, o brasileiro não desiste nunca** de lutar, e esse otimismo fica claro ao se analisar os momentos em que o povo **deixa** essas **coisas de lado** e consegue sorrir, seja durante uma partida de futebol, festas familiares, viagens, compras, de qualquer outra situação em que o tire de seu cotidiano.

Talvez o que explique esse otimismo natural do brasileiro seja a consciência de que mesmo com tantos problemas sociais hoje, nem sempre o Brasil se viu mergulhado em crises; como a **há trinta anos atrás**, por exemplo, em que sem dúvida alguma vivia-se melhor. Não é que esperamos que tudo volte a ser como antes, mas acreditamos que tanta tecnologia e desenvolvimento nos traga algum benefício.

O interessante é que o brasileiro em sua maioria não se ilude com grandes **coisas**, sonhos impossíveis ou **coisas** assim, preferimos acreditar que é mais fácil alcançarmos aos poucos nossos objetivos.

É certo que, mesmo sonhando o povo tem plena consciência da realidade do Brasil e do mundo, e certamente nesta passagem de anos, fez muitos planos e desejos para esse novo ano. Continuara com a mesma fé e otimismo, acreditando, se sensibilizando com o próximo,

sorrindo, **passando por cima** das dificuldades, enfim, não perdendo nunca o otimismo que nasceu com ele. (redação 23)

Nesse último texto, algumas construções se diferenciam daquelas assinaladas para a produção 28. A dupla negação, por exemplo, no segundo parágrafo, acompanhada de pausa própria da oralidade: “é que não, o brasileiro não desiste nunca”. A vírgula após o primeiro advérbio de negação marca uma pausa enfática para o fato de que o brasileiro não desiste de lutar. Na escrita formal, porém, essa ênfase deveria ser marcada por outros recursos lingüísticos, fossem eles marcadores discursivos ou advérbios, como exemplificado em (110):

(110) Porém, o que ninguém pode negar é que, definitivamente, o brasileiro nunca desiste de lutar...

Também em (110) corrigimos a dupla negação, construída pela combinação de dois advérbios: o “não” e o “nunca”. Tratava-se, da mesma forma, de uma construção coloquial. Bastaria que se empregasse o “nunca”, que já transmite idéia de tempo e de negação, concomitantemente.

Uma outra construção própria da oralidade coloquial é a dupla referência a tempo passado na expressão “há trinta anos atrás”. Segundo a norma culta regida pela gramática normativa, o ideal seria que se dissesse “há trinta anos” ou “trinta anos atrás”, simplesmente. No entanto, ainda que conscientes de que não se deve empregar o verbo “haver” indicando tempo passado na companhia de “atrás”, muitas pessoas, no momento de falas informais, empregam tal construção, talvez ou para se fazerem mais claras, ou para se aproximarem do estilo de fala dos demais que as rodeiam, mostrando-se íntimas e pertencentes do mesmo grupo social. Pode equivaler, ainda, a um vício de linguagem, já internalizado pelos falantes da língua portuguesa no Brasil, uma vez que nos podemos certificar de que seu uso é geral.

Como percebemos pelas análises feitas, os problemas de ordem estilística não interferem no texto sob o ponto de vista do estabelecimento do sentido. No entanto, não adequar a linguagem ao contexto de produção é contraproducente, segundo Mandrik e Faraco (2002), uma vez que se busca, em todas as circunstâncias, atuar sobre um alguém a que se dirige uma mensagem. Assim, a adequação lingüística é sinônimo de qualidade no processo de interação social e verbal.

Quando se trata da redação de vestibular particularmente, além de não se atender a uma exigência do gênero – o emprego de norma culta –, não se atende às próprias expectativas da banca examinadora, cuja função é verificar exatamente a capacidade lingüística do vestibulando e, da mesma forma, a capacidade do indivíduo se adequar a uma situação de comunicação específica. Não se alcança, portanto, os objetivos inerentes ao gênero, quando se emprega uma das variantes lingüísticas que não sejam a padrão ou dita norma formal.

Apenas 8,7% do total de fatores analisados equivaleram a problemas de inadequação lingüística. No entanto, 69,5% dos textos do *corpus* apresentaram problemas dessa ordem. Ou seja, os números mostram uma alta quantidade de textos com construções coloquiais, o que aponta para a dificuldade geral por parte dos produtores de textos de se desvincularem, no momento da escrita, de construções comuns a eles nas situações cotidianas de informalidade. Também nos fica claro o fato de não perceberem quando se trata desse tipo de incoerência, por não diferenciarem construções coloquiais de formais. De igual maneira, não distinguem as conseqüências advindas da mistura imprópria de registros lingüísticos.

4.1.4. Incoerências semânticas

A semântica relaciona-se ao estudo do significado das palavras, dentro do contexto em que funcionam, já que o valor semântico-pragmático de um termo só é efetivamente percebido no ato comunicativo. Os significados dicionarizados, ou seja, destituídos de contextos, são inúmeros e, ao mesmo tempo, não têm funcionalidade imediata. Já na situação de produção, os termos assumem sentidos específicos, combinam-se e têm como produto o texto, constituído a partir de uma grande soma de sentidos.

Dada essa tessitura sentidural, o uso inadequado de palavras e expressões lingüísticas pode acarretar problemas de coerência, estes causados por desconhecimento vocabular. Falhas dessa ordem equivaleram a 12,0% da quantificação geral e foram subdivididas em quatro tipos de ocorrências, sendo elas:

- Inadequadas relações entre as idéias;
- Incompatibilidades semânticas;
- Uso de palavras imprecisas;
- Emprego de vocábulo inexistente.

4.1.4.1. Inadequadas relações entre as idéias

Neste item, foram avaliadas as relações que se buscou estabelecer, no momento da produção, entre as frases e orações que compuseram os textos do *corpus*. Não analisamos o emprego de conjunções – como fizemos ao abordarmos a coerência sintática –, mas o fato de se conseguir interligar conceitos e situações, sem que nem mesmo houvesse uso de marcadores lingüísticos. Trata-se da seqüenciação de idéias, da relação de continuidade que deve perfazer todo o texto.

Para análise dessa categoria, consideremos, primeiramente, o texto a seguir:

(111) O Brasil entre o pessimismo e o otimismo

O Brasil, onde a contradição é um hábito, vem incorporando à sua cultura o paradoxo do cotidiano de sua população. []³⁵ É possível notar o convívio, de certa forma harmônico, entre a cultura e a ignorância, entre as diferenças das diversas regiões, entre as classes sociais (ainda que evitem um contato além do formal) e também entre o pessimismo e o otimismo.

Num país onde a grande maioria é pobre ou de classe média baixa, [] conclui-se, facilmente, que o difícil acesso da população à educação e à cultura prejudica a formação de uma consciência crítica que geraria um equilíbrio e uma coesão da opinião individual. Com a ausência destes meios educacionais (e entende-se por educação auxiliar no desenvolvimento ético, intelectual e físico) e com a presença da necessidade de sobrevivência que gera mais alienação, as opiniões do povo se baseiam em argumentos puramente emocionais. A opinião do cidadão medíocre reflete na maioria das vezes, um estado de espírito momentâneo. Se perguntarem ao povo suas perspectivas com relação ao Brasil em pleno carnaval, possivelmente serão obtidos resultados otimistas.

Essa fatídica ignorância geradora de contradições aliada ao desenvolvimento do “marketing” político torna fácil a manipulação da opinião pública. Assim sendo, o estado pode se guiar por uma opinião pública que ele mesmo promove. [] Isto fica claro quando se observa o paradoxo entre o sentimento de esperança e otimismo gerado pelo Partido dos Trabalhadores antes das eleições presidenciais e o sentimento de descontentamento, desilusão e pessimismo propagado pelos que pertencem à oposição ao governo atual.

O fato é que povo, estado e indústria convivem passivamente em “rítmo de samba”. O estado necessita da ignorância para manter sua autonomia, a indústria se desenvolve com a produção de “ópios” como futebol, novela e carnaval gerando um clima de bem-estar social e o povo segue “dançando” conforme a música entre desgraças e alegrias que se confundem. (redação 62)

No primeiro parágrafo, não podemos estabelecer a relação de exemplificação ou de explicação entre a primeira e a segunda frase. Isso porque a última parte do parágrafo não esclarece a idéia de paradoxo mencionada no primeiro trecho. Acreditamos que, por desconhecimento vocabular por parte do produtor do texto a respeito do que venha a ser “paradoxo”, ele não tenha sido feliz nessa construção. Trata-se, no máximo, de antíteses mal construídas, já que estas não foram mostradas quando se mencionaram as diversas regiões e classes sociais de que o país é composto.

Além disso, “cultura” e “ignorância” podem não constituir antônimos, uma vez que cultura, principalmente, equivale ao conjunto de comportamentos, de crenças etc., típicos de

³⁵ Os colchetes indicam os locais em que percebemos haver ruptura quanto à interligação de sentidos.

uma sociedade. Nesse sentido, o termo não estaria relacionado a conhecimento. O emprego de ambos os vocábulos corresponderia a situações paradoxais caso fossem de encontro ao senso comum, a pressupostos incontestáveis. No entanto, verifica-se apenas a oposição entre as palavras “pessimismo” e “otimismo”, empregadas ao final do primeiro parágrafo do texto.

Já na segunda ocorrência, no parágrafo seqüente, a relação que não pode ser estabelecida é a de causa e consequência – “Num país onde a grande maioria é pobre ou de classe média baixa, [] conclui-se, facilmente, que o difícil acesso da população à educação e à cultura prejudica a formação de uma consciência crítica que geraria um equilíbrio e uma coesão da opinião individual.”. Não é porque o país é composto de uma população pobre ou de classe média baixa que se pode afirmar ter ele uma população ignorante ou acrítica. Classe média baixa, inclusive, não tem difícil acesso à educação. Além disso, a que cultura se diz não ter acesso? Que conceito de cultura se está adotando, uma vez que esta não engloba apenas valores da classe privilegiada? Da forma como foi redigido, o trecho transmite a idéia de que uma vez não tendo determinados acessos a bens culturais nobres, não se tem, igualmente, cultura, o que faz das pessoas seres acríticos, desprovidos de capacidade de leitura do mundo.

Da mesma forma, o terceiro parágrafo do texto apresenta problemas quanto às relações semânticas que se pretendeu estabelecer – “Assim sendo, o estado pode se guiar por uma opinião pública que ele mesmo promove. [] Isto fica claro quando se observa o paradoxo entre o sentimento de esperança e otimismo gerado pelo Partido dos Trabalhadores antes das eleições presidenciais e o sentimento de descontentamento, desilusão e pessimismo propagado pelos que pertencem à oposição ao governo atual.” Se a manipulação da opinião pública é facilitada, se o Estado a molda conforme os desejos deste, então não deveria haver o dito “paradoxo” entre a esperança criada pelo PT antes das eleições e o descontentamento que vigora enquanto o governo está no poder. Segundo a expectativa criada pela leitura do

primeiro trecho, seria naturalmente esperado que o governo também estivesse manipulando a opinião pública a respeito de seus feitos governamentais, o que, seguidamente, é contrariado.

Também, no texto transcrito em (112), distinguimos trechos cujas idéias transmitidas não combinam, não se completam:

(112) Brasileiro nunca desiste

O país pode estar passando por várias dificuldades, quase sem perspectivas para o futuro, ensino público fraco de baixa qualidade, salário mínimo insatisfatório, estradas esburacadas, praticamente sem asfalto, a saúde do país anda muito “doente”, o desemprego caminha lado a lado com o país, a muitos anos a violência ganha proporções sem precedentes, problemas!! por todos os lados.

Mas brasileiro que se preze, não se deixa abater, continua lutando. E com alegria. Esperança e um ótimo astral.

Ainda que este mesmo brasileiro não tenha o café da manhã ou não tenha o que fazer para o jantar, ele não perde o bom humor, faz parte da sua cultura, [] é brasileiro com muito orgulho. E é capaz de dividir o seu “pão” com um irmão menos favorecido que perdeu o seu barraco com suas poucas coisas com a enchente, (que aqui no Brasil é comum), está desempregado e doente, a sua única assistência médica é a fila interminável do Sus. E no Brasil existe uma quantidade bem expressiva de pessoas nestas condições, pobreza e miséria absoluta, e elas alegres, por incrível que possa parecer.

[] E ainda assim estes brasileiros “guerreiros” se saúdam lhes desejam muita sorte. até porque é com essa sorte e um inesgotável espírito de luta que os fazem ter forças, esperanças e sonho pra continuarem vivendo.

Porque brasileiro não desiste nunca. (redação 89)

No terceiro parágrafo da redação 89, transcrita acima, não conseguimos interligar a idéia de que o brasileiro tem orgulho de sua nacionalidade com o fato de a ele não ser permitido perder o humor. São situações distintas. E o humor de alguém não se restringe à sua nacionalidade. Assim, os significados transmitidos não são complementares.

Da mesma forma, no último parágrafo dessa redação, não há a relação de concessão que se tentou estabelecer. Logo, o emprego de “ainda assim” foi inadequado para a situação. Isso porque o fato de os brasileiros enfrentarem dificuldades no dia-a-dia, em nenhum momento, poderia impedir-lhes de se cumprimentarem.

Já em (113), na primeira ocorrência assinalada, não podemos interligar as idéias veiculadas, relacionando leitura de mundo e alfabetização. Não há relação direta e necessária

entre a leitura de códigos escritos e a compreensão do mundo. Uma não necessariamente se dá em decorrência da outra. Por exemplo, há pessoas analfabetas que têm criticidade e que não se caracterizam pelo conformismo, pela apatia. Ao contrário, há pessoas de alto nível de escolaridade, mas que nada fazem em prol de melhorias ou da busca por justiça; são passivas ao que lhes é imposto.

(113) Será que o otimismo e alegria do brasileiro estão ligados a falta de educação? O analfabetismo da leitura da realidade que impera em um povo que historicamente foi privado de educação [] faz, hoje desse povo, uma gente mais conformada, mais docil, que acalenta os sofrimentos ligando a tv e deixando se levar pelas ilusões oferecidas pela mídia. (5º parágrafo, redação 86)

Ainda no excerto acima, o valor semântico de “conformismo” e de “docilidade” não permite que se estabeleça uma relação de igualdade e de complementação entre os termos. Docilidade não está ligada a conformismo. A meiguice de alguém não implica que este seja facilmente manipulado, que se trate de uma pessoa resignada, acomodada. Assim, o significado de ambos os termos – “conformismo” e “docilidade” – não possibilita que sejam empregados como tendo idéias equivalentes.

Problema de mesma ordem ocorreu no primeiro parágrafo dessa mesma redação (86), também envolvendo o termo “docilidade”, porém agora combinado com “alegria”:

(114) Dizem que o brasileiro é povo docil, gente alegre por natureza. (1º parágrafo, redação 86)

Da maneira como a frase foi construída, interligando-se elementos por meio da vírgula, compreendemos que “dócil” e “alegre” foram termos empregados como tendo significados de igual valor. Seria como se a segunda parte da frase estivesse buscando clarear e especificar a informação veiculada na oração inicial. No entanto, dizer que o povo é dócil

significa afirmar que ele é amável, carinhoso. Assim, este significado não se relaciona a alegria. Um indivíduo pode ser afável, porém triste, descontente e insatisfeito.

Por sua vez, em (115), o problema recai sobre as idéias veiculadas por duas orações distintas – as duas primeiras:

(115) A desconfiança toma conta dos indivíduos e todos passam a se olhar indiferentemente.
[] Inocentes se passam por bandidos e se tornam suspeitos, por ter em seu bolso uma quantidade de dinheiro não muito comum nesta crise, mas que era apenas o dinheiro que havia vendido sua casa. Tal fato exemplifica, que o direito do cidadão de ir e vir, já está perdido em meio à tanta insegurança, por ter tanto contrabando. (3º parágrafo, redação 90)

O adjetivo “indiferente” é empregado quando se pretende afirmar que há desinteresse por algo ou alguém a que não se dá importância. Também pode representar insensibilidade ou apatia. No trecho acima, no entanto, essas significações não cabem no contexto em que foi empregado o advérbio “indiferentemente”, derivado do adjetivo supracitado.

A idéia veiculada pela primeira oração é de que os indivíduos foram tomados por atitude de suspeita, de dúvida. A conjunção aditiva que a sucede introduz uma outra oração, buscando estabelecer, também, uma idéia de causa: devido à desconfiança, os indivíduos se olham com indiferença. No entanto, se os indivíduos estão desconfiados, não podem se olhar como se não dessem importância à presença ou às atitudes uns dos outros. Seria incoerente. A suspeita, ao contrário, provoca outro tipo de reação: um olhar que inspire cuidado, que demonstre receio. Nesse caso, portanto, não se poderia ter empregado o advérbio “indiferentemente”.

4.1.4.2. Incompatibilidades semânticas

O que difere as inadequadas relações entre idéias das incompatibilidades semânticas é o fato de que as primeiras estão ligadas a combinações entre sentenças ou entre partes de

sentenças, no que tange ao estabelecimento de relações semânticas inadequadas – de causa e consequência ou de explicação, por exemplo. Na maioria das vezes, inclusive, trata-se de problemas nos vínculos que se buscou estabelecer entre orações distintas, no estabelecimento da seqüenciação das idéias. Tais relações, por sua vez, não estão ligadas ao uso de conjunções, como foi mostrado na seção anterior, não sendo, portanto, de ordem sintática.

Já as incompatibilidades semânticas dizem respeito à combinação direta de dois vocábulos. Nesse caso, o sentido de um não permite que este seja utilizado em correspondência com o outro. Por exemplo, em (116), diz-se que ‘as sementes nasceriam’. No entanto, sementes não nascem; germinam, desenvolvem-se.

(116) Quando o povo brasileiro tiver maior acesso a educação aliada a informação clara da situação em que se encontra o país o primeiro sentimento da nação deve ser de tristeza e de perplexidade. Então **nasceria** no seio da sociedade, **as sementes** das mudanças verdadeiras para este país que é rico e ao mesmo tempo miserável. (7º parágrafo, redação 86)

Ou seja, trata-se de dois termos cujos significados são incompatíveis. O mesmo se pode dizer a respeito da combinação semântica assinalada em (117):

(117) Pela crise financeira que o país esta passando o brasileiro não consegue ter uma instabilidade econômica, não podendo assim ficar tranquilo, de bom humor, pois depende de seu trabalho para sobreviver **causando** assim **uma vida** atormentada e extressantes. (4º parágrafo, redação 40)

O homem provoca as ‘situações’ que culminam nessas atribulações. No entanto, ele não causa a vida atormentada. Ele a tem, ele a vive. Assim, a construção do excerto (117) estaria semanticamente mais bem elaborada, caso se trocasse a forma verbal “causando”, como mostrado em (118) e (119):

(118) Devido à crise financeira por que o país está passando, o brasileiro não consegue ter estabilidade econômica, não podendo, assim, ficar tranquilo, de bom humor, pois depende de seu trabalho para sobreviver, **o que o faz ter uma vida atormentada** e estressante.

(119) Devido à crise financeira por que o país está passando, o brasileiro não consegue ter estabilidade econômica, não podendo, assim, ficar tranquilo, de bom humor, pois depende de seu trabalho para sobreviver, **vivendo, pois, atormentado** e estressado.

Além disso, o emprego do gerúndio após as orações “pois depende de seu trabalho para sobreviver” – “pois depende de seu trabalho para sobreviver **causando** assim uma vida atormentada e extressantes.” – permite que se compreenda que “a vida atormentada e estressante” é consequência dessa necessidade e dependência do trabalho, o que não é o caso. Ela é consequência, também, dos demais fatores: da instabilidade econômica, da intranquilidade, do mau humor.

Falhas quanto à combinação de significados apareceram em 45,5% dos textos. O alto índice representa a dificuldade que os vestibulandos têm de analisar o significado que as palavras assumem em um texto, quando postas em ação nos processos comunicativos. Essa dificuldade aparece até mesmo em construções mais simples e mais usuais, como as que constituem os excertos (120) e (121):

(120) No trânsito ou na escola, em festas ou em cerimônias tradicionais, é possível perceber que **o comportamento social recorrente tem por hábito** driblar regras, quebrando protocolos, e modificar o que é já institucionalizado. Todos sabem que não se pode fazer, mas fazem. (2º parágrafo, redação 58)

(121) Na busca da alegria de viver, o Brasil, no todo, **esbarra no otimismo** que faz de cada um, o povo heróico que sempre está de bem com a vida. A alegria e o otimismo está em todo lugar e se baseia na amizade e no amor do povo brasileiro. Amizade entre gaúchos e baianos, mineiros e paulistas, entre todos, que construída na rocha, faz de amigos mais que otimistas e sim o povo brasileiro, que crê e tem esperança de um mundo melhor. (4º parágrafo, redação 59)

É do conhecimento geral o significado de “comportamento” e de “hábito”, termos estes que compõem o trecho transcrito em (120). Ambas são palavras bastante empregadas no cotidiano, sem grandes dificuldades, inclusive. No entanto, ao serem combinadas nesse trecho, o produtor mostrou não ter analisado os respectivos significados, o que o levou a uma falha de ordem semântica: comportamentos não podem ter hábitos; condutas não podem ter costumes. São as pessoas que os têm.

Da mesma forma, em (121) há uma falha cuja ocorrência não é trivial nas diversas produções orais do cotidiano. Isso porque também se tem ciência do significado usual de “esbarrar” e de “otimismo”. O primeiro diz respeito a ir de encontro, a se deparar com alguma barreira, com algo que provoque determinado impedimento. Ou seja, é um termo cujo significado tem valor negativo para que uma determinada ação se efetive. Dessa forma, não poderia estar combinado, nesse contexto específico, com “otimismo”. Caberia dizer, então, que o Brasil apresenta otimismo, que o tem, que faz uso deste “na busca da alegria de viver”, já que otimismo representa algo positivo, que faz do brasileiro um “povo heróico”, sempre “de bem com a vida”, como defendido no texto.

Análise semelhante podemos fazer com relação ao trecho abaixo:

(122) Com todos esses problemas não há como a população ser otimista, claro que muitos tem força de lutar contra isso, existe esperança que esses **problemas melhorem**, mas como nós sabemos, está longe de acontecer. (5º parágrafo, redação 72)

O substantivo “problemas” e o verbo “melhorar” são termos triviais, de uso comum, que foram empregados inadequadamente pelo produtor do texto, como explicitado no excerto acima. Problemas são solucionados, resolvidos; não são aprimorados. E por equivalerem a palavras utilizadas cotidianamente, em diversas situações, por pessoas de todos os níveis sócio-econômicos, não podemos afirmar que o vestibulando desconhecia-lhes o significado.

Faltou, pois, ao produtor, analisar a combinação, visualizar a possibilidade de esta se dar, sem que o significado pretendido fosse prejudicado.

Especificamente, houve ainda problemas de ordem semântica quanto ao emprego de termos cujo significado no contexto não correspondeu àquele já dicionarizado. Trata-se, essencialmente, de efetivo desconhecimento vocabular por parte do produtor do texto. Foi o caso, por exemplo, do emprego de “antepassadas”, em (123):

(123) A forma do brasileiro enxergar os problemas com esperança é algo que se aprendeu com as **crises antepassadas**. O Brasil já vivenciou problemas governamentais, crises econômicas, momentos difíceis mas, todos se uniram em favor de sua recuperação. (2º parágrafo, redação 44)

“Antepassado” é um substantivo, não adjetivo – classe assumida pelo termo no trecho acima. Trata-se, da mesma forma, de ascendente, de ancestral, não se referindo, portanto, ao que já se passou. Nesse sentido, em seu lugar, dever-se-ia ter empregado “passadas”, a fim de que a sentença tivesse o valor semântico desejado.

A mesma falha quanto ao emprego inadequado de termos, enganando-se quanto ao significado destes, foi verificada, repetidamente, na redação de número 31, como mostrado em (124):

(124) transgressões na sociedade

Analizando o contexto de forma ampla de pequenos infratores, digamos que a situação é cíclica e está sempre voltando a pauta numa questão extremamente alarmante para a sociedade que vive as tensões sociais e turbulentas propagações de delitos causados por transgressões que avassalam e danificam coisas em que eles necessitam.

Fazendo uma comparação a essa situação de lesões na sociedade é como uma doença maligna, e para combater-la devemos dosar um misto de remédios **para controlar** os sintomas e **lacunas** e não deixar que as crises se exeda e que provoque grandes sustos.

A população vivencia esse fatos, quase todos os dias, e são elevados os números de infrações cometidos a cada instante e ainda sem distinções de classes sociais, o problema se tornou tão banal que, ficou rotineiro, ultrapassar pelo acostamento, além de banalizar o trânsito está tão comum que as pessoas não se preocupam do **artefato**, pagar propina, furar filas, cometer furtos, numa crise em que a questão financeira esta numa escala de grande preocupação, falta de humanidade ao próximo, falta de educação todas fachelárias de idade. **E**

nessa virtude, fragmentando a sociedade, que por dever deveria dar exemplo as crianças que estão em observações de ídolos, estão na platéia do espetáculo, e de sua formação social.

A grande mola propulsora que **enfatizaria** na amenização desses surtos sociais, era a interação e cooperação da sociedade para o problema, e uma política de implementação, que teria como vigas estas atuantes, elaborar teses, para eliminar o vírus maligno de sua ploriferação, e reter o crescimento e ramificações desses delitos onde a população se auto policiaria para não ser propriamente lesadas, e assim portanto mesmo sendo de custo e longo prazo, mas que seja eficaz. (redação 31)

Como podemos ver, em quatro circunstâncias, num mesmo texto, foram empregados termos inadequados, em que distinguimos falhas de ordem semântica. As ocorrências mostram desconhecimento dos significados desses vocábulos por parte do produtor do texto. No primeiro caso, empregou-se a palavra “lacunas”, combinada ao verbo “controlar”. No entanto, não se consegue determinar em que sentido o termo “lacunas” foi empregado. Ainda que se trate de “falhas”, estas não são controladas, mas corrigidas. E “vazios”, “buracos”, são vocábulos que não cabem no contexto.

Em seguida, fez-se uso de “artefato”, como sendo sinônimo de “fato”. Porém, o primeiro termo significa qualquer objeto produzido industrialmente, enquanto que “fato” representa “um feito”, “uma ação”, “algo que realmente exista”. Logo, nesse contexto, não cabe o emprego de “artefato”.

Também o vestibulando não foi feliz ao empregar a expressão “E nessa virtude”. Ele não se referia à força moral, à prática do bem, como nos mostra o co-texto. Ao contrário, então, deveria ter alterado a construção sintático-morfológica dessa expressão, fazendo uso de “Em virtude de”, cujo significado liga-se a causa, razão, sentido este que cabe perfeitamente no texto em análise.

Por último, vemos que há também problemas na oração subordinada adjetiva que compõe o último parágrafo do texto: “A grande mola propulsora que enfatizaria na amenização desses surtos sociais”. Ao que podemos depreender do contexto, não se trata de dar ênfase à moderação dos surtos sociais. Mas entendemos que a ação conjunta da sociedade

e de políticos “culminaria” na diminuição de tais problemas, ou seja, teria como conseqüência a moderação quanto ao alto índice de ocorrência deles.

Outro tipo de problema semântico encontrado nas redações foi quanto às retomadas por hipônimos e hiperônimos – que constituíram, da mesma forma, falhas de ordem sintática, por se tratar de referentes nominais. Foram também classificados como semânticos por equivalerem, de igual maneira, a desconhecimento vocabular ou a dificuldades de se combinar sentidos. Assim, culminaram em construções como as mostradas em (125) e (126):

(125) Ultimamente nosso país tem passado por situações adversas, levando nosso povo a momentos difíceis no que diz respeito a **problemas** econômicos, sociais **como saúde**, desemprego, habitação, **segurança** e políticos. Muitas são promessas de mudanças nessas áreas, no entanto, mesmo com a troca de governantes, o país tem continuado da mesma maneira. (1º parágrafo, redação 37)

(126) Primeiramente a sociedade não está otimista devido a vários acontecimentos que tem ocorrido como: O aumento do desemprego, **as violências, as guerras, os abortos**, as drogas, as doenças, não é só isso. E todos estes motivos tem causado o “baixo – astral” em nosso país. Portanto, os brasileiros estão desanimados, mas não devemos deixar que esta situação continue, e sim, sermos otimistas, pois o Brasil é um país com grande potencial, que tem a capacidade de gerar empregos, diminuir a violência, aumentar o clima de paz, entre outros. (2º parágrafo, redação 47)

No excerto da redação 37 — em (125) —, o vestibulando apresentou saúde e segurança como sendo hipônimos de problemas, combinando os termos como se somassem exemplos de causas para o baixo-astral do brasileiro. No entanto, empecilhos, falhas nessas áreas é que correspondem a questões que devem ser solucionadas, como é do conhecimento geral. O fato de se ter saúde e segurança são, ao contrário, benefícios.

Já em (126), o problema residiu no fato de não se reconhecer hipônimos e hiperônimo. Uma vez que tivessem sido reconhecidos, deveria haver uma outra construção sintática, desprovida de repetições desnecessárias de idéias: ao se falar de violências, já se está

englobando guerras e abortos. Ambos os atos contrariam a justiça e envolvem o uso de força bruta.

Assim, observando-se os problemas apresentados nessa seção, assumimos que os vestibulandos, em determinados casos, ou desconhecem os significados dos termos por eles empregados, ou, ainda que os conhecendo, não percebem o quanto determinadas combinações podem alterar prejudicialmente o sentido de um trecho. Assim, comprovamos não haver, por parte dos produtores, a análise dos resultados obtidos a partir de determinadas combinações vocabulares, o que acarreta problemas de ordem semântica.

O fato de não se fazer o exame dos resultados leva, em certas circunstâncias, a um acréscimo automático de palavras, motivado por meras semelhanças estruturais. Houve casos, por exemplo, em que falhas ocorreram por se ter trocado palavras provenientes de uma mesma raiz, ou seja, derivadas de uma outra primitiva equivalente. Essa mesma procedência pode ter levado ao emprego de “conformidade” em vez “conformismo”, nos trechos a seguir:

(127) Com tudo isso o brasileiro se exclui da vida em sociedade, pois já está cansado da vida que leva, mas não faz nada para mudar e deixa tudo como está criando uma situação de **conformidade** com o que está acontecendo a sua volta, devido ao “baixo astral” que se encontra.

Essa situação de **conformidade** não é benefício para a vida das pessoas que não acreditam mais uma mudança, pois acabam desistindo do que procuram e cedem seus lugares a outras pessoas que podem não acreditar em uma rápida transformação da sociedade mas faz o possível para que ela aconteça. (5º e 6º parágrafos, redação 43)

“Conformidade” significa estar de acordo. Logo, tomando-se o significado do termo, percebemos que este não cabe na circunstância em que foi empregado.

“Conformismo”, ao contrário, refere-se à atitude do indivíduo que se conforma com todas as situações, acomodando-se, resignando-se frente aos acontecimentos que lhe causam, inclusive, desagrado. Este seria o termo adequado para compor ambos os parágrafos da quadragésima terceira redação.

4.1.4.3. Uso de palavras imprecisas

Na redação de vestibular, escrever, empregar as palavras seria o equivalente a participar de um debate, em que sempre se tem algo relevante a dizer e a discutir. A discussão, por sua vez, fica mais inteligente, mais clara e precisa uma vez empregadas palavras adequadas e objetivas. É a palavra, nesse contexto de produção, que dá significado ao mundo, dá expressividade às opiniões, às emoções e à imaginação.

Além disso, os termos empregados no texto devem estar de acordo com a linguagem exigida, ou seja, a variedade formal, culta ou padrão. Nesse sentido, deve-se ter a preocupação quanto à seleção de vocábulos a serem empregados. Não se pode passar para o papel, nesse contexto de produção, a linguagem oral do dia-a-dia, despreocupada, repleta de elipses e de termos vagos.

Não se faz concessão, da mesma forma, a uma linguagem que represente desconhecimento vocabular – ou conhecimento restrito do vocabulário da língua em uso. Assim, deve-se nomear tudo pelos seus devidos nomes. Palavras vagas, como “coisa”, “troço”, “negócio”, “trem”, empregadas com frequência na linguagem oral do cotidiano, na verdade, não exprimem o sentido real de um termo. A substituição dos vocábulos indefinidos por outros de valor preciso mostra o conhecimento vocabular do produtor do texto.

Em 20% das produções de texto analisadas, foram empregados termos vagos. Frente aos outros itens analisados, alguns deles alcançando 90% das produções, parece se tratar de uma falha que ocorre em uma baixa frequência. No entanto, não se trata de uma porcentagem tão baixa a ponto não caracterizar a inabilidade lingüística dos vestibulandos. Dizemos inabilidade, uma vez que há sempre um sinônimo mais claro, específico, que possa substituir a palavra “coisa”, por exemplo. Seria o caso de o produtor do texto vasculhar seu conhecimento da língua em busca de um termo mais adequado.

Por exemplo, em (128), a palavra “coisa” poderia ter sido substituída por “fato”, “ocorrência”, dentre outras expressões.

(128) Na roda de jovens a **coisa** mais normal hoje é aparecer um “baseado” ou um “tubo de lança perfume” na maior naturalidade, pois hoje que não os usuflui não é bem vindo em certas turmas de amigo; o que parece um pouco complicado pois o certo agora é fazer o errado. (2º parágrafo, redação 33)

Já em (129), o trecho também poderia ser melhorado de forma a se evitar o emprego de “coisa”. Seria o caso de se dizer que “muitas situações e concepções deveriam ser alteradas, modificadas”.

(129) Portanto o brasileiro ainda se ve em um momento muito dificil no ramo da politica da economia e principalmente na educação que deixa muito a desejar no país, provavelmente um dia está situação vai mudar porem para isso muita **coisa** precisa mudar partindo da educação até chegar aos governantes enquanto este dia não chega nos resta esperar que um dia o clima de desconfiança de lugar ao mais puro encantamento pelo país. (5º parágrafo, redação 34)

E, ainda, no excerto abaixo, o termo em destaque poderia ter sido substituído por “benefícios”:

(130) O brasileiro está cansado dos meios de condições em que estão vivendo não tendo uma segurança financeira nem particular; não ter oportunidade de nem mesmo disfrutar com prazer as **coisas** que o planeta terra lhes oferece, pois na cabeça sempre está cheia de preocupações. (5º parágrafo, redação 40)

O emprego do vocabulário adequado ao contexto de produção retrata a habilidade comunicativa do indivíduo. Assim, numa produção escrita em vestibular, é necessário que ele repense o emprego de determinados termos, próprios da linguagem coloquial, vagos, imprecisos, que tendem a comprovar, ao contrário, desconhecimento da língua empregada.

4.1.4.4. Emprego de vocábulo inexistente

Um outro fator analisado, também de ordem semântica, equivaleu ao emprego de termos que não constituem o conjunto semântico da língua portuguesa empregada no Brasil. Trata-se de vocábulos criados pelos próprios vestibulandos, segundo associações com outras palavras derivadas, formados pelo acréscimo de determinados sufixos. No contexto de vestibular, no entanto, não se consideraram os respectivos significados de tais sufixos. Correspondeu a uma ocorrência bastante baixa, se comparada a outras: apenas 5% dos textos apresentaram construções do tipo.

Na redação de número 17, depara-se com a construção “estaticismo”, conforme mostrado no excerto (131):

(131) Qual é a principal responsabilidade do governo senão combater o desemprego, criando melhores condições de vida e uma satisfação geral a nação. Mas o **estaticismo** dos regimentos administrativos sociais do governo demonstram até hoje o despreparo e a subjugação do país a poderes maiores como a dívida com o capital externo. (4º parágrafo, redação 17)

Ao fazermos a leitura do trecho, verificamos que o termo relaciona-se a “estático”, um adjetivo. Para a formação do substantivo equivalente, ter-se-ia a forma “estaticidade”, ou seja, no contexto, o vestibulando se refere a regimentos que não vão além de algo já determinado, que não buscam mudanças substanciais para o social. Assim, dever-se-ia ter empregado o sufixo “-dade”, formando-se nome abstrato que indica qualidade, propriedade, modo de ser ou o estado do governo no contexto em discussão.

Ao contrário, empregou-se o sufixo “-ismo”, utilizado para formar nomes de doutrinas ou sistemas – como realismo, federalismo, budismo –, modo de agir ou pensar – heroísmo – ou ainda equivale a um sufixo empregado em terminologias científicas – daltonismo, reumatismo.

Em (132), construção semelhante também ocorreu:

(132) Mesmo o país em estado **colonioso**, o Brasil é um país sonhador. Sejam pelas várias crises sociais e econômicas vividas no país, o brasileiro ainda dorme com esperança de um amanhã melhor. (1º parágrafo, redação 18)

O sufixo “-oso”, por sua vez, forma adjetivos a partir de substantivos. Por exemplo: gosto, gostoso; tendência, tendencioso. Seu significado equivale a “provido ou cheio de”, segundo Cunha e Cintra (1985, p. 98). Nesse sentido, “animal venenoso” representa um ser munido de veneno; um “homem brioso”, pessoa com brio, pudor, dignidade, hombridade.

Já no excerto acima, no entanto, o termo “colonioso” corresponde a colônia. No entanto, o adjetivo correspondente seria “colonial”. Ou seja, deveria ter sido empregado o sufixo “-al”, que estabelece relação de pertinência.

Também a palavra “mutativo” não faz parte do vocabulário da língua em uso. Trata-se, mais uma vez, de uma associação inadequada com sufixos. O termo adequado, nesse caso, seria “mutável”.

(133) Conseqüentemente, lemas, músicas de fundo, frases inspiradoras, caracterizarão o superficial e **mutativo** de cada ser, àquela esperança necessária. (3º parágrafo, redação 78)

O sufixo “-(á)vel” significa a possibilidade de se praticar ou de se sofrer uma dada ação (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 99). Assim, mutável significa que o ser pode mudar ou sofrer mudanças.

No entanto, há um diferencial nessa ocorrência no que diz respeito a esse último significado que se buscou construir. O sufixo “-(t)ivo” também pode significar um modo de ser ou um estado. Nesse sentido, ter-se-ia que “mutativo” representa um estado de “mutável”, ou seja, algo que muda, que se transforma. Logo, ainda que tal palavra não constitua o

vocabulário da língua portuguesa, a relação estabelecida tem um porquê coerente para sua ocorrência. Seria o caso, talvez, de denominarmos o termo como constituindo um neologismo, fruto do processo analítico-criador do vestibulando, a partir de seu conhecimento da língua, inclusive dos processos de formação de palavras e respectivos valores semânticos aí imbricados.

Por fim, pela discriminação e quantificação das incoerências de ordem semântica, percebemos que um alto número de textos apresentou problemas quanto ao emprego de termos da língua. As maiores dificuldades residiram na combinação de vocábulos, considerando-se seus respectivos significados.

Os índices de ocorrência mostram-nos que os vestibulandos não conseguem reconhecer os significados que os termos adquirem, quando uma vez combinados. Assim, não percebem, de igual maneira, os sentidos que vão sendo entrelaçados no texto, o que culmina, inclusive, em construções frasais desprovidas de coerência.

4.2. Outras singularidades

Até então abordamos, como delineado para essa pesquisa, os problemas de coerência local, segundo proposta de Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983). No entanto, fatores outros – que não os de ordem sintática, semântica, pragmática e estilística – interferiram, em algum momento, na construção da coerência local dos textos analisados. Trata-se de problemas relacionados ao emprego de elementos gramaticais (especialmente, de pronomes e preposições) e à pontuação.

A ocorrência de falhas quanto a esses fatores, somados a problemas ortográficos, alcançou altíssimo índice, se comparada à frequência de desvios que promoveram incoerências locais. Enquanto os fatores sintáticos, estilísticos, pragmáticos e semânticos

somaram um total de 50,4%, falhas quanto à pontuação, acentuação gráfica e gramática equipararam-se ao primeiro grupo, alcançando 49,6% dos desvios quantificados.

De maneira geral, a ortografia e a pontuação não são fatores inclusos no campo da coerência, segundo as teorias que embasaram esse trabalho. Porém, a obediência às normativas quanto à ortografia padrão e ao emprego dos sinais de pontuação, bem como a construção de um texto cujos elementos estejam muito bem interligados, favorece o atendimento à expectativa do leitor frente ao material lido. Trata-se de elementos que, quando bem empregados, dão credibilidade ao texto e maior fluência à leitura. São, portanto, importantes quanto ao aspecto cultural. Uma vez não atendida a expectativa quanto à apresentação ortográfica, por exemplo, pode-se gerar frustrações no processo de comunicação, incluindo recusa da leitura.

Quanto às falhas ortográficas, pouquíssimas ocorrências de vocábulos escritos inadequadamente interferiram na construção do sentido. Um desses casos foi o que se verificou na redação (36) — transcrita em (134) —, em que o desconhecimento da diferenciação de escrita e de significado entre “surgirão” e “surgiram” culminou numa construção contraditória:

(134) **É necessário** portanto **que** haja o mínimo de respeito com o cidadão brasileiro e **se faça algo para mudar esta situação** que é deprimente a qual este povo está submetido, porém nem mesmo com todo este otimismo chega um momento em que não se pode mais aguentar tantas desilusões e fracassos. É evidente que **soluções para tantos problemas não surgiram do dia para noite**, este é um processo lento mas não estático. (3º parágrafo, redação 36)

Num primeiro momento, o vestibulando afirmou que é preciso que se faça algo para mudar a situação enfrentada, atualmente, pelos brasileiros. Mais à frente, no entanto, emprega o verbo “surgir” no pretérito perfeito do indicativo, ou seja, dá a entender que as soluções já foram criadas e postas em ação. A contradição, portanto, reside no fato de que, se já existem soluções, não há mais o que se fazer. No entanto, para que tal contradição fosse desfeita,

bastaria que se trocasse a desinência verbal, colocando-se o verbo no futuro do presente do indicativo: “surgirão”.

Ao contrário dessa situação, porém, na maioria das vezes, falhas ortográficas não prejudicaram a construção do sentido dos textos ou de trechos destes. É o que podemos confirmar pela observação do texto 34, transcrito abaixo. Nele, figuraram 19 termos cujas grafias não estão, por algum motivo, de acordo com o padrão estabelecido para a língua portuguesa. No entanto, em momento algum o sentido foi prejudicado por tais ocorrências:

(135) A população brasileira está desiludiada

O **Brasileiro** acredita que o país ainda está longe de viver os seus dias de glória, pois este vem apresentando vários problemas sociais de grandes extensões **economicas** e políticas caracterizando uma população que não tem emprego que vive atormentado pelo medo de sair de casa devido a violência e a falta de segurança que se encontra nosso país.

Ainda que o Brasil seja um país cuja **economia** e a política vem passando por dificuldades, **típicas** de **países** emergentes como o nosso, os governantes vem tentando melhorar a situação do país, mas estes são **empedidos** pelo sistema de efetuarem suas vontades políticas de melhorar a vida da população, fazendo com que está fique insegura e desiludida com a **política economica** de hoje.

Entretanto o governo tem que fazer algo em relação a **política** externa **nao** esquecendo de resolver **tambem** os internos o problema do desemprego que se não for sanado ou ao menos controlado vai acabar levando muitos a usarem práticas como roubo para sustentar os filhos que já fazem parte dos **numeros** que vemos diariamente nos **noticiarios** daqueles que estão abaixo da linha da pobreza.

Existem também o problema da violência que assola o Brasil de modo a deixar a população com medo levando estes a se isolar em sua casa se tornando vítima de uma bala perdida ou então de um **adolescente** que bate no vidro do carro pedindo nossos pertences.

Portanto o brasileiro ainda se **ve** em um momento muito **dificil** no ramo da **política** da economia e principalmente na educação que deixa muito a desejar no país, provavelmente um dia **está** situação vai mudar porem para isso muita coisa precisa mudar partindo da educação até chegar aos governantes enquanto este dia não chega nos resta esperar que um dia o clima de desconfiança **de** lugar ao mais puro encantamento pelo país.

Tal fato justifica a decisão de não nos prendermos à análise dos desvios ortográficos, embora 86% dos textos tenham apresentado problemas dessa ordem – em média, cinco falhas por redação.

Já com relação ao mau uso dos sinais de pontuação e de elementos gramaticais, nos textos analisados, o problema foi além da mera insatisfação do interlocutor: prejudicou a

construção do sentido do texto em várias passagens. Além disso, a grande frequência de falhas dessa ordem – em 100% dos textos – sugeriu que os vestibulandos desconhecem os valores e os empregos dos sinais de pontuação e de determinados elementos gramaticais, como preposições e pronomes, por exemplo.

No que se refere aos sinais de pontuação, eles têm a função ímpar de marcar pausas e entoação. A escrita depende desses recursos, uma vez que não possui as inumeráveis vantagens da língua falada, no que se tange ao emprego de recursos contextualizadores – gestos, semblantes, entonação da voz, dentre outros –, que dão ritmo e melodia à fala. Nos textos analisados, os principais problemas encontrados envolveram o emprego de vírgulas, pontos e aspas. Porém, houve casos outros, raros, em que se pôde verificar o emprego inadequado ou desnecessário de parênteses, por exemplo. Foi o que se certificou na redação 28, cujo primeiro parágrafo, sendo mal pontuado, resultou num trecho confuso, sem clareza e objetividade das informações. O uso dos parênteses levou a uma pausa imprópria, que causou ruptura na fluência do texto, como mostrado a seguir:

(136) Uma transgressão é sempre uma transgressão, e por sua essência e característica formal não poderia ser considerada leve ou pequena. A transgressão no que tange ao fato, ou no que tange ao direito; seja para os especialistas em leis, seja para os especialistas em burlar as leis; ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo (**e que consentiria em dizer que transgressão é**) sempre transgressão e ponto. (1º parágrafo, redação 28)

Segundo Cunha e Cintra (1985), os parênteses são empregados para se intercalarem informações acessórias ou para se separarem orações intercaladas com verbos declarativos. Voltando-nos para a primeira função dos parênteses, em se tratando de informações acessórias, estas equivalem a comentários, a explicações, a notas que não prejudicam a organização e a seqüência das demais informações. Assim sendo, são secundárias, não essenciais. Sendo retiradas do texto, o sentido deste não é prejudicado – claro que, semanticamente, a presença desses elementos tem um porquê e, portanto, uma função

importante a desempenhar, o que poderá refletir no comportamento do receptor da mensagem.

Porém, tal não se pode fazer no trecho em análise:

(137) “ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo * sempre transgressão e ponto.”³⁶

O mau uso dos parênteses no excerto (136) prejudicou, em grande medida, a compreensão do texto. O que se configurou foi uma ruptura na seqüência de informações explicativas a respeito da opinião de um filósofo quanto ao que seja transgressão. Caso o parágrafo tivesse sido construído com clareza, com todas as informações necessárias explícitas, o trecho “e que consentiria em dizer que transgressão é sempre transgressão e ponto” deveria constituir um esclarecimento – ainda que não contendo informação alguma de cunho específico e objetivo. Sendo assim, o último parêntese deveria ser colocado após este trecho.

Além disso, nesse mesmo parágrafo, foram verificadas falhas quanto ao emprego do ponto-e-vírgula. No contexto e nas diversas vezes em que foi empregado, não equivaleu “a uma espécie de ponto reduzido”, nem a uma “vírgula alongada”, segundo Cunha e Cintra (1985, p. 634). Não foi o caso de se separar períodos muito longos, ou enunciados enumerativos; nem mesmo se buscou dar ênfase a alguma construção. Sua função, ao contrário, foi separar alternativas, o que muito bem poderia ter sido feito pelo emprego de vírgulas.

Também, o emprego de outras vírgulas seria necessário para dar mais melodia ao trecho, obedecendo-se à entonação da fala e às pausas feitas no momento da leitura, fazendo-se com que esta fosse mais agradável quanto a esses aspectos. De igual maneira, poderia ter sido empregado o ponto onde as pausas fossem mais duradouras.

³⁶ O asterisco marca o local de onde se retirou a informações, assinalando que sua ausência prejudica o sentido da sentença.

(138) Uma transgressão é sempre uma transgressão. E, por sua essência e característica formal, não poderia ser considerada leve ou pequena. A transgressão, no que tange ao fato ou no que tange ao direito, seja para os especialistas em leis, seja para os especialistas em burlar as leis, ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo (e que consentiria em dizer que transgressão é sempre transgressão e ponto)...³⁷

Especificamente no que se refere às vírgulas, estas marcam as pequenas pausas, separando elementos de uma oração e, da mesma forma, orações dentro de um período. Parecem, em princípio, apenas favorecerem a melodia do texto, no momento da leitura, como mostrado em (138). No entanto, houve casos em que o não emprego da vírgula ou uso inadequado dela dificultou a compreensão do texto ou permitiu que se configurasse um outro sentido não-autorizado. Este último constituiu as situações em que orações de cunho explicativo passaram a ser restritivas, devido ao não emprego da vírgula. Como exemplo, observemos o trecho a seguir:

(139) A crise econômica afeta a barriga das famílias famintas. **A insegurança pública afeta a prisão domiciliar dos brasileiros que já quase não tem coragem de sair às ruas.** (3º parágrafo, redação 104)

Em (139), primeiramente, podemos perceber um problema de ordem pragmática e semântica: a má construção do trecho favoreceu que se pense que os brasileiros vivem em prisão domiciliar e que a insegurança pública vem a prejudicar esse estado de enclausuramento. Ao contrário, a insegurança **leva** à prisão domiciliar.

Voltando-nos para a pontuação, percebemos que o não emprego da vírgula antes do pronome relativo “que” fez parecer se tratar de uma oração restritiva. Nesse sentido, a

³⁷ As reticências marcam a necessidade de se dar continuidade ao trecho. As informações até então apresentadas não transmitem a idéia da completude necessária.

insegurança afetaria apenas os brasileiros que não têm coragem de sair às ruas. No entanto, vemos que o vestibulando acrescenta uma informação extra, uma explicação ao fato de todos os brasileiros serem prejudicados pela insegurança: eles não mais têm coragem de sair às ruas. Assim, trata-se de uma oração explicativa, que deveria ter sido antecedida por uma vírgula. Vemos, pois, que o não uso da vírgula prejudicou a construção do sentido adequado e possivelmente pretendido para o trecho.

Já no excerto (140), o não emprego da vírgula enfatizando o advérbio “no exterior” também favorece uma segunda interpretação para o trecho. Sem o uso desta, pode-se entender que se trate do brasileiro, estando no exterior. Assim, quando fora de seu país, é visto como “alegre, malandro e festeiro”.

(140) **O brasileiro no exterior** e visto como alegre, malandro e festeiro como mostra o mais famoso personagem nacional de desenho Zé carioca, isso não é motivo de alegria para esses trabalhadores assustados e desiludidos? (3º parágrafo, redação 75)

Uma vez empregando-se a vírgula de forma a se isolar o advérbio, reforça-se, ao contrário, o lugar em que o brasileiro “é visto” como tal. Logo, sem que se altere o sentido da frase, é permitido que se mude a posição do advérbio para o início da sentença.

(141) O brasileiro, no exterior, é visto como alegre, malandro e festeiro [...].

(142) No exterior, o brasileiro é visto como alegre, malandro e festeiro [...].

Já com relação ao emprego de aspas, foram verificados vários problemas, seja pelo uso desnecessário ou pelo fato de não se tê-las empregado quando exigido. No entanto, a presença inadequada ou a ausência delas não prejudicou a construção de sentido nos textos.

Todas as redações do *corpus* apresentaram problemas quanto ao uso dos sinais de pontuação. Ainda que não refletindo, em todos as ocorrências, incoerências locais, deslizos

nesse aspecto não deixam de ser fator de considerável importância, já que o vestibular exige redação de qualidade também quanto à pontuação, exigência esta, em 100% dos textos, não atendida. Fator preocupante até; também porque, do total de falhas englobadas na análise da ortografia, pontuação e gramática, 51,1% corresponderam aos problemas relativos à pontuação.

Algumas produções apresentaram casos isolados de falhas quanto à pontuação – texto 32, por exemplo, com apenas uma ocorrência. Outras, por sua vez, caracterizaram-se pela alta incidência de problemas quanto a esses aspectos, o que prejudicou muito a fluência da leitura e a apreensão da mensagem. Nesse último caso, podemos enquadrar a redação 25. Em (143), percebemos o quanto a leitura do texto torna-se trabalhosa, devido à ausência de pontos e vírgulas em locais apropriados. O contrário pode ser notado em (144), em que fizemos toda uma adequação do texto, de forma a se obedecer às regras de pontuação.

(143) O otimismo dos brasileiros.

Desde a colonização do Brasil pelos portugueses, que somos apontados como, sendo um povo alegre e feliz, pois os portugueses quando chegaram aqui fizeram seus relatos dizendo que aqui se encontravam criaturas belas, rostos bem formados pele morena, e com expressões alegres e felizes. A partir desse momento começa a luta destes povos em busca de conquistas e de sua sobrevivência, mas os europeus foram chegando, instalando-se e dizimando grande parte dessa população com doenças fome etc. hoje graças a esta “colonização” somos qualificados de otimistas e lutadores.

Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se elegermos um governante e este não atende aos interesses de seus eleitores a população jovem se manifesta, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder, mesmo nas camadas mais pobres encontramos traços de otimismo e esperança quando há favelas, pessoas que perderam tudo ainda encontram palavras otimistas dando entrevistas aos reporteres que lá estão, nossos atletas mesmo derrotados em suas competições, são otimistas e dizem na próxima venceremos, é como disse o poeta os brasileiros são alegres e felizes, pois o “Brasil é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza” então façamos as palavras do poeta sejamos felizes, lutadores, e objetivos buscando a cada dia novas conquistas com alegria e otimismo. (redação 25)

(144) O otimismo dos brasileiros * ³⁸

Desde a colonização do Brasil pelos portugueses * que somos apontados como * sendo um povo alegre e feliz *. Os portugueses, quando chegaram aqui, fizeram seus relatos, dizendo que aqui se encontravam criaturas belas, rostos bem formados, pele morena * e com expressões alegres e felizes. A partir desse momento, começa a luta destes povos em busca de conquistas e de sua sobrevivência *. Mas os europeus foram chegando, instalando-se e dizimando grande parte dessa população, com doenças, fome etc. hoje, graças a esta “colonização”, somos qualificados de otimistas e lutadores.

Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos *. Por exemplo, se elegermos um governante e este não atende aos interesses de seus eleitores, a população jovem se manifesta, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder *. Mesmo nas camadas mais pobres, encontramos trassos de otimismo e esperança. Quando há favelas, pessoas que perderam tudo ainda encontram palavras otimistas, dando entrevistas aos reporteres que lá estão *. Nossos atletas, mesmo derrotados em suas competições, são otimistas e dizem “na próxima venceremos” *. É como disse o poeta: os brasileiros são alegres e felizes, pois o “Brasil é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza”. Então, façamos as palavras do poeta: sejamos felizes, lutadores * e objetivos, buscando a cada dia novas conquistas, com alegria e otimismo.

Vale ressaltar que, no primeiro parágrafo da redação 25, há um caso em que as aspas foram empregadas sem necessidade, junto ao termo “colonização”. Não foi o caso de se ressaltar ironicamente a palavra, nem mesmo de se acentuar sua significação no contexto, o que não poderia ser justificado, por não se visualizar uma causa precedente. Ao contrário, no segundo parágrafo, ao se fazer a citação de algo dito por atletas, trata-se de uma situação que exigia o uso das aspas, o que não se deu.

Passando-se, então, aos aspectos gramaticais, o foco recaiu sobre o emprego inadequado de pronomes e preposições, problemas quanto à concordância verbal e nominal e relacionados à falta de correlação de tempos verbais, fatores estes que prejudicaram, no mínimo, a clareza do trecho em que apareceram. Falhas quanto a esses aspectos alcançaram uma porcentagem de 30,4% do total de desvios quantificados para gramática, ortografia e pontuação.

³⁸ Onde se acrescentaram vírgulas e pontos, estes sinais estão em negrito. E, quando foram retirados, colocou-se, no local, um asterisco também em negrito, a fim de se permitir melhor visualização das modificações feitas. Nos casos em que o asterisco se encontra acompanhado de um ponto, significava que havia uma vírgula no lugar. E, quando acompanhado de vírgula, significa que havia um ponto no mesmo local. As demais falhas de quaisquer outras ordens não foram alteradas.

Quanto ao uso de preposições, houve casos em que o mau emprego destas favoreceu construções truncadas ou interpretações não-autorizadas. Observemos, como exemplo, o excerto a seguir:

(145) O desperdício de alimentos, leva à fome **de** outras pessoas e ao excesso de lixo nos aterros sanitários. (4º parágrafo, redação 96)

O uso da preposição parece, à primeira vista, introduzir complemento nominal (fome de quê?), o que não condiz com o conhecimento de mundo que se tem, já que não é possível se ter fome de pessoas. Seria necessário melhorar a elaboração sintática, a fim de mostrar que as pessoas é que têm fome; e óbvio, de comida.

Houve também situações em que, não se atentando para o fato de que as preposições assumem valores no contexto em que são empregadas, o produtor do texto fez uso delas inadequadamente, prejudicando a construção de sentidos em determinados trechos do seu texto, como mostrado em (146):

(146) Esse otimismo de um povo sofrido, deve vir acompanhado de movimentos que concretizam realmente situações para a melhoria de vida da população. Acredita-se que a melhoria vem por parte dos governantes, e isso faz com que o povo espere **para a** próxima prefeita, **para o** próximo governador, **para o** próximo presidente ações que acarretam melhorias gigantescas para todo o país. (3º parágrafo, redação 48)

No excerto acima, o emprego da preposição “para” foi inadequado, uma vez que esta estabelece relações de movimento ligado a limite, finalidade, direção, perspectiva, segundo Cunha e Cintra (1985, p. 559). Nesse contexto, então, já que a relação que se estabelece é de procedência, caberia o emprego da preposição “de”, combinada com os respectivos artigos. Assim, o povo espera ações **da** próxima prefeita, **do** próximo governante, **do** próximo presidente.

Em outros casos, a ausência da preposição (ou de locuções prepositivas) dificultou a compreensão de trechos, caracterizados pela falta de clareza, como mostrado em (147). A ausência da preposição “de”, conforme exigido para a expressão “ao invés de”, não deixa de perturbar a leitura e de retardar a construção do sentido do trecho:

(147) Portanto, estamos sim de “baixo – astral”, pois **ao invéz haver** melhoras no Brasil, está cada vez pior, e não temos uma expectativa de melhora. (3º parágrafo, redação 47)

Quanto aos pronomes, problema bastante recorrente se deu com relação ao não uso ou uso inadequado da partícula “se”, sendo esta, nos casos analisados, índice de indeterminação de sujeito. As situações estudadas mostraram desconhecimento dos valores dessa partícula dentro da construção textual. É o que vemos no trecho a seguir, por exemplo:

(148) Essa é a imagem que se tenta passar sobre o brasileiro, pode-se até ter um certo fundo de verdade nisso, mas a realidade é bem diferente. **Não tem como viver em paz sabendo que o país esta passando por diversas crises ao mesmo tempo**, que o tráfico de drogas e armas, está comandando quase completamente as metrópoles brasileiras, espalhando a violência e o medo. A capital sendo regida por uma minoria manipuladora, que nem se importa de fato com os interesses públicos e com o bem esta social. (2º parágrafo, redação 20)

Tomando para análise inicial a primeira oração subordinada adjetiva do início do parágrafo, distinguimos um emprego adequado da partícula “se”. Isso porque se optou por não determinar quem passa a imagem do brasileiro, ou seja, o sujeito não aparece expresso na oração. Nesse caso, empregou-se a locução verbal “tenta passar” na 3ª pessoa do singular, acompanhada do pronome “se”.

Também foi adequado o emprego do pronome “se” na última oração do trecho – “que nem **se** importa de fato com os interesses públicos [...]”. Nesse caso, temos a presença de um verbo pronominal: “(não) se importar”, cujo sentido é fazer caso, não dar importância. Assim, o uso de “se” é uma exigência do próprio verbo.

Já a segunda ocorrência desse mesmo pronome no parágrafo caracteriza-se por ser inadequada. Tomando-se, então, a construção “pode-se até ter um certo fundo de verdade nisso”, certificamos que, primeiramente, trata-se de uma construção coloquial, em que o verbo “ter” foi empregado no sentido de “haver” ou “existir”, o que não é aceito pela variante culta da língua portuguesa. E o verbo “poder”, constituindo uma locução verbal em companhia do “ter”, deveria ter tomado para si a impessoalidade deste último verbo (no caso, verbo este que deveria ser substituído pelo “haver”). Assim, uma vez se tratando do verbo “haver” no sentido de “existir”, teríamos, obrigatoriamente, uma oração sem sujeito; ou seja, não há necessidade de se empregar o pronome “se”. O uso dessa partícula, portanto, fugiu às regras da gramática.

Construção semelhante é a que aparece na seqüência do trecho: “Não **tem** como **viver** em paz **sabendo** que o país esta passando por diversas crises ao mesmo tempo”. Mais uma vez, enganosamente, o verbo “ter” foi empregado em lugar de “haver”. No entanto, nosso foco recai no problema que vigora nas construções que apresentam os verbos “viver” e “saber” (este, na forma nominal “sabendo”): para estes não se apontou sujeito. Em ambos os casos, portanto, dever-se-ia ter empregado o pronome “se”, mostrando-se desconhecimento a respeito de quem executa as ações.

Também ocorrerem problemas envolvendo pronomes combinados com preposições:

(149) Os prejuízos na má formação do caráter são os mais diversos, quando uma pessoa usa drogas além de dar exemplos para muitos outros, cria um círculo vicioso de “alimentação” do sistema de tráfico de drogas e violência **na qual todos nós estamos sujeitos a sofrê-la**. (4º parágrafo, redação 07)

No trecho em negrito, verificamos haver problemas quanto ao emprego da contração “em + a (qual)” pelo fato de o produtor do texto não se atentar para a regência do verbo “sofrer” e, nem mesmo, para o valor da preposição “em”.

No caso acima, não se justifica o uso da preposição “em”, já que não se trata da indicação de posicionamento, de lugar. Ao contrário disso, o pronome “a qual” foi empregado por exigência do verbo “sofrer”. E, uma vez que se sofre a violência, esta objeto direto, o adequado seria “violência, a qual todos nós estamos sujeito a sofrer”, já que a retomada do objeto para o verbo “sofrer” já havia sido feita anteriormente, pelo emprego do pronome relativo “a qual”. Além disso, podemos, perfeitamente, substituir o pronome “a qual” por “que”, o que comprova o quanto é desnecessário o uso da preposição contraída com ele. E, uma vez colocando-se o pronome após violência, não se faz necessário uma nova referencia a ele após o verbo.

Quanto à concordância, seja ela verbal ou nominal, desvios da norma prejudicaram, de alguma maneira, a leitura e a compreensão de determinados trechos dos textos; e ainda feriram a coerência textual de algumas das redações em que apareceram. Não foram casos em que houve a impossibilidade de se recuperar o referente para um nome ou para um verbo. Primeiramente, tratava-se de obedecer a uma exigência da gramática normativa, que rege que, quando se emprega sujeito plural, verbo, adjuntos e predicativos devem concordar com esse sujeito, estando também no plural. O mesmo se pode dizer a respeito de objeto e respectivos predicativos ou adjuntos. Em segundo lugar, uma vez feita a concordância adequada, atende-se a uma expectativa do leitor quanto à qualidade do texto no contexto específico de produção, nesse caso, vestibular.

Observemos, por exemplo, o excerto a seguir:

(150) O povo brasileiro não é de todo otimista, digamos que somos felizes, uma nação que sabe sorrir mesmo com todos os problemas sociais, econômicos e políticos que **aflinge** a população mais necessitada. (2º parágrafo, redação 12)

Desconsiderando o problema ortográfico relativo ao verbo “afligir”, vemos que ele não concorda em número com o sujeito a que se refere. Assim, a não concordância abre

margem para que o leitor retome, descuidadamente, outro referente para o verbo. Pela lógica, o primeiro antecedente singular que se teria para este seria “uma nação”. Retomando esse referente, o leitor não teria uma construção coerente; mas ela não deixa de ser uma retomada possível, pelas construções gramaticais. Logo, para que se mantenha o sentido nesse trecho da redação, o leitor busca um outro referente cabível, aceitando a possibilidade da falha quanto à concordância. Nesse caso, retoma, pois, os problemas sociais, econômicos e políticos.

No trecho abaixo, também houve um caso de falhas de concordância:

(151) É assim que vive a sociedade brasileira, que com tantos motivos para se **revoltarem** e **eclodirem** até mesmo uma revolução social no Brasil pela discriminada e vida difícil que a população vive, com tão pouco a maioria, e muito uma pequena parte da sociedade é que podemos considerar esse povo otimista e pacífico, a espera de um milagre. (4º parágrafo, redação 18)

No excerto acima, não são os “motivos” o sujeito para os verbos “revoltar” e “eclozir”, mas sim “a sociedade brasileira”. Ela é que tem motivos para se revoltar e fazer eclodir uma revolução social no Brasil. Como vemos, há, inclusive, um problema de ordem sintática pela ausência do verbo “fazer”.

Também ausência de verbo causou problemas de coerência, dando a idéia de incompletude da informação veiculada no parágrafo abaixo:

(152) Essa é a imagem que se tenta passar sobre o brasileiro, pode-se até ter um certo fundo de verdade nisso, mas a realidade é bem diferente. Não tem como viver em paz sabendo que o país esta passando por diversas crises ao mesmo tempo, que o tráfico de drogas e armas, está comandando quase completamente as metrópoles brasileiras, espalhando a violência e o medo. **A capital sendo regida por uma minoria manipuladora, que nem se importa de fato com os interesses públicos e com o bem esta social.** (2º parágrafo, redação 20)

Em (152), o problema reside na construção da última frase do texto. O emprego do gerúndio confere à frase a condição de que se tem uma ação realizada imediatamente antes ou

no momento de uma outra, que seria proferida pela oração seqüente, tida como principal. No entanto, após a oração subordinada adjetiva explicativa, finaliza-se o período, conferindo-se a ele o caráter de uma informação inacabada.

Também não se pode dizer que o gerúndio, nessa oração, funcione como na seqüência imediatamente anterior: “que o tráfico de drogas e armas, está comandando quase completamente as metrópoles brasileiras, **espalhando a violência e o medo.**” Nesta, equivale a uma oração coordenada sindética aditiva: o tráfico comanda as metrópoles **e espalha** a violência e o medo. Já na outra, não.

Para que o período pareça mais bem elaborado e para que se desfaça tal efeito de incompletude, seria o caso de se iniciar a frase com uma conjunção aditiva – preferencialmente um operador discursivo que garanta maior força argumentativa à sentença – e de se acrescentar o verbo auxiliar “estar”, antes do verbo no gerúndio, o que configuraria a seguinte construção:

(153) Essa é a imagem que se tenta passar sobre o brasileiro, pode-se até ter um certo fundo de verdade nisso, mas a realidade é bem diferente. Não tem como viver em paz sabendo que o país esta passando por diversas crises ao mesmo tempo, que o tráfico de drogas e armas, está comandando quase completamente as metrópoles brasileiras, espalhando a violência e o medo. **Além disso**, a capital **está** sendo regida por uma minoria manipuladora, que nem se importa de fato com os interesses públicos e com o bem esta social.

As falhas relativas à concordância nominal, principalmente, mostraram efetivo desconhecimento da língua ou incapacidade de análise e percepção de inadequações por parte dos produtores do texto. As construções em que ocorreram não eram sequer complexas, o que não permite que aceitemos a justificativa da difícil visualização de sujeitos e objetos. O caso abaixo pode exemplificar bem essa inabilidade dos vestibulandos:

(154) Embora a população ainda é feliz, e necessário mudanças para que não fique só na ilusão sonhos não realizados ou ate mesmo se tornarem pessoas amargas e **melancólicos**. (5º parágrafo, redação 18)

Nesse fragmento, está claro que o adjetivo “melancólico” refere-se a “pessoas”. Logo, sem maiores dificuldades, ele deveria ter sido flexionado no feminino plural, não no masculino.

Além disso, há, no início do excerto, um problema quanto à correlação de tempos verbais. Ao invés de se dizer “Embora a população é feliz”, o adequado seria “Embora a população seja feliz”, já que, em princípio, segundo Cunha e Cintra (1985, p. 462), o subjuntivo é regra depois de conjunções concessivas. Problema de mesma ordem verificamos no parágrafo abaixo:

(155) Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se **elegermos** um governante e este não **atende** aos interesses de seus eleitores a população jovem se **manifesta**, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder [...] (2º parágrafo, redação 25)

O emprego do verbo “eleger” no futuro do subjuntivo, indicando condição, exige oração principal com verbo no futuro do presente do indicativo, o que caberia ao verbo “manifestar”. Já com relação ao “atender”, este também constituiu uma oração adverbial condicional, o que lhe exigiria, da mesma forma, conjugação no futuro do subjuntivo, como mostrado em (156):

(156) Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se **elegermos** um governante e este não **atender** aos interesses de seus eleitores a população jovem se **manifestará**, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder [...]

Uma outra construção possível seria colocar também os dois primeiros verbos no presente do indicativo, o que não acarretaria problemas quanto à correlação dos tempos verbais, nem quanto ao sentido que estes expressam nas sentenças em que são empregados:

(157) Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se **elegemos** um governante e este não **atende** aos interesses de seus eleitores a população jovem se **manifesta**, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder [...]

O emprego do presente do indicativo se justifica porque um de seus valores diz respeito ao fato de enunciar ações habituais, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala. Trata-se do emprego do presente habitual ou freqüentativo, segundo Cunha e Cintra (1985, p. 437).

Os itens até aqui escritos e discutidos nessa secção englobaram os problemas gramaticais, ortográficos e de pontuação que interferiram, de alguma forma, na coerência dos textos analisados. Falhas quanto à colocação pronominal, regência verbal e uso de crase, por exemplo, não interferiram na compreensão clara e objetiva das mensagens. Assim, não cabe aqui lhes exemplificar as ocorrências.

Assim, concluímos, nesse tópico de discussão, que a discriminação de problemas relacionados a pontuação, ortografia e emprego de elementos gramaticais mostrou que o mero conhecer da existência desses recursos, desvinculados do texto, não leva os estudantes a usá-los com sucesso na prática discursiva. É preciso que se entenda a função deles no texto. Empregá-los aleatoriamente pode dificultar a construção de sentidos. Da mesma forma, a ausência desses recursos da língua pode fazer com que o texto produzido perca em credibilidade. Portanto, as falhas discriminadas representam, assim como os itens propostos por Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983), deficiência quanto ao conhecimento lingüístico-discursivo do produtor do texto.

E, por sua vez, todo esse quarto capítulo voltou-se para as análises dos textos que compuseram o *corpus*. Os resultados permitiram que comprovássemos as hipóteses lançadas inicialmente.

Comprovamos que os problemas de maior incidência foram aqueles relacionados aos fatores pragmáticos. O maior índice – 16,4% – recaiu, especificamente, nas construções truncadas e construídas com dados insuficientes, fatores estes que prejudicaram a compreensão dos trechos em que apareceram.

Em segundo lugar na escala de ocorrências, ficaram os problemas de ordem gramatical, principalmente no que se refere à ausência de elementos coesivos, que favoreceriam a interligação e a seqüenciação das idéias defendidas nos textos – 14,3%. Também de ordem gramatical foram os problemas que apareceram em terceiro maior número, as falhas quanto ao processo de referenciação – 12,6%. Ou seja, os vestibulandos mostraram ter dificuldades quanto a marcar lingüisticamente a seqüenciação das idéias por eles defendidas e, também, quanto à retomada de elementos por pronomes ou sintagmas nominais. Esse fato demonstra que não conseguem aplicar nos textos o conhecimento gramatical que adquiriram ao longo dos anos escolares.

Da mesma forma, observando-se os itens analisados para a coerência estilística e pragmática, principalmente, pôde-se comprovar que os produtores dos textos apresentam desconhecimentos a respeito do gênero textual em questão – redação de vestibular. Ou até mesmo quanto ao que sejam os gêneros e as respectivas necessidades de adequações lingüístico-situacionais inerentes.

Além de não perceberem inadequações para o contexto de produção textual, os vestibulandos não se atentam para os objetivos primordiais implicados nesse gênero. Do contrário, apresentariam seqüenciação de idéias, discutidas e pautadas em argumentos

sustentáveis. Também, as informações estariam bem organizadas, de forma a levar o interlocutor, paulatinamente, a uma dada conclusão desejada.

Além disso, fatores outros geralmente não englobados na análise da coerência de textos – tais como a pontuação e fatores gramaticais que não os englobados pela coesão textual –, quando mal utilizados, interferiram na construção do sentido dos trechos em que apareceram. Ainda, problemas dessa ordem apresentaram-se em altíssimo índice de ocorrência, quase que em igualdade com os fatores de incoerências locais. Enquanto estas tiveram uma porcentagem de 50,4% do total de falhas, aqueles alcançaram índice de 49,6% das ocorrências.

Diante disso, dizemos que os produtores dos textos apresentam, em grande medida, falhas quanto à mobilização de conhecimentos ou, até mesmo, mostram ter inabilidades ou deficiências quanto a estes saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos as falhas que ocorreram na construção da coerência local, em textos produzidos por vestibulandos da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. Fizeram parte do *corpus* trezentas redações de vestibular, de tipologia dissertativa ou expositiva.

A pesquisa — de ordem quantitativa e qualitativa — atendeu ao objetivo proposto inicialmente, traçando o perfil de vestibulandos no que se refere ao conhecimento lingüístico-textual que apresentaram ter em suas redações. Confirmamos a hipótese inicial de que os produtores não apresentam domínio satisfatório na produção de textos, no que se refere à organização das idéias e ao emprego de elementos da língua na produção de textos argumentativos ou expositivos. Mostraram, portanto, não operacionalizarem os conhecimentos que possuem de texto, vocabulário e gramática.

O trabalho de investigação e discussão desenvolvido mostrou que grande parte dos vestibulandos tem dificuldades para produzir um texto claro, completo, de unidade semântica e de idéias bem organizadas. No caso específico dessa pesquisa, esse público mostrou não possuir habilidade para a elaboração de um texto expositivo ou argumentativo escrito que atenda às exigências básicas de organização textual, no que se refere a construções de ordem local, ou seja, em nível de orações, frases e parágrafos. De uma maneira geral, certificamos que os produtores dos textos apresentam recorrentes falhas na mobilização dos conhecimentos. Foram reconhecidas inabilidades quanto ao conhecimento lingüístico, enciclopédico e sócio-interacional, ou seja, falhas também relacionadas ao próprio processo comunicativo via texto escrito, referente ao fato de não se considerar o leitor como um interlocutor potencial.

Analizamos o conhecimento lingüístico dos vestibulandos ao fazermos a análise de aspectos sintáticos e semânticos. Falhas de ordem semântica somaram um total de 12% das ocorrências de falhas verificadas, segundo a proposta de Van Dijk (1981) e Van Dijk e Kintsch (1983) para (in)coerências locais. Já com relação às incoerências sintáticas, estas também alcançaram um alto índice: 29,1% das incoerências locais, ficando atrás apenas das incoerências pragmáticas – 50,1%.

No que se refere às questões semânticas, ficaram claras as dificuldades em se reconhecer sentidos, a partir de relações estabelecidas entre os termos que compõem um texto. Inclusive, o emprego inadequado de alguns vocábulos de uso mais cotidiano aponta que os vestibulandos conhecem as palavras que figuram na língua, usam-nas no dia-a-dia, ou pelo menos, ouvem-nas e entendem as informações transmitidas. No entanto, ao aplicarem-nas no texto escrito, combinam-nas com outros vocábulos sem que sejam feitas análises semânticas importantes, que poderiam até mesmo impedir determinadas interligações.

Portanto, os vestibulandos, muitas vezes, apenas colocaram termos lado a lado, restringindo a adequação destes apenas à função sintática que assumiram na estrutura frasal. Ignoraram o fato de que os respectivos significados dos termos não permitiriam que fossem feitas as combinações, quando se tratando da construção de um dado sentido desejado. Houve casos, por exemplo, em que percebemos a inadequação de toda uma sentença — quando se fez a análise das inadequadas relações entre as idéias —, de todo o sentido que se configurou a partir desta, o que poderia ou não viabilizar a interligação desta com outra, de idéia, em princípio, complementar.

Especificamente, quando analisamos a ocorrência de palavras imprecisas, a pouca frequência com que apareceram — 1,1% do total de falhas quantificadas — permitiu que chegássemos à conclusão de que não se trata de um desconhecimento de grandes proporções, apesar de atingir 20,5% dos textos do *corpus*. Acreditamos equivaler ao desconhecimento, por

parte dos produtores, do que seja coloquial e culto, além de mostrar uma dificuldade do reconhecimento de determinadas adequações lingüísticas ao contexto de produção. Trata-se também da interferência da linguagem oral coloquial na escrita culta. Naquela, permite-se o emprego de termos vagos, uma vez que as construções são imediatas ao processo comunicativo.

Já quanto ao uso de termos que não constituem a língua, vimos que palavras outras são criadas a partir de uma associação com as estruturas de vocábulos já dicionarizados. Sua baixíssima ocorrência não desperta a atenção para um estudo mais abrangente dessa ordem. Não seria um tópico a se tratar com mais veemência no contexto de sala de aula. Leituras, práticas de escrita, ou seja, um contato maior com o vocabulário da língua tenderia a anular essas ocorrências.

No que se relaciona à sintaxe, o estudo desenvolvido nessa dissertação aponta para a necessidade de se repensar o trabalho com os tópicos gramaticais em sala de aula. Sabemos que os produtores dos textos, pelos anos de estudo por eles vivenciados, conhecem os elementos morfológicos, como os pronomes e verbos, por exemplo, sabem da existência da crase, de sinais de pontuação, de regras de ortografia, mas não aplicam esses conhecimentos de forma a favorecer a articulação dos textos que produzem. Tal inabilidade quanto à retomada de conhecimentos culminou na construção de um grande número de trechos truncados.

Dessa forma, nas redações analisadas, há problemas quanto às correlações verbais, quanto à regência verbal, quanto à escrita de determinadas palavras, quanto a quaisquer formas de concordância. Também, os vestibulandos não conseguem produzir textos coesos, fazendo uso de elementos seqüenciadores e de conjunções; não apresentam sucesso no processo de referenciação, pelo uso de artigos, sintagmas nominais e pronomes. E, ainda, seus

textos não possuem entonação melódica, como sugeriria o uso adequado dos sinais de pontuação.

Os resultados obtidos quanto a esses aspectos sugerem que se desenvolva um trabalho com a gramática, total ou fundamentalmente, vinculado ao texto. Deve-se focar as funções e os sentidos assumidos pelos termos no contexto de produção. Essa forma de abordagem favoreceria uma prática mais intensa da escrita e um trabalho mais voltado para os gêneros discursivos, já que há determinados contextos de produção que aceitam dadas construções, ao mesmo tempo em que há outros que tendem a rejeitá-las. Essa associação com a situação de produção não poderia, nesse caso, ser ignorada.

O conhecimento enciclopédico, por sua vez, equivale ao que se denomina “conhecimento de mundo”. Trata-se de saberes sócio-culturais, adquiridos através da experiência de vida de cada indivíduo. É responsável pelas hipóteses, expectativas e inferências elaboradas ao longo do processamento textual, seja durante a produção ou a recepção do texto. Uma vez fazendo uso efetivo do conhecimento de mundo que tem, ou tendo um saber mais abrangente, compatível com sua experiência de vida ou com o que o mundo oferece como “laboratório”, o produtor do texto estaria apto a avaliar o seu escrito no momento da produção, atentando-se para e corrigindo, por exemplo, as inferências não-autorizadas. Ou ainda poderiam perceber as inadequadas relações entre as idéias, quando estas contradisseram situações reais, de conhecimento geral. No entanto, até mesmo quanto a esse saber geral, que foge às cercanias da instituição escolar, os produtores apresentaram dificuldades. E trata-se de uma área abrangente, que englobou fatores pragmáticos e semânticos, ou seja, problemas dessa ordem interferiram em diversos aspectos da produção textual.

Por sua vez, o fato de verificarmos que muitos dos textos ou muitos dos trechos que compuseram estes textos apresentaram uma circularidade de idéias, deficiências quanto à

argumentação, ambigüidades, contradições, obscuridades, falta de seqüenciação das informações, fuga ao tema proposto, problemas quanto à estruturação frasal e ausência de elementos seqüenciadores – operadores argumentativos, inclusive – sugere que os indivíduos não atentaram para o objetivo primordial que tende a ser verbalizado na enunciação, considerando-se o gênero textual em estudo. Assim, por se tratar de uma redação de vestibular e, principalmente, por ser um texto de cunho argumentativo, em menor ou maior grau, deveriam ter buscado, ao longo de toda a produção, convencer ou persuadir o leitor a respeito de uma dada idéia, apontando argumentos, informações claras e que fugissem ao trivial.

Ao contrário, quando lemos os textos analisados, temos a impressão de que as informações foram lançadas sem que fossem feitas correlações e que delas se conseguisse extrair conclusões. Assim, parece não haver o intuito – ou a consciência da obrigatoriedade – de se transmitir uma informação significativa. Da mesma forma, temos a impressão de que não se visualiza um leitor potencial para o texto produzido, já que as construções não dão condições suficientes para a construção da coerência do texto, sem que sejam notados transtornos.

A pesquisa desenvolvida permitiu que fossem identificadas deficiências quanto à percepção da quantidade de informações necessárias para a compreensão efetiva da mensagem. As elipses que figuraram nos textos não foram empregadas com sucesso, como recurso lingüístico que tende a evitar repetições desnecessárias de dados. Diferente disso, muitas vezes não nos foi possível identificar os referentes para determinadas construções.

Construções sintáticas truncadas também dificultaram, em grande medida, a coerência em determinados trechos. Sentenças ou orações desorganizadas, fora da seqüência adequada dentro de um dado fragmento, ausência de verbos, de preposições, de nomes, ou circunstâncias em que esses termos figuraram desordenadamente, perturbaram a construção da coerência em 94% das redações analisadas.

Frente a esses dados, podemos considerar que os vestibulandos apresentam problemas quanto ao conhecimento ilocucional (KOCH, 2003 b), que lhes permitiria discernir os seus próprios objetivos como emissores e os objetivos dos textos por eles produzidos – segundo o contexto de produção. Esse discernimento favoreceria a discriminação de possíveis conflitos, de potenciais problemas que poderiam ocorrer no momento em que o interlocutor fizesse a leitura do texto. Além disso, implicaria na percepção do teor argumentativo das produções, por parte dos vestibulandos, estes sendo aptos a avaliarem se a mensagem por eles escrita seria capaz de convencer ou persuadir outrem.

Nesse sentido, faltou monitoramento por parte dos produtores textuais – consequência de fatores outros que não cabe a nós abordar nesse trabalho –, o que lhes permitira prever perturbações na comunicação, conflitos quanto às informações dadas e outras já conhecidas. Faltou capacidade para se assegurar a compreensão total do texto, a partir de suas partes constituintes. Tais inabilidades culminaram na não-aceitação por completo do que se produziu e foi transmitido na redação – não-aceitação está certificada pela nota dada a cada vestibulando, conforme os problemas que marcaram os respectivos textos.

Além disso, de alguma maneira, as ocorrências evidenciaram desconhecimento quanto à superestrutura textual, uma vez que houve problemas quanto à ordenação, conexão e seqüenciação de idéias. O trabalho com as idéias está relacionado ao conhecimento da estrutura global do texto dissertativo, argumentativo *stricto sensu* ou não argumentativo *stricto sensu*.

Portanto, os resultados apontaram diversas falhas que nos permitiram delinear determinadas incapacidades por parte dos produtores dos textos. As causas são várias e não constituíram foco deste trabalho. Porém, a fim de que os problemas sejam sanados, a pesquisa desenvolvida poderá servir como aporte para re-direcionamento do trabalho dentro de sala de aula, de maneira a se buscar realmente capacitar alunos escreventes, não somente falantes.

Inclusive, procedendo-se dessa forma, estar-se-á formando os alunos, segundo proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Segundo esta proposta, espera-se que um aluno, na produção de textos escritos formais:

- redija diferentes tipos de textos, estruturando-os de maneira a garantir:
 - A relevância das partes e dos tópicos em relação ao tema e aos propósitos do texto;
 - A continuidade temática;
 - A explicitação de informações contextuais ou de premissas indispensáveis à interpretação;
 - A explicitação de relações entre expressões mediante recursos lingüísticos apropriados (retomadas, anáforas, conectivos), que possibilitem a recuperação da referência por parte do destinatário;
- realize escolhas de elementos lexicais, sintáticos, figurativos e ilustrativos, ajustando-as às circunstâncias, formalidade e propósitos da interação;
- utilize com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção;
- analise e revise o próprio texto, em função dos objetivos pré-estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigindo quantas forem as versões necessárias para considerar o texto produzido bem escrito. (BRASIL, 1998, p. 51-52)

Também, Marcuschi (2001) aponta para a necessidade de o produtor receber um preparo desprendido da gramática fragmentada. Isso implica que, dentro da sala de aula, trabalhe-se com processos, com funções. O autor afirma que

é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina. (MARCUSCHI, 2001, p. 9)

Feitas essas considerações, foram respondidas as questões propostas para análise nessa dissertação e foram confirmadas as hipóteses lançadas, que motivaram o trabalho.

Não pretendemos esgotar o tema dessa pesquisa, tendo em vista essa impossibilidade. E sabemos que ainda há muito a ser investigado nesse campo, motivado por diversos outros questionamentos que ainda não foram respondidos, relacionados ao processo de elaboração escrita de textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: Gerenciando razão e emoção. Cotia: Ateliê Editorial, 2000. p. 49-66.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. **Estética da Criação Verbal** (Trad. Ermantina Galvão G. Pereira). 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.277-326.
- BEAUGRANDE, R. A. de; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.
- BERNÁRDEZ, E. **Introducción a la Lingüística del Texto**. Madrid: Espasa Calpe, 1982.
- BRANDÃO, H. H. N. Pragmática lingüística: delimitações e objetivos. In: MOSCA, L. do L. S. (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanhas, 1999. p.161-182.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106 p.
- CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 1991. 77 p.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUBOIS, J. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978. 653 p.
- FINOTTI, L. H. B. **Fatores de Textualidade em redações do vestibular**: Uma análise crítico-descritiva. São Paulo: USP, 1994, 102 p.
- GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: CHIAPINI, L. (Coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-24
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1995. 82 p.
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 18ª ed. São Paulo: Contexto, 2003a. 84 p.
- _____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003b. 168 p.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.107 p.
- _____. **A coerência textual**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2002. 94 p.

MANDRIK, D. & FARACO, C. A. **Língua Portuguesa: Prática de Redação para Estudantes Universitários**. Petrópolis: Vozes, 2002. 352 p.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: O que é e como se faz**. Série Debates 1. Recife: UFPE / Mestrado em Letras e Linguística, 1983. 64 p.

_____ **Da fala para a escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001, 133 p.

_____ A questão do suporte dos gêneros textuais. **Outras Palavras**. Pós-graduação em Letras, UFPB, João Pessoa, 2003.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001. 296 p.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp. 15 – 129.

PILLAR, J. A redação de vestibular como gênero. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros Textuais**. São Paulo: Edusc, 2002. p. 159-173.

ROCCO, M. T. F. **Crise na linguagem: A redação de vestibular**. São Paulo: Mestre Jou, 1981. 220 p.

TRAVAGLIA, L. C. “Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos” in FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. de O. B., et al (orgs.). **Língua Portuguesa e ensino**. São Paulo: Cortez/EDUC, 2003.

VAN DIJK, T. **Studies in the pragmatics of discourse**. Berlim/New York: Mouton Publishers, 1981. 331 p.

VAN DIJK, T.; KINTSCH, W. **Strategies in discourse comprehension**. Nova York: Academic Press, 1983.

ANEXO I

PROPOSTAS DE REDAÇÃO

ORIENTAÇÃO GERAL

Leia com atenção todas as instruções.

- A) Você vai encontrar duas situações sobre assuntos diferentes para fazer sua redação. Leia as duas situações propostas até o fim e escolha aquela com que você tenha maior afinidade ou aquela que trata de assunto sobre o qual você tenha maior conhecimento.
- B) Uma vez escolhida a situação, registre sua escolha na folha de prova, no lugar adequado, escrevendo apenas A ou B, conforme o caso.
- C) Dê um título para sua redação. Este título deverá deixar claro o aspecto da situação escolhida que você pretende abordar. Escreva o título no lugar apropriado na folha de prova.
- D) Não se esqueça de que você deverá fazer um texto expositivo ou argumentativo.
- E) Não copie trechos dos textos motivadores, ao fazer sua redação.
- F) Se você não seguir as instruções da orientação geral e as relativas ao tema que escolheu, sua redação será penalizada.

SITUAÇÃO A

Observe os trechos abaixo.

"Pequenos delitos são transgressões leves que passam impunes e, no Brasil, estão tão institucionalizados que os transgressores nem têm idéia de que estão fazendo algo errado. Ou então acham esses "miniabusos" irresistíveis, apesar de causarem "minidanos" e/ou levarem a delitos maiores. Esses maus exemplos são também contagiosos. E, em uma sociedade na qual proliferam, ser um cidadão-modelo exige que se reme contra uma poderosa maré ou que se beire a insanidade.

Outros pequenos delitos causam danos porque representam uma pequena parte da reação em cadeia que corrói o tecido social. Os brasileiros que contribuem para a rede de consumo de drogas não são apenas os que as compram, mas até os que as consomem de vez em quando em festas. Uma simples tragada liga você, mesmo que de modo ínfimo, ao traficante, à bala perdida, mas atos aparentemente tão inócuos e difíceis de condenar nos forçam a pensar no que constitui pequeno delito."

Michael Kepp, Folha de S Paulo, 26 de agosto de 2004.

Dentre os inúmeros casos de pequenos delitos, podemos citar: roubar lembrancinhas de hotéis, furar filas, comprar e/ou vender trabalhos acadêmicos, receber troco indevidamente, pagar propinas, ultrapassar pelo acostamento etc.

Faça sua redação, discorrendo sobre os prejuízos que pequenos delitos causam à sociedade. Você pode relacionar questões de cidadania e de ética ao tema. Apresente argumentos que sustentem sua posição.

Observações:

- 1 - Não se esqueça de que você deverá fazer um texto **expositivo ou argumentativo**.
- 2 - Não deixe de dar um título a sua redação, de acordo com a orientação geral.
- 3 - Não copie trechos dos textos motivadores

SITUAÇÃO B

Leia os trechos abaixo.

"Desencantado com o governo que elegeu? Pisando em ovos para não perder o emprego? Com medo de sair às ruas e ser assaltado? Seu time de futebol só dá desgosto? Nem mesmo o quadrante difícil da vida nacional, com más notícias assombrando diariamente o noticiário, tira a esperança desse povo sobrevivente. 'O brasileiro não é melancólico e fatalista como os argentinos, tira otimismo de onde menos se espera', explica a psicóloga carioca Beth Valentim."

Istoé, 15 de maio de 2004.

"Istoé — O País está de "baixo-astral"?"

Gilberto Velho - O Brasil vive uma grande crise e isso tem relação com a erupção da violência, do medo, além de outros aspectos, como o desemprego, a falta de oportunidades. Não que a violência seja produto do desemprego, não é só isso. Uma cultura da violência se desenvolveu no País, com proporções agudas. A sociedade está se sentindo extremamente insegura e frágil. Juntou crise econômica com insegurança pública e, é óbvio, isso gera um clima de desilusão, de frustração."

Istoé, 15 de maio de 2004

Você acha que o brasileiro é otimista por natureza ou está de "baixo-astral"?

Faça sua redação, posicionado-se a respeito do assunto.

Observações:

- 1 - Não se esqueça de que você deverá fazer um texto **expositivo ou argumentativo**.
- 2 - Não deixe de dar um título a sua redação, de acordo com a orientação geral.
- 3 - Não copie trechos dos textos motivadores.

ANEXO II

TEXTOS DO *CORPUS* DE ANÁLISE, CITADOS AO LONGO DO TRABALHO

Redação 1 - situação A

Pequenos erros: grandes danos

Não se pode calcular os danos que um “pequenino erro” ou uma “transgressão leve” pode causar à sociedade. Mas, sabe-se que uma pequena fagulha pode incendiar até mesmo uma grande floresta.

Pensar que roubar uma lembrancinha do hotel, do avião ou de algum outro lugar não é errado é pura ingenuidade. O filho que vê o pai ou a mãe “pegar” uma peça, um pequeno “souvenir” para se recordar daquele lugar onde passaram momentos tão bonitos e inesquecíveis, com certeza, fará o mesmo quando tiver oportunidade. Se o pai pode pegar uma “toalha” do hotel ele também poderá pegar, por exemplo, uma fruta na mercearia, um livro na biblioteca.

Furar o sinal vermelho quando se está com pressa é tão “normal”, pois afinal o tempo hoje é dinheiro. Será mesmo? A criança que vê os adultos desobedecendo as normas, se sentirá no direito de desobedecer as regras em casa, na escola. Afinal, não é o exemplo a melhor maneira para se ensinar?

Um adolescente que cresceu vendo os pais, os tios e outros adultos furando filas; recebendo trocos indevidos e se vangloriando disso; pagando propinas por algum trabalho “suspeito”; contando uma “mentirinha”; ultrapassando pelo acostamento; achará normal pagar alguém para fazer seu trabalho final da faculdade.

Percebe-se, portanto, que um pequeno delito é muito prejudicial à sociedade. E o ditado popular que diz que o mal se corta pela raiz se mostra muito pertinente em relação à questão da formação de caráter do ser humano. São os pequenos deslizes que devem ser combatidos. Devolver um troco indevido é muito melhor do que poder comprar um presente extra com aquele dinheiro. Não furar filas, não omitir a verdade, não comprar ou vender conhecimentos na faculdade podem parecer atitudes insignificantes. Mas, fazendo assim, poderemos ter, um dia, uma sociedade melhor.

Redação 2 - situação B

Otimismo de coração

Nosso país vive em crise e isso não é novidade pra ninguém, tão pouco algo recente. Ouvimos todos os dias reclamações, vemos pessoas indignadas, frustradas e com medo, mas o mais intrigante nisso tudo é que o brasileiro não se deixa abater. A impressão é que, depois do “choque” ou decepção, ressurge de algum lugar a vontade de seguir em frente.

Os noticiários da televisão mostram desabamentos, centenas de pessoas perdendo o pouco que possuem e o desespero das reações, mas pode-se notar que sempre há um “conformismo” positivo em relação à todas as tragédias.

O brasileiro vê seu salário mensal durando cada vez menos, vê seu emprego e o mercado de trabalho exigindo cada vez mais experiência e formação, vê seus filhos saindo de casa sabendo como anda a violência nas ruas, mas batalha, trabalha, às vezes em mais de um emprego, e não perde a esperança.

Não seria o mais apropriado dizer que nos acostumamos a viver desilusões por culpa de governantes mal eleitos ou do modo como a vida anda difícil em todos os sentidos, podemos dizer que vivemos com paixão, nosso povo é alegre por natureza. Em certos momentos situações complicadas e desesperadoras acontecem, mas temos nosso “jeitinho” de encontrarmos força de onde menos se imagina, além de um sempre apoiar o outro, o povo desse país também sabe ser caridoso.

Mesmo tendo que conviver com o medo da violência, com o receio de vir a ser mais desempregado e com a insegurança, esses brasileiros não deixam de prestigiar o seu time do coração nos finais de semana, não deixam de dar uma força para um amigo desesperançoso, não abrem mão de reunir a família e os amigos para “comemorar”, ao menos, a vitória por terem sobrevivido a mais um dia nessa luta contra tudo que parece vir para testar nossa resistência e força, tentando nos abater. Definitivamente, o brasileiro é otimista de coração.

Redação 4 - situação B

Os brasileiros estão conformados

A sociedade brasileira vive uma onda de violência muito grande. A cada dia nos deparamos com assaltos, seqüestros, chacinas cada vez piores. É difícil, com tudo isso, encontrarmos alguma esperança e o que nos resta é conformarmos com a situação.

Nos noticiários nos surpreendemos com a ousadia dos bandidos. As pessoas não pensam muito para tirar a vida de outras por motivos fúteis. A impunidade e o desemprego aumentando a cada dia. Como ter esperança de que um dia tudo isso acabe? É impossível quando o governo não está se preocupando nem um pouco, quando as pessoas não colaboram.

O que resta ao brasileiro é desilusão e frustração e não esperar nada do futuro já que a coisa tende a piorar cada vez mais se continuar como está. Não tem como esperar nada da justiça já que juízes de lá se envolvem com escândalos fiscais, propinas, etc. Os políticos se envolvem com corrupção e quando são presos não ficam mais que meses na cadeia. Não há nada para recorrermos pois todos os órgãos que deveriam proteger a população, prejudicam-na mais ainda.

Diante de tudo isso o que fazer? A única saída é aumentarmos a nossa própria segurança para que não sejamos vítimas da violência e rezar . Rezar para que o governo reconheça que do jeito que está o nosso país a única saída é investir em segurança e acabar com a impunidade e corrupção começando dos próprios deputados e depois partindo para a população. Enquanto isso não chega só nos resta mesmo fazer nossa parte e esperar que Deus atenda às nossas preces.

Redação 5 - situação B

Ser brasileiro é não desistir nunca

O povo brasileiro, inegavelmente, tem se mostrado heróico no decorrer da sua trajetória.

É um povo sofrido, que encara de frente suas misérias e seus problemas político-econômico-sociais.

Um país, onde a moeda muda constantemente, que sofre com o crescimento da violência, com a má distribuição de renda, com o tráfico de drogas, com os desequilíbrios ambientais, com a política “maquiada”, que já se habituou até a alterar o curso natural das

horas e tantas outras agressões, ainda consegue manter seu povo firme, certamente, tem uma gente muito diferente, no mínimo especial.

A mídia define o povo brasileiro como sendo aquele que não desiste nunca. E é mesmo assim. Nosso povo é dinâmico, solidário e receptivo. Tem um quê de fênix que morre e ressurgue das cinzas ainda fortalecida.

Falar do povo brasileiro é falar de nós mesmos, da nossa esperança que resiste às intemperies da vida, dos nossos sonhos, da nossa realidade.

Realidade essa, nem sempre feliz, mas edificante. Capaz de fazer-nos olhar adiante, enxergarmos aqueles que trafegam conosco pela mesma estrada, por vezes hostil, por vezes repleta de paisagens angelicais, que incitam-nos a todo momento a buscar outras paragens e mantermos a marcha.

De onde vem essa força?

Alguns a encontram na religião, outros na política ou filosofia, outros tantos na própria experiência.

O fato é que somos todos brasileiros!!!

Otimistas sim... talvez de baixo astral, pois nossa “Pátria Amada” ainda não conseguiu ser gentil, porém não desistimos nunca.

Redação 7 - situação A

A formação do caráter começa em casa

O caráter do indivíduo é formado a partir do momento em que nasce, porque desde pequeno observa os exemplos dos adultos repetindo-os, uma vez que considera-os corretos.

Na educação dos filhos por exemplo, quando o homem chama sua esposa de idiota é uma completa falta de respeito, o filho que observa a situação posteriormente a repete, ou seja, chama a mãe de idiota e todos acham engraçado isso quando a criança tem de 2 a 3 anos, justamente no período em que o caráter está sendo formado.

Ao ligar o aparelho televisivo o que se observa nas novelas é uma completa ideologia, uma gritante inversão de valores, o personagem honesto, íntegro e bondoso é simplesmente um tolo, ao passo que o personagem violento, infiel com sua esposa, que mata ou que rouba é considerado um indivíduo sagaz, esperto e sábio.

Os prejuízos na má formação do caráter são os mais diversos, quando uma pessoa usa drogas além de dar exemplos para muitos outros, cria um círculo vicioso de “alimentação” do sistema de tráfico de drogas e violência na qual todos nós estamos sujeitos a sofrê-la.

Concluindo, os pequenos e bons exemplos para a boa formação do caráter do indivíduo tem sua base na família e devem continuar na escola, nos meios de comunicação, enfim na sociedade em geral porque todos esses são influenciadores dessa formação.

Redação 8 - situação B

Alto astral, marca brasileira

Inúmeros são os motivos para chorar, ou desesperar, mas o brasileiro, sem nenhuma dúvida, não se deixa abater por ser um povo otimista. A vida do brasileiro, pelo menos da maioria, não é nada fácil, ainda assim a alma, a essência desse povo está baseada justamente na esperança, o que está estampado nas festas, carnavais, folias, praias; isso gera o otimismo.

Relatos, noticiários, índices, números de pesquisa, tudo isso, ou vários desses, tentam comprovar todos os dias a decadência do país. Também números comprovam o grande aumento da violência em território nacional, nos quais temos o Rio de Janeiro como cenário principal, e o mesmo povo, os cariocas, que vêem seu sangue “correr” na televisão, também viu um maravilhoso show de fogos coloridos, em uma das mais encantadoras festas de fim-de-ano do mundo que ocorre justamente nessa cidade violenta e tão temida, como tem colocado os meios de comunicação.

Ser brasileiro, é muito mais do que se abalar com a crise econômica do país, é mais do que fazer guerra por disputa de petróleo, de terra ou poder, está acima de ter que ser a maior potência do mundo. Ser filho desse país é nascer sorrindo, ser assim por natureza, é enfrentar muitos problemas durante a semana, mas ter ânimo pra tomar uma cerveja e ir a praia no fim-de-semana, visitar amigos, divertir na certeza e confiança de uma próxima melhor.

Os problemas e dificuldades são muitos, tantos os individuais quanto os sociais, mas a vida de um brasileiro, nunca passa em branco, sem lazer, aventuras, sorrisos, divertimentos, afinal já disse um poeta que “da vida, a gente só leva a vida que a gente leva” então perder tempo em chorar, ou se lamentar, por quê? Devemos viver, simplesmente viver.

Redação 9 - situação A

O delito coletivo destrói

Pequeno delito que cometemos, tem efeito negativo para a sociedade. Para muitos, é ser esperto furar a fila, receber propina, exceder a velocidade permitida, mentir, enganar etc...

Os pequenos delitos cometidos pelo povo causam uma desordem tamanha que fica insuportável viver em sociedade. Uma sociedade que não tem regras, todos andam desconfiados, ansiosos. As grandes cidades brasileiras sofrem com esta situação. O povo entra nos ônibus urbanos como uma manada de bois. No trânsito, a maioria quer ter vantagem, chegando mais rápido. Para isso, desrespeitam as leis de trânsito. Dificilmente alguém devolve um troco errado. Uma pessoa no meio da multidão quando grita já incomoda. Imaginem todos gritando de uma só vez. Vira uma bagunça. Antes de cometermos um delito, é necessário pensarmos. E se todos fizerem o mesmo?

Somos livres, mas a nossa liberdade termina onde começa a do próximo. O limite de nossa liberdade garante a ordem. O delito acontece quando tentamos levar vantagem para benefício pessoal. Cometemos desvios do que chamamos de moralmente correto. Emily Durkeim, um grande sociólogo, dizia que quando um acontecimento coloca em risco uma sociedade, estamos diante uma sociedade doente. Os pequenos delitos se não forem coibidos, estraga uma sociedade. O poder de coerção do Estado têm que nos policiar, para haver ordem. Se os delitos não notados, eles se repetem em toda coletividade. O povo tem que tomar consciência e zelar para que as leis sejam cumpridas no sentido de controlar os delitos para não por em risco o corpo social.

É normal o delito, mas ele tem que ser controlado, existindo a punição. Um povo educado com um pouco de ética e cidadania não comete essas infrações, pois isto só aborrecem os semelhantes. Se nós não nos conscientizarmos dos delitos que as vezes cometemos, uma cidade, ou um país inteiro pode virar uma bagunça, um caos.

Redação 10 - situação A

Pequenos delitos, grandes problemas

Muitos dos problemas de nossa sociedade estão vinculados a pequenos delitos ou como consideram alguns “hábitos”, que não tratados desde a infância podem desencadear graves situações. Pode-se observá-los desde a convivência em família, até as relações de trabalho, manifestando também na sociedade em si.

Na família cidadãos que são criados de forma a ignorar pequenas regras e sem limites se tornam adultos, na maioria das vezes, adultos rebeldes e insubordinados, que não respeitam pais, mulher, marido e filhos.

Quando chegam à idade escolar se deparam com as escolas, a falta de respeito à professores, brigas entre colegas e se novamente não forem freitados seguirão suas vidas como se tudo fosse “normal”; levando consigo o hábito de cometer pequenos delitos.

Já no trabalho, não vão encontrar dificuldades em mentir, enganar, fraudar, subornar, falsificar, entre outros; agora já não são pequenos delitos, são crimes graves, os quais são passíveis de punição rígida.

Portanto, é necessário que cada um como cidadão sinta-se no dever de se policiar e corrigir-se; e a sociedade não fique passiva, mas reaja, punindo infratores, concientizando as pessoas, afinal um ladrão dificilmente começará roubando um avião, e sim algumas balas, uma fruta no sacolão, uma pessoa só se tornará um viciado em entorpecentes se começar com um cigarro de maconha, é gradual.

Redação 12 - situação B

O otimismo à todo vapor

De fato o brasileiro tem vários motivos para ser um povo de baixo, mas muito baixo astral. Corrupções, pobreza, grandes diferenças sociais que tornam uma pequena parte da população satisfeita e feliz e grande parte totalmente desiludida. Enquanto aqueles satisfeitos com a economia e com a baixa do dólar, se dizem otimistas com o futuro do Brasil, muitos sofrem desesperados pela falta de empregos, e preocupados estão mesmo pelo presente, que lhes deixa poucos motivos para otimismo .

O povo brasileiro não é de todo otimista, digamos que somos felizes, uma nação que sabe sorrir mesmo com todos os problemas sociais, econômicos e políticos que aflinge a população mais necessitada.

Uma das poucas expressões de nosso otimismo é a democracia nas eleições, que nos dá oportunidade de elegermos o candidato que tentará reverter as piores situações, fazendo-nos acreditar que irá melhorar, mostrando assim a nossa fé e o nosso pequeno otimismo num futuro melhor.

O Brasil é um país que precisa crescer muito, e a falta de credibilidade e otimismo que o povo deposita no país não é uma falta de esperança . O problema é que estamos preocupados demais com as difíceis situações do cotidiano – se ainda não acreditamos num presente melhor, quem dirá ter otimismo num futuro tão ou não distante . Precisamos ser mais incentivados a acreditar que esta situação irá mudar; o presidente da República nos diz que o “Brasil está à todo vapor”, realmente se estiver nesta velocidade, hoje em dia, não dá mesmo para se ter algum otimismo.

Redação 13 - situação A

O menor infrator

Hoje em dia a sociedade fecha os olhos para o menor infrator . Sabendo da punição que é mais branda o menor continua a cometer delitos. Além do mais, pais sem instruções não corrigem seus filhos quando começam a pegar “brinquedos” dos coleguinhas. Não esquecendo ainda que o governo não providência projetos para minimizar infrações do menor.

O menor com 16 anos já pode votar então ele tem discernimento do certo e do errado. Quando rouba um pacote de biscoito no super-mercado e é pego pela polícia logo está solto voltando a cometer vários delitos, com isso, ao chegar a maioridade talvez será um dos maiores bandidos do Brasil, entretanto iso acontece por falta de punição mais severa.

Com a falta de instrução e tempo dos pais para dar atenção aos “inocentes” filhos acontece os primeiros sinais de infração. É muito comum crianças que estão brincando em casa de primos e começam a pegar brinquedos, bolas da casa que estão e levam para sua casa onde pais que não dão a mínima importância ao acontecimento ignoram e esconde o fato ocorrido.

Com várias tentativas de punições aos menores infratores, o governo não planeja projetos novos que eduque e instrua o menor dificultando a ação da polícia e da comunidade em todo.

Portanto, o menor sabe de seus direitos e deveres mas com a falta de serenidade e severidade por parte dos pais, governo e de toda sociedade, crianças aproveitam da situação roubando, matando, até que abrimos os olhos para real situação do dia a dia.

Redação 14 - situação A

Mostrinhos em forma de gente

Me dá um trocado, por favor. É isso que ouvimos todas as vezes que passamos em um sinal na rodoviária de qualquer centro urbano. Aquele bando de moleques pedintes vem para seu lado e tentamos correr, a patota flecha em cima de você e nos asficia com o mau cheiro e a má situação do constrangimento e do medo de ser assaltado. As vezes por caridade ou por temor, para ver se livre daquela situação o mais rápido possível, num movimento até compulsivo tiramos da carteira umas moedas ou até uma nota de dez reais (o dinheiro que tiver mais acessível na hora vale, independente do valor) e tremolo damos para a pivetaia que sai aos gritos e pulos e le agradece num sorriso as vezes desdentado: Obrigado tio. E ficamos livres daqueles mostrinhos em forma de gente. Podemos respirar aliviado e tomamos coragem de conferir se todos os nossos pertences estão no lugar: relógio, correntinha, carteira... e agradecemos a Deus por ter saído com vida.

Dando alguns passos refletimos sobre o que passamos e deduzimos que fizemos uma boa ação e ajudamos aqueles meninos carentes e necessitados. Até um sorriso de satisfação brota de nossa boca e pensamos que somos o homem mais caridoso do mundo.

Lá na frente os mesmos pivetes cercam um senhor com o mesmo argumento e conceguem o que querem: o trocado mas para que? Para criarem mais pedintes, mais pivetes, pois tem muitos medrosos como nós que não pode ver um pedinte vai logo enfiando a mão na carteira e dá o trocado . Não tem conta que muito breve os pivetes se tornarão monstros e não será um simples trocado que ira deixa-lo aos gritos e pulos e te dizer: obrigado tio.

Redação 15 - situação B

O otimismo do brasileiro

A questão da natureza do brasileiro, se esta é otimista ou está em baixo-astrol, tem origens muito mais complexas do que mera opinião. Fazendo um breve retrospectiva na história do nosso povo, vamos nos deparar com situações curiosas que mostram um bocado dessa mistura de raças e culturas das quais somos produto.

Nos momentos de crise, em nosso país, seja durante a colonização, ou a recém independência ou a república, o povo não parou, não deixou de acreditar que era possível superar e proclamar um tempo novo. É certo que existem diversos motivos e interesses por trás dos episódios que serão citados, mas o que importa é que em situações históricas, como por exemplo a Guerra dos Farrapos, a Inconfidência mineira, os protestos contra a Ditadura Militar, o “impheman” de Collor e a “vitória” da democracia com Lula, exteriorizam o sentimento de otimismo e superação que o brasileiro possui.

Hoje, nosso país, compartilhador de uma política neoliberal, nos apresenta, é claro, muita insegurança diante da vida, do emprego, da manutenção da casa, da educação dos filhos e em maior escala, insegurança diante da crescente violência, (em todos os âmbitos) característica comum do mundo contemporâneo. Apesar de tantos entraves e motivos para fecharmos as portas, seja da nossa casa, seja da nossa alma, o brasileiro continua alegre, batalhador, principalmente àqueles que constituem a maior porcentagem da população: a classe média.

Outro dado relevante, é o caráter do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em seus pronunciamentos deixa sempre uma imagem amigável, com palavras fervorosas de “graças a Deus” e “que Deus nos ajude”, ou “em direção a um futuro promissor”, ou seja, deixa explícito o otimismo. Podemos tomar isso como um reflexo da própria conduta do brasileiro; este não é um povo baixo-astrol, e mesmo às vezes sufocado por tantos desgostos em meio à crise, não se deixa contaminar por ela e segue em frente.

Redação 16 - situação B

Tentando sempre

As pessoas costumam associar um povo a uma determinada característica, o que é um erro. É como dizer que os turcos são todos ambiciosos, os ingleses são pontuais e os americanos se acham superiores aos demais. Mas e quanto ao povo brasileiro?

Sempre quiseram associar a imagem do povo brasileiro a uma gente preguiçosa que só pensa em festa. Novamente, isso é um erro, uma vez que tem tanta gente procurando emprego. Rótulos à parte, mas o governo se achou no direito de dizer que o povo brasileiro tem que ter a auto-estima lá em cima .

Não que a nossa estivesse baixa, até porque a grande massa não conhece essa tal auto-estima, mas diante da situação preocupante de violência, desemprego e corrupção é para a nação estar, no mínimo, descontente. Mas o governo quer empurrar garganta a baixo que o brasileiro tem que se sentir bem, ainda que todo o resto esteja fora de controle.

Dizer que o povo brasileiro está sempre esperançoso é algo utópico. Não é esperança o que move toda esta gente, mas sim a necessidade de trabalhar e a consciência de que só reclamar não vai adiantar muita coisa [D.3.].

É por isso que esta questão de baixa ou alta auto-estima ficaria mais oportuna se todos (ou a maioria) não estivesse tão ocupada trabalhando e lutando para sobreviver em meio a todas as adversidades.

Redação 17 – situação B

As causas do “baixo-astral” do brasileiro

O que está causando esta frustração demasiada ao pas brasileiro são os impecilios de desenvolvimento gerados através das más administrações públicas do Brasil. O mercado de trabalho reduzido a alta marginalidade na população, são algumas das causas deste “baixo-astral” no brasileiro.

A realidade do mercado de trabalho assusta os jovens ingressantes e até mesmo aqueles veteranos do labor. Não mais encontram-se placas de oferta de emprego na porta dos estabelecimentos comerciais, com a grande e crescente mão-de-obra desempregada, não ha necessidade de procura e é por isso que a oferta salarial torna-se baixa, não sustentando se que uma pessoa.

Ao passo que o mercado de trabalho encontra-se desestimulador, a maioria da população que não está apta a concorrência parte para a criminalidade como alternativa de sobrevivência. A realidade é que o nosso medo ao sair a noite é de certa forma ocasionado pela frustração da comunidade, em geral.

Qual é a principal responsabilidade do governo senão combater o desemprego, criando melhores condições de vida e uma satisfação geral a nação. Mas o estaticismo dos regimentos administrativos sociais do governo demonstram até hoje o despreparo e a subjugação do país a poderes maiores como a dívida com o capital externo.

Poderemos então, alcançar a solução destes impecílios através de um governo forte, que busque a unificação dos indivíduos no país, tornando-os reais cidadãos, fazendo-lhes valer seus direitos humanos, garantindo emprego, moradia, alimentação e preparo educacional. Assim, haveriam menos motivos para o desânimo ou “baixo-astral” de cada brasileiro.

Redação 18 - situação B

Brasil é um país sonhador

Mesmo o país em estado colonioso, o Brasil é um país sonhador. Sejam pelas várias crises sociais e econômicas vividas no país, o brasileiro ainda dorme com esperança de um amanhã melhor.

Estimam uma melhor qualidade de vida, saúde, alimentação, moradia, proteção dentre outros, neste país onde a maioria da população vive-se na miséria em um Brasil rico mas de tamanhas desigualdades sociais. Ainda se não bastasse, tem-se alto índice de violência e corrupção dos governantes escolhidos pelo próprio povo, e vivendo nessa precariedade, o brasileiro; é feliz e construtor de sonhos, embora, a realidade seja cruel e distante de mudanças o povo não perde a esperança.

O país do carnaval e do futebol embora as crises enfrentadas, tem do que se orgulhar, pois no Brasil se tem os melhores jogadores, as maiores reservas minerais, a maior biodiversidade do mundo que é a Amazônia, e várias outras fontes de riquezas nas quais, mal

distribuídas, a população se orgulha de tê-las em seu território mesmo se elas não tiverem acesso a ela, a “riqueza” do país.

É assim que vive a sociedade brasileira, que com tantos motivos para se revoltarem e eclodirem até mesmo uma revolução social no Brasil pela discriminada e vida difícil que a população vive, com tão pouco a maioria, e muito uma pequena parte da sociedade é que podemos considerar esse povo otimista e pacífico, a espera de um milagre.

A sociedade tem que ser otimista, mas não pacífica. Tem que haver lutas por melhorias, o povo deve ser mais crítico ao invés de conformistas. Embora a população ainda é feliz, e necessário mudanças para que não fique só na ilusão sonhos não realizados ou até mesmo se tornarem pessoas amargas e melancólicos. O brasileiro não deve deixar de sonhar mas começar a reivindicar reformas.

Redação 19 - situação B

O jeitinho brasileiro de viver

Muitas expressões são lembradas, quando se fala no povo brasileiro. Uma delas é o otimismo característico de um povo que muitas vezes passa por momentos difíceis mas que preserva e continua a se orgulhar do país em que vivem.

Com seu jeitinho peculiar dribla os problemas e procura sempre meios para solucioná-los, além de sempre ajudar ao próximo que também estiver precisando de ajuda. De forma geral o povo brasileiro é bastante receptivo, e é dessa forma que ele é conhecido em todo mundo.

O brasileiro sobrevive apesar do desemprego, da concentração de renda, da violência e do medo que ela causa, da impunidade, do poder aquisitivo cada vez menor, da corrupção e de tantos outros males que afeta o país.

É dessa motivação que nascem várias alternativas e que torna evidente a força e a perspicácia de um povo que busca em coisas simples uma solução, uma verdadeira forma de viver.

O Brasil tem seu sincretismo religioso e social como a base de uma cultura rica que torna o brasileiro um povo pacífico e que sabe se valorizar em todas as suas formas de expressão.

O Brasil é feito de um povo humilde, honesto, trabalhador, que sofre sob o julgo de vários fatores sociais, mas que sabe mostrar ao mundo uma força inexplicável e que nunca desiste de brilhar e existir.

Redação 20 - situação B

Brasileiros nunca mais serão otimistas por natureza

Apesar de todos os problemas hoje enfrentados no Brasil, Os brasileiros pensam de forma otimista, sempre no que ainda se pode melhorar. Mesmo com toda a violência, corrupção, da crise econômica, pela qual o país está passando, ainda esperam, que tudo isso irá acabar, dando lugar a tempos mais gloriosos, trazendo uma vida melhor para todos.

Essa é a imagem que se tenta passar sobre o brasileiro, pode-se até ter um certo fundo de verdade nisso, mas a realidade é bem diferente. Não tem como viver em paz sabendo que o país esta passando por diversas crises ao mesmo tempo, que o tráfico de drogas e armas, está comandando quase completamente as metrópoles brasileiras, espalhando a violência e o

medo. A capital sendo regida por uma minoria manipuladora, que nem se importa de fato com os interesses públicos e com o bem esta social.

O brasileiro só pôde ser otimista, nos conhecidos Anos Dourados, apos a Segunda Guerra Mundial, nos quais, tinham a situação de pleno emprego, juros baixos, uma economia estável, e a violência em níveis mais baixos, embora o país fosse regido por um regime ditatorial.

Pode-se então dizer e se ver, que não dá mais para se ser otimista, enquanto tudo o que se vê e ouve em noticiários, lê em jornais e vivenciam, são o aumento da violência, do desemprego, da corrupção e de diversos outros fatores que contribuem para a baixa expectativa por melhorias.

Por esses motivos, pode-se então afirmar que o brasileiro não mais será otimista, como um dia já foi.

Redação 21 - situação B

Tudo se resolve com o jeitinho brasileiro

Nem mesmo as dificuldades conseguem esconder o otimismo. Mesmo cansado o brasileiro dispõe a se divertir e acumular energia para enfrentar os problemas.

Apesar do medo e da insegurança gerados pelo desemprego e pela violência, nosso povo sempre tira um tempo para se dedicar ao lazer. É uma forma de descontrair e procurar forças para combater as irregularidades sociais, a vida cansativa de trabalho, a baixa renda e a falta de oportunidades.

O brasileiro consegue adaptar às piores situações e esperar por melhoras. A cada eleição procura investir em alguém que tenha capacidade de ajudar o país e não desanima se eleger um candidato incapaz. Aposta em um novo emprego com o objetivo de aumentar a renda. Perde a paciência com o futebol, mas tem a esperança de ser gratificado no fim do quaternário, quando a seleção brasileira tem a possibilidade de ganhar mais uma copa do mundo.

Esse povo sabe valorizar o pouco que lhe é oferecido. Somos generosos e ficamos confortados ao ajudarmos uma instituição, ao alimentarmos uma criança pobre que nos pede comida ou mesmo quando rezamos e exercemos nossa fé. Lutamos para viver e compensamos os problemas e dificuldades com cada alegria.

A esperança é alimentada em cada diversão, em cada sorriso, na vitória de uma etapa complicada, no carinho da família, no carnaval, na boa culinária, nas belas praias e paisagens. Cada um sabe que tudo isso supera a corrupção de nossos políticos, a violência, o desemprego. Para solucionar os problemas sempre existirá o velho e bom jeitinho brasileiro.

Redação 23 – situação B

Otimismo simples

São diversos os motivos que levam o brasileiro a desacreditar que é possível, quem sabe um dia, se ter uma vida melhor, mas mesmo assim, o povo parece ainda acreditar que a esperança é sempre a última que morre.

Índices de violência que crescem assustadoramente a cada dia, as taxas de desemprego que se mostram cada vez mais próxima da realidade de cada um de nós, precárias condições no ensino publico, que parecem afastar os estudantes de baixa renda da competição igual com

outro de escola privada por uma vaga numa instituição federal, insatisfação quanto aos governantes eleitos pelo o próprio povo e a corrupção impune são alguns exemplos que desestimulam o brasileiro. Porém, o que ninguém pode negar, é que não, o brasileiro não desiste nunca de lutar, e esse otimismo fica claro ao se analisar os momentos em que o povo deixa essas coisas de lado e consegue sorrir, seja durante uma partida de futebol, festas familiares, viagens, compras, de qualquer outra situação em que o tire de seu cotidiano.

Talvez o que explique esse otimismo natural do brasileiro seja a consciência de que mesmo com tantos problemas sociais hoje, nem sempre o Brasil se viu mergulhado em crises; como a há trinta anos atrás, por exemplo, em que sem dúvida alguma vivia-se melhor. Não é que esperamos que tudo volte a ser como antes, mas acreditamos que tanta tecnologia e desenvolvimento nos traga algum benefício.

O interessante é que o brasileiro em sua maioria não se ilude com grandes coisas, sonhos impossíveis ou coisas assim, preferimos acreditar que é mais fácil alcançarmos aos poucos nossos objetivos.

É certo que, mesmo sonhando o povo tem plena consciência da realidade do Brasil e do mundo, e certamente nesta passagem de anos, fez muitos planos e desejos para esse novo ano. Continuara com a mesma fé e otimismo, acreditando, se sensibilizando com o próximo, sorrindo, passando por cima das dificuldades, enfim, não perdendo nunca o otimismo que nasceu com ele.

Redação 25 - situação B

O otimismo dos brasileiros.

Desde a colonização do Brasil pelos portugueses, que somos apontados como, sendo um povo alegre e feliz, pois os portugueses quando chegaram aqui fizeram seus relatos dizendo que aqui se encontravam criaturas belas, rostos bem formados pele morena, e com expressões alegres e felizes. A partir desse momento começa a luta destes povos em busca de conquistas e de sua sobrevivência, mas os europeus foram chegando, instalando-se e dizimando grande parte dessa população com doenças fome etc. hoje graças a esta “colonização” somos qualificados de otimistas e lutadores.

Otimistas porque não desistimos nunca de ir em busca daquilo que queremos, por exemplo, se elegermos um governante e este não atende aos interesses de seus eleitores a população jovem se manifesta, como as caras pintadas na década de noventa, se responsabilizando pela retirada do mesmo do poder, mesmo nas camadas mais pobres encontramos traços de otimismo e esperança quando há favelas, pessoas que perderam tudo ainda encontram palavras otimistas dando entrevistas aos reporteres que lá estão, nossos atletas mesmo derrotados em suas competições, são otimistas e dizem na próxima venceremos, é como disse o poeta os brasileiros são alegres e felizes, pois o “Brasil é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza” então façamos as palavras do poeta sejamos felizes, lutadores, e objetivos buscando a cada dia novas conquistas com alegria e otimismo.

Redação 26 - situação B

Brasileiro: esperançoso e otimista!

Os problemas estão inseridos na vida da população mundial, de maneira diferentes e com inúmeras reações. Existem aqueles que se desesperam e entregam-se às dificuldades, outros se abalam, e também tem muitos que vivem com tribulações mas não se entregam, podem até ficar abalados mas mantêm a perseverança e a esperança de que irão progredir. Estes muitos que foram citados podem ser chamados de brasileiros, que são insistentes e felizes mesmo com tantos percalsos e desilusões na vida.

O questionamento pode surgir em relação a felicidade do brasileiro, pois este que enfrenta o desemprego, a fome, a falta de assistência médica, a situação precária na educação e tantos outros problemas não tem motivações do país para tal alegria. A explicação vem do espírito esperançoso que o brasileiro tem, mesmo com estas dificuldades esse povo comemora o natal, ano novo, carnaval e tantas outras festas, como se estivesse sempre muito bem, não deixando se abater pelos problemas.

Mesmo aqueles que vivem na seca e miséria, com feições cansadas e castigadas pelo sol e fome de quem demonstra não desistir da vida, mesmo tendo condições precárias para “sobreviver”. Estes evidenciam aquilo que eles têm como maior valor, que é a honestidade, a fé e a cultura do norte e nordeste deste país, vinda dos folclores. As festas levam alegria para a quele povo que dança, canta, toca e festeja. Isso pode até ser surpreendente para quem vê do lado de fora, pois não se sabe o que eles festejam em meio à uma vida de miséria.

Enfim, sem saudosismo, o povo brasileiro realmente é otimista, pois estão sempre acreditando que futuramente terão uma vida melhor, e isto comprova-se nas filas gigantescas de desempregados que não desistem, e estão enfrentando inúmeras entrevistas e preenchimento de curriculos, pois perseveram para conquistarem o almejado emprego. Certamente a personalidade do brasileiro contribui para esta alegria de viver e de um pensamento positivo, com isso espera-se que todos possam contribuir para a formação de um Brasil digno para se viver, e que a felicidade não contagie somente os momentos de festejos, intitulado o país do carnaval, mas também que se manifeste para o progresso!

Redação 27 – situação B

O otimismo brasileiro

O povo brasileiro é conhecido por sua alegria de viver, sua esperança, seu otimismo. A vontade de vencer e a perseverança são características que definem a nossa gente. Mas será que diante de todos os problemas que a nossa nação enfrenta, social e economicamente, o brasileiro continuará a andar de cabeça erguida e esperançoso quanto ao futuro? Será que apesar dos problemas pessoais e familiares esse povo permanecerá olhando a vida com uma perspectiva otimista! A resposta é sim.

Recentemente, a mídia tem publicado testemunhos de pessoas que embora tenham passado por grandes tragédias, não desistiram, continuaram tentando, lutando, sem nunca deixarem de crer que a tragédia se transformaria em vitória. Correram atrás e deram a volta por cima . Uma das experiências publicadas que teve uma notória projeção envolve o brasileiro, estrela do futebol espanhol, Ronaldo, que devido a uma lesão no joelho ficou afastado com campos por muito tempo. Importantes jornais do mundo chegaram a afirmar que a carreira dele estava encerrada. Mas como a própria propaganda diz: “Eu sou brasileiro e nunca desisto”, ele não desistiu e esta de volta aos gramados.

Essa característica brasileira de nunca se dar por vencido não se limita a área esportiva. Notamos também na área acadêmica vários exemplos de alunos de universidades que vieram de uma família humilde de baixa renda, que nunca tiveram condições financeiras de pagar uma escola particular a fim de se prepararem para o vestibular, que estudaram por conta, se sacrificaram e hoje estão ingressados nos cursos que desejavam fazer, se preparando para o mercado de trabalho.

A cada dia que passa vários exemplos como os já mencionados chegam ao conhecimento das pessoas e ainda outras se tornam verdade. Vindo a reforçar a afirmação verídica de que quem é brasileiro nunca desiste.

Redação 28 – situação A

Pode um delito ser considerado leve?

Uma transgressão é sempre uma transgressão, e por sua essência e característica formal não poderia ser considerada leve ou pequena. A transgressão no que tange ao fato, ou no que tange ao direito; seja para os especialistas em leis, seja para os especialistas em burlar as leis; ou mesmo para um filósofo preocupado com a origem do termo (e que consentiria em dizer que transgressão é) sempre transgressão e ponto.

Urge desenvolver uma capacidade de agir por dever, com responsabilidade sobre as próprias ações e as conseqüências destas para os outros. Hoje em dia, urge parar de tentar dar um jeitinho e achar que o normal é fazer porque todos fazem, de preferência coisas erradas ou mesmo que tragam danos a alguém. Fazer o correto numa sociedade assim transforma em virtude algo que não passa de uma obrigação moral (e neste sentido até é bom esquecer que o termo moral vem do latim *moris*, costume...)

Um dos caminhos para sanar essa onda de desculpas é trabalhar a fundamentação da consciência, principalmente dos formadores de consciência. Não é fácil colocar a cargo de um psicanalista meus erros já que sei que sua formação freudiana o fará empurrar meus “atos falhos” para um recôncavo das teorias do inconscientes ? Aí pronto: como agir sobre aquilo que não temos consciência? Onde vamos parar se aqueles que têm mais formação são os que mais facilmente encontram umas “válvulas” de escape nas leis que argumente ou transforme nossos erros em acerto?

É preciso acima de tudo usar a ética e a política em favor do fim das transgressões, e se não podemos nos espelhar em teorias ou arquétipos morais, que sejamos nós mesmos nossos próprios guias. Se a modéstia para os cristãos é uma virtude e para Aristóteles é um vício por falta de respeito próprio; podemos simplesmente agir de maneira autônoma e sem rótulos empregados por este ou aquele teórico. Usemos todas as instruções e meios para não fazermos o bem mal feito. Seremos timão e timoneiros.

Redação 30 - situação A

Pequenos delitos ou grandes crimes?

Cometer pequenos delitos é um fato que se inseriu no cotidiano das pessoas de tal forma que hoje não conseguimos distinguí-los. Ultrapassar o sinal vermelho, furar fila ou jogar lixo na rua são atos que passam despercebidos. Mas quando se fala em violência, poluição, corrupção, a hipócrita sociedade critica com orgulho e sempre coloca a culpa em alguém. O que ela não percebe é que a culpa está nela mesma.

No Brasil fica claro entender esta situação. Criticamos a nação, mas somos responsáveis por essa grande lama que encobre o país. Arrancam árvores para não sujar a calçada, mas jogam papel no chão. Recebem troco a mais sem falar nada, mas xingam a corrupção (e ainda votam nos candidatos corruptos!) os brasileiros estão mergulhados no comodismo e na hipocrisia. Isso é escatológico!

No mundo, podemos destacar uma grande potência que se diz “salvadora do mundo”, mas não passa de “destruidora do mundo”: os Estados Unidos. Criticam o tráfico de drogas na Colômbia, mas são os maiores consumidores mundiais. É a potencia que forma jovens ignorantes e viciados que “salvarão” o universo. Pequenos delitos como usar as drogas ou mesmo contra negros americanos geram, mesmo que indiretamente, violência.

O ladrão de galinhas será o deputado corrupto de amanhã. O pequeno delito é uma peça que pode desencadear, de varias formas, um grande crime. As pessoas continuam a ignorar esses miniabusos porque diariamente os cometem e se lutarem contra eles, estarão lutando contra elas mesmas. Isso é uma tarefa difícil para o ser humano: ir contra o “eu”.

O que acontece na verdade e que não podemos definir certamente as repercussões dessas transgressões leves. A sociedade sempre molda as questões de acordo com seus próprios interesses. Pequenos delitos podem ser vistos de diferentes ângulos e aplicados de diferentes formas. É como a teoria de Einstein tudo é relativo, depende do referencial . O que não podemos é ignorar esses “miniabusos” como se fossem nada, porque isso é supersaturar ainda mais este planeta de comodismos chega de fechar os olhos!

Redação 31 – situação A

transgressões na sociedade

Analizando o contexto de forma ampla de pequenos infratores, digamos que a situação é cíclica e está sempre voltando a pauta numa questão extremamente alarmante para a sociedade que vive as tensões sociais e turbulentas propagações de delitos causados por transgressões que avassalam e danificam coisas em que eles necessitam.

Fazendo uma comparação a essa situação de lesões na sociedade é como uma doença maligna, e para combate-la devemos dosar um misto de remédios para controlar os sintomas e lacunas e não deixar que as crises se exeda e que provoque grandes sustos.

A população vivencia esse fatos, quase todos os dias, e são elevados os números de infrações cometidos a cada instante e ainda sem distinções de classes sociais, o problema se tornou tão banal que, ficou rotineiro, ultrapassar pelo acostamento, além de banalizar o trânsito está tão comum que as pessoas não se preocupam do artefato, pagar propina, furar filas, cometer furtos, numa crise em que a questão financeira esta numa escala de grande preocupação, falta de humanidade ao próximo, falta de educação todas fachelárias de idade. E nessa virtude, fragmentando a sociedade, que por dever deveria dar exemplo as crianças que estão em observações de ídolos, estão na platéia do espetáculo, e de sua formação social.

A grande mola propulsora que enfatizaria na amenização desses surtos sociais, era a interação e cooperação da sociedade para o problema, e uma política de implementação, que teria como vigas estas atuantes, elaborar teses, para eliminar o vírus maligno de sua ploriferaçao, e reter o crescimento e ramificações desses delitos onde a população se auto policiaria para não ser propriamente lesadas, e assim portanto mesmo sendo de custo e longo prazo, mas que seja eficaz.

Redação 32 - situação A

Os furtos do ser humano

As pessoas transferem seus medos, ações e pensamentos à uma vida conturbada pelo dinheiro e política de um país, e esta transferência pode causar alguns pequenos delitos. Delitos que podem causar a perda da sensibilidade e honestidade em um ser humano, pois na visão destas pessoas, no momento do furto nada estão fazendo de errado. Utilizam desse argumento para desmistificar à vontade se fossem flagrados.

A sociedade pode vir a influenciar estes pequenos delitos através de sentimentos como a inveja e poder, aumentando a ocorrência destes. No Brasil não há punição para nenhum delito pequeno, sendo utilizado como um erro, que poderia ser corrigido em uma outra situação, algo como “uma segunda chance”.

Muitos destes cidadãos que cometem estes delitos culpam a sociedade, o governo, o mundo por não serem corretos, com boa educação escolar e com empregos abundantes. A maioria se revela como um infrator natural, como se fosse uma brincadeira ou desejo de cometer um erro, sabendo que a punição não ocorrera nem da maneira correta, nem de forma alguma.

Alguns países criam regras e punições para estas infrações pequenas, fazendo assim os culpados trabalharem para a comunidade, em escolas, bairros, ruas etc. com esta ação, estes pequenos infratores são reeducados à manter a moral e a ética se por ventura vierem a querer cometer mais pequenos delitos.

Portanto o Brasil deveria observar e punir com mais frequência os pequenos delitos cometidos por seus cidadãos que muitas vezes causam os maiores problemas sociais para a população, para o governo e para si próprio.

Redação 33 - situação A

Pra tudo da se um jeito

O Brasil é conhecido mundialmente por seu povo esperto com jeito malandro que não gosta de trabalhar, gosta de curtir a vida, fumar o seu “cigarrinho” de maconha sem ser perturbado, ganhar um dinheiro fácil “por aí”, quase nada disso legal, mais no Brasil, pra tudo se arruma um jeito.

Na roda de jovens a coisa mais normal hoje é aparecer um “baseado” ou um “tubo de lança perfume” na maior naturalidade, pois hoje que não os usuflui não é bem vindo em certas turmas de amigo; o que parece um pouco complicado pois o certo agora é fazer o errado.

É normal estar dirigindo a noite em perimetro urbano e presenciar cenas de corridas (“pegas, raxas”) de carros todos enfeitados, porque quando a policia flaga os infratores e chega ao caso extremo de prender os carros com um “dinheirinho” a mais na hora ele já está na rua novamente. Esse talvez seja um dos principais motivos de acontecer delitos não tão graves, porque com dinheiro se resolve.

Hoje é tão simples comete-los basta ir à padaria pagar doze pães e levar treze, usar o papel do estacionamento rotativo à lápis pra poder apagar depois e usar de novo, não precisar estudar porque sempre terá um alguém “inteligente” que ira verder o gabarito ou o trabalho todo ou ate usar “carteirinhas” de colégio de outras pessoas para entrar em cinemas e shows mais baratos.

O problema não é so a fome e desemprego, esses pequenos delitos são só uma escada o “muleque” que rouba uma barra de chocolate no supermercado e fuma escondido da mãe

aos dez anos, o que ele sera quando obtiver a maioria, se for rico um “playboyzinho” se for pobre um chefe de quadrilha de um morro qualquer.

Redação 34 – situação B

A população brasileira está desiludida

O Brasileiro acredita que o país ainda está longe de viver os seus dias de glória, pois este vem apresentando vários problemas sociais de grandes extensões economicas e políticas caracterizando uma população que não tem emprego que vive atormentado pelo medo de sair de casa devido a violência e a falta de segurança que se encontra nosso país.

Ainda que o Brasil seja um país cuja economia e a política vem passando por dificuldades, típicas de países emergentes como o nosso, os governantes vem tentando melhorar a situação do país, mas estes são impedidos pelo sistema de efetuarem suas vontades políticas de melhorar a vida da população, fazendo com que está fique insegura e desiludida com a política econômica de hoje.

Entretanto o governo tem que fazer algo em relação a política externa nao esquecendo de resolver também os internos o problema do desemprego que se não for sanado ou ao menos controlado vai acabar levando muitos a usarem práticas como roubo para sustentar os filhos que já fazem parte dos numeros que vemos diariamente nos noticiarios daqueles que estão abaixo da linha da pobreza.

Existem também o problema da violência que assola o Brasil de modo a deixar a população com medo levando estes a se isolar em sua casa se tornando vítima de uma bala perdida ou então de um adolescente que bate no vidro do carro pedindo nossos pertences.

Portanto o brasileiro ainda se ve em um momento muito difícil no ramo da politica da economia e principalmente na educação que deixa muito a desejar no país, provavelmente um dia está situação vai mudar porem para isso muita coisa precisa mudar partindo da educação até chegar aos governantes enquanto este dia não chega nos resta esperar que um dia o clima de desconfiança de lugar ao mais puro encantamento pelo país.

Redação 36 – situação B

“Otimismo Brasileiro”

O brasileiro diante de tantos problemas ocasionados por diversos fatores é considerado otimista por natureza. Não são todas as pessoas que perante tais situações vividas dentro do Brasil que conseguiram levar tudo numa boa, erguer a cabeça e continuar a vida com o otimismo de que tudo irá melhorar.

As dificuldades pelas quais o Brasil passa atualmente, algumas vezes chegam a ser assustadoras, como exemplo pode se citar o alto índice de violencia urbana que cresce cada vez mais, a falta de infra-estrutura urbana que em pleno século XXI ainda esta presente na vida de muitos brasileiros, a fome que leva milhares de pessoas a morte. Mas ainda sim o povo brasileiro continuar otimista de que tudo irá melhorar.

É necessário portanto que haja o mínimo de respeito com o cidadão brasileiro e se faça algo para mudar esta situação que é deprimente a qual este povo está submetido, porém nem mesmo com todo este otimismo chega um momento em que não se pode mais aguentar tantas desilusões e fracassos. É evidente que soluções para tantos problemas não surgiram do dia para noite, este é um processo lento mas não estático.

Enquanto isso o povo brasileiro espera com todo seu otimismo que tudo melhore.

Redação 37 - situação B

Brasil, terra de um povo que não desiste.

Ultimamente nosso país tem passado por situações adversas, levando nosso povo a momentos difíceis no que diz respeito a problemas econômicos, sociais como saúde, desemprego, habitação, segurança e políticos. Muitas são promessas de mudanças nessas áreas, no entanto, mesmo com a troca de governantes, o país tem continuado da mesma maneira.

No entanto, mesmo em meio a tantas dificuldades, podemos encontrar aqui um povo esperançoso e otimista, que ergue sua cabeça e deseja “fazer acontecer”. Esse povo que acredita em um país que irá melhorar, pois tem esse potencial. Um país de pessoas que se esforçam, que tem garra, tiram forças das dificuldades para sobreviver.

É um povo caracterizado por sua alegria, alegria esta, que as vezes não conseguimos encontrar até mesmo em pessoas que vivem nos chamados “Países de primeiro mundo”. Este povo é um povo que se ama que se ajuda, que mesmo com dificuldades, busca fazer a sua parte na historia do nosso país, como temos presenciados ultimamente através de movimentos de cunho social como: “Natal sem fome”, “amigos da escola” e outros.

Os brasileiros não são assim por imposição ou por qualquer motivo, eles são assim porque nascem assim, esta no sangue do brasileiro cada uma destas característica, apesar de que, por muitas vezes as dificuldades tentarem impedir que elas aflorem. Podemos nos orgulhar de sermos brasileiros, pois apesar das dificuldades, somos conhecidos também, por outros países, como um povo alegre, que mora em uma terra maravilhosa e possuímos grandes riquezas.

Redação 40 - situação B

Que ânimo se pode ter?

O aumento das agressões físicas, a falta de boas oportunidades está deixando o povo brasileiro desanimado com o país.

Que Ânimo o brasileiro têm para sair de suas casas para fazer um programa com a família, ou mesmo os jovens irem a uma lanchonete, um barzinho se correm o risco de mesmo, não voltarem para seus lares. Em alguma regiões do país não se tem a tranqüilidade de se sair para um lazer pois são levados a sofrer fortes violências.

E a questão do desemprego também é um motivo de desanimo no Brasil, pois se, vêm no meio de tantas necessidades e não encontram saída para tal problema, porque oportunidades de emprego é cada vez mais escassa, a mão de obra do trabalhador esta sendo substituída por máquinas. Gerando assim cada vez mais desemprego e no rosto de cada um as marcas de tristeza e de desilusão.

Pela crise financeira que o país esta passando o brasileiro não consegue ter uma instabilidade econômica, não podendo assim ficar tranquilo, de bom humor, pois depende de seu trabalho para sobreviver causando assim uma vida atormentada e extressantes.

O brasileiro está cansado dos meios de condições em que estão vivendo não tendo uma segurança financeira nem particular; não ter oportunidade de nem mesmo disfrutar com prazer as coisas que o planeta terra lhes oferece, pois na cabeça sempre está cheia de preocupações.

Redação 43 – situação B

A desmotivação da sociedade Brasileira

No Brasil há uma série de problemas que atinge a sociedade.

Entre eles, a criminalidade e o desemprego são fatores que contribuem muito para a desmotivação da população, causando medo nas pessoas, devido aos altos índices de violência e a grande crise econômica que abala muitas estruturas familiares.

Baseando-se não só nestes dois problemas mais também em outros que são comuns em toda sociedade, é normal que gere dentro das comunidades uma certa insegurança e desilusão nas pessoas que vivem nela.

Isso acontece por serem estes problemas cada vez mais constantes, colocando grande parcela da população desmotivadas, até mesmo pelo fato de eles próprios serem elegidos em governo que não faz nada para que melhore suas condições de vida.

Com tudo isso o brasileiro se exclui da vida em sociedade, pois já está cansado da vida que leva, mas não faz nada para mudar e deixa tudo como está criando uma situação de conformidade com o que está acontecendo a sua volta, devido ao “baixo astral” que se encontra.

Essa situação de conformidade não é benefício para a vida das pessoas que não acreditam mais uma mudança, pois acabam desistindo do que procuram e cedem seus lugares a outras pessoas que podem não acreditar em uma rápida transformação da sociedade mas faz o possível para que ela aconteça.

É necessário que as pessoas não se deixem envolver com os problemas que o mundo oferece apresenta e não se desiluda facilmente, porque conflitos, falta de oportunidades, drogas, violências, prostituição, são exemplos de problemas que estão presentes só no Brasil, mas no mundo todo, e por mais que tudo isso atrapalhe na convivência em sociedade, é bom que haja um otimismo por parte das pessoas não deixando-se envolver em problemas sociais, que o governo deve resolver e que as pessoas devem fazer o máximo para que isto não atinja na sua vida social delas, pois se influenciadas por isso, elas estarão sujeitos a desmotivação e a desilusão na sociedade que vivem.

Redação 44 - situação B

Otimismo brasileiro

A sociedade brasileira, por mais que se encontre em crises, com desemprego, violência urbanas, verbais, se mantém esperançosa. Podemos nos decepcionar com a sociedade ou com o governo, mais ainda assim, sempre acreditamos que as coisas vão melhorar.

A forma do brasileiro enxergar os problemas com esperança é algo que se aprendeu com as crises antepassadas. O Brasil já vivenciou problemas governamentais, crises econômicas, momentos difíceis mas, todos se uniram em favor de sua recuperação.

O “stress” o dia-a-dia, as discussões familiares, os problemas do país podem sim, fazer com que as pessoas percam o ânimo, se sintam desanimados, mas a esperança sempre prevalece. Acreditamos que sempre é possível melhorar e contornar as crises.

Isso porque, os brasileiros possuem em sentimento humanitário de ajuda ao próximo, são solidários com as pessoas, se o problema for crise governamental, o brasileiro é capaz de ter paciência, se unirem e ajudar o país.

Os brasileiros são esperançosos porque sabem que por mais que as dificuldades; os problemas estejam à nossa frente acreditamos que tudo irá melhorar.

Esse otimismo brasileiro é, portanto, o que faz com que as pessoas vivam melhor, é o que faz com que os governos procurem soluções para o país. Sendo assim, o povo brasileiro sempre tem a esperança de que dias melhores virão, e não há nada que se faça com que eles percam a esperança de que um dia melhor, por mais difíceis que estejam as coisas.

Redação 47 - situação B

O baixo astral dos brasileiros

O brasileiro está de “baixo – astral”, ou seja, desanimado. Pois na atualidade em que vivemos, temos vários motivos para estarmos desiludidos, quer dizer sermos pessimistas.

Primeiramente a sociedade não esta otimista devido a vários acontecimentos que tem ocorrido como: O aumento do desemprego, as violências, as guerras, os abortos, as drogas, as doenças, não é só isso. E todos estes motivos tem causado o “baixo – astral” em nosso país. Portanto, os brasileiros estão desanimados, mas não devemos deixar que esta situação continue, e sim, sermos otimistas, pois o Brasil é um país com grande potencial, que tem a capacidade de gerar empregos, diminuir a violência, aumentar o clima de paz, entre outros.

Em segundo lugar, os brasileiros estão cada vez mais desiludidos, porque os nossos governantes não tem feito quase nada para nos ajudar. Um bom exemplo são os estudantes que estão tentando ingressar em uma universidade federal, mas existem outros, que tentam privatiza-la. Portanto, estamos sim de “baixo – astral”, pois ao invéz haver melhoras no Brasil, está cada vez pior, e não temos uma expectativa de melhora.

Em suma, não devemos desistir e sermos pessimistas, devemos mesmo é lutar e dedicarmos para sermos otimista, ou seja, acreditar. Portanto, mesmo estando de “baixo – astral”, devemos nos unir para conseguirmos um Brasil melhor.

Redação 48 - situação B

O otimismo brasileiro leva ao comodismo.

Brasil, nação de um otimismo invejável, frente a tantas situações trágicas que enfrenta; seu povo não perde a esperança de que tudo pode, e vai, melhorar. Mas essa esperança muitas vezes vem acompanhada de um comodismo que, por sua vez inibe ações em prol de um desenvolvimento virtuoso.

Perante tanta miséria, que assusta, não se perde a crença em movimentos de ajuda aos menos favorecidos, como por exemplo o movimento de arrecadação da fome, que propõe acabar com a carência alimentar de centenas de famílias que encontram-se em situações alarmantes de pobreza. Acreditam também que a situação de guerras entre quadrilhas, nas favelas do Rio de Janeiro, esta perto de ser controlada através da campanha do desarmamento em todo o território brasileiro.

Esse otimismo de um povo sofrido, deve vir acompanhado de movimentos que concretizam realmente situações para a melhoria de vida da população. Acredita-se que a melhoria vem por parte dos governantes, e isso faz com que o povo espere para a próxima prefeita, para o próximo governador, para o próximo presidente ações que acarretam melhorias gigantescas para todo o país.

Esperar não é o bastante, deve-se também lutar para essa melhoria, pois enquanto esperamos de braços cruzados que amanhã tudo seja melhor, nosso país continuará enfrentando problemas sociais, políticos e econômicos, de conseqüências catastróficas.

Enfim podemos também acreditar que com a conscientização de nossa nação, poderemos superar nossos graves problemas, unindo forças aos nossos governantes para que assim, nosso país seja, não somente a nação de um povo esperançoso, mas também, de um povo que luta por seus ideais, sem virar as costas para as tragédias de seu país, e que jamais abandona sua marca primordial, o otimismo.

Redação 53 – situação B

Educação x desemprego e violência

Será desencanto? Não é de hoje que é passado de governo para governo um certo descaso com a educação; fala se muito de bolsa escola ou ajuda de fome. “Que governo é esse que gasta mais com a segurança pública sendo que a raiz do problema se começa na educação. Quando é que vão ter a consciência de que falta de educação desce gera desemprego?”

É uma grande população carente tentando sobreviver; uma roda viva onde seus concorrentes fazem parte do grupo de filhos do “colarinho branco”; onde a máfia do crime organizado tem força e domínio pois vivemos hoje em um mundo onde “vença o melhor” já era..., tem dinheiro? tá tudo certo; vença quem tem mais. Mais corrupção; menos emprego e mais; muito mais violência, com isso lembramos das nossa infância, tínhamos uma certa tranquilidade, ao sairmos nas ruas não víamos tanta crueldade, tanta violência, saíamos com nossos pais e hoje é muito difícil sair com nossos filhos. Se ficamos em casa; ao ligar a televisão o que a gente vê? A realidade sendo usada pelos jornais sensacionalistas; imagens de pais de família sendo explorada. Chegamos ao ridículo dessa situação, desemprego gera fome também.

Será que o otimismo do brasileiro pode sobreviver muito tempo? O que mais me frustra é ver um adolescente, um jovem; que no lugar de um diploma traz em suas mãos uma arma; ou dentro de uma sela e não dentro de uma sala de aula.

Até quando? Qual o governo que nos ajudará a ter paz e tranquilidade; quando é que iremos ver nosso próximo tendo dignidade numa vida onde possa haver mais oportunidade.

Redação 54 - situação A

Pequenos delitos x conscientização: um embate social

Pequenos delitos como furtos de pouco valor, furar filas, uso de drogas moderado, pagamento de proprinas e vários outros são encarados como algo natural pela sociedade no Brasil. A falta de prática da lei, e até a inexistência desta em alguns casos para proibição de tais delitos, pode ter ocasionado a assimilação natural pela sociedade; que não os encara como realmente deveriam.

Embora aparentemente pouco prejudiciais os pequenos delitos são o ponto de partida de uma cadeia ilegal, e em seu fim coopera com delitos gravíssimos, inaceitáveis pela população que não tem a percepção de sua colaboração.

Um bom exemplo a ser utilizado é o uso moderado de drogas. O cidadão trabalhador que paga todos os seus impostos em dia, ajuda a sociedade da sua forma. Não vê mal nenhum em utilizar eventualmente uma droga ilícita. O que ele não sabe é que como consumidor de drogas ele passa a fazer parte e a colaborar com o tráfico e com todos os problemas ocasionados por essa rede, como o aumento do poder paralelo exercido e o grande número de

assassinatos e mortes relacionados direta e indiretamente à rede de venda ilegal de intorpescentes.

A falta de compreensão, por parte do cidadão, de seu papel na sociedade também contribui para a realização e conseqüentemente com todos os desdobramentos causados pelos delitos pequenos. Sem noção de cidadania e com a distorção do conceito de ética o cidadão acha natural o pensamento individualista, não se preocupando com os danos sofridos pela sociedade a partir de determinada atitude exercida por ele.

Sem dúvida podemos concluir que os pequenos delitos causam desdobramentos que prejudicam em muito a sociedade na sua economia, política e também na cultura. Podemos amenizar a realização destes delitos aumentando o número de leis e colocando-as em prática. Sem esquecer que o mais importante é aumentar a informação ao cidadão sobre os danos que esses pequenos delitos desencadeiam, e mostrar aos brasileiros o que é ser cidadão!

Redação 56 - situação A

A desigualdade social contribui para o aumento da violência. São vários os crimes que ocorrem no dia-a-dia, e os que cometem estes são na maioria os adolescentes que saem de casa para esquecer os problemas e buscam os prazeres da vida. Não são cometidos apenas os grandes crimes, mas também os pequenos como o roubo de pequenas coisas insignificantes, mas dão prazeres só pelo ato de fazê-lo.

Os jovens não têm consciência de que quando bebem e saem de carro em alta velocidade, várias pessoas estão correndo risco de vida. De que furar uma fila está desrespeitando os outros que também estão esperando. Nas escolas não respeitam professores, pois nas escolas públicas alunos do primário não são reprovados, professores são obrigados a passar os alunos sem saberem.

O consumo de drogas está cada vez mais aumentando, e os jovens contribuem para o aumento de traficantes. Com estes entorpecentes eles ficam agressivos, levando-os a cometer estes crimes. Para comprar a droga usam todos os recursos, quando recebem um troco errado, não devolvem achando que não fará falta ao comerciante. Com isso, alguns podem perder o emprego, pois no final do dia no fechamento do caixa o dinheiro não vai estar coerente, podendo o funcionário ser chamado de ladrão.

O governo deve administrar melhor, juntamente com a ajuda da televisão, apresentando programas que informem melhor os jovens das conseqüências que estes delitos traz a sociedade, melhorando também a educação, cobrando uma boa formação destes.

Redação 57 - situação A

Pequenos grandes delitos

O homem relaciona ironicamente num mundo malicioso. É preciso malícia para desviar de certos contratempos. Um mundo que prega a honestidade, onde a própria desonestidade comanda um ciclo da vida.

Como exemplo, ao comprar entorpecentes, a pessoa mantém um ciclo vicioso, o tráfico depende de vários fatores para fortalecer, uma pessoa compra a droga, o traficante compra arma que a utiliza em seus devedores. A violência nesse meio é brutal.

O dinheiro dado às crianças e adolescentes em semáforos, os quais alegam fome, o que por sua vez não é mentira, utilizam o dinheiro para se drogar. A droga os separam do mundo

real da fome, por isso preferem o vício. E este garoto, por não utilizar de uma forma legal, o dinheiro acaba contribuindo para o tráfico, o que mais uma vez leva a violência.

A desonestidade por parte de policiais ao aceitarem o pagamento de propinas, vicia o cidadão a não seguir rigorosamente a lei, já que não há punição para pequenas infrações ou delitos.

Delitos medíocres e sem intensões maléficas levam a graves problemas no Brasil atualmente, é preciso consciência de bons cidadãos para que o tráfico, a fome e a corrupção diminuam. O Brasil tem solução, basta honestidade e consciência.

Redação 58 - situação A

Uma maneira de ser que pode gerar desrespeito

A sociedade brasileira apresenta uma característica particular e por que não intrigante e decepcionante: o famoso “jeitinho brasileiro”. O “jeitinho brasileiro” pretende ser capaz de dar “jeito” em tudo e é início para pequenos delitos e transgressões que observamos no dia-a-dia, em toda parte.

No trânsito ou na escola, em festas ou em cerimônias tradicionais, é possível perceber que o comportamento social recorrente tem por hábito driblar regras, quebrando protocolos, e modificar o que é já institucionalizado. Todos sabem que não se pode fazer, mas fazem.

É proibido jogar lixo nas calçadas e em terrenos vazios, mas nas cidades brasileiras o lixo amontoa-se por todos os lados, causando danos à natureza e agravando a poluição ambiental. Que mal faz jogar o papel da bala pelo vidro do carro? “É só um papelzinho”, resposta dada por todos aqueles que cometem esse ato, responsável pela poluição visual das cidades. Nem mesmo as leis de trânsito escapam ao raciocínio geral de que podem ser dribladas. Um sinal vermelho, para muitos, não representa um símbolo para parar o veículo. Porém, tais transgressões, consideradas por muitos como aventura ou esperteza, têm causado desastres graves nas cidades e rodovias do país. Desde o respeito à faixa dupla para ultrapassagem nas estradas até a vontade de levar “escondido” a revista da sala de recepção do médico, do dentista ou do hotel, o fato é que há hábitos constrangedores de irresponsabilidade considerados como sem importância em nossa sociedade. Considera-se que se pode dar um “jeitinho” em tudo e o desrespeito às regras simples evolui para o desrespeito às leis, quaisquer que sejam.

Perpetua-se um comportamento, na sociedade brasileira, de pouca adesão às regras e às leis e gera uma sociedade e um ambiente desorganizados. O desrespeito é tão presente e tão banalizado pelo “jeitinho brasileiro”, que ninguém jamais se constrange em ocupar uma vaga no estacionamento reservada a um deficiente físico.

Redação 59 - situação B

Uma nação otimista

A alegria invade qualquer espaço no Brasil. Não há como negar que esperança e otimismo o brasileiros têm, e muito. Muitos especialistas dizem o contrário, que o Brasil é um país de desesperançosos e de pessoas sem cultura. Sem cultura a ponto de não acreditar no que seus governantes e especialistas afirmarem. Tudo “conversa pra boi dormir”, apenas pretexto para humilhar um povo sofrido, mas nunca desiludido.

Mesmo antes quando o país passava por profunda crise econômica, os brasileiros não perdiam a esperança. Sempre havia um porque de toda alegria. Hoje se vê que, aquele otimismo e esperança não foram em vão. A economia cresceu, o país anda bem e a crise passou. A esperança de cada brasileiro está originada da família, dos filhos, alguns ainda a tiram do futebol, grande paixão nacional. Lógico que sempre há um ou outro que, o pessimismo é maior que o otimismo, mas nada que se estranhar.

O brasileiro é e sempre será otimista; mesmo nas horas impossíveis, e nas mais surpreendentes circunstâncias. O povo consegue arrumar esperança em festas, carnaval e para muitos no sexo. A natureza do brasileiro é assim, otimismo à flor da pele e na cabeça um sentimento de alegria. Por mais difícil que seja o clima e por mais frustrante que isso possa ser, sempre haverá motivos para a alegria. Embora todo o mundo esteja apreensivo diante de tanta guerra e sem estímulo de vida, o brasileiro sempre tem onde buscar essa alegria.

Na busca da alegria de viver, o Brasil, no todo, esbarra no otimismo que faz de cada um, o povo heróico que sempre está de bem com a vida. A alegria e o otimismo está em todo lugar e se baseia na amizade e no amor do povo brasileiro. Amizade entre gaúchos e baianos, mineiros e paulistas, entre todos, que construída na rocha, faz de amigos mais que otimistas e sim o povo brasileiro, que crê e tem esperança de um mundo melhor.

Redação 62 - situação B

O Brasil entre o pessimismo e o otimismo

O Brasil, onde a contradição é um hábito, vem incorporando à sua cultura o paradoxo do cotidiano de sua população. É possível notar o convívio, de certa forma harmônico, entre a cultura e a ignorância, entre as diferenças das diversas regiões, entre as classes sociais (ainda que evitem um contato além do formal) e também entre o pessimismo e o otimismo.

Num país onde a grande maioria é pobre ou de classe média baixa, conclui-se, facilmente, que o difícil acesso da população à educação e à cultura prejudica a formação de uma consciência crítica que geraria um equilíbrio e uma coesão da opinião individual. Com a ausência destes meios educacionais (e entende-se por educação auxiliar no desenvolvimento ético, intelectual e físico) e com a presença da necessidade de sobrevivência que gera mais alienação, as opiniões do povo se baseiam em argumentos puramente emocionais. A opinião do cidadão medíocre reflete na maioria das vezes, um estado de espírito momentâneo. Se perguntarem ao povo suas perspectivas com relação ao Brasil em pleno carnaval, possivelmente serão obtidos resultados otimistas.

Essa fatídica ignorância geradora de contradições aliada ao desenvolvimento do “marketing” político torna fácil a manipulação da opinião pública. Assim sendo, o estado pode se guiar por uma opinião pública que ele mesmo promove. Isto fica claro quando se observa o paradoxo entre o sentimento de esperança e otimismo gerado pelo Partido dos Trabalhadores antes das eleições presidenciais e o sentimento de descontentamento, desilusão e pessimismo propagado pelos que pertencem à oposição ao governo atual.

O fato é que povo, estado e indústria convivem passivamente em “rítimo de samba”. O estado necessita da ignorância para manter sua autonomia, a indústria se desenvolve com a produção de “ópios” como futebol, novela e carnaval gerando um clima de bem-estar social e o povo segue “dançando” conforme a música entre desgraças e alegrias que se confundem.

Redação 66 – situação B

Brasileiro, um otimista nato

“Eu sou brasileiro e não desisto nunca” tema de uma nova filosofia da rede globo, acompanhada pelo “Tente outra vez” de Raul Seixas, vem mostrando e levando-nos a espelhar-nos em brasileiros que passam por diversas situações de desespero e agonia, mas continuam lutando. Exemplos como o de Hebert Viana, que sobreviveu e surpreendeu a um acidente de ultraleve. Ronaldo que teve seu joelho fraturado durante uma partida de futebol, são ligados à idéia de luta e perseverança. Eles não são os únicos, quantos anônimos, a cada minuto dão exemplos de otimismo. É característica do brasileiro a fé e a crença em um futuro melhor. Assin um povo que sai às ruas com a cara pintada, contra um governo corrupto, que se arrisca elegendo um governante semi-alfabetizado, não deve ser apenas chamado de otimista, e sim de corajoso. Acreditamos e lutamos por nossos ideais, raramente fechamos os olhos diante de tantas injustiças sociais, nos unimos por causas nobres visando qualidade de vida, carentes de ajuda, juntamos nosso pouco para se transformar em muito e ajudar famílias dignas como a corrente feita pelo povo Tissunamy.

Por isso o povo brasileiro é considerado um povo feliz, não nos deixamos abater por problemas cotidianos. Sabemos que o problema é nosso mas temos consciência que nossas atitudes são o diferencial, contagiamos boa vontade àqueles que se aproximam, não nos rebaixamos pelos erros cometidos, acreditamos numa segunda chance e cremos que o acreditar é o vencedor de qualquer barreira. Nascemos otimistas e esse pensamento nos faz ser o povo esperançoso e crente num futuro melhor.

Somos julgados por nossa credulidade nos seres, nos criticam por nossas ações, mas somos invejados pelo nosso otimismo que nos fazem um povo diferente e único. Porque erramos mas não tememos “Tentar outra vez”.

Redação 72 - situação B

Não há como os brasileiros serem otimistas

O Brasil passa por um momento em que somente os governantes estão de bom humor, otimistas com o crescimento das exportações, mas olhando para a maioria da população é claro que se percebe o enorme baixo astral, muitas famílias passam fome e não tem um lugar decente para morar, outros estão perdendo seus empregos, as doenças cada vez surgem com mais força e a ciência colabora, mas nem todos tem condições de estar aproveitando dela, a violência já toma conta de várias cidades do Brasil.

Lula e seus companheiros estão otimistas com o crescimento do mercado externo, a inflação está baixa, com que eles estariam perdendo a cabeça, se possuem enormes salários, dormem em cama de ouro e comem do que há melhor qualidade. Mas são poucos os otimistas como eles, no geral a população está cada vez mais decadente.

O número de famílias que passam fome é enorme, não possuem nem o básico para sua sobrevivência que é moradia, comida, saneamento básico, e claro, o emprego para que tenham condição de manter-se. Assim se tornam pessoas frustradas com enorme baixo astral, vendo essa enorme desigualdade, onde uns esbajam de tudo e eles não conseguem nada. Mas claro que o problema está na política, na forma de organização do sistema público, que deveriam gerar empregos e políticas sociais no combate desses problemas.

Outro grave problema é a questão da violência, cidades como Rio de Janeiro já são tomadas pelo tráfico, todos os dias o que se houve dizer, é, “luta entre traficantes e policiais

no morro matam vinte pessoas”, “está sendo procurado o maior traficante do Brasil” e dentre várias outras relacionadas a sequestros e estrupos.

Com todos esses problemas não há como a população ser otimista, claro que muitos tem força de lutar contra isso, existe esperança que esses problemas melhorem, mas como nós sabemos, está longe de acontecer. O governo é o grande responsável, que em vez de preocupar com questões mais urgentes, ficam inventando planos e tratados a assinar, o qual só são beneficiados uma minoria. Temos que ter fé que tudo isso irá melhorar.

Redação 75 - situação B

Otimismo do brasileiro está sendo posto a prova

O brasileiro tem um otimismo invejável estampado nas suas festas, comemorações, no seu rosto. Mas todo esse pensamento positivo nos dá uma falsa aparência de alegria. O cidadão do nosso país acorda ouvindo falar de assassinatos, almoça ouvindo falar de fome e janta assistindo notícias de corrupção no alto escalão do governo.

Como uma pessoa consegue sair na rua sabendo que há risco de assaltos, seqüestros relâmpagos e ainda consegue esbanjar alegria?

O Brasil é assolado todos os dias por crises, é um país descontrolado pelo medo, não do terrorismo que tanto assombra os norte-americanos, mas sim pelo terror do narcotráfico que manda nas grandes capitais brasileiras. A corrupção toma níveis catastróficos, onde envolve até braço direito de ministro do governo, de onde deveria partir o exemplo vem a desilusão, o proprio presidente e denunciado para o mundo todo como um consumista de bebidas alcoólicas e esse consumo de grandes proporções. E ainda pior, o jornalista que ousou falar a verdade aos eleitores do presidente e expulso do país arranhando ainda mais a imagem de seu povo.

O brasileiro no exterior e visto como alegre, malandro e festeiro como mostra o mais famoso personagem nacional de desenho Zé carioca, isso não é motivo de alegria para esses trabalhadores assustados e desiludidos?

Aparentemente todos nós somos felizes por natureza, nossa sociedade comemora com o que nos deveríamos preocupar. Isso mostra antes de tudo que somos otimistas sim, o que não quer dizer que nos contentamos com o que está acontecendo ao nosso redor.

Redação 76 – situação B

Um Brasil solidário

O Brasil é um país que, ao longo dos anos vem passando por inúmeras crises. Em pleno século XXI, continuamos enfrentando-as. O que prova que os brasileiros apesar das crises não desistem nunca de viver, bastando apenas sua união solidária para viver em um país melhor.

Para viver com mais dignidade é preciso muito otimismo da parte do povo brasileiro. Não adianta se conformar com a violência, a inflação, miséria, falta de recursos tanto na área de saúde, quanto na área de educação. Devemos observar que comparando nossa realidade com a de povos que vivem na Ásia, África e Índia, observamos que a realidade de suas vidas e pior que a nossa .

Todos estes fatos servem para nos estimular e querer um Brasil melhor, onde possamos viver de maneira adequada e justa, superando todas as crises.

Mas para que todos estes fatos aconteçam é preciso da parte de todos, uma união, ou seja, o ser humano tem que ser mais solidário com o próximo. É hora do governo ter a consciência de que um país justo é o sonho de cada um. Precisamos unir nossas forças para acabar com o medo da violência, da miséria e ajudar os menos favorecidos, não somente nosso povo, devemos ajudar os povos de outras nações.

Contudo podemos concluir que os brasileiros são otimistas e que não perdemos a esperança de viver em um país melhor, e para que isso aconteça será necessário nossa união e passarmos a exigir mais do governo uma vida com mais dignidade. Devemos também nos valer da importância de ser um país solidário para com as outras nações que necessitam de ajuda.

Redação 78 - situação

“Sou brasileiro e não desisto nunca”: será mesmo que esse lema é real?

Má distribuição de renda, inflações, problemas sociais e agrários, baixos salários são alguns dos “simples” problemas que os brasileiros vivem atualmente, os quais deixam a “música de fundo” de Raul Seixas como “Tente outra vez” e / ou “tenha fé em Deus, tenha fé na vida” como frases esquecidas, ou mesmo, do outro lado de uma moeda.

Segundo especialistas, as pessoas estão cada vez mais descrentes com a realidade, chegando às vezes a caracterizar o mundo como um local inóspito e irreal frente a tantos problemas. Infelizmente, “levantar a mão sedenta” não é mais um problema pois, o Jeca Tatu abandonou a seriedade, a perseverança de cada pessoa, ou seja, resolveu ficar no esquecimento do brasileiro. Mas, no lugar dos Jeca Tatus, não entraram também, Policarpos Quaresma, amantes da pátria mas sim Getulinos, os quais carregam um fio de esperança em meio a tanta desordem e um lado Jeca Tatu, desesperançoso. Ou seja, os últimos se tornam vulneráveis a mudanças, atitudes e deslocamentos psicológicos e sociais.

Conseqüentemente, lemas, músicas de fundo, frases inspiradoras, caracterizarão o superficial e mutativo de cada ser, àquela esperança necessária.

Em suma, ser brasileiro é não desistir nunca é simplesmente mais uma frase contraditória em meio ao caos; como em tudo existem os prós e os contra, basta querer ou não acreditar. Optando pela primeira, sua alto-estima nunca ficará em baixa e optando pela segunda se tornará um eterno filósofo.

Redação 81 - situação A

Família é ordem social

No mundo em que as pessoas vivem hoje há sempre aqueles que querem se dar bem as custas do outro. Essa característica social aflora no pensamento humano um bom tempo e se percebe em várias atitudes no dia a dia em uma pequena parcela da sociedade que não se submete a regras sociais, isso traz como resultado a desordem e o desrespeito que a sociedade enfrenta ultimamente.

Há um fator que merece extrema atenção pois pode ser o motivo dessa desordem social, a família, ou seja, a forma em que os pais estão criando seus filhos, sem limites e dando-lhes tudo o que querem financeiramente e esquecendo da parte afetiva e moral que todo pai deve ensinar a seu filho, assim pessoas sem limites estão surgindo e praticando atos de vandalismo e outros delitos sem se preocuparem com punições; como esses garotos não

têm afeto familiar estão dispostos a qualquer prova para se enturmarem em grupos sociais; até mesmo usarem drogas nem que seja para se mostrar e exibir para a galera.

Há também casos contrários na sociedade, uma parcela de cidadãos que tiveram uma ótima criação familiar, onde tiveram o caráter bem apurado e por isso lutam para que todos possam ter um aprendizado melhor e formar um caráter digno a desfrutar do mundo tão belo em que todos os seres humanos tiveram a honra e o privilégio de serem presenteados.

Redação 85 - situação B

O brasileiro além de otimista, é persistente

Em primeiro lugar, observamos setores críticos em nosso país, como a deficiência no atendimento público de saúde, no ensino público e a falta de empregos, sendo estes os maiores responsáveis pela desmotivação para a maioria dos brasileiros.

Mas por outro lado, está a grande ferramenta que nutre o desejo de um país melhor; o otimismo e a persistência de cada um de nós, brasileiros.

O Brasil, segundo estatísticas, está entre os principais países empreendedores do mundo, ou seja, o brasileiro é empreendedor porque acredita. Citamos também como exemplo, os esportistas brasileiros que participam de olimpíadas internacionais, sem patrocínio algum, sem local adequado para treinos, mas que mesmo assim conseguem seus espaços no pódio entre as grandes potências mundiais, escutando para sua glória e a alegria dos brasileiros nosso lindo hino nacional, contribuindo ainda mais para um pensamento positivo.

Temos estrelas não somente na bandeira nacional, mas sim, no cinema nacional e internacional, no teatro, na medicina, e outros mais, o que nos motiva para atingirmos nossos objetivos e conquistarmos a realização de nossos sonhos.

Em suma, o brasileiro, por pior das condições que o país ofereça, corre em busca de seus objetivos, de seus empreendimentos e sonhos, utilizando das grandes ferramentas para o sucesso, que são o otimismo e a persistência.

“O brasileiro não desiste nunca”.

Redação 86 - situação

O otimismo romantico do brasileiro

Dizem que o brasileiro é povo docil, gente alegre por natureza.

O Brasil é uma nação de várias etnias e mistura étnicas. É um país que muito pouco tem noção de sua própria história. Povo que pouco por direitos legitimados nas classes populares, mas foi levado a gritar o apelo de quem não é do povo.

O Brasil é rico! Rico em recursos naturais, biodiversidade e rico de um povo que tem no sangue a mistura de muitos povos. Aqui não há guerra religiosa ou racial, pelo menos não há guerra armada.

No entanto somos uma pobre nação! Pois não fazemos nossa potencial riqueza resultar em igualdade social, qualidade de vida a todos, diminuição da violência e erradicação da miséria.

Contudo o índice relativo de suicídios no Japão ou na Finlândia, países ditos sem problemas sociais graves é bem maior comparado ao povo brasileiro sofrido.

Será que o otimismo e alegria do brasileiro estão ligados a falta de educação? O analfabetismo da leitura da realidade que impera em um povo que historicamente foi privado de educação faz, hoje desse povo, uma gente mais conformada, mais docil, que acalenta os sofrimentos ligando a tv e deixando se levar pelas ilusões oferecidas pela mídia.

O otimismo do brasileiro tem sido ilusório, romântico, pois não se baseia em uma leitura crítica da realidade. Um otimismo real pode ser alcançado à medida que se oferece educação de qualidade, educação não tendenciosa, que dê condições para o indivíduo ser um cidadão crítico e reflexivo. Assim haveria um otimismo verdadeiro que leva à luta e à revolução. Mas a boa educação abre os olhos do povo para o quadro que se encontra a sociedade e causa também tristeza e desânimo devido ao sistema que se perpetua.

Quando o povo brasileiro tiver maior acesso a educação aliada a informação clara da situação em que se encontra o país o primeiro sentimento da nação deve ser de tristeza e de perplexidade. Então nasceria no seio da sociedade, as sementes das mudanças verdadeiras para este país que é rico e ao mesmo tempo miserável.

Redação 89 – situação B

Brasileiro nunca desiste

O país pode estar passando por várias dificuldades, quase sem perspectivas para o futuro, ensino público fraco de baixa qualidade, salário mínimo insatisfatório, estradas esburacadas, praticamente sem asfalto, a saúde do país anda muito “doente”, o desemprego caminha lado a lado com o país, a muitos anos a violência ganha proporções sem precedentes, problemas!! por todos os lados.

Mas brasileiro que se preze, não se deixa abater, continua lutando. E com alegria. Esperança e um ótimo astral.

Ainda que este mesmo brasileiro não tenha o café da manhã ou não tenha o que fazer para o jantar, ele não perde o bom humor, faz parte da sua cultura, é brasileiro com muito orgulho. E é capaz de dividir o seu “pão” com um irmão menos favorecido que perdeu o seu barraco com suas poucas coisas com a enchente, (que aqui no Brasil é comum), está desempregado e doente, a sua única assistência médica é a fila interminável do Sus. E no Brasil existe uma quantidade bem expressiva de pessoas nestas condições, pobreza e miséria absoluta, e elas alegres, por incrível que possa parecer.

E ainda assim estes brasileiros “guerreiros” se saúdam lhes desejam muita sorte. até porque é com essa sorte e um inesgotável espírito de luta que os fazem ter forças, esperanças e sonho pra continuarem vivendo.

Porque brasileiro não desiste nunca.

Redação 90 - situação B

Otimismo ou desilusão, eis a questão

A sociedade brasileira está vivendo sob um clima de permanente tensão e competitividade cada vez mais complexa, o que está tornando a maioria da população desiludida, frágil e sem esperança de progresso. A falta de segurança com o aumento da violência, coopera para com que a desconfiança tome conta da vida dos indivíduos e os tornem “frios”, calculistas e sem dúvida, frustrados com tanta crise ao seu redor.

A falta de oportunidade faz crescer a desilusão e aumentar o número de violência, o desespero começa a fazer parte da vida, não só de um estudante, que pretende entrar no mercado de trabalho, mas também, de um profissional já formado, que não sabe o porquê de um diploma em mãos, sendo que o objetivo nada mais era que estar bem profissionalmente e hoje se encontra desempregado.

A desconfiança toma conta dos indivíduos e todos passam a se olhar indiferentemente. Inocentes se passam por bandidos e se tornam suspeitos, por ter em seu bolso uma quantidade de dinheiro não muito comum nesta crise, mas que era apenas o dinheiro que havia vendido sua casa. Tal fato exemplifica, que o direito do cidadão de ir e vir, já está perdido em meio à tanta insegurança, por ter tanto contrabando.

É difícil se encontrar à sociedade um cidadão que não se fragiliza e se torna inseguro, depois de conviver com tantos aspectos negativos. Daí o mínimo que tem que ter, é persistência e vontade para superar tais crises, mesmo que às vezes o otimismo se perca e não mais se encontre. Nesta acirrada competitividade, vencerá aquele que não se posiciona apenas no aspecto negativo da situação, aquele que tiver previsão de futuro e apesar das desilusões preservar o otimismo.

Redação 96 – situação A

Pequenas infrações que causam danos à sociedade

A sociedade em geral, em especial os brasileiros, possuem um péssimo hábito de cometer pequenas infrações, aparentemente inofensivas porém; no entanto, podem provocar sérios danos e prejudicar outros indivíduos. Dentre as várias ações cometidas individualmente há o furto de pequenas frutas em supermercados e feiras livres, o pagamento de propinas, a troca de peças de lingerie em lojas, o recebimento de troco incorreto, e outras mais.

Esses leves delitos não são penalizados, por isso proporcionam à essas pessoas que os cometem, a sensação de sempre querer obter lucro de maneira desonesta ou de julgá-los tão inocentes, a ponto de cometê-los sem perceber.

Freqüentemente contribuimos para o agravamento de problemas sociais como o tráfico de drogas, que é financiado indiretamente por usuários, aumentando assim, a expansão da rede do tráfico e os lucros dos traficantes. A compra de uma arma de fogo, com a intenção de ser utilizada exclusivamente para a defesa pessoal pode até mesmo matar um ente da família.

Um simples papel de bala que jogamos nas ruas, pode entupir as redes de escoamento da água pluvial, causando enchentes e inundando nossas próprias residências. O uso irracional da água potável, usada na lavagem de calçadas, louças e carros, nos levará à escassez da mesma, essencial à sobrevivência do homem. O desperdício de alimentos, leva à fome de outras pessoas e ao excesso de lixo nos aterros sanitários.

O pagamento de propinas ocasiona o aumento da corrupção por parte dos funcionários que são encarregados de coibir o crime.

Com todos esses exemplos é quase impossível resistir à esses pequenos abusos. O que devemos fazer é procurar praticar nossas ações por vias legais, racionais, sem causar danos à sociedade.

Redação 104 – situação B

Eufemismo benéfico

Nas ruas da cidade os homens continuam a lutar, como dragões, cuspidos fogo, canalizando negativas vibrações. Porém, mesmo com todas negativas vibrações e problemas enfrentados diariamente pelo povo brasileiro, a moral se ergue e a esperança toma conta dos corações brasileiros através do otimismo.

Seria injusto dizer que os brasileiros (o povo) não tem nenhum motivo para perder a esperança no país e estar insatisfeito com a atual situação. Fome, miséria, violência e corrupção dos governantes são só alguns dos vários problemas que fazem parte da rotina de brasileiros que não tem a quem pedir socorro. Mas o inacreditável não é isso. O inacreditável é que com tudo isso, o povo ainda tem forças para viver, apoiar e tentar crescer ou desenvolver o país que lhe dá rasteira todos os dias.

A crise econômica afeta a barriga das famílias famintas. A insegurança pública afeta a prisão domiciliar dos brasileiros que já quase não tem coragem de sair às ruas.

A Esperança de dias melhores é a única arma que os brasileiros possuem, não é uma esperança qualquer. É o otimismo brasileiro, que não foge nem abandona o coração e a consciência daqueles que torcem e esperam um país melhor.

Pode até ser a última coisa que resta ao povo, mas este otimismo é a principal alavanca para um país mais justo. Um país que não fique só na esperança.

Redação 117 – situação A

O mal maior causado pelo delito menor

Delito ou esperteza? Cada vez que uma pessoa julga-se mais esperta que outra, tem-se a balança da igualdade social pendendo a um lado. E dessa falta de equilíbrio o caos pareceria mais próximo.

Do próprio viver em sociedade é inerente a perda de algumas liberdades na busca daquilo que se precisa para a sobrevivência. Dessa forma, práticas ilícitas ou eticamente pobres ferem essa junção de pessoas. A começar pelas menores formas de desvio legal. Todo pequeno furto, toda lei de trânsito violada ou qualquer agressão à lei faz-se do desrespeito a determinada ordem criada justamente para assegurar a vida; pois é sabido o grau de dependência humana a grupo para poder se manter.

A própria antropologia discute o motivo de não podermos estar individualmente sobrevivendo. Diretamente ligado ao fato de não viver sozinho, o homem busca maneiras de não desfazer seu grupo, então atos pequenos de não respeitar a sociedade minam as bases dessa convivência. De pequenos surgem os grandes, problemas ínfimos que em grande quantidade fazem uma questão calamitosa.

A inclinação do indivíduo pensando fazer um outro ludibriado corre o risco de, com sua falta de honestidade ainda pequena, fragmentar a unidade social. Sob o foco da ética e da lei o mosaico de delitos forma uma figura maior e mais perigosa: o caos. Sair da organização indo até ao estado do cada um por si é irracional, pois remete ao fato de que se é possível evitar crimes maiores, também é possível não se beneficiar de algo pequeno que irá fazer pouca diferença ou pouco duradoura para si e trará mal tão grande à sociedade.

Redação 123 – situação B

Desencantamento da vida em sociedade

Sabe-se que a retração econômica brasileira é o principal motivo da desilusão do brasileiro. Esta crise na economia traz consequências principalmente para pessoas que pertencem à classe média baixa, que enfrentam vários problemas sociais, dentre eles o desemprego e o aumento desenfreado da violência.

A atual crise exclui várias pessoas de terem acesso a uma boa formação educacional e cultural. Sendo assim, existe uma grande reserva de mão de obra desqualificada, que não possui capacidade de competirem no mercado de trabalho, uma vez que este, está constantemente inovando-se com tecnologias de ponta. Outro fator provocado pelo desemprego é a falta de oportunidades e condições necessárias para uma vida saudável, pois é cada vez mais difícil manter uma família, e os meios necessários para uma alimentação saudável que garanta uma boa saúde.

Pode-se acrescentar ainda, que a urbanização acelerada, traz como efeito a favelização e o aumento da violência urbana, acarretando em uma instabilidade social. Além disso, o cidadão brasileiro passa a desenvolver um sentimento de revolta, prefere seguir o caminho do tráfico de drogas, roubos e outros crimes, que dão um aparato ideológico ao indivíduo.

Portanto, é necessário que o governo tome algumas medidas como a criação eficaz de políticas públicas, que promovem a reintegração e esperanças para o povo brasileiro. Assim, com implementação de oportunidades de emprego e reforço de policiamento, a população sentirá vontade e ânimo para retornar a vida em sociedade, pois a ausência do Estado traz o desencantamento da vida social.

Redação 124 – situação B

Otimista sim!

A respeito do estado de espírito dos brasileiros não se pode dizer são um povo pessimista ou baixo astral.

O país pode sim estar passando por uma fase complicada com a violência crescente, a miséria e o desemprego, e isso gera efeitos diretos na população, mas nem por isso podemos ser considerados tristes ou melancólicos, pois estamos apenas vivendo uma fase ruim, longa, mas ainda assim insuficiente para minar com o nosso otimismo.

Preocupado com essa questão o governo brasileiro lançou uma campanha publicitária incitando os brasileiros a nunca desistirem e terem orgulho de quem são. Casos de pessoas que passaram por tremendas dificuldades e de como superaram tudo isso são mostrados.

Um grande exemplo de como somos otimistas está no próprio presidente Lula. Enfrentando gravíssimos problemas sociais e políticos, ainda assim prevê um ótimo ano.

O brasileiro, diferentemente de outras culturas, é sonhador à medida que sempre mantém a esperança até o fim, mas é ao mesmo tempo um batalhador, não se dando ao luxo de tirar os dois pés do chão, pois sabe que as dificuldades estão sempre à espreita.

Concluindo o pensamento, o país pode sim estar passando por uma fase de baixo-astral, mas usa população é otimista e sempre consegue enxergar pontos positivos nas maiores dificuldades. O brasileiro é um povo destinado ao sucesso, mesmo que isso demore séculos, pois o que importa é que não desistimos nunca.

Redação 130 – situação A

As conseqüências dos pequenos delitos

As pessoas costumam considerar como atos prejudiciais à sociedade somente os casos de delitos maiores, e fazem dos menores, meras ações cotidianas, colocando-as como não danosas ao funcionamento social.

Porém, deve-se destacar que a maioria das ações, que são claramente prejudiciais à sociedade, um dia começaram por situações consideradas como pequenos delitos que, por serem inseridas como normais na vida das pessoas, acabam não recebendo nenhuma punição e não tendo nenhum efeito realmente prejudicial.

Observa-se, então, que um dos meios para tentar diminuir muitos delitos maiores, é apresentar à sociedade que pequenos furtos, uso de drogas, e muitas outras “insignificantes” ações consideradas eticamente “normais”, são situações que deveriam ser punidas e consideradas como vergonhosas para um cidadão, e não como normais e banais.

Portanto, as pessoas deveriam se conscientizar que, apesar de não possuírem conseqüências momentaneamente graves, os pequenos delitos devem ser punidos e colocados como eticamente errados para qualquer cidadão e assim passados para as gerações futuras, de modo que os grandes delitos, que são claramente prejudiciais, sejam vagarosamente extintos da vida social.

Redação 147 – situação B

Em busca de uma vida melhor

O crescente número de desempregados no Brasil têm aumentado a pobreza na periferia das grandes cidades o exodo rural de pessoas que vivem no campo, em busca de melhores condições de vida aumento da violência.

Com a intensificação da tecnologia nas indústrias, e substituição dos trabalhadores pelas máquinas, causando o desemprego estrutural, e cada vez mais dessas pessoas sem mão de obra especializada, quando procura emprego, só escutam palavras tipo: “a vaga já foi preenchida ou não tem vaga”, desiludidas e excluídas do mercado de trabalho, não tem muito o que comemorar.

Com a grande mecanização do campo o trabalhador rural, tem se deslocado do campo para a cidade, à procura de melhores condições de trabalho, fazendo com que a cidade não preparada em infra estrutura, saúde, absorva grande contingente, às vezes dobrando o número de habitantes da cidade e aumentando a procura de emprego. Essas pessoas iludidas com uma vida melhor só encontram desprezo e preconceito. Sem condições de retornar com a família vão morar em barraco ou debaixo da ponte.

Sem emprego digno e perspectiva de vida melhor e cabeça baixa muitas dessas pessoas, para sobreviver entram no mundo do crime agravando ainda mais a violência nos grandes centros urbanos.

Portanto com a falta de oportunidade de emprego, aumento da pobreza, auto-estima baixo. O país necessita urgente de uma política de qualificação da mão de obra, infra-estrutura, educação escolar e geração de emprego e renda.

Redação 154 – situação B

Brasileiro, sempre a frente

O brasileiro é um povo muito otimista e não se deixa abater por qualquer coisa, mesmo quando está cheio de problemas a sua volta; desempregado, doente, endividado, etc, basta um jogo da seleção de futebol; o carnaval ou as olimpíadas, que o brasileiro ao ver seus irmãos compatriotas em alguma festividade, ele esquece tudo de Ruim e levanta usa auto-estima.

Uma grande questão que está chateando os brasileiros, é que a maioria depositavam suas esperanças na eleição do Presidente Lula, achando que no dia seguinte a sua posse ele resolveria todas as diferenças histórias do país, como a fome, a falta de trabalho, a injustiça social, etc. é claro que ninguém consegue Resolver tais problemas, de tamanha magnitude em tão pouco tempo, mas já começa a dar sinais de melhora como o fome zero e o bolsa família entre outros.

O povo brasileiro está sempre achando que vai melhorar em todos os aspectos, pois nunca cansa de trabalhar e se acomoda. Em todo o mundo acha-se brasileiros felizes e contentes, carregando o orgulho de ser brasileiro, mesmo quando se tá atuando de faxineiro ou em serviços domésticos no exterior, longe de casa, da família e amigos, nos momentos de folga está sempre em uma Roda de samba, capoeira, ou em jogo de futebol, demonstrando a sua cultura e alegria de ser da nação brasileira.

Contudo, o nosso país, através de seus condutores, sejam governantes empresários ou intelectuais, entre outros, precisa é dar oportunidades a essa gente que é desbravadora, para que possam ter condições de lutar por melhores condições de vida e diminuir os constrastes erguidos na sociedade brasileira através dos séculos.

Redação 197 – situação A

Quem não comete pequenos delitos?

Você já cometeu algum pequeno delito? Esta é uma pergunta que dificilmente alguém responderia que não, isto se da porque as pessoas são impulsionadas a fazer as coisas de modo que só pensam no seu proprio beneficio, sempre procurando o caminho mais facil.

Se alguém tenta tornar algo menos complicado para si, prejudicando o outro, isto leva a um caminho interminavel em que ao ser prejudicado, o outro tenta se beneficiar e assim causando uma reação em cadeia que nunca vai ter fim.

Ao cometer um pequeno delito as vezes sem mesmo se dar conta, uma criança por exemplo que fura a fila na sua escola para pegar o lanche, e então ela consegue completar o delito com sucesso, sem ter sido penalizado por isso, a criança sempre tentara este caminho, porque foi o mais facil. O Brasileiro é Individualista tratando-se deste caso, logo se vê uma pessoa que compra algo roubado por ser mais barato ela sabe que está cometendo um crime, por estar Insentivando Indiretamente ou até mesmo diretamente o ladrão a roubar, isto se trata de um pequeno delito que acabou acarretando um furto.

Então se acabarem com os pequenos delitos com certeza notará uma grande mudança para melhor na vida das pessoas mas é algo muito difícel principalmente se tratando de Brasil, a população quase toda teria que ser educada diferentemente aprendendo a pensar nas consequencias de seus delitos, sabendo que elas mesmas poderiam ser prejudicadas.